



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

YVANOWIK DANTAS VALÉRIO

**A DESCRIÇÃO GLOSSEMÁTICA DE ESTRUTURAS MULTISSEMIÓTICAS NA
CHAMADA DE CAPA**

FORTALEZA

2023

YVANOWIK DANTAS VALÉRIO

A DESCRIÇÃO GLOSSEMÁTICA DE ESTRUTURAS MULTISSEMIÓTICAS NA
CHAMADA DE CAPA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística. Área de Concentração: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V256d Valério, Yvanowik Dantas.

A descrição glossemática de estruturas multissemióticas na chamada de capa / Yvanowik Dantas
Valério. – 2023.
256 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite.

1. Semiótica. 2. Glossemática. 3. Linguística do texto. 4. Engenharia da linguagem. 5. Texto de jornal. I.
Título.

CDD 410

YVANOWIK DANTAS VALÉRIO

A DESCRIÇÃO GLOSSEMÁTICA DE ESTRUTURAS MULTISSEMIÓTICAS NA
CHAMADA DE CAPA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística. Área de Concentração: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Aprovada em: 22/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Carolina Lindenberg Lemos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Américo Bezerra Saraiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho ao amigo e professor Paulo
Mosânio Teixeira Duarte (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Ricardo Lopes Leite pela generosidade da aceitação, pela paciência da orientação e pelo extraordinário das conversas mais enigmáticas.

Ao Professor Dr. José Américo Bezerra Saraiva, coordenador do Grupo de Estudos Semióticos – Semioce, pela leitura prévia do projeto, pela injeção de ânimo e pelos valiosos apontamentos.

Aos professores Dr^a. Carolina Lindenberg Lemos, Dr. Ivã Carlos Lopes, Dr. João Batista Costa Gonçalves e Dr. José Américo Bezerra Saraiva por aceitarem participar da banca de defesa em meio ao turbilhão de afazeres.

À professora Dr^a. Maria Claudete Lima pela incontestável amizade e solidariedade, pelo apoio e incentivo de qualquer hora.

Ao professor Dr. Leonel Figueiredo de Alencar Araripe pelo conhecimento compartilhado em Engenharia da Linguagem, LFG, GF e outros formalismos necessários.

Aos alunos de graduação e pós-graduação Adriano Rolim, Aíla Araújo, Aradine Lira, Carmem Silvia, Denilton Nunes, Edilainy Farias, Erick Moura, Iara Machado, Immanuel Lima, Lucas Tavares, Manuela Sales, Paulo Henrique, Sarah Menezes e alguns outros que participaram do grupo de estudos glossemáticos no período de março de 2018 a dezembro de 2019.

Aos meus pais pela vida e aos meus irmãos pela companhia.

A Cilene, minha esposa, e a Lucas, meu filho, que, nos momentos de minha ausência, souberam bem entender a solidão necessária.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

“Em si mesma a *matéria* (*purport*) é informe, não sujeita à formação, mas simplesmente suscetível de formação e de qualquer formação; se limites fossem encontrados, eles estariam na formação, não na *matéria*. A *matéria* é, portanto, em si mesma inacessível ao conhecimento, uma vez que o pré-requisito para o conhecimento é uma análise de algum tipo; a *matéria* só pode ser conhecida por meio de alguma formação e, portanto, não tem existência científica separada dela.” (PTL, 1961, p. 76)

(Louis Hjelmslev)

RESUMO

O objetivo desta tese é a descrição semiológica da *chamada de capa em jornais impressos* como estrutura multissemiótica, através da análise e formalização da coesão entre componentes e derivados na semiótica objeto. A *chamada* seleciona a forma de uma semiótica conotativa. Esse fato redimensiona problemas clássicos como os da denotação, da conotação, da semiologia e da metassemiologia, com consequências epistemológicas e metodológicas para as metalinguagens de descrição linguística. O contexto teórico e metodológico assumido é o da glossemática aplicada à descrição semiológica de um objeto empírico. A tese emprega o aparato teórico, metodológico e descritivo nos moldes em que foram desenvolvidos nos Prolegômenos (HJELMSLEV, 1961) e no Résumé (HJELMSLEV, 1975). Seleciona, porém, apenas o instrumental *necessário e suficiente* para a elaboração de um procedimento específico de dedução e síntese da *chamada*. A metodologia acompanha o procedimento glossemático cumprindo os requisitos de descrição empírica e dedutiva com efeitos sobre a organização da pesquisa e sobre a formulação da tese. A adequação descritiva de um objeto no mundo não pode perder de vista a dedução das classes abstratas que se aplicam a esse objeto e somente a ele. A dedução produz, então, duas hierarquias: a do objeto e a da semiologia que o descreve. Os objetos e dependências encontrados nas cadeias dos textos da *chamada* são analisados por esse procedimento. As dependências internas encontradas, definidas por Hjelmslev como *coesão* (RTL, D148 *sintagmática* \otimes ou *paradigmática* \oplus), não são incompatíveis com a coesão textual, apesar de incluírem conexões entre linguagens tão distantes quanto notas e fotografias. A formalização dos dados de análise na semiologia da tese exige conformidade entre as classes deduzidas no objeto (variáveis semiológicas) e as classes formais na teoria glossemática (constantes metassemiológicas). O procedimento é concluído na reintegração do objeto pela síntese, demonstrado através das *hierarquizações, encadeamentos e coesões* encontrados na análise e formalização dos componentes da *chamada*. A semiótica denotativa da *chamada* é definida por sintagmáticas e paradigmáticas específicas que se articulam com as linguagens verbais e visuais que entram nela. A *língua da chamada*, porém, não se confunde com essas linguagens. Algo que parece contraintuitivo, mas se insere satisfatoriamente no contexto teórico das hierarquias glossemáticas.

Palavras-chave: semiótica; glossemática; linguística do texto; engenharia da linguagem; texto de jornal.

ABSTRACT

The objective of this thesis is the semiological description of *cover headline in printed newspapers* as a multisemiotic structure, through the analysis and formalization of cohesion between components and derivatives in object semiotic. The *headline* selects the form of a connotative semiotic. This fact redefines classic problems such as denotation, connotation, semiology and metasemiology, with epistemological and methodological consequences for the metalanguages of linguistic description. The assumed theoretical and methodological context is that of glossematics applied to the semiological description of an empirical object. The thesis employs the theoretical, methodological and descriptive apparatus in the manner in which they were developed in the Prolegomena (HJELMSLEV, 1961) and in the Résumé (HJELMSLEV, 1975). It selects, however, only the *necessary and sufficient* instrument for the elaboration of a specific procedure for the deduction and synthesis of the *headline*. The methodology follows the glossematic procedure, fulfilling the requirements of empirical and deductive description with effects on the organization of the research and on the formulation of the thesis. The descriptive adequacy of an object in the world cannot lose sight of the deduction of abstract classes that apply to that object and only to it. Deduction then produces two hierarchies: that of the object and that of the semiology that describes it. Objects and dependencies found in headline text chains are analyzed by this procedure. The internal dependencies found, defined by Hjelmslev as *cohesion* (RTL, D148 *syntagmatic* \otimes or *paradigmatic* ϕ), are not incompatible with textual cohesion, despite to include connections between languages as far apart as notes and photographs. The formalization of analysis data in the semiology of the thesis requires conformity between the classes deduced in the object (semiological variables) and the formal classes in the glossematic theory (metasemiological constants). The procedure is concluded in the reintegration of the object by the synthesis, demonstrated through the *hierarchies*, *chainings* and *cohesions* found in the analysis and formalization of the components of the *headline*. The denotative semiotics of *headline* is defined by specific syntagmatics and paradigmatics that articulate with the verbal and visual languages that enter it. The *language of the headline*, however, is not to be confused with these languages. Something that seems counterintuitive, but fits satisfactorily into the theoretical context of glossematic hierarchies.

Keywords: semiotics; glossematics; text linguistics; language engineering; newspaper texts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Op *Gga Articulação dos objetos	57
Figura 2 – Op *Gga1 Articulação da classe dos <i>objetos</i>	58
Figura 3 – Op *Gga2 Articulação da classe das <i>semióticas</i>	60
Figura 4 – Op *Gga3 Articulação da classe das <i>semióticas denotativas</i>	61
Figura 5 – Op *Gga4 Articulação da classe das <i>semióticas não denotativas</i>	62
Figura 6 – Op *Gga5 Articulação da classe das <i>metassemióticas</i>	64
Figura 7 – Op *Gga6 Articulação da classe das <i>meta-(semióticas científicas)</i>	65
Figura 8 – Representação de codificação preliminar para bases de dados <i>xml</i>	81
Figura 9 – Variantes de chamadas com <i>título, caderno e página</i>	85
Figura 10 – Descrições fragmentárias a partir da posição da <i>vinheta</i>	87
Figura 11 – Descrições fragmentárias a partir da posição da <i>nota</i>	88
Figura 12 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> e dos <i>títulos</i>	141
Figura 13 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> , dos <i>títulos</i> e das <i>notas</i>	144
Figura 14 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> , dos <i>títulos</i> , das <i>notas</i> e dos <i>registros</i>	150
Figura 15 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> , dos <i>títulos</i> , das <i>notas</i> , dos <i>registros</i> e dos <i>temas</i>	156
Figura 16 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> , dos <i>títulos</i> , das <i>notas</i> , dos <i>registros</i> e dos <i>relatos</i>	161
Figura 17 – Catálise da <i>chamada</i> pela articulação das classes dos <i>desvios</i> , dos <i>títulos</i> , das <i>notas</i> , dos <i>registros</i> , dos <i>relatos</i> e dos <i>destaques</i>	168
Figura 18 – Compartimentos que compartilham o campo da <i>constatação</i>	174
Figura 19 – Compartimentos que compartilham o campo da <i>ponderação</i>	174
Figura 20 – Compartimentos que compartilham os campos da <i>constatação</i> e da <i>ponderação</i>	175
Figura 21 – Compartimentos que compartilham o campo da <i>incerteza</i>	176
Figura 22 – Inclusão de <i>semiótica objeto</i> ($i\gamma^\circ g^\circ$) na <i>chamada</i> ($x\gamma^\circ g^\circ$)	189
Figura 23 – Plano denotativo (xg°) na perspectiva das classes do <i>plano interno da expressão</i> (ig°)	191
Figura 24 – Plano denotativo (xg°) na perspectiva das classes do <i>plano interno do conteúdo</i> ($i\gamma^\circ$)	196

Figura 25 – Solidariedade entre o <i>plano denotativo</i> (xg°) e o <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	198
Figura 26 – Vinheta solidária com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	200
Figura 27 – Tópico solidário com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	201
Figura 28 – Título solidário com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	202
Figura 29 – Subtítulo solidário com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	202
Figura 30 – Assinatura solidária com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	203
Figura 31 – Anexo solidário com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	204
Figura 32 – Nota solidária com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	204
Figura 33 – Crédito solidário com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	205
Figura 34 – Legenda solidária com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	206
Figura 35 – Ilustração solidária com elementos do <i>plano conotativo</i> ($x\gamma^\circ$)	206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Objetos constituintes encontrados durante a preparação do <i>corpus</i> com base em critérios do senso comum	71
Tabela 2 – Redução das classes constituintes para as classes distintivas das chamadas do <i>corpus</i>	72
Tabela 3 – Inventário das chamadas pela presença de <i>caderno, página e título</i>	74
Tabela 4 – Inventário das chamadas pela presença de <i>caderno, nota, página e título</i>	75
Tabela 5 – Inventário das chamadas pela presença de <i>caderno, nota, página, título e vinheta</i>	75
Tabela 6 – Inventário das chamadas pela presença de <i>caderno, página, título, tópico e vinheta</i>	76
Tabela 7 – Inventário das chamadas pela presença de <i>caderno, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta</i>	76
Tabela 8 – Inventário das chamadas pela presença de <i>anexo, assinatura, caderno, nota, página, subtítulo, título e vinheta</i>	77
Tabela 9 – Inventário das chamadas pela presença de <i>anexo, caderno, ilustração, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta</i>	77
Tabela 10 – Inventário das chamadas pela presença de <i>anexo, caderno, crédito, ilustração, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta</i>	78
Tabela 11 – Inventário das chamadas pela presença de <i>anexo, caderno, crédito, ilustração, legenda, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta</i>	79
Tabela 12 – Inventário das chamadas pela presença de <i>hiperlink, nota, página e título</i>	80
Tabela 13 – Classe <i>c</i> dos <i>desvios de chamada</i>	105
Tabela 14 – Classe <i>abc</i> dos <i>títulos de chamada</i>	106
Tabela 15 – Classe <i>abce</i> das <i>notas de chamada</i>	107
Tabela 16 – Classe <i>abcef</i> dos <i>registros de chamada</i>	108
Tabela 17 – Classe <i>abcd</i> dos <i>temas de chamada</i>	109
Tabela 18 – Classe <i>abcde</i> dos <i>relatos de chamada</i>	110
Tabela 19 – Classe <i>abcdef</i> dos <i>destaques de chamada</i>	111
Tabela 20 – Configuração de campos dos <i>objetos de informação</i>	122

LISTA DE SÍMBOLOS

$r : {}^n(p \times q)$	Catálise com coesão sintagmática
$r : {}^n(p \phi q)$	Catálise com coesão paradigmática
$\{Cx\}$	Categoria de chamada
g°	Cenemática (plano de expressão)
Cx	Chamada (classe)
$Cx \equiv CxR$	Chamada (classe) reduzida à sintagmática (texto)
$\langle cha/\rangle$	Classe xml de chamada
\vdots	Correlação (função <i>ou...ou</i>)
dCx	Desvio de chamada (classe)
$L\gamma^\circ g^\circ$	Língua
${}_3\gamma^\circ g^\circ$	Metassemiologia
i	Mutação
$\langle p ; q \rangle$	Paradigma de invariantes (comutação)
$\langle p \vdash q \rangle$	Paradigma de variantes (substituição)
$\gamma^\circ g^\circ$	Paradigmática (sistema semiótico)
$*g^\circ$	Plano
γ°	Pleremática (plano de conteúdo)
R	Relação (função <i>e...e</i>)
${}_2\gamma^\circ g^\circ$	Semiologia
$\gamma^\circ g^\circ$	Semiótica
$x\gamma^\circ g^\circ$	Semiótica conotativa
$i\gamma^\circ g^\circ$	Semiótica denotativa
$\gamma^\circ g^\circ R$	Sintagmática (processo semiótico)
$L\gamma^\circ g^\circ R$	Texto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	FUNDAMENTAÇÃO	33
2.1	As fontes da glossemática	33
2.1.1	<i>Panorama de estudos glossemáticos</i>	33
2.1.2	<i>Os originais e as traduções</i>	39
2.2	O dispositivo textual da análise glossemática	41
2.3	A formalização da descrição semiótica	44
2.3.1	<i>As escolhas iniciais</i>	45
2.3.2	<i>O sistema de valores</i>	50
2.3.3	<i>O lugar da semiótica</i>	54
2.3.4	<i>A articulação dos objetos semióticos</i>	57
3	METODOLOGIA	68
3.1	O recorte do objeto descrito	68
3.1.1	<i>Seleção do corpus</i>	68
3.1.2	<i>Objetos constituintes</i>	70
3.1.3	<i>Redução dos objetos</i>	72
3.1.4	<i>Inventário das chamadas</i>	73
3.1.5	<i>Pré-análises em hierarquias de objetos</i>	80
3.2	O desenho metassemiológico	83
3.2.1	<i>Sentidos do objeto</i>	83
3.2.2	<i>Experimentos de análise</i>	84
3.2.3	<i>Objeto descrito e objeto descritor</i>	90
3.2.4	<i>Regras e testes do procedimento</i>	94
4	ANÁLISE	101
4.1	O primeiro componente ($\ast g^\circ$)	101
4.1.1	<i>Determinação das classes</i>	101
4.1.2	<i>Inventário das classes</i>	104
4.1.2.1	<i>Desvio</i>	105
4.1.2.2	<i>Título</i>	106
4.1.2.3	<i>Nota</i>	107

4.1.2.4	<i>Registro</i>	108
4.1.2.5	<i>Tema</i>	109
4.1.2.6	<i>Relato</i>	110
4.1.2.7	<i>Destaque</i>	111
4.2	O segundo componente ($\ast g^\circ$)	112
4.2.1	<i>Matéria jornalística</i>	112
4.2.2	<i>Objetos de informação</i>	114
4.2.3	<i>Campos e participantes</i>	118
4.2.4	<i>Categorias e classes de objetos</i>	121
4.2.4.1	<i>Exposição</i>	122
4.2.4.1.1	<i>Constatação</i>	123
4.2.4.1.2	<i>Incerteza</i>	124
4.2.4.1.3	<i>Ponderação</i>	125
4.2.4.2	<i>Densidade</i>	126
4.2.4.2.1	<i>Condensação</i>	126
4.2.4.2.2	<i>Superfluidade</i>	127
4.2.4.2.3	<i>Expansão</i>	128
4.2.4.3	<i>Validação</i>	129
4.2.4.3.1	<i>Demonstração</i>	129
4.2.4.3.2	<i>Imposição</i>	130
4.2.4.3.3	<i>Sedução</i>	130
4.2.5	<i>Inventário das classes</i>	131
5	FORMALIZAÇÃO	137
5.1	O primeiro plano (g°)	137
5.1.1	<i>Desvio</i>	138
5.1.1.1	<i>Partição</i>	138
5.1.1.2	<i>Articulação</i>	139
5.1.2	<i>Título</i>	140
5.1.2.1	<i>Partição</i>	140
5.1.2.2	<i>Articulação</i>	141
5.1.2.3	<i>Catálise</i>	141
5.1.3	<i>Nota</i>	142

5.1.3.1	<i>Partição</i>	142
5.1.3.2	<i>Articulação</i>	144
5.1.3.3	<i>Catálise</i>	144
5.1.4	<i>Registro</i>	145
5.1.4.1	<i>Partição</i>	145
5.1.4.2	<i>Articulação</i>	149
5.1.4.3	<i>Catálise</i>	149
5.1.5	<i>Tema</i>	151
5.1.5.1	<i>Partição</i>	151
5.1.5.2	<i>Articulação</i>	156
5.1.5.3	<i>Catálise</i>	156
5.1.6	<i>Relato</i>	157
5.1.6.1	<i>Partição</i>	157
5.1.6.2	<i>Articulação</i>	160
5.1.6.3	<i>Catálise</i>	160
5.1.7	<i>Destaque</i>	162
5.1.7.1	<i>Partição</i>	162
5.1.7.2	<i>Articulação</i>	167
5.1.7.3	<i>Catálise</i>	167
5.2	O segundo plano (γ°)	168
5.2.1	<i>Participantes nas dimensões</i>	170
5.2.2	<i>Compartimentos nas dimensões</i>	173
6	SÍNTESE	179
6.1	Determinação do objeto investigado	179
6.2	Hierarquização do objeto descrito	186
6.3	Encadeamento do objeto formalizado	190
6.4	Coesão do objeto conotado	197
7	CONCLUSÃO	208
	REFERÊNCIAS	213
	APÊNDICES	221
	APÊNDICE A – Tipologia no plano interno do conteúdo (γ°)	221
	ANEXOS	234

ANEXO A – Capas e chamadas incluídas no *corpus* 235

1 INTRODUÇÃO

A leitura cotidiana da capa impressa de uma publicação jornalística qualquer coloca o leitor no experimento singular de identificar unidades expressivas e núcleos temáticos, reunindo numa única estrutura de sentido objetos de linguagem diversos: *desenhos, fotografias, citações, títulos, notas, remissões, legendas, indicadores, tabelas, gráficos, avisos, infográficos, charges, linhas, espaços brancos (vazios)* entre outros. Alguns desses objetos integram-se em totalidades reconhecíveis pelo senso comum: as *chamadas de capa*¹. A observação parece óbvia, porque a integração desses objetos é natural e corriqueira para qualquer leitor de jornal, se ele for proficiente.

No entanto, as conexões entre os objetos de linguagem durante a leitura de um jornal impresso não são, em geral, relevantes para o leitor comum, interessado apenas na informação. Para esse leitor, não há nada de mais na *chamada de capa*. Ela atrai sua atenção, fornece algumas informações que aumentam seu interesse pela edição e indicam onde ele pode encontrar mais detalhes sobre a notícia anunciada. Eventualmente, esse leitor pode perceber uma certa organização visual na capa, na qual a *chamada* relaciona-se com outros objetos, mas isso não o ocupa além do interesse circunstancial. Tal organização poderia ser simplesmente o resultado de uma escolha rotineira: a solução gráfica que um profissional encontra durante a tarefa de composição da página. Não haveria nada de extraordinário na *chamada de capa*.

Certamente seria uma extravagância ainda maior, para esse leitor ingênuo, considerar que as *chamadas* em edições impressas de jornal tivessem alguma identidade reconhecível com as *chamadas* introdutórias em programas de rádio; ou com a apresentação da pauta no início dos telejornais; ou ainda com as seções *leia mais* ou *mais lidas* nas edições eletrônicas de noticiosos na internet. Porém, se o leitor está satisfeito na superfície da leitura, o pesquisador precisa mergulhar mais fundo na estrutura da linguagem para satisfazer-se.

Ainda uma outra questão poderia ser agregada, dessa vez sob o ponto de vista da leitura e não do objeto lido. Trata-se do modo como o leitor proficiente na leitura de jornais impressos aprendeu e/ou aprende a integrar tais objetos de linguagem, com naturalidade e proficiência, embora se mantenha ingênuo com relação aos aspectos formais da estrutura coesiva desses objetos. Porém, essa última é uma questão cujos detalhes de desenvolvimento cognitivo estão além do escopo desta tese. Consideraremos apenas a questão da descrição semiológica do

¹ O objeto *chamada de capa de jornal impresso* poderá ser referido apenas como *chamada*, exceto onde a necessidade exigir distinção mais exata.

objeto *chamada de capa*.

As questões gerais apontadas acima podem estar relacionadas com algumas observações de interesse preliminar:

- a) parece haver, entre os leitores proficientes, uma intuição geral sobre como lidar com as *chamadas* na medida em que conseguem lê-las, o que sugere conhecimento estabilizado;
- b) tomados em separado, cada objeto presente numa *chamada* (*títulos, fotografias, legendas, avisos, relatos, indicadores, etc.*) significa algo por si mesmo, o que indica autonomia das partes;
- c) quando tomados juntos, os objetos da *chamada* formam um todo significativo que ultrapassa as significações dos objetos individuais, o que revela dependências entre as partes;
- d) a diagramação das páginas de jornal, embora tenha sido o instrumento histórico de construção da *sintaxe visual*, não parece ser suficiente para explicar as dependências entre os objetos nas *chamadas*;
- e) a história da diagramação da página de jornal ou a de seu aperfeiçoamento, por mais detalhada que seja, não poderia explicar essa unidade, muito menos as coesões que se estabelecem a partir dela;
- f) teorias, oriundas de outros campos e adaptadas para analisar *chamadas*, certamente enviesam os objetos conforme sua própria perspectiva, que não poderia ser aquela proporcionada pela análise semiológica;
- g) a *chamada* parece ser, por fim, uma unidade construída a partir de objetos gráficos e informativos diferentes, mas integrados.

Se a integração semiótica entre objetos de linguagem na *chamada de capa* fosse igualmente natural e corriqueira para os pesquisadores, essa seria uma premissa recorrente no ambiente dos trabalhos acadêmicos. Não parece ser esse o caso. Levantamentos bibliográficos não encontraram artigos, dissertações, teses ou livros que abordassem a *chamada de capa* na perspectiva de uma semiótica coesa composta de outras semióticas complexas ou não. Nos documentos encontrados, cujas abordagens mais se aproximaram do objeto, as *chamadas* não eram tratadas nem mesmo como semióticas, no sentido de hierarquias de objetos da linguagem. A situação é ainda pior se o levantamento buscar, no desenvolvimento argumentativo desses documentos, a descrição dos mecanismos de coesão sintática ou semântica que mantêm os

objetos da *chamada* interligados.

Por outro lado, são comuns abordagens investigativas que consideram:

- a) a história das capas de jornal, como se faz em Ferreira Jr. (2003) ou em Gruszynski e Amaral (2011);
- b) a formação de gêneros textuais na capa, como se encontra em Aguiar (2012) ou em Nanni (2014);
- c) a perspectiva do discurso jornalístico, como é a abordagem em Temer (2007) ou em Carvalho *et al.* (2021);
- d) a construção ideológica do sujeito leitor, como apresentada por Ferrara (2008) ou por Demuru (2017);
- e) a produção da notícia como mercadoria, como se pode ler em Souza e Andres (2021);
- f) as estratégias de manipulação da opinião pública, como encontrado em Barreto (2018) ou em Sallorenzo (2018);
- g) os esforços para a consolidação de marcas, como sistematizado por Alves e Chiachiri Filho (2020);
- h) a espetacularização da notícia, como exposto por Lucchesi (2020).

A questão da integração semiótica de objetos na *chamada* já não parece tão evidente, considerado esse contexto de produção acadêmica. É preciso distingui-la e confirmá-la frente a um ambiente de pesquisa já consolidado. Embora a nossa proposta não seja incompatível com nenhuma dessas abordagens e, possivelmente, não contrarie nenhum dos seus resultados, as bases epistemológicas que serão adotadas podem parecer pouco usuais nesse ambiente. Tais escolhas, no entanto, não devem ser tomadas como um sinal de confronto ou rejeição, embora não haja investigações legítimas sem riscos. Se considerarmos o vazio de investigação que há nesse espaço específico, a escolha atende à necessidade inegável de descrições semiológicas de base que deem sustentação a outras abordagens e aplicações no âmbito do estudo das semióticas complexas.

Se houver ordem nos agrupamentos dos objetos presentes nas *chamadas de capa*, deve ser possível aplicar-lhes uma descrição semiológica pelas dependências na concatenação dos objetos. Se esse for o caso, os componentes individuais formam unidades sintático-semânticas. Ao mesmo tempo, em consequência, as trocas possíveis entre os objetos concatenáveis evidencia uma outra ordem de hierarquização, a qual se pode aplicar uma descrição das dependências na

alternância dos objetos. Se for possível chegar até esse ponto, então será evidenciado um objeto, cuja análise poderá confirmar sua natureza semiótica.

Em tempos mais recentes, o predomínio das postagens na internet altera a *chamada*, visto que não há capas a não ser num sentido metafórico. Nas postagens da *web*, as *chamadas* aparecem nas seções “leia mais”, ou “mais lidas”, ou outra qualquer de infinitas possibilidades de remissão a outros materiais nos ambientes virtuais da internet. Muitas vezes, a remissão a outras matérias informativas é um *hiperlink* embutido no título da matéria que está sendo lida. No lugar da página impressa, há uma tela, e é possível que haja um vídeo em lugar da *fotografia*.

Um vídeo provavelmente complica mais a acomodação de um objeto a outro, porque um vídeo tem sua própria rede de dependências internas. Seu papel dentro desse tipo de *chamada* é certamente diferente daquele exercido pela fotografia na *chamada* impressa. De que modo será possível descrever tais interconexões? Ao contrário do que a intuição geral pode nos dizer, a variedade das possibilidades de uso de um objeto de linguagem não deveria alterar a constância que o mantém idêntico a si mesmo. É esperado que a *chamada* mantenha a mesma estrutura interna qualquer que seja sua ocorrência, ou, então, não é o mesmo objeto. Mas esses objetos unificados na *chamada* teriam qual constância? Perguntas assim só podem ser respondidas através da análise semiológica.

O fato observável, embora não evidente para todos os pontos de vista, é a *chamada* reunir objetos muito diferentes entre si como a *fotografia* e a *linguagem verbal*. Sendo isso possível, parece razoável perguntar como é possível. Eis o interesse desta tese, visto que um tal objeto ultrapassa os limites daquilo que é aceito como linguagem pelo senso comum. Que tipo de objeto é uma *chamada de capa*?

A discussão do estatuto científico da *chamada* poderia abordá-la como:

- a) um *objeto gráfico*, determinado pela ocupação do espaço nas capas de jornal impresso;
- b) um *objeto linguístico* meramente circundado por elementos de contexto;
- c) um *objeto multimodal* que aproxima múltiplas linguagens;
- d) um *objeto semiótico* complexo, capaz de traduzir informações em diversos sistemas integrados.

Esta tese considera a *chamada de capa de jornal impresso* como seu objeto empírico e, a partir desse objeto, pretende examinar as dependências com outros objetos na capa, sejam eles internos à estrutura da *chamada* ou externos, no contexto da capa ou da edição. No

entanto, o objeto visado pela descrição semiológica é a *chamada* como estrutura multissemiótica formalizada, independente, pois, da sua aparência ou dos contextos onde ocorre. Em suma, a *chamada* será abordada como *objeto semiótico*.

O tema desta tese, portanto, é a descrição semiológica da *chamada de capa* como estrutura multissemiótica, pela demonstração das dependências entre os objetos que se organizam nela. A consequente formalização dessa complexidade multissemiótica nos termos de uma semiologia apropriada é o resultado científico esperado. Na fase de análise descritiva, serão examinadas as *chamadas de capa* em edições impressas de jornal. Na fase de síntese teórica, a descrição deve ser aplicável a qualquer outro tipo de manifestação da *chamada*.

O suporte teórico e metodológico será o do procedimento glossemático, conforme se apresenta em Hjelmslev (1961, 1975)². A teoria glossemática é ao mesmo tempo um procedimento universal e geral de descrição da linguagem. Como tal, sua perspectiva é abrangente o suficiente para a abordagem de objetos não linguísticos como a *chamada*, desde que dentro dos limites da própria dedução semiológica e conduzida por esta. Se tal objeto for uma semiótica, então estará submetida às mesmas operações, universais ou gerais, aplicáveis a qualquer língua natural.

Para os objetivos desta tese, uma edição qualquer de jornal impresso e também quaisquer de suas partes componentes (*capas, cadernos, seções, colunas, manchetes, chamadas, anúncios, notícias, títulos, imagens, etc.*) podem ser tomados como (i) *objetos* que se submetem à análise semiológica, (ii) *semióticas* a serem descritas por uma semiologia e (iii) *textos* que resultam de análises das sintagmáticas. Não seria inesperado se pudessem ser as três coisas ao mesmo tempo, porque isso dependeria apenas do ponto de vista proporcionado pela série de procedimentos aplicados ao objeto em sua dedução. Portanto, o objeto de jornal impresso, aqui identificado como *chamada de capa*, é tomado como ponto de partida da descrição semiológica, considerado como suposta semiótica complexa, cujos textos seriam os derivados formais apontados pela dedução aplicada a esse objeto.

As *chamadas de capa* apresentam-se ao pesquisador como a reunião de várias outras linguagens: *fotografia, grafismo, desenho e linguagem verbal*. Essas linguagens parecem compor o que se pode chamar de objeto complexo único. Não parecem estar meramente concatenadas

² Daqui em diante, essas obras serão identificadas com suas abreviaturas: Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem (PTL) e Résumé of a Theory of Language (RTL).

lado a lado, mas entrelaçadas na composição do objeto mais complexo e podem ser também elas mesmas classes multissemióticas. São classes componentes, classes internas, por assim dizer. É esperado que essas linguagens, internas ou externas, possam ser descritas formalmente como classes multissemióticas pelo procedimento glossemático ao qual elas se submetem.

A imbricação de fronteiras entre objetos internos e externos, muitas vezes, mascara a própria complexidade das dependências internas, de tal modo a não se poder ver facilmente a distinção entre as linguagens componentes. Ou pode ocorrer o oposto: uma conexão muito suave entre os objetos integrados pode favorecer a percepção de independência das linguagens componentes, o que pode ser apenas aparente. Usaremos provisoriamente o termo *entrelaçamento* para referir as dependências recorrentes no ordenamento de objetos complexos, compreendidas ainda muito vagamente.

As *chamadas de capa*, portanto, são tomadas aqui como estruturas multissemióticas cuja integração se dá por algum mecanismo de entrelaçamento a ser descrito. Mais precisamente, os supostos objetos semióticos complexos formam-se a partir da integração de objetos mais simples. Essa integração é uma questão ainda pendente no âmbito dos estudos das semióticas, e, segundo nos parece, sua descrição não foi tentada antes em termos de aplicação do procedimento glossemático. Examinemos umas poucas razões para isso, considerando a própria determinação do objeto multissemiótico *chamada de capa*.

Não é comum as *chamadas de capa* serem consideradas objetos semióticos. Em geral, elas são tratadas simplesmente como *textos de jornal*, ou como *gêneros de jornal* (CALDEIRA, 2007). Na acepção em que o termo *texto* é tomado pelo senso comum, uma edição de jornal impresso não seria um texto, mas apenas uma coletânea de textos estruturalmente independentes: a *chamada* seria um desses tipos de texto, incluídos nas capas das edições. Por outro lado, na acepção em que tomamos o termo, apresentada acima, um texto é sempre parte de outro, de tal modo que uma *chamada* é parte de uma *capa*, texto que, por sua vez, é parte da *edição*, o texto de maior extensão na linguagem jornalística³.

Desse ponto de vista, é bastante razoável propor a existência de integração entre objetos que outros considerariam como objetos independentes. O desafio consiste em determinar a *chamada* como objeto multissemiótico no escopo da metassemiologia glossemática. Nesse caso, ela já não poderia ser considerada um mero suporte para textos (no sentido comum do termo). Na verdade, ela seria um texto feito de outros textos (em conformidade com a acepção estabelecida

³ De igual modo, pode-se considerar a coleção de todas as edições de um ano ou período como um texto único; ou ainda se pode considerar como texto único todas as coleções de jornais impressos numa biblioteca.

no procedimento glossemático). Porém, ao tomar a *chamada* como um objeto científico viável, o desafio passa a ser o de justificar a abordagem teórica escolhida como abordagem apropriada ao objeto.

O interesse pela *descrição semiológica*, uma espécie de semiologia aplicada, existe desde a inauguração da perspectiva glossemática feita por Hjelmslev. As incursões na teoria do autor, no entanto, têm sido, na maioria das vezes, exercícios de elaboração epistemológica ou de consolidação da terminologia. A descrição semiológica aplicada a objetos semióticos numa perspectiva glossemática é ainda tímida e prospera silenciosamente. Um contra-exemplo disso é a descrição cuidadosa do sistema mínimo de expressão na música (CARMO JR., 2007), cujos resultados têm sido aplicados sobretudo na análise semiótica da canção. A tese de Carmo Jr. (2007) mostra-nos as possibilidades de emprego da teoria hjelmsleviana mesmo fora do ambiente estritamente linguístico para resolver a descrição de objetos semióticos. Porém, em geral, a glossemática é vista com certa mistica.

É preciso deixar clara a distinção que estabelecemos com a *análise semiótica* conduzida pelas vertentes da *Semiótica Discursiva*, que tem já longa tradição na análise semiótica de objetos de linguagem dos mais variados tipos⁴. Embora não se possa negar a influência dos métodos e a consideração de parte da terminologia, não se pode dizer que a abordagem greimasiana objetiva uma abordagem glossemática, senão sua própria independência como teoria do texto. Desde os primeiros anos, o desenvolvimento natural da Semiótica Discursiva ampliou suas possibilidades pela incorporação de instrumentos oriundos de muitas fontes, ultrapassando os da glossemática em complexidade teórica e aplicações. Mesmo assim, a experiência glossemática ainda parece atraente, uma vez que não foi, salvo melhor juízo, suficientemente explorada. De qualquer modo, a aplicação dos procedimentos glossemáticos não contraria nem invalida as aplicações em Semiótica Discursiva, visto que não são teorias concorrentes, mas continuidades semióticas.

Desde as primeiras gramáticas chomskyanas (que não admitiam textos como unidades linguísticas), parece haver, mesmo entre os semioticistas, uma tendência geral de discutir objetos de linguagem de maior extensão e complexidade na perspectiva de suas funções sociais. Nesse caso, de certo modo, os objetos são diluídos como unidades independentes e se perdem no discurso, ora convertidos em fenômenos da cultura (LOTMAN *et al.*, 1996, 1998 e 2000)⁵,

⁴ Exemplo de análise semiótica é o trabalho de Saraiva (2012), que empreende a análise de canções no estudo feito sobre a identidade do grupo Pessoal do Ceará.

⁵ Um panorama introdutório da *Semiótica da Cultura* pode ser encontrado nos artigos de Machado Velho (2009), Haidar (2019) e Torop (2019). Uma amostra de aplicação da teoria à análise do *chá* como texto cultural

ora convertidos em fenômenos de interação social (LANDOWSKI, 2006, 2014). Embora tais perspectivas representem o mais alto interesse para a teorização do texto e tenham assumido um protagonismo evidente, elas não eliminam, de nenhum modo, a possibilidade de ainda tratar objetos de linguagem dessa natureza (maior extensão e complexidade) como sistemas semióticos estabilizados, passíveis de descrição semiológica.

A fronteira do contexto, por outro lado, oferece uma barreira quase intransponível para a descrição da *chamada* como semiótica complexa. No âmbito da *Gramática do Texto*, por exemplo, todo texto, seja ele de jornal ou não, tem um contexto — companheiro inseparável, mas também difuso (DURANTI; GOODWIN, 1992). Em vista disso, a fotografia, por exemplo, não teria integração possível, considerada o contexto ilustrativo dos objetos verbais na *chamada*. Em contrapartida, a análise de uma certa fotografia na capa enxergaria os objetos verbais como o contexto dela. Nessa ótica, qualquer objeto no jornal está irreparavelmente atomizado, porque todos os outros objetos próximos são seus contextos.

No âmbito da *Semiótica Social*, o conceito de *multimodalidade* (GIBBONS, 2012) já é bastante arraigado nas análises de objetos de mídia como *cartazes*, *programas televisivos* e *anúncios publicitários*⁶. No entanto, a multimodalidade não permite, a meu ver, resolver a descrição da *chamada* na forma de uma semiótica complexa, porque produz análises distintas para imagem e linguagem verbal. A multimodalidade implica exatamente manter as linguagens separadas em seus nichos, isto é, nos seus modos, separadas conforme sua natureza sensorial.

A meu ver, do ponto de vista da descrição dos sistemas, há algumas dificuldades nessa abordagem multimodal:

- a) não parece haver justificativa para uma abordagem dependente da redução metafísica e/ou ontológica no âmbito de uma ciência descritiva da linguagem — fazem isso muito bem as abordagens cognitivistas, ou algumas linhas de investigação no campo filosófico;
- b) o problema dos contextos não encontra solução satisfatória, talvez seja até agravado: sempre externos às linguagens analisadas, os contextos não podem integrar-se às unidades multimodais;
- c) os campos de significação de uma modalidade não são inteiramente cobertos por outras modalidades, então nem sempre se pode *ver* numa fotografia o que se

encontra-se em Torchi (2014).

⁶ O trabalho de Scafuto (2018), por exemplo, revela como os sentidos ideológicos do gênero são construídos e recontextualizados com o propósito de satisfazer interesses políticos e econômicos particulares.

pode *dizer* sobre ela.

Mas a principal dificuldade parece evidenciar-se quando é necessário lidar, a uma só vez, com a sintaxe não linear da fotografia e com a sintaxe linear da linguagem verbal. Nessas situações, uma teoria sintática única para as modalidades verbal e visual é requisito fundamental. No entanto, isso parece ser impossível no contexto teórico da *Semiótica Social*. A solução tem sido tratá-las separadamente para reuni-las apenas no nível do discurso, conforme seu uso social. Porém, essa estratégia produz a dissolução do objeto e de sua estrutura particular num fenômeno de interação social difuso. Desse modo, os discursos multimodais integram diferentes linguagens, mas as teorias desses discursos não explicam as costuras mais internas entre as linguagens reunidas.

Para esta tese, uma tal solução não se aplica, porque o suposto objeto multissemiótico estudado, a *chamada*, demandaria uma única teoria sintática capaz de integrar a sintaxe não linear da fotografia com a sintaxe linear do objeto verbal. O princípio dos sistemas de valores de uma semiologia imanente inviabiliza uma abordagem ontológica conduzida por propriedades inerentes ao objeto. Além do mais, as implicações discursivas de uma fotografia, ou de uma nota, diferem bastante das implicações obtidas na reunião dos dois objetos num único objeto semiótico. A totalidade da *chamada*, ao que parece, pode gerar efeitos de sentido diferentes daqueles gerados pelos componentes individuais.

A descrição das *chamadas de capa* na perspectiva proposta aqui, em conformidade com o procedimento analítico da glossemática, aborda os objetos presentes na *chamada* como partes dos planos internos. Essas unidades internas constituem-se a partir de relacionamentos complexos entre os objetos gráficos que modulam e sustentam o sistema informativo. A *chamada*, pois, adquire a forma de uma classe de semiótica conotativa, com diferentes graus de complexidade. Desse ponto de vista, ao menos um dos planos será uma semiótica denotativa, agregada em unidades nos graus mais altos das estruturas hierárquicas. Isso redimensiona os problemas clássicos da denotação e da conotação, as questões em torno da semiologia e da metassemiologia e as consequências epistemológicas para a metalinguagem da descrição científica.

O entrelaçamento, referido acima e denominado a partir daqui com o termo *coesão*, acontece nas cadeias internas da semiótica objeto com repercussões para as cadeias externas da semiótica conotativa, que é a chamada. As dependências internas encontradas, definidas por Hjelmslev como *coesão* (RTL, D148 *sintagmática* ※ ou *paradigmática* †), não são incompatíveis

com a coesão textual⁷, apesar de incluírem conexões entre linguagens tão distantes quanto notas e fotografias. Por exemplo, a imagem de uma *figura pública* que se pode reconhecer numa fotografia mantém um vínculo coesivo com o *nome próprio* que aparece na legenda logo abaixo da imagem e com certas *descrições nominais* recorrentes no título ou no corpo da notícia⁸. Como nem tudo se pode explicar pelo *conhecimento de mundo*, tal situação é melhor resolvida se se pode considerar que essas linguagens são uma só e, possivelmente, implicam uma *gramática* única. Isto é, essas linguagens estabelecem sua *coesão* muito antes de poderem apresentar-se como um discurso socialmente relevante.

A descrição semiológica da *chamada* resulta de uma determinação: ela se constitui um modelo formal ou linguagem descritora determinada pelas linguagens descritas. A modelação é a determinação que o objeto descrito (variável) contrai com o objeto descritor (constante). Isso significa que a *chamada* e, dentro dela, todos os objetos de linguagem — sejam eles semióticos ou não, mas que façam parte de sua constituição — poderão ser modelados no interior dessa linguagem, dessa semiologia, constituída especialmente para abarcá-los como objetos descritos. Essa semiologia consiste nesta tese, se ela atingir seu objetivo.

O objeto *chamada* e possivelmente alguns de seus objetos internos são semióticas complexas, constituídas por *semióticas denotativas* (RTL, D26 $i\gamma^\circ g^\circ$) e/ou *semióticas conotativas* (RTL, D44 $x\gamma^\circ g^\circ$) em diferentes arranjos, que se pretende descrever através da modelização de uma *semiologia* (RTL, D47 $2\gamma^\circ g^\circ$) apropriada. Porém, o modo como essa semiologia da *chamada de capa* cumpre suas funções analíticas depende de um sistema norteador mais abrangente. Esses princípios gerais, regras e definições são os derivados de uma *metasemiologia* (RTL, D50 $3\gamma^\circ g^\circ$), que determinará como a semiologia da *chamada* se constituirá e como procederá suas análises. Essa metasemiologia consiste na teoria convocada a contribuir nas formulações semiológicas da tese e na descrição do objeto: a teoria glossemática.

Um tal empreendimento só pode ser levado a termo se houver reconhecimento da existência de semióticas complexas: semióticas hierarquizadas dentro de outras semióticas, dedutíveis através de complexos de análise (BADIR, 2013). Nelas e dentro delas, os objetos semióticos manifestam partes (ou membros) de mais de uma cadeia (ou paradigma) em mais de uma sintagmática (ou paradigmática), estruturas complexas maiores que eles próprios, ocultas

⁷ Benveniste (1988) discute o conceito de integração no capítulo “Os níveis da análise linguística”.

⁸ Barthes (1982) trata das ancoragens verbais das imagens.

além de sua *matéria* (RTL, D37). Isso significa que a natureza semiótica dos objetos internos é a mesma dos objetos externos e que os procedimentos de descrição precisam ser rigorosamente os mesmos. Desse modo, a análise produz economia descritiva, ao evitar a profusão de categorias sobrepostas entre os diferentes objetos analisados.

O procedimento de análise das chamadas como semióticas complexas investigará quatro mecanismos de organização, hipóteses centrais da descrição semiológica, que adota o dispositivo glossemático como suporte teórico e metodológico:

- a) o *encadeamento* semiótico — obtido por *partição* (RTL, D19);

Mecanismo que permite a constituição de agrupamentos sintáticos cujas partes componentes são também semióticas. Nesses casos, as partições das cadeias sintagmáticas evidenciam os componentes das unidades nas suas hierarquias relacionais. Em seguida, o exame das classes de invariantes das hierarquias correlacionais completa o primeiro passo da dedução. Exemplo: a unidade que se forma pelo encadeamento de uma imagem e uma legenda contrasta com unidades com imagem sem legenda, sobretudo se não há casos de legenda sem imagem.

- b) a *hierarquização* semiótica — obtida por *articulação* (RTL, D20);

Mecanismo que permite a uma classe de semiótica funcionar dentro de outra como um componente desta. As articulações paradigmáticas também evidenciam esses componentes categoriais. Exemplo: um desenho que ocupa alternativamente o lugar de uma imagem numa cadeia evidenciaria que esses dois objetos são correlatos, que se articulam como classes invariantes dentro da *chamada*. O desenho que ilustra a notícia não poderia ocupar outro lugar, tal como o da referência da página dentro da remissão.

- c) a *coesão* intersemiótica — obtida por *catálise* (RTL, D149);

Mecanismo que permite estabelecer um fio de integração entre os componentes internos da semiótica objeto e os componentes externos na *chamada*. Certos objetos com valor funcional num dos planos da semiótica denotativa contraem função com outros objetos que ocupam posição funcional num dos planos da semiótica conotativa. Exemplo: um objeto de informação na legenda expresso pelo nome de uma certa pessoa pública seria o mesmo objeto de informação expresso pela imagem dessa pessoa pública numa fotografia — seria possível, através da *coesão* estabelecida, identificar o nome da pessoa ou a pessoa do nome,

conforme se fosse da legenda para a imagem ou da imagem para a legenda.

d) a *continuação* semiótica — obtida por *contato* (RTL, D203);

Mecanismo que permite estabelecer uma linha de continuidade na transformação de uma semiótica em outra. Esse mecanismo estaria presente nos casos de *chamadas* que aparecem no início de programas de rádio e televisão se comparadas às *chamadas* do meio impresso. Também estaria presente nas situações em que ocorre a mudança (por razões de atualização tecnológica) do meio de comunicação na manifestação da *chamada*. Desse modo, a continuidade poderia ser encontrada: (i) na passagem do meio *impresso* das edições nas bancas para o meio *digital* dos documentos eletrônicos em tabletes e smartphones; e (ii) na dos meios tradicionais (impresso, radiofônico, televisivo ou digital) para o meio *web* em páginas de internet ou aplicativos. Em quaisquer dessas situações, a análise da *chamada* não deve ser vista como uma analogia entre diferentes tipologias semióticas, mas a demonstração da variabilidade de manifestação da forma constante da *chamada* no seu movimento de transformação.

O aparato analítico da metassemiologia hjelmsleviana (HJELMSLEV, 1935, 1959, 1961, 1973, 1975) é decisivo para:

- a) descrever a tipologia de objetos semióticos, presentes na *chamada*, o modo como eles se conectam e se articulam e as funções que contraem entre si;
- b) descrever os mecanismos de integração hierárquica entre as *chamadas de capa* (classe) e os objetos internos (componentes e derivados), bem como a integração funcional entre os componentes do mesmo grau.

O procedimento de análise da *chamada* como semiótica complexa precisa constituir-se de tal maneira que o próprio procedimento possa submeter-se à análise idêntica operada por um metaprocedimento. Desse modo, o procedimento de análise é uma linguagem controlada por outra.

As principais questões relativas à elaboração da tese são descritas a seguir. A tese pretende descrever e explicar o estatuto multissemiótico das *chamadas de capa de jornal impresso*, qualquer que seja sua manifestação. Há seis passos inevitáveis para o cumprimento dessa meta. Cada um deles está ligado a uma parte da tese, mas, em termos operacionais, os passos são anteriores a ela e independentes dela. São eles:

- a) a seleção dos instrumentos glossemáticos, estabelecida na *fundamentação* (Capítulo 2);
- b) o desenho da pesquisa e os preparativos para sua execução, formulados na *metodologia* (Capítulo 3);
- c) a execução da pesquisa, demonstrada na *análise* (Capítulo 4);
- d) a codificação semiológica dos resultados obtidos, exposta na *formalização* (Capítulo 5);
- e) a descrição semiológica da *chamada*, elaborada na *síntese* (Capítulo 6);
- f) a redação da tese, esmiuçada nesta Seção da *Introdução*.

O Capítulo 2, que constitui a fundamentação, está inteiramente dedicado a três pontos de vista: (i) o do ambiente de produção acadêmica; (ii) o do dispositivo textual no *Résumé* e (iii) o da formalização das classes semióticas, segundo a glossemática. Seleccionamos, porém, o que consideramos instrumental indispensável para a elaboração de um plano de descrição da *chamada*. Se optássemos por outra solução mais ampla, teríamos uma tarefa inexecutável, já que nenhuma dessas perspectivas poderia ser esgotada numa única tese. Operamos então, ao longo desta tese, com o aparato glossemático *necessário e suficiente*.

A Seção 2.1 contextualiza o ambiente de investigação glossemática. A seção destina-se a construir um panorama de estudos gerais para a apresentação da teoria. Mesmo no ambiente acadêmico, existe ainda, nos nossos dias, a visão de que a glossemática é genérica e abstrata e, por essa razão, afastada dos sistemas reais e dos dados concretos. Porém, essa percepção é tão equivocada quanto afirmar que o *Teorema de Pitágoras* não pode ser aplicado aos problemas de demarcação das terras indígenas. A impaciência de alguns com a teoria, a meu ver, é antes um fato de perspectivação epistemológica e não somente resistência a sua natureza formal e abstrata. Aceitar que mais de um ponto de vista pode estar correto ao mesmo tempo pode ser difícil em certos contextos.

A Seção 2.2 apresenta o dispositivo textual do *Résumé*. Sem estender demais os detalhes, discute-se alguns aspectos da estrutura de formalização da teoria glossemática. Qualquer experimento de aplicação do dispositivo pode ser inviabilizado se não considerar o caráter recursivo e imanente de suas operações. O instrumental que o dispositivo usa para explicar objetos semióticos é o mesmo com o qual ele deve ser interpretado também como objeto semiótico. Essa propriedade imanente do dispositivo é estratégica para sua eficiência científica.

A Seção 2.3 estabelece o aparato formal de descrição semiótica. De modo sumário, a

solução da *chamada* poderia ser reduzida à identificação da definição que a descreve na Op *Gg. Porém, se a descrição fosse feita assim, não haveria necessidade de dados, nem produção de evidências, muito menos a verificação de qualquer prova. Cada confirmação necessária nos leva de volta ao objeto, desnudando sua organização oculta, afastando sua aparência mais acessível e fluida para defini-lo, ao final, como a classe mais abstrata e constante.

O Capítulo 3, que constitui a metodologia, afasta-se do padrão da pesquisa tradicional para manter-se fiel ao procedimento glossemático. A necessidade de descrição empírica e dedutiva tem consequências para a organização da pesquisa e para a formulação da tese. A metodologia precisa considerar as necessidades experimentais da descrição empírica, aplicada a um objeto no mundo. Ao mesmo tempo, não pode perder de vista o tratamento dedutivo de uma classe descritiva abstrata que se aplica ao objeto empírico e somente a ele. A dedução produz, então, duas hierarquias: a hierarquia do objeto e a hierarquia semiológica que o descreve.

A Seção 3.1 descreve os procedimentos preliminares de tratamento do *corpus*. O objeto empírico deve ser descrito pelas mesmas técnicas adotadas para a descrição semiológica. Optou-se por uma apresentação detalhada dos procedimentos para estabelecer a primeira hierarquia de análise. Essas hierarquias de objeto derivam diretamente da dedução do objeto empírico (conforme ele é visto pelo senso comum) e não são, em princípio, hierarquias semiológicas. Esta matéria manifestante das classes de *chamada* seleciona a classe semiológica que a descreve.

A Seção 3.2 desenha um procedimento específico para a análise das classes de *chamada*. A classe descritora do objeto estudado está a meio caminho entre a classe de variáveis da hierarquia de objetos e a classe formal da metassemiologia glossemática. É uma classe semiológica elaborada durante os experimentos dedutivos e a partir deles. Essa classe seleciona uma classe formal das semióticas e é selecionada pela classe das variáveis da *chamada*. A seção discute as dificuldades de método e seleciona um conjunto de regras e procedimentos do *Résumé* que serão aplicados na dedução das classes semiológicas da *chamada*.

O Capítulo 4, que constitui a análise, executa a pesquisa propriamente dita. Procura, por meio de operações de análise, identificar todos os relacionamentos possíveis entre os objetos que se apresentam nas cadeias dos textos examinados. A suposição inicial precisa ser a de que a chamada é uma semiótica. Então, a hierarquia semiológica precisa adequar-se à existência de dois componentes solidários. Porém, isso não basta. É preciso apurar informações sobre os relacionamentos dos derivados desses componentes para que, indo mais fundo, seja possível demonstrar o sistema que os correlaciona em mutação mútua.

A Seção 4.1 estabelece, por análise, as classes do primeiro componente da *chamada*. Os objetos que aparecem na hierarquia de variáveis são óbvios, mas os intrincados relacionamentos que eles estabelecem na constituição da *sintaxe visual* não são óbvios nem triviais. A modelação de classe semiológica para os explicar adequadamente exige cuidadosa estratégia de observação e registro. Ao final, a análise fornece todos os dados necessários para formalizar a classe semiológica do primeiro componente.

A Seção 4.2 estabelece, por análise, as classes do segundo componente da *chamada*. Dessa vez, ao contrário do que ocorre no primeiro componente, os objetos não são óbvios na hierarquia de variáveis. Porém, qualquer leitor proficiente pode deduzi-los com naturalidade e estão, do mesmo modo que antes, embutidos nas cadeias dos textos analisados. Embora seus vínculos na *sintaxe visual* sejam mais fluidos, eles podem ser isolados com a mesma segurança. A seção descreve as classes encontradas nesse segundo componente e os seus relacionamentos.

O Capítulo 5, que constitui a formalização, codifica os dados de análise numa descrição semiológica. Os dados da análise não têm, por si mesmos, a forma de uma classe semiológica. Isso só se alcança estabelecendo conformidade entre as classes deduzidas no objeto analisado (variáveis semiológicas) e as classes formais selecionadas na teoria glossemática (constantes metassemiológicas). A *conformidade* (RTL, D147 ||) impõe a necessidade de os derivados particulares dos fúntivos conformes (variáveis semiológicas e constantes metassemiológicas) contraírem as mesmas funções.

A Seção 5.1 formaliza o sistema de unidades e categorias da *chamada* no primeiro plano. As classes, encontradas na análise e distribuídas de acordo com a extensão das cadeias, são submetidas a três procedimentos: (i) a partição, que detalha a coesão sintagmática das classes componentes e seus derivados; (ii) a articulação, que explicita as categorias e os membros que participam delas; e (iii) a catálise, que acumula numa única descrição as descrições anteriores de todas as classes. Ao final, encontra-se a descrição geral e única para o primeiro componente da chamada em todas as suas ocorrências no *corpus*. Essa mesma descrição permite ainda calcular variedades e variações de *chamadas* não incluídas no *corpus*.

A Seção 5.2 formaliza o sistema de dimensões e compartimentos da *chamada* no segundo plano. As categorias funcionais e os elementos encontrados pela análise recebe o tratamento algébrico que permite calcular as possibilidades articulatórias do segundo plano. Esse cálculo nos leva além dos objetos incluídos no *corpus* pela generalização dos resultados descritivos obtidos. Permite também comparar de modo efetivo os veículos de informação quanto

às preferências com relação ao uso de certos componentes informativos em suas produções textuais.

O Capítulo 6, que constitui a síntese, procura reintegrar o objeto estudado através da descrição semiológica elaborada para ele. Isto é feito pela determinação do objeto descrito e pela exploração das comprovações descritivas dos mecanismos de organização na estrutura interna da *chamada*. Visto que, nesse ponto, já temos alguma clareza sobre as dependências que formam as classes do objeto descrito, podemos exercitar a reconstrução do que foi desmontado na análise. Essa abordagem amplia o escopo de investigação (não para agora, mas para o futuro) ao revelar pontos de detalhamento possíveis e não abordados.

A Seção 6.1 verifica se a *chamada* determina o *componente universal* da glossemática. O objetivo dessa operação no *Résumé* é fornecer todas as definições *suficientes e necessárias* para decidir se o procedimento pode ou não ser aplicado ao objeto estudado. Nessa Seção, fazemos um paralelo entre os dados obtidos na análise e formalização da *chamada* e as definições iniciais do procedimento. Em outras palavras, tentamos definir as classes encontradas pela análise através das classes do procedimento. No entanto, a determinação das classes glossemáticas pelo objeto descrito não constitui prova nem demonstração de seu sistema, apenas aponta a adequação do procedimento glossemático ao objeto.

A Seção 6.2 acompanha todas as comprovações necessárias para demonstrar a natureza semiótica do objeto descrito. O objeto é, pois, submetido ao *teste semiótico definitivo* sob a presunção do esgotamento das análises e formalizações necessárias para produzir a síntese exhaustiva do objeto. A seção detalha as regras formais de prova investigando: (i) a *conformidade* entre classes; (ii) a possibilidade de *substituição* de uma classe por outra; (iii) a *redução* de uma classe a outra; e (iv) as *catálises* (sintagmáticas ou paradigmáticas) que permitem obter coesões não explícitas. Conclui com a elucidação do *texto* e da *língua* na *semiótica denotativa*, selecionada pela *matéria* da *chamada*.

A Seção 6.3 define o plano denotativo na perspectiva dos planos internos da expressão e do conteúdo na semiótica objeto da chamada. Finalmente, a síntese proporcionada pelo plano denotativo torna possível a definição precisa das classes (virtuais ou realizadas) examinadas antes em planos separados. Do ponto de vista do plano interno da expressão, a definição das classes leva em conta: (i) a formação da classe pela catálise formalizada; (ii) a síntese de funções que as classes contraem; (iii) a formação de unidades de classes realizadas; (iv) a potência do signo que se forma na unidade das classes; e (v) a posição exata que cada classe ocupa na hierarquia.

No ponto de vista do plano interno do conteúdo, considera-se a combinatória de elementos na constituição da diversidade das chamadas para além do *corpus*. A intenção da seção é sintetizar a sintagmática da semiótica denotativa da chamada e a seleção que ela faz da paradigmática subjacente.

A Seção 6.4 define a hierarquia da semiótica conotativa que constitui a chamada. A solução do plano conotativo é a conexão que se estabelece entre ele e o plano denotativo da chamada. Então, nessa seção, são sumarizadas as coesões que reúnem os elementos no plano interno da expressão aos elementos no plano interno do conteúdo na constituição do plano externo do conteúdo da chamada, o plano conotativo. Acompanha-se a formação de coesões a partir dos elementos do plano interno da expressão para uma textualização mais econômica.

Do ponto de vista pessoal, a tese presta-se a cumprir um rito de passagem: o enfrentamento de algo distante e misterioso, difícil e intraduzível, algébrico e, segundo os mais pessimistas, completamente hermético. A romantização da figura emblemática do mestre dinamarquês ainda paira sobre a opinião de alguns como o sagrado território, que só se pode avistar de longe, mas nunca entrar ali. Porém, sigamos adiante! O portão foi deixado entreaberto.

2 FUNDAMENTAÇÃO

A discussão teórica necessária para a investigação e descrição da *chamada* é feita em três passos: (i) na apresentação panorâmica dos contextos de acolhimento e revisitação da teoria glossemática; (ii) na apresentação do dispositivo textual de formalização da teoria; e (iii) na contextualização conceitual das estruturas multissemióticas propostas pela teoria. Este capítulo não tem nenhuma intenção de esgotar discussões em torno da teoria glossemática, mas se dispõe apenas a trazer à tona o aparato suficiente para as análises que se pretende aplicar ao objeto estudado.

2.1 As fontes da glossemática

O panorama a seguir não é completo e não poderia sê-lo nem se houvesse apoio de uma grande equipe de trabalho. Levantar toda publicação sobre glossemática desde sua proposição está além do exequível no tempo que dispomos e ultrapassaria com exagero o necessário nesta tese tão modesta. Duas coisas pareceram mais relevantes: (i) a disposição para acolher e questionar a teoria logo após a morte do autor, assim como a revisitação mais recente ocorrida já no século XXI; e (ii) a apresentação das versões do *Résumé* utilizadas como referência para a execução da pesquisa e para a escrita da tese.

2.1.1 Panorama de estudos glossemáticos

Mais de cem anos da morte de Ferdinand de Saussure e mais de cinquenta da de Louis Hjelmslev suas palavras ainda repercutem, e quase se pode ouvi-los através das vozes de não poucos intérpretes. Uma consulta rápida no Google Acadêmico com o termo “Hjelmslev” retornou 38.500 resultados⁹, entre artigos, livros e teses, incluindo 2.340 itens (aplicado um filtro por período a partir de 2021). Consulta semelhante no Persée (<https://www.persee.fr/>) apresenta resultado mais modesto, 1374 documentos, muito embora essa consulta retorne apenas textos com citação direta, dentro dos itens colecionados¹⁰.

Dois anos depois da morte de Hjelmslev, a edição especial *nº 6* de 1967 da revista *Langages* foi dedicada ao tema da glossemática. No sumário da edição, já se pode ver a abrangência das questões levantadas: epistemologia, linguística geral, análise do conteúdo,

⁹ Consulta mais antiga ao Google Acadêmico havia retornado 33.700 resultados; isto é, 4.800 novas referências acrescentadas desde aquela verificação. Os resultados são imprecisos já que o nome pode ser ambíguo.

¹⁰ As duas consultas mais recentes ao Google Acadêmico e ao Persée foram feitas em 22 de novembro de 2022.

descrição (flexão, derivação, concordância etc.), linguística diacrônica e filosofia da linguagem. Togeby (1967) apresenta os articulistas da edição (todos dinamarqueses) em quatro grupos:

- a) o da mesma geração de Hjelmslev, Jens Holt;
- b) o da geração dos alunos diretos, Hans Sørensen, Knud Togeby, Henning Spang-Hanssen, Poul Levin, Holger Sørensen, Peter Zinkernagel e Kristine Heltberg;
- c) o da segunda geração, Niels Christensen, Erik Hansen, Povl Skârup, Arne Mortensen e Henrik Prebensen;
- d) o jovem discípulo (recém formado na época), Gerhard Boysen.

Para deixar claro que os artigos não significam adesão acrítica, Togeby cita o próprio Hjelmslev (a propósito da linguística dinamarquesa na aula inaugural de sua cadeira de linguística geral na Universidade de Copenhague em setembro de 1937): “Na Dinamarca, a tradição consiste em não ficar na tradição”.

A polêmica epistemológica abre o debate. Hans Sørensen (1967a) conclui não haver contradição entre um procedimento dedutivo que seja, ao mesmo tempo, independente dos objetos reais e ainda capaz de ser utilizado como instrumento de descrição empírica, o que validaria a glossemática como ciência empírica. Prebensen (1967), ao contrário, argumenta que a glossemática não é uma teoria no sentido lógico, porque seria impossível encontrar uma linguagem de base para suas definições e, portanto, seria impossível formalizá-la. Ela seria então uma fonte de inspiração, mas não um procedimento científico. Prebensen, entretanto, chegou a essa conclusão antes que tivesse acesso à formalização elaborada pelo próprio Hjelmslev no *Résumé*.

No âmbito da análise das relações, em termos metassemiológicos (podemos dizer), dois artigos discutem o núcleo da glossemática: as funções entre classes e a álgebra. Holger Sørensen (1967b) examina as relações clássicas *hipotaxe*, *parataxe* e *catataxe*, que corresponderiam respectivamente às funções de *determinação*, *constelação* e *interdependência* na terminologia glossemática. Levin (1967), por sua vez, realiza vários experimentos algébricos para verificar a possibilidade de aplicação da álgebra lógica divalente à análise de dados linguísticos, sem prender-se, no entanto, ao modelo algébrico hjelmsleviano.

Quanto às aplicações, seis artigos traçam um panorama de algumas questões de descrição. Holt (1967) repassa as técnicas de descrição do sistema de elementos do conteúdo pela análise dos pleremas, o que, segundo ele, deve ser feito nos mesmos moldes do que se faz na análise dos elementos da expressão, para garantir a isonomia analítica entre os planos da

linguagem. Skârup (1967) busca critérios para a definição formal da categoria do caso. Para isso, compara os resultados obtidos com a aplicação dos critérios que propõe tanto na perspectiva da teoria hjelmsleviana do caso como na da tradição gramatical; mas considera, como prioridade da investigação, manter a correspondência com a tradição. Heltberg (1967) analisa os derivativos da formação de palavras em línguas eslavas; embora aplique a nomenclatura glossemática, não faz nenhuma referência nem a Hjelmslev nem à teoria.

Hansen (1967) reexamina a abordagem pedagógica da estrutura do sistema verbal dinamarquês para mostrar que, ao contrário da crença mais comum, esse sistema possui extraordinário desenvolvimento gramatical, o que, segundo ele, só se pode perceber pela abordagem abrangente proporcionada por Hjelmslev. Spang-Hanssen (1967) critica a posição de Chomsky segundo a qual o léxico de uma língua é limitado. Aborda a questão demonstrando que, mesmo se se considerasse os elementos dos planos da expressão ou do conteúdo finitos (e possivelmente não são), ainda assim a formação de signos, em princípio, só pode ser considerada como ilimitada e infinita, em vista da arbitrariedade do signo. Boysen (1967) resenha alguns autores sobre a questão dos estudos estruturalistas da diacronia. Conclui que eles não se constituem simplesmente como comparação de estruturas e nem estão limitados ao fonético e ao semântico. Por fim, acrescenta que a glossemática está apta à abordagem diacrônica tanto quanto está para os estudos da sincronia.

As questões de cunho filosófico são tratadas nos três últimos artigos da publicação. Christensen (1967) questiona se a chamada linguística filosófica não é uma moda passageira e se há razões para não se considerar o método linguístico de filosofia uma abordagem primitiva. O uso linguístico, segundo conclui, apresenta-se como um instrumento empírico eventual para o uso filosófico que enxerga nele a possibilidade de dar concretude aos seus raciocínios abstratos. Em nenhum momento faz qualquer referência a Hjelmslev ou à glossemática. Mortensen (1967) analisa os conceitos de *sentido* e *verdade* na análise glossemática e na análise lógica. Se de um lado, a questão do sentido parece resolvido no registro do que se pode e não se pode dizer, a questão da verdade exige uma teoria que ultrapasse os princípios da correspondência e da coerência em prol da consideração dos sistemas de valores. Nesse caso, somente a construção de uma língua permite o cálculo “dos outros julgamentos que poderiam sustentar ou excluir o julgamento em questão”. Zinkernagel (1967) atribui a Hjelmslev o restabelecimento de um lugar central para a língua cotidiana como meio de conhecimento e a sustentação de que as relações nas quais as palavras entram são mais relevantes que palavras isoladas. Se existem

outros *imperativos de descrição* além daqueles das leis da lógica formal, então seria preciso rever os prejulgamentos da relação *língua – realidade*. Possivelmente uma teoria do conhecimento poderia ser edificada sobre a experiência de emprego das palavras umas com as outras. Porém, estranho seria construí-la sobre qualquer outra base, conclui ele.

Cinquenta anos depois da edição organizada por Togby, Zinna e Cigana organizaram, no âmbito do Colloque Albi Médiations Sémiotiques – Actes, uma atualização de estudos ligados a Hjelmslev com quatorze ensaios (ZINNA; CIGANA, 2017). Segundo o próprio organizador, a coletânea se divide em duas seções temáticas: (i) a leitura de Hjelmslev e (ii) a problemática hjelmsleviana. O objetivo da primeira seção é estabelecer um contexto para o trabalho do estudioso, explicitando suas relações com outros linguistas contemporâneos e a influência que exerceu sobre aqueles que se debruçaram sobre sua obra. A segunda atualiza o debate ao discutir a contribuição epistemológica e metodológica da teoria hjelmsleviana, considerando sobretudo os princípios e o procedimento.

Na primeira seção, estão incluídos seis ensaios, resenhados a seguir de modo sucinto. Os artigos alternam entre as contribuições ao pensamento hjelmsleviano e a sua influência sobre os pensadores que o seguiram. Gambarara (2017) propõe-se a mostrar que os estudos dos textos e seus sistemas, no âmbito de uma semiologia completa dos objetos linguísticos e não linguísticos, encontra seus dois eixos de sustentação na continuidade entre a semiologia saussuriana e a semiótica metodológica de Hjelmslev. Traini (2017) sustenta duas hipóteses sobre a obra de Umberto Eco: (i) uma, ligada à *imanência*, defende que a ausência de certos princípios da teoria glossemática são críticos para a problemática tentativa de fazer convergir a semântica estrutural de Hjelmslev com a teoria dos interpretantes de Peirce; (ii) outra, ligada ao *realismo*, defende que Eco usa a teoria de *estratificação da linguagem* hjelmsleviana de modo coerente e eficaz na sustentação de seu *realismo mínimo*, o que torna seu argumento ainda mais forte.

De Angelis (2017) destaca que, embora a semântica estrutural de Greimas e a semântica interpretativa de Rastier compartilhem a mesma referência à semântica hjelmsleviana, elas apresentam dois modelos epistemológicos independentes no campo da semiótica textual. O modelo helicoidal da semiótica interpretativa contesta a noção de *texto fechado* e abre o texto para o exterior (contexto e intérprete) sem, no entanto, dar solução para o que está dentro. O modelo circular da semântica estrutural, ao contrário, fecha o texto na sua hierarquia, de onde nunca se pode sair, mas incorpora dentro o que parecia estar fora. Jensen (2017) compara a versão datilografada e impressa dos *Principes de Grammaire Générale* para verificar que certas

passagens, excluídas por razões editoriais, apontam a influência do gramático dinamarquês Hylling Georg Wiwel (1851-1910) sobre o pensamento linguístico de Hjelmslev, sobretudo para o conceito de *comutação*.

Vykypěl (2017) considera quatro aspectos do trabalho de Hjelmslev que influenciam a linguística atual: (i) o ceticismo quanto à indução; (ii) a insistência na distinção entre o *continuum* empírico e a forma desse *continuum*; (iii) a noção de conotação; e (iv) o forte *ethos* de sua obra. Zinna (2017), no seu ensaio, propõe examinar o percurso de Hjelmslev em busca de uma definição de semiótica “capaz de conciliar modelos hierárquicos descontínuos com modelos de redes contínuas” e a contribuição do aparato conceitual glossemático para a formulação da teoria greimasiana.

Na segunda seção, é feita a atualização da problemática em torno da teoria de Hjelmslev, onde a contribuição epistemológica e a metodologia são os principais pontos de interesse. Nos oito artigos resenhados a seguir, são examinados os conceitos de *redução*, *análise*, *imanência*, *partição* e *articulação*; também é discutido o *princípio empírico*. Galassi (2017) avalia que o princípio de redução, que na teoria glossemática se aplica em todos os níveis de análise, possibilita tomar as disciplinas científicas como sistemas semióticos (por redução) que se constituem a partir das linguagens naturais, as formadoras de enunciados. Isto atribui à linguagem seu valor prioritário. Prampolini (2017) considera, ao final do artigo, os limites e méritos na aplicação do procedimento glossemático. Antes, examina essa definição, a de *procedimento*, como “classe de operações com determinação mútua” para concluir que toda aplicação bem sucedida do procedimento confirma a hipótese glossemática da rede de dependências.

Migliore (2017), concordando com Michel Arrivé (ARRIVÉ, 1986, p. 177), entende que a enunciação está presente em Hjelmslev ao nível da linguagem, gramática e sintaxe e pode ser identificada com o ato. Segue a tese segundo a qual na glossemática “o caminho entre o esquema e o ato nos induz necessariamente a colocar o conceito de enunciação, mesmo sem nomeá-lo”. Tal perspectiva permite ir além dos dêiticos e alargar a investigação da enunciação também nas imagens. Cigana (2017), considerando o discurso de Hjelmslev na Sexta Conferência Internacional de Linguistas (1948), argumenta que a articulação vinculada e a articulação livre são dois procedimentos a evidenciar como a racionalidade pré-lógica da linguagem influencia a teoria. A análise, como operação de partição ou de articulação, constitui o elo entre a teoria e as condições do conhecimento.

Segundo Piotrowski (2017), o conteúdo fenomenológico da teoria glossemática é

confirmado no exame das funções de *relação* e de *correlação* entre os derivados dos planos, o que assegura à teoria adequação aos dados experimentais. Essa perspectiva interliga o aparato gnoseológico de Hjelmslev ao de Popper pelas soluções que propõem para certos problemas do conhecimento empírico. O artigo é “uma espécie de exercício de epistemologia comparada”. Bondi (2017) propõe uma leitura dinâmica da obra de Hjelmslev, relacionando seu pensamento à reflexão deleuziana sobre *imanência* e *estratificação* e à filosofia das *formas de vida* de Wittgenstein. Segundo ele, “as relações entre a dinâmica interna do sistema linguístico e as variações das formas, orquestradas pela mudança social e sua heterogeneidade, devem ser abordadas em termos de um círculo virtuoso entre uso coletivo, transmissão de formas e práticas”.

Cappi (2017) propõe a discussão do princípio indispensável do conhecimento: “a necessidade de distinguir para comparar”, como afirma Hjelmslev. A conclusão deriva da relação entre os opostos *análise* e *síntese* de um lado relacionados, entretanto, com os também opostos *dedução* e *indução* de outro. A redução nos procedimentos de análise leva ao reconhecimento das grandezas mínimas; por outro lado, a síntese reconstrói a grandeza maior pela recomposição. Paolucci (2017) propõe reformular o princípio empírico e a definição de estrutura com o aporte da teoria da complexidade, a partir da teoria das formas do conteúdo e da estrutura geral das correlações de Hjelmslev. A análise inicia com o exame da epistemologia do estruturalismo, subestimada pela crítica que recebeu da linguística chomskyana e cognitivista, e conclui com a formulação do que pode ser base para uma teoria estruturalista mais efetiva ao abordar “os problemas atuais nas ciências da linguagem e nas ciências cognitivas”.

O meio século que separa as duas publicações incluídas acima não significa um vazio de produções relacionadas à glossemática. Muitos autores de manuais introdutórios à linguística (incluindo os melhores autores brasileiros) trazem alguma seção sobre glossemática e sua influência no desenvolvimento das ciências da linguagem. Porém, não são resenhados aqui em vista dos critérios de seleção que adotamos. Entre muitos, são apresentados apenas os trabalhos mais específicos, que estão diretamente ligados à discussão do procedimento glossemático e sua epistemologia. Assim como aqueles citados antes, esses a seguir também contribuem para a compreensão do procedimento e para a elaboração da pesquisa e da tese.

A tese de Siertsema (1955), transformada em livro, é um trabalho já antigo (primeira edição de 1954), mas foi republicado recentemente. É um comentário aos principais conceitos da teoria, muito embora seja anterior à publicação do *Résumé*. Toutain (2012) reconhece o lugar de Hjelmslev, ao lado de Jakobson, Martinet e Benveniste entre os pensadores da epistemologia do

estruturalismo em tese de doutorado defendida na Sorbonne. Com impressionantes 6 mil páginas distribuídas em 8 volumes, traz muitos apontamentos e notas úteis ao estudo dos originais. Mais recentemente, Badir (2014b) posicionou o teórico como ponto de partida de uma epistemologia semiótica e Beividas (2015) analisou a perspectiva epistemológica subjacente ao procedimento glossemático para interpretá-la como a terceira via entre as teorias do conhecimento.

Ao longo da vida, Hjelmslev debateu suas ideias através de cartas com alguns interlocutores bastante críticos, como Martinet, que tiveram forte influência sobre o rumo tomado pelo seu trabalho. Jensen e Cigana (2017) analisam várias dessas cartas que dialogam com o autor sobre suas ideias. Jensen (2015), por sua vez, discute algumas discrepâncias entre Hjelmslev e Coseriu a propósito dos conceitos de substância, norma e uso, tomando como base cartas trocadas entre Eugenio Coseriu (1921-2002) e Eli Fischer-Jørgensen (1911-2010).

Fischer-Jørgensen trabalhou com Hjelmslev no Círculo Linguístico de Copenhague nos anos 30. Depois da guerra, seguiu caminho independente. Atualmente, o *Círculo* não é mais sinônimo de glossemática. Continua ativo, porém, e publica, a cada ano, a revista *Acta Linguistica Hafniensia* (<http://www.tandfonline.com/toc/salh20/current>). Na edição de nº 48 de 2016, a revista discute “Substância e estrutura em Linguística”, o que destaca a atualidade do tema. O artigo mais recente consultado é de março de 2021. Nele, Echeverría (2022) discute o paralelismo entre as unidades da expressão e as unidades do conteúdo. Ao longo dos anos, Hjelmslev é, obviamente, citado em muitos dos artigos da publicação, muito embora a maior parte dos artigos e ensaios estejam voltados para teorias funcionalistas ou cognitivistas.

Em vida, o autor foi bastante reconhecido até entre os críticos. Suas propostas serviram de ponto de partida ou inspiração para renomados estudiosos. A variedade de livros, teses e artigos, que discutem a obra hjelmsleviana, torna impraticável exame mais detalhado no espaço deste trabalho. Aqui, esse pequeno panorama parece ser suficiente para o que precisamos.

2.1.2 Os originais e as traduções

Nesta tese, serão considerados, principalmente, mas não exclusivamente, dois livros para o comentário do aparato analítico da glossemática¹¹: o *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem* (PTL) (HJELMSLEV, 1961), publicado pela primeira vez em 1943 e o *Résumé of a Theory of Language* (RTL) (HJELMSLEV, 1975), publicado dez anos depois da morte

¹¹ As citações dos textos consultados em língua estrangeira resultam de traduções para o português especialmente elaboradas para esta tese, mesmo nos casos em que já havia traduções reconhecidas.

do autor. O primeiro desses dois livros, traduzido para vários idiomas, é bem conhecido. Foi elaborado para ser obra de divulgação, cujo objetivo fosse menos técnico e mais argumentativo, acessível ao estudioso iniciante. Era para ser uma prévia de outra obra mais densa, cujos planos a 2ª Grande Guerra obrigou a adiar. Quando a guerra acabou, o debate já era outro, e o livro com a versão detalhada da teoria nunca saiu. Os *Prolegômenos* tornaram-se então o manual de referência, na falta de outro mais completo.

O segundo livro, o *Résumé*, como é conhecido, é uma publicação póstuma. Foi encontrado no verão de 1967, dois anos após a morte do autor, quando Francis J. Whitfield examinava seus papéis a convite da Sra. Hjelmslev. Whitfield, então, assumiu a tarefa de traduzir o manuscrito do original dinamarquês para o inglês. Muito antes disso, um manuscrito datilografado de 187 páginas circulara entre poucos, mas não chegou a ser publicado¹². Desde a publicação em 1975, o livro continua praticamente desconhecido para o grande público. Uma tradução da primeira parte, o componente universal, foi feita por Claude Zilberberg para o francês e publicada posteriormente por François Rastier¹³ (HJELMSLEV; RASTIER, 1985). Existe uma tradução completa para o italiano de 2009, feita por Stefano Mano e Massimiliano Picciarelli (HJELMSLEV *et al.*, 2009), infelizmente é uma edição esgotada. A versão original em inglês tornou-se mais recentemente uma obra rara e cara¹⁴. Por fim, outros textos ainda inéditos de Hjelmslev, entre eles muitas cartas, estão atualmente depositados na Biblioteca Real da Dinamarca em Copenhague e disponíveis para consulta no local.

Há dois projetos mais recentes que são muito significativos para a preservação do procedimento glossemático. O primeiro é a tradução completa do *Résumé* para o francês e publicação *online*, feita por Alain Herreman. O material foi disponibilizado na internet em 2010 e revisado para nova edição em 2014 (<http://resume.univ-rennes1.fr/>). Herreman atualizou o método de referências do texto original, através da utilização de *hiperlinks*. Além disso, criou um modo de recuperação automática da árvore de pressuposições para cada definição, o que facilita muito a consulta e o estudo (HJELMSLEV; HERREMAN, 2010).

O segundo projeto, mais abrangente que o primeiro, consiste no *site* <https://glossematics.dk/app>. O *Infrastructuralisme*, como é chamado internamente, é uma parceria entre a Universidade de Copenhague e a Universidade de Aarhus. O projeto tem como objetivo permitir que

¹² Essas e outras observações são feitas pelo próprio Whitfield na *Editor's Introduction* do *Résumé* (pp. XV-XVI).

¹³ Herreman (2010) faz esta observação sobre a tradução francesa no *Avant-propos* de sua versão eletrônica do *Résumé*.

¹⁴ Consulta na página da Amazon em 22 de novembro de 2022 encontrou três exemplares usados com preços entre R\$586,95 e R\$1.013,00 mais custos de postagem, e um exemplar novo por módicos R\$2.606,00.

pesquisadores de todo o mundo explorem a vida do linguista dinamarquês, disponibilizando material de fontes primárias inéditas. Esse tipo de iniciativa gera segurança para quem inicia suas atividades acadêmicas nessa área, porque garante ao pesquisador poder contar com algo mais que os *Prolegomenos* (HJELMSLEV, 1961) e os *Ensaio*s (HJELMSLEV, 1959) para o estudo da teoria.

2.2 O dispositivo textual da análise glossemática

O nome escolhido, *Résumé*, faz justiça ao extraordinário esforço de condensação e formalização empreendido pelo autor, certamente reflexo de longos processos de elaboração. Num primeiro contato, o *Résumé* pode ser uma experiência desafiadora. É um livro sucinto, diz somente o necessário, de forma direta, quase mecânica. O texto é um instrumento de descrição e de autodescrição. Para ser mais preciso, trata-se de um *dispositivo textual* para a formalização do procedimento de análise da linguagem que examina a si mesmo como linguagem. O desafio do estudioso da obra consiste em compreender esse mecanismo analítico por trás das definições e das operações que a organizam. O dispositivo não contém teoria no sentido comum a que estamos acostumados¹⁵ — contém o procedimento de análise necessário à descrição das semióticas. No entanto, no âmbito do dispositivo textual de Hjelmslev, cujo enfoque formalizante é radical, procedimento analítico é teoria, na perspectiva particular do corpo teórico criado¹⁶.

O *Résumé* (1975; 2010), segundo Herreman (2011), é um *dispositivo textual* elaborado por Hjelmslev especialmente para formalizar o procedimento de descrição glossemática. Rastier descreve-o assim na Introdução do *Nouveaux Essais*:

O *Résumé* permite apreciar a coesão da teoria glossemática, da qual os *Prolegômenos*, apesar de sua complexidade, são apenas a introdução.

A teoria é “axiomatizada”, na medida em que expõe, em ordem rigorosa, os 7 princípios, as 454 definições e as 201 regras que a constituem. Todas as definições estão ligadas entre si por um sistema de referência cruzada. A teoria não apenas explicita seus próprios fundamentos, mas redefine, ao interdefini-los, todos os conceitos linguísticos (e semióticos) que utiliza, inclusive os rótulos seculares e banalizados, como *frase*, *nome* etc., que ainda são retomados sem reexame dos fundamentos por autores tão exigentes quanto Chomsky. Tal empreendimento permanece sem equivalente, com a possível exceção da gramática universal de Montague, que permaneceu fragmentada, e de trinta anos depois.

¹⁵ Prebensen (1967), como mostrado antes (Subseção 2.1.1), analisa os pressupostos lógicos das definições propostas nos *Prolegômenos* para concluir que a glossemática não é uma teoria. Sua avaliação, porém, não leva em conta a complexidade epistemológica que a teoria glossemática propõe como questão a ser debatida.

¹⁶ Herreman (2011) trata sobre as chaves de leitura do *Résumé* como dispositivo textual de formalização da teoria glossemática: linguagem descritiva formalizada segundo um procedimento de análise estruturalista imanente.

Além disso, a teoria recorre à simbolização e utiliza mais de duzentos e cinquenta símbolos simples ou complexos, todos originais. Anexados às definições, eles representam a estrutura semântica dos conceitos definidos. Novamente, tal criatividade simbólica não tem precedentes na linguística, e o próprio Montague usa muito menos símbolos. (HJELMSLEV; RASTIER, 1985, p. 13-14)

No entanto, tentar acompanhar as definições do *Résumé* apenas frustra o leitor, porque o dispositivo não foi feito para ser lido como se fosse um dicionário. Cada uma das definições no procedimento consiste numa análise das unidades que contraem função heteroplanar dentro do dispositivo. Em consequência, cada uma delas inaugura a sua própria cadeia de análises e definições. Segui-las apenas conduz o leitor através das linhas de determinação até as definições de partida e dessas aos termos indefinidos ancorados na linguagem comum. Portanto, podemos pensar nesse *dispositivo textual* como uma hierarquia de definições na qual cada classe definida depende muito mais da exata posição em que é definida do que da definição em si (Subseção 2.3.3).

Para além da hierarquia de definições, a posição de cada definição está cuidadosamente prevista por classes de operações com determinação mútua. Basicamente uma *análise* lida com objetos e dependências, que se tornam *classes* e *funções*. Porém, ao fazer o que faz, a análise posiciona o objeto analisado no lugar que lhe cabe como classe na árvore de definições. Através da explicitação das classes e dependências de que ele participa, explicita também as classes e dependências que participam dele (RTL, N6). Cada análise de objeto (o que implica a identificação de suas dependências) é, pois, uma *operação* (RTL, D40 Op), em conformidade com o *princípio empírico* (RTL, Pr 1), estabelecido nas premissas. Uma operação de análise a que um objeto é submetido só pára, quando as classes derivadas que o descrevem não forem mais decomponíveis, o que significa que a análise pode bem ser um complexo de análises, isto é, uma classe de análises. Do mesmo modo, uma operação também pode ser uma classe de operações. De fato, essa é a definição para *procedimento* (RTL, D-VII)¹⁷.

O próprio *Résumé* analisa a si mesmo através do procedimento que descreve. Começa particionando a Op *Gg em *premissas* (Op *Gg0), *componente universal* (Op *GgA) e *componente geral* (Op *GgB). Nas premissas, estabelece a *operação introdutória* (Op *Gg0A), os *cinco princípios* (Op *Gg0B), os *componentes* e as *operações* (Op *Gg0C). No componente universal articula a classe dos *objetos* (Op *Gga) e a dos *functivos* (Op *Ggb). No componente geral descreve o procedimento de análise semiótica até onde é possível. Forma-se, assim, a hierarquia de operações, que começa na operação mais abstrata (aquela que aplica-se a qualquer

¹⁷ Mais adiante (Seção 2.3.3), estas e outras definições serão discutidas com mais detalhes.

objeto) e, a cada nova operação, encontra derivados de maior *grau* (RTL, D21 1, 2, 3...). As operações constituem cadeias, isto é, integram uma sintagmática, ou hierarquias de relações. Também alternam entre si suas funções descritivas. Em outras palavras, as cadeias de operações selecionam uma paradigmática, ou hierarquias de correlações. Nessa metassemiologia, quanto mais profunda for a dedução, mais detalhes e maior complexidade será possível descrever.

O livro constitui-se ainda de três seções finais: (i) o esquema geral do procedimento (parte final do componente geral) (Op *GI-gIV); (ii) um cálculo geral sobre os procedimentos individuais possíveis (Op *GI-gIV); e (iii) a classe de procedimentos aplicáveis às línguas naturais (Op II5). Essas três seções têm a intenção de demonstrar algumas aplicações do procedimento.

O *componente universal* (Op *GgA) é a operação cujas cadeias de análises descrevem as semióticas. Suas operações são universais porque, para alcançar esse objeto específico como resultado, é necessário que o procedimento seja antes aplicável a qualquer objeto. As definições que fazem parte da operação introdutória (Op *GgA0) descrevem o procedimento e os objetos aos quais se aplica ou que derivam de sua aplicação. Porém, embora esses objetos (classes, fúntivos, funções, etc.) comportem-se como objetos de linguagem na análise, eles poderiam não ser objetos de linguagem. Nesse ponto, o procedimento aplica-se a qualquer objeto:

- a) que possa ser descrito em termos de *classes* (RTL, D4 \square), *componentes* (RTL, D5) e *funções* (RTL, D6 φ);
- b) que contraia *relação* (RTL, D7 R) em hierarquias relacionais ou *correlação* (RTL, D10 $\dot{}$) em hierarquias correlacionais;
- c) que se apresente como *constante* (RTL, D14), condição necessária para a presença de outros objetos/classes ou como *variável* (RTL, D15), condição não necessária;
- d) que possa ser descrito por *dedução* (RTL, D17) ou por *síntese* (RTL, D-V) como derivados com funções mútuas.

Mais adiante, certas dependências mais específicas possibilitarão descrever definitivamente esse mesmo objeto como linguagem.

Na Subseção 2.3.4, veremos em detalhes como o componente universal articula as classes de objetos em semióticas e estas em diversas classes de semióticas. A especificidade com que o procedimento ajusta-se ao objeto é inversamente proporcional à complexidade da descrição

que se aplica a esse mesmo objeto. Esse equilíbrio caracteriza o procedimento descritivo do *Résumé*. É o que permite seus complexos de análises cada vez mais específicos na descrição dos objetos, porém sempre mais complexos no detalhamento descritivo. Se por um lado a forma de uma *semiótica* é muito genérica e abrangente em relação aos objetos que descreve, por outro, ela é a classe descritiva mais simples. A forma de uma *semiótica conotativa*, por exemplo, aplica-se a um número menor de objetos, mas pressupõe maior complexidade.

O *componente geral* (Op *GgB) é a operação que aplica-se a um objeto dado a fim de determinar se é possível defini-lo como um objeto semiótico. Portanto, é o componente que se apresenta como a aplicação do procedimento, uma vez que algumas condições precisam estar satisfeitas para que ele possa aplicar-se. O componente geral, infelizmente deixado incompleto pelo autor, é interrompido na Op *gIV2.1, que trataria do “Procedimento para o registro dos contatos”. Essa incompletude da obra não significa a impossibilidade de aplicação da teoria, uma vez que cada operação é exaustiva, no escopo de sua aplicabilidade, seja como dedução ou como síntese. Cada operação do procedimento foi pensada em termos de sua própria exaustividade para atender ao princípio do empirismo (RTL, Pr 1), como veremos mais adiante.

Essas estratégias de formalização criadas por Hjelmslev são totalmente originais e não são nada óbvias. Elas têm sido a causa de tantos mal entendidos no estudo do *Résumé*, que é, de fato, um *dispositivo textual* único, não um livro como outro qualquer. Quem procura a estrutura de uma nova lógica com regras absolutas não encontra, porque o procedimento é, de fato, uma linguagem, não uma lógica. Quem procura a álgebra no sentido matemático acha tudo meio fora de lugar, porque não é uma matemática, apesar do aparato simbólico e do cálculo. Quem procura uma gramática não reconhece a língua que está sendo descrita, porque não descreve nenhuma língua em particular, exceto a língua do próprio procedimento.

2.3 A formalização da descrição semiótica

As possibilidades abertas por Saussure e Hjelmslev leva-nos a incluir, sob o escopo do interesse das ciências da linguagem, objetos até então vistos como estranhos ao ambiente de gramáticos, linguistas e filólogos. As línguas que se escondem atrás dos textos dependem de um acurado método de prospecção. Compreender que o sistema está ali em algum lugar além dos objetos mais acessíveis é só o primeiro obstáculo. Porém, o maior desafio consiste no próprio método. Esses procedimentos analíticos, no esforço de descrever seus objetos de estudo, só o fazem porque são semelhantes aos mesmos objetos que escrutinam. A descoberta não é trivial, e

o esforço de tornar tal perspectiva um procedimento científico ainda é uma trilha que se abre um pouquinho a cada vez.

2.3.1 *As escolhas iniciais*

No início dos *Prolegômenos*, Hjelmslev nos apresenta a linguagem com um belo elogio, mas o texto introduz sutilmente o verbo descritivo: *formar*. Naquele contexto, o verbo é usado no sentido de *função da ferramenta*. A linguagem seria, entre outras coisas, um instrumento com o qual o ser humano forma algo. O que forma ele? Forma o que está dentro, pensamentos e emoções, e o que está fora, esforços e atos. Nesse sentido, “a linguagem não é um acompanhamento externo. Ela reside no fundo da mente do homem” (HJELMSLEV, 1961, p. 3). Ela está tão profundamente mesclada com a natureza humana e com a natureza das sociedades humanas que não se pode imaginar nenhuma sem a outra. Foi o caminho natural para muitos estudiosos indagar se a linguagem não poderia revelar algo sobre essa pessoa humana e sua natureza interna ou sobre as sociedades, criadas pelas pessoas, construtos humanos externos.

Como instrumento de formação ou modelação do mundo, uma língua, no sentido saussuriano do termo, poderia aplicar-se a qualquer coisa, inclusive a si mesma. Para as necessidades da ciência, no entanto, são muitos os esforços na busca de um instrumento descritivo mais apropriado que aquele oferecido pela língua cotidiana. Para esse fim, uma linguagem poderia ser modelada por uma teoria de duas maneiras: (i) por aquilo que é externo a ela; ou (ii) por aquilo que lhe é interno. No primeiro caso, a abordagem é transcendente, a linguagem é o meio para um conhecimento sobre o que é externo a ela, tal como a descrição física e fisiológica dos sons ou a explicação dos significados das palavras através de apreciações de natureza psicológica. A modelação da linguagem, no segundo caso, é o que chamamos de abordagem imanente, porque a língua é tomada como objetivo, a meta de um conhecimento sobre ela mesma. A definição do objeto da ciência linguística estabelecido por Saussure só nos permite considerar como objetivo a língua, e precisamos cuidar para não tomá-la como meio de um conhecimento externo a ela. Como nos avisa Hjelmslev:

Isso não é dito para minimizar o valor de todos esses pontos de vista e todos esses esforços, mas para apontar um perigo: o perigo de que em nossa pressa zelosa na direção do objetivo de nosso conhecimento possamos negligenciar os meios de conhecimento — a própria linguagem. O perigo é real porque é da natureza da linguagem ser ignorada, ser um meio e não um fim, e é apenas por artifício que o holofote pode ser direcionado para os próprios meios de conhecimento.” (HJELMSLEV, 1961, p. 5).

Em outras palavras, a língua tende à transparência do meio de conhecimento; de certo modo, ela precisa estar fora do caminho, para que os falantes possam lidar com o assunto da conversa. Ser ela mesma o assunto não parece ser natural para a língua. O perigo apontado por Hjelmslev, portanto, consiste em confundir o que está fora da língua com o que é próprio dela. Desde o comparativismo, o procedimento mais comum tem sido o de tentar tomar “um conglomerado de fenômenos não linguísticos (físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos, sociológicos)” para explicar a língua, numa abordagem transcendente, mas a língua, ela mesma, sempre escapa e não se torna objeto (HJELMSLEV, 1961, p. 6). Para ser objeto, a língua precisa falar sobre si mesma; tomar-se como um todo que se basta: uma estrutura autônoma. Descrever uma língua, tomando-a verdadeiramente como objeto, significa, se me permitem a imagem, dobrá-la sobre si mesma, o que só se pode fazer a partir de uma linguagem artificial, criada para ser o meio através do qual a língua estudada revela-se como assunto.

Hjelmslev, que foi provavelmente o leitor mais fiel a Saussure, soube interpretar, nas entrelinhas do *Curso* (SAUSSURE *et al.*, 1916), o método estrutural. Embora a citação seja longa (trecho inicial do terceiro ensaio), vale a pena o comentário que se faz nela sobre o método que se pode depreender do texto saussuriano:

Sob muitos aspectos, pode-se considerar Ferdinand de Saussure o fundador da moderna ciência da linguagem. Foi ele, também, o primeiro a encarecer uma abordagem estrutural da linguagem, i.e., uma descrição científica da linguagem em termos de relações entre unidades, quaisquer que sejam as propriedades que essas unidades apresentem, porquanto elas não são relevantes para as relações nem deduzíveis dessas relações. Assim sendo, Saussure teria compreendido que os sons de uma língua falada, ou os caracteres de uma língua escrita, podem ser descritos, não primariamente, em termos de fonética ou de grafia, mas tão-só em termos de relações mútuas, e as unidades do conteúdo linguístico (as unidades do significado) devem também ser descritas primariamente, não em termos de semântica, mas tão-só em termos de relações mútuas. Segundo Saussure, seria errôneo considerar a linguística mero agregado de descrições físicas, fisiológicas e acústicas dos sons do discurso, de investigações acerca dos significados das palavras e, podemos acrescentar, de interpretações psicológicas desses sons e significados. Ao contrário, as unidades reais da linguagem não são os sons, ou os caracteres escritos, ou os significados: são, antes, as relações que esses sons, caracteres e significados representam. O importante não são os sons, os caracteres ou os significados enquanto tais, mas suas relações mútuas no interior da cadeia do discurso, e esse sistema interior é que caracteriza uma língua em oposição a outras línguas, ao passo que a representação por sons, caracteres e significados é irrelevante para o sistema, de vez que pode ser mudada sem afetá-lo. Portanto, caberia acrescentar que a posição de Saussure, que significou nada menos que uma revolução na linguística convencional, preocupada unicamente com os sons e os significados, está em perfeita conformidade com o uso diário e abrange tudo o que o homem comum supõe que a língua deva ser. (HJELMSLEV, 1959, pp. 27-8)

O método saussuriano, conforme descrito acima, tem uma premissa que não passou

despercebida a Hjelmslev. Coube a ele explicitá-la na abertura do segundo artigo dos Ensaio Linguísticos. Ali se diz:

Entende-se por linguística estrutural um conjunto de pesquisas que repousam em uma hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura. (HJELMSLEV, 1959, p. 21).

A partir dessa hipótese, que também é uma premissa fundadora, um procedimento de descrição poderia ser elaborado e a dispersão da realidade da linguagem poderia ser investigada através dele. Esse procedimento, posto entre as premissas da teoria e a realidade investigada, seria o controle de verificação ao qual a hipótese estruturalista se submete. Esse ponto de vista sobre a linguagem impediria de descrevê-la: (i) como um produto mecânico de forças cegas; ou (ii) como um conglomerado fortuito de elementos heterogêneos; ou (iii) como um momento passageiro de evolução, transição fugaz e flutuação incessante.

O procedimento, portanto, coloca em destaque duas questões importantes, opostas por princípio: a imanência e a transcendência. Se de um lado a linguagem seria uma estrutura autônoma; por outro, ela mantém fortes conexões sociais, culturais, fisiológicas, físicas e psíquicas. Face ao objetivo de garantir a autonomia da linguística, a descrição deveria voltar-se para a estrutura interna; mas, frente às exigências de adequação teoria-mundo, não deveria perder de vista as determinações externas. O dilema, entretanto, não existe de fato.

Definir linguagem como um sistema de valores não significa abandonar a busca de adequação teoria-mundo. Na prática, a hipótese da estrutura imanente impede que o método recorra a elementos exteriores ao sistema para descrevê-lo. Nesse ponto, não há mais escolha. Descrição e objeto descrito são da mesma ordem de objetos: linguagens. Se a língua descrita é um sistema de valores, a língua descritora também será. Ambas estão submetidas à mesma hipótese.

Por essa razão, o procedimento não poderia ser ele mesmo a descrição. Ele seria o instrumento de modelação, a ferramenta através da qual o objeto descrito (linguagem ou semiótica) se mostra na descrição (semiologia ou metassemiologia). O método não seria nunca transcendente, porque não acolhe nada que não seja linguagem, nem como objeto descrito, nem como descrição¹⁸. É, entretanto, um método no contexto das ciências empíricas, uma vez que transporta objetos no mundo (os textos de uma semiótica) para uma linguagem de conhecimento

¹⁸ No contexto da Semiótica Discursiva, Fontanille (2008) discute as bases da *imanência* na ampliação do escopo das semióticas-objeto, justificada pelo fato de essas pesquisas recentes submeterem-se à coerção mínima da solidariedade entre expressão e conteúdo. (p. 18)

(as classes formais da semiologia). Nesse sentido, não haveria, pois, contradição entre o método imanente e a descrição empírica das linguagens¹⁹.

Tendo a língua sido tomada como objeto, a pergunta que se pode fazer, em seguida, é: “qual a constante?”. Ou seja, é preciso indagar sobre o que faz que uma linguagem seja uma língua, apesar das mudanças e flutuações do uso que se faz dela. No entanto, a teoria não pode responder isso *a priori*, ela só o fará depois de esgotados todos os seus recursos descritivos. Por ora, estamos diante do objetivo da teoria: a investigação da constância (seja ela semiótica ou linguística). O dilema que esse objetivo implica é decidir se os fenômenos humanos são, ou não, individuais e singulares. Se o forem, não há constância, e o objetivo de investigá-la na linguagem é impossível. Porém, qualquer opção é hipótese de trabalho, assim como a escolha entre imanência e transcendência. Não se pode saber, antes de investigar, se os fenômenos humanos são singulares ou sistemáticos. Portanto, adota-se a hipótese da constância, isto é, “para cada *processo* existe um *sistema* correspondente, pelo qual o processo pode ser analisado e descrito por meio de um número limitado de premissas.” (HJELMSLEV, 1961, p. 9).

Definida a abordagem imanente e estabelecida a constância como objetivo, faltamos um método formalizado. Em linhas gerais, o método saussuriano compara as cadeias sintagmáticas para encontrar os paradigmas da língua. Porém, o método, ainda não formalizado, parece vago e abre espaço para todo tipo de interpretação metodológica, às vezes, em direções diametralmente opostas, como aconteceu aos estudiosos do *Círculo Linguístico de Praga* (CLP)²⁰. Hjelmslev, para salvaguardar os limites do seu projeto teórico, propõe o *princípio empírico*:

A descrição deve ser livre de contradição (autoconsistente), exaustiva e tão simples quanto possível. O requisito de ser livre de contradição toma precedência sobre o requisito de descrição exaustiva. O requerimento de descrição exaustiva toma precedência sobre o requisito de simplicidade. (HJELMSLEV, 1961, p. 11)

Obviamente esse princípio é geral e não se aplica somente à investigação linguística, mas a todo e qualquer procedimento descritivo. Para estar conforme o princípio empírico, a descrição é o resultado do trabalho de análise e observação dos fatos da linguagem. Uma vez que não se quer dar descrições diferentes a objetos semelhantes, a coerência é o primeiro requisito e o mais exigente. A ausência de contradição (ou autoconsistência da descrição) prevalece sobre todos os outros requisitos, e nenhum prevalece sobre ela. O requisito da exaustividade garante

¹⁹ Badir (2014a) aborda a relação entre *imanência* e *empirismo* na teoria hjelmsleviana, considerando os princípios que lhe dão sustentação e comparando esse suporte ao fornecido pela epistemologia tradicional.

²⁰ Fontaine (1978) faz uma apreciação detalhada sobre a influência de Saussure no CLP, destacando a reação bastante negativa do Círculo a algumas das ideias centrais no pensamento saussuriano.

que o objeto seja descrito até os seus mínimos detalhes, até que sejam encontradas as classes que não se submetem mais a análises particularizadas. Nesse caso, se o detalhamento arrisca a autoconsistência do objeto, então deve-se parar a descrição. O requisito da simplicidade é útil nos casos em que se tem de decidir por uma ou mais descrições igualmente válidas. Nessas situações, escolhe-se aquela que implicar menor complexidade: quanto mais classes a descrição deriva, mais complexa ela é. Então, deve ser adotada a descrição mais econômica, aquela que envolve menos classes, desde que todas as classes relevantes sejam incluídas e que esteja livre de contradição.

O método enfrenta o seguinte dilema: a escolha entre indução ou dedução como abordagem metodológica. Os termos são usados por Hjelmslev com significados ligeiramente diferentes do uso comum que eles têm em metodologia da ciência. Em poucas palavras, pode-se pensar indução e dedução em termos da relação entre um objeto e suas partes. Ao reunir os objetos menores para encontrar o objeto maior, o percurso é o da indução. Se, ao contrário, o objeto maior é seccionado em suas partes componentes, o caminho é o da dedução. Desse modo, é possível integrar dedução e análise de um lado e indução e síntese de outro. Se o objeto é desmontado em partes menores, o procedimento é analítico, se for remontado das partes até que esteja completo, o procedimento é sintético.

A adoção da língua como objeto de estudo, abordada por ela mesma como uma estrutura constante, coloca em questão os fundamentos da ciência²¹. O empirismo indutivo não se aplica, porque não parece ser capaz de gerenciar a profusão de dados. Coletar dados sobre as línguas naturais quase sempre envolve o problema da circularidade da escolha: ou já se sabe de antemão o que coletar ou não se sabe. No entanto, coletar qualquer coisa não faz sentido. A indução “portanto, ao final, entra em conflito com nosso princípio empírico: não pode garantir uma descrição autoconsistente e simples.” (HJELMSLEV, 1961, p. 12). Por outro lado, não se trata da adoção do método dedutivo racionalista, como poderia parecer. A *dedução* (RTL, D17), no procedimento, “é uma análise continuada ou um complexo de análises com determinação entre as análises que entram nela.” (HJELMSLEV, 1975), isto é, cada *análise* (RTL, D3) que entra na análise continuada “é uma descrição de um objeto pela dependência uniforme de outros objetos com ele e destes entre si.” (HJELMSLEV, 1975).

Para resolver, ao menos provisoriamente, o possível conflito epistemológico entre indução e dedução, Hjelmslev propõe algo inesperado: acolher a dedução sem descartar a

²¹ Bonfim (2021) levanta o problema da descrição dos aspectos gerais da semiose científica por meio de uma teoria semiótica, isto é, por meio de uma teoria da linguagem.

indução²². Para ser efetiva, a solução precisa reinterpretar dedução e *indução* (RTL, D-VI) em termos de análise e *síntese* (RTL, D-V), como explicado acima. Portanto, em termos dedutivos, o procedimento é uma classe de operações, aplicada em análises continuadas, a partir de um objeto totalizante que abarca todos os objetos a serem descritos. Em termos indutivos, a síntese precisa reencontrar o objeto totalizante na reunião das partes descritas. Hjelmslev resume a escolha da seguinte maneira:

Se algo é dado ao pesquisador linguístico (colocamos isso em forma condicional por razões epistemológicas), é o *texto* ainda não analisado em sua integridade indivisa e absoluta. Nosso único procedimento possível, se quisermos ordenar um sistema ao processo desse texto, será uma análise na qual o texto é considerado como uma classe analisada em componentes, depois esses componentes como classes analisadas em componentes, e assim por diante até que a análise esteja exaurida. (HJELMSLEV, 1961, p. 12-3)

A teoria da linguagem descrita até aqui é um procedimento de análise que precede a síntese, porque seria absurdo remontar um objeto que não foi desmontado. Por outro lado, a análise aplica-se a objetos no mundo, porções de linguagem, o que coloca a teoria no âmbito das ciências empíricas. Desse modo, “com a terminologia que escolhemos, pudemos designar o método da teoria linguística como necessariamente empírico e necessariamente dedutivo” (HJELMSLEV, 1961, p. 13). No *Résumé*, no complemento da nota 11, que inclui as definições de *síntese* e *indução*, o autor alerta para a precedência da análise e da dedução:

Pode-se mostrar que a síntese pressupõe a análise, mas não vice-versa, e que, conseqüentemente, um procedimento puramente indutivo (necessariamente com dedução implícita) não satisfaria o requisito de descrição exaustiva que entra no Pr 1. O procedimento é, portanto, construído como uma dedução e pode ser concluído com uma síntese. (HJELMSLEV, 1975, p. 7-8)

Como procedimento analítico e dedutivo, a teoria é arbitrária e o objeto não a afeta, porque ela é independente da experiência. Como procedimento sintético e indutivo, a teoria é adequada ao objeto que descreve, na medida em que se aplica somente a ele e a nenhum outro.

2.3.2 *O sistema de valores*

Para Hjelmslev, “um teórico linguístico deve ser apontado como um pioneiro óbvio: o suíço Ferdinand de Saussure.” (HJELMSLEV, 1961, p. 7), mas isso não significa que a glossemática seja um projeto de continuação do projeto saussuriano. Na minha opinião, a

²² Bevidas (2015) desenvolveu a tese de uma epistemologia constituída a partir de uma teoria semiótica imanente, o que certamente a coloca como “a terceira via do conhecimento”.

maior aproximação está no ponto de vista. Nos detalhes da formalização, entretanto, o projeto glossemático não parece ter equivalente.

O ponto de vista mais relevante em Saussure é, “se não me engano, a concepção da linguagem como uma estrutura puramente relacional, como um padrão, em oposição ao uso (fonético, semântico, etc.) em que esse padrão se manifesta acidentalmente.” (HJELMSLEV, 1959, p. 30). Nessa perspectiva, os objetos não valem por sua materialidade, mas por sua posição num sistema de valores atribuídos aos objetos em dependência com outros. Assim como acontece com a moeda, que não vale pelo metal ou pelo papel de que é feita, mas pela relevância que as pessoas atribuem a ela (SAUSSURE *et al.*, 1916). Ou o que acontece a uma mulher no parto, evento inaugural de todo um conjunto de novas dependências familiares. Ao nascer, o filho impõe a uma filha tornar-se mãe, a um filho tornar-se pai, a um pai tornar-se avô, a uma irmã tornar-se tia, e assim por diante. O fato dessas relações serem abstratas e simbólicas não as torna menos reais, são condições dos valores humanos com consequências reais na vida.

Esses objetos em dependência não são meramente objetos físicos, são sobretudo signos. O valor a eles atribuído depende de outros signos interpretativos e também de outros signos representativos existentes numa determinada comunidade, sob certas condições de uso. Saussure propõe uma teoria do signo que substitui qualquer referência a objetos no mundo por dois únicos valores que se constituem apenas na sua relação um com o outro. Desse modo, o signo funcionaria no ambiente exclusivo da linguagem. Isso permite ao modelo do signo apresentar-se como uma estrutura mínima que reúne não três componentes, como era comum em outras teorias do signo da época, mas dois únicos componentes em relação: o *significante* e o *significado*²³. Esses termos, embora possam ter alguma correspondência a objetos psíquicos, tais como a *imagem acústica* e o *conceito*, não dependem disso para funcionar no sistema de valores da teoria da linguagem²⁴. Significante e significado são abstrações da teoria linguística, necessárias para a descrição da linguagem. São termos de uma linguagem descritiva e objetiva.

A leitura que Hjelmslev fez de Saussure não perdeu de vista a continuidade metodológica entre a teoria do signo e as dicotomias *língua – fala* e *sintagma – paradigma* (SAUSSURE *et al.*, 1916). Se o que organiza o sistema, no sentido saussuriano do termo, são os paradigmas, os signos estão sendo organizados por eles. Se os sintagmas são cadeias da fala e essas cadeias, uma vez analisadas, revelam os paradigmas de signos subjacentes, temos de considerar que os

²³ Eco (1991, p. 50) estabelece um quadro comparativo entre três das teorias do signo influentes no início do séc. XX: Frege, Peirce e Ogden e Richards.

²⁴ Supõem-se que estes objetos psíquicos tenham ainda correspondências no mundo físico, tais como interações neurológicas e ondas sonoras, objetos que podem interessar a outras ciências ou abordagens.

signos se manifestam na fala e se organizam na língua. Donde se conclui que uma teoria da linguagem que considere esses componentes precisa incluí-los juntos num mesmo sistema de valores.

Para dar sentido, numa única teoria, ao sistema de valores, parece ser necessário restabelecer a malha de dependências. A mera oposição entre língua e fala não permitiria em seguida abstrair um sistema de signos organizados em sintagmas e paradigmas. Por outro lado, uma teoria linguística, e isso Saussure já pensara, é um tipo de teoria da linguagem que, se for suficientemente abrangente, pode explicar mais que línguas faladas. Em minha opinião, o desafio de reunir o modelo do signo e as dicotomias saussurianas numa única teoria da linguagem consistiria, se não compreendo mal, em resolver um conflito entre o fato de a dicotomia *langue – parole*, muito específica, estar no âmbito das teorias das línguas naturais, e a teoria do signo, extremamente abrangente, estar no âmbito das teorias das linguagens. A meu ver, esse conflito desaparece na abordagem hjelmsleviana.

Outra dicotomia saussuriana, desgastada pelo intenso uso, mas importante para o projeto hjelmsleviano é *forma – substância*. As afirmações “uma língua é uma forma e não uma substância” ou “uma língua é uma forma entre duas substâncias” (SAUSSURE *et al.*, 1916) anunciam essa importância e levantam algumas questões. Para um sistema de valores, a fala é uma substância em oposição à língua como forma, ou deve estar fora de qualquer consideração? Com relação ao sistema de signos, que a língua também é, significantes e significados têm lugar na forma, na substância ou em ambas? Essas questões, aqui retóricas, exigem reflexão mais aprofundada, mas discuti-las aqui ultrapassaria os objetivos desta tese. Porém, na integração teórica que Hjelmslev propõe, há lugar para a forma e para a substância dentro do procedimento de análise, um lugar que permite a sua definição, como veremos.

Ao discutir a semiótica de Hjelmslev, devemos ter em mente que (i) os objetos descritos estão sempre completamente interligados; e (ii) que qualquer objeto só pode ser descrito sob a perspectiva dos outros objetos²⁵. Considerando isso, qual o lugar da substância? Para o senso comum, há apenas fala e escrita em infinitas flutuações. Para a teoria da linguagem, no entanto, o objeto visado é a constância, como vimos antes. Deve haver constâncias que atravessam as flutuações e aquilo que procuramos desvelar investigando tais flutuações é a constância. Se a forma são constâncias, ou constantes, o seu oposto funcional serão as flutuações, as variáveis, a substância. Hjelmslev comenta a distinção:

²⁵ Badir (2014b) discute a teoria da linguagem de Hjelmslev na perspectiva de uma epistemologia semiótica.

Assim, as considerações que fomos levados a fazer como consequência direta da distinção estabelecida por Saussure entre forma e substância levam-nos a reconhecer que a língua é uma forma e que fora dessa forma, em função com ela, está presente um material não linguístico, a “substância” saussuriana — a *matéria*. Embora seja tarefa da linguística analisar a forma linguística, caberá inevitavelmente a outras ciências analisar a matéria. Da projeção dos resultados da linguística sobre os resultados dessas outras ciências surgirá uma projeção da forma linguística sobre a matéria numa dada língua. (HJELMSLEV, 1961, 77)²⁶

Para o procedimento de análise descrito no *Résumé*, “a *forma* (RTL, D29) é a *constante* (RTL, D14)”, isto é, “um funtivo cuja presença é uma condição necessária para a presença do funtivo com o qual ele tem uma função”; enquanto “a *substância* (RTL, D30) é a *variável* (RTL, D15)”, ou seja, “um funtivo cuja presença não é condição necessária para a presença do funtivo com o qual ele tem função” (HJELMSLEV, 1975). Analisadas pelo procedimento, forma e substância são reconhecidas como funtivos numa função. Desse modo, seria possível que as hierarquias produzidas pela análise linguística e/ou pelas análises conduzidas por outras ciências pudessem refletir-se uma na outra, contraindo uma dependência entre elas. “A análise não linguística da matéria deve levar, então, através de uma dedução (no sentido que atribuímos a esse termo), ao reconhecimento de uma hierarquia não linguística, que contrai função com a hierarquia linguística descoberta através da dedução linguística.” (HJELMSLEV, 1961, 81). Donde se conclui que uma hierarquia linguística poderia ser forma para uma outra hierarquia não linguística, que seria então a substância.

Aceitamos com certa facilidade que as manifestações de linguagem não são iguais entre si; a forma, entretanto, as atravessa sempre igual a si mesma. Se a substância é a variável na manifestação, a forma é o oposto: a constante. A língua é forma, porque ela é a constante que atravessa todas as variáveis de manifestação da linguagem. A investigação, que reconhece as dependências entre constante e variável, entre forma e substância, entre *manifestado* (RTL, D32) e *manifestante* (RTL, D31), lança, sobre as variações infinitas da manifestação, a ordem dos objetos sempre presentes, considerados como classes abstratas e não como objetos singulares²⁷. A forma se apresenta, portanto, em camadas de abstrações dos objetos constantes, destacados da variabilidade dos objetos descritos. Nas palavras do autor:

²⁶ O termo *sentido*, usado na tradução brasileira, no original dinamarquês é *menig*; em inglês adotou-se *purport*; na tradução francesa *sens*. No entanto, não se refere ao significado. Herreman (2010), na tradução do *Résumé* para o francês, preferiu *matière*, que seguimos aqui.

²⁷ O “princípio da forma” não nos leva, como querem alguns, à perda de vínculos com a historicidade da linguagem, conforme nos explica Fiorin (2011). Ao fazer uma incursão pelas proposições de Hjelmslev, Fiorin nos mostra que a historicidade do texto é de fato examinada pela semiótica, mas “não como um conjunto anedótico de dados sobre as condições de produção”.

Então, o que de um ponto de vista é substância, de outro ponto de vista, é forma; isso está ligado ao fato de que os funtivos denotam apenas terminais ou pontos de interseção para funções, e que apenas a rede funcional de dependências tem cognoscibilidade e existência científica, enquanto substância, em um sentido ontológico, permanece um conceito metafísico. (HJELMSLEV, 1961, 81)

2.3.3 O lugar da semiótica

O procedimento glossemático, conforme formalizado no dispositivo textual do *Résumé* (HJELMSLEV, 1975), procura seu ponto de partida no menor número possível de *indefiníveis* (RTL, D182): *condição, descrição, dependência, registro, objeto, repertório e supressão*. O termo *uniforme*, traduzido nos *Prolegômenos* como *homogêneo*, também não é definido, mas aparece nas definições de *análise*, de *componente*; e também na de *fragmentação*, como o oposto *não-uniforme*. Embora esses termos não sejam eles mesmos definidos, todos os outros termos definidos dependem deles, através da cadeia de definições. Apresentamos a seguir alguns termos definidos, mas sem reproduzir as definições, que podem ser encontradas no livro ou na versão *online*.

A definição de *análise* (RTL, D3 ::), posicionada na Op $*GgA0A$ ²⁸, é obtida pela relação entre *descrição, objeto, dependência e uniforme*. A definição de *classe* (RTL, D4 \square) é obtida a partir de *objeto e análise*. Uma classe é analisada em *componentes* (RTL, D5), definição que relaciona *objeto, uniforme, dependência, registro e análise*. A partir de *dependência, condição e análise*, define-se *função* (RTL, D6 φ). Os objetos que contraem função chamam-se *funtivos* (RTL, D13 $p, q, r \dots$), definição que relaciona *objeto e função*. Uma função contraída entre um funtivo *constante* (RTL, D14 $a, b, c \dots$) e outro *variável* (RTL, D15 $x, y, z \dots$) chama-se *determinação* (RTL, D16).

Uma função contraída entre funtivos que se mantêm juntos numa sequência é chamada de função *e...e*, função de concatenação. Todos os funtivos encadeados contraem entre si essa função. Na análise, ela será chamada de *relação* (RTL, D7 R), e seus funtivos serão chamados *relatos* (RTL, D60). Esses funtivos estão encadeados, mas cada posição que ocupam na cadeia implica a possibilidade de haver outros objetos que possam substituí-los nesse ponto. Chama-se função *ou...ou* a função contraída entre funtivos que se alternam. É possível que todos os funtivos numa cadeia, além da relação, contraíam também uma função *ou...ou* com outros funtivos que podem ocupar a mesma posição que aqueles. Na análise, tal função será

²⁸ Lê-se a operação $*GgA0A$ como: “seção A da introdução ($*GgA0$) do *componente universal* ($*GgA$) da *glossemática* ($*Gg$)”.

chamada de *correlação* (RTL, D10 :), e os funtivos que a contraem *correlatos* (RTL, D53). Como exemplo, poderíamos colocar as palavras *casona* e *casinha* em oposição: o [on], na primeira, e o [inh], na segunda, são relatos na relação com os outros componentes em cada palavra e são correlatos entre si.

Numa classe analisada, os componentes desta, tomados como classe, podem ser também analisados em componentes. Essa classe de classes é chamada *hierarquia* (RTL, D8). Ora, as classes ou as hierarquias podem ser funtivos, se contraem função. Desse modo, o dispositivo encontra a definição de *processo* (RTL, D9), como “uma hierarquia relacional” e também a de *sistema* (RTL, D11), como “uma hierarquia correlacional”. A análise de cada processo é chamada de *partição* (RTL, D19) e a do sistema chama-se *articulação* (RTL, D20). Ambas as definições, partição e articulação, dependem da de *derivado* (RTL, D18) que relaciona as definições de classe, componente e dedução. Os derivados são identificados pelo *grau* (RTL, D21 1, 2, 3...). Se certos derivados de mesmo grau pertencem a um único e mesmo processo ou a um único e mesmo sistema, são ditos constituir um *ranque* (RTL, D22). Derivados pertencentes ao mesmo ranque podem contrair uma função chamada *mutação* (RTL, D23 ;), função particularmente importante para a definição de semiótica.

No dispositivo glossemático, uma *semiótica* (RTL, D24 $\gamma^\circ g^\circ$) é “uma *hierarquia* na qual cada um dos *componentes* admite uma *análise* posterior em *classes* definidas por *relação* mútua, de tal modo que cada uma destas classes admite uma análise em *derivados* definidos por *mutação* mútua” (Figura 2). Desse modo, encontramos a definição de semiótica no exato lugar que lhe cabe no procedimento e na cadeia de definições, na dedução. Hjelmslev refere-se a ela do seguinte modo:

Esta definição, que nada mais é do que a consequência formal de tudo o que desenvolvemos até aqui, obriga o linguista a considerar como seu objeto não apenas a linguagem “natural” do dia-a-dia, mas qualquer semiótica — qualquer estrutura que seja análoga a uma linguagem e satisfaça a definição dada. Uma língua (no sentido comum) pode ser vista como um caso especial desse objeto mais geral, e suas características específicas, que dizem respeito apenas ao uso linguístico, não afetam a definição dada. (HJELMSLEV, 1961, p. 106-7)

Nesse ponto, os componentes e derivados de uma semiótica não têm nenhuma outra denominação, são abstrações formais que aguardarão o lugar exato de sua definição. Isso será feito somente muito adiante no dispositivo, na Op *GgBOHa, do *componente geral*. Ali, encontraremos: “As designações *plano do conteúdo* ou *pleremática* (γ°) e *plano da expressão* ou *cenemática* (g°) são nomes distintos atribuídos arbitrariamente aos planos de uma semiótica, cujo

número é dois e somente dois.” (HJELMSLEV, 1975, p. 95, D163-4). Relacionando a definição de semiótica com a de processo, pode-se formular a definição de *sintagmática* (RTL, D33 $\gamma^{\circ}g^{\circ}R$), como “um processo semiótico”; relacionando com a de sistema, formula-se a definição de *paradigmática* (RTL, D35 $\gamma^{\circ}g^{\circ}$), como “um sistema semiótico”.

Como fica evidenciado, o dispositivo de formalização glossemático não é um dicionário, uma vez que há determinação entre as definições pressupostas e aquelas que as pressupõem (cf. N9), e nenhuma está definida de modo isolado. De fato, *sintagmática* herda a definição de *processo*; *paradigmática* herda a de *sistema*, e todas herdam as definições de *hierarquia* e *classe*. Por via da definição de processo, a de *sintagmática* herda também a de *relação* e, por meio desta, a de *função*. Do mesmo modo, a definição de *paradigmática* herda, por via da de sistema, a de *correlação* e, através desta, a de *função*.

A função semiótica de Hjelmslev é um construto elegante, porque se apresenta simples, embora resulte da análise exaustiva de um objeto em nada simples. Ela possibilita uma só descrição para todo objeto que tem a mesma “estrutura análoga”, não importa a complexidade envolvida. Portanto, o procedimento descritivo pode ser aplicado também à descrição de objetos não linguísticos, desde que se possa demonstrar neles as cinco características fundamentais envolvidas na estrutura básica de qualquer linguagem, como Hjelmslev (1959, p. 35) estabelece no final do terceiro ensaio:

- a) Uma linguagem consiste em um *conteúdo* e uma *expressão*;
- b) Uma linguagem é constituída de um *processo* e de um *sistema*;
- c) O conteúdo e a expressão relacionam-se entre si mediante *comutação*;
- d) Existem certas relações definidas no interior do processo e do sistema;
- e) Não existe uma correspondência exata entre o conteúdo e a expressão.

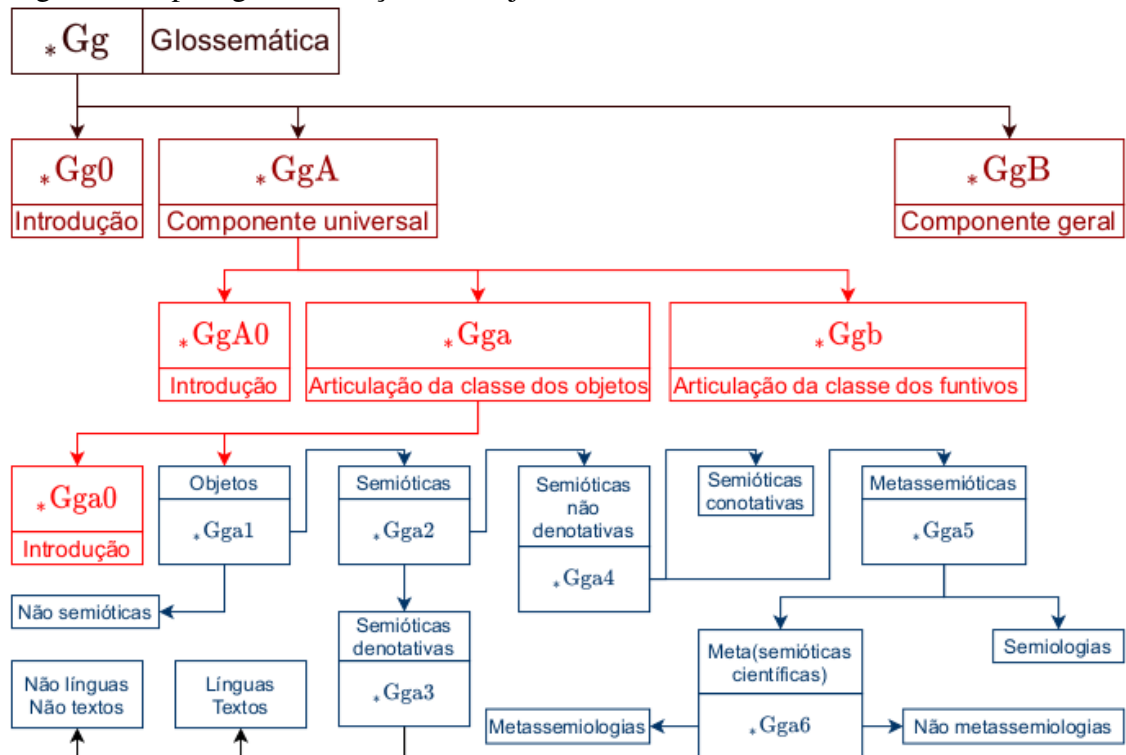
Isso significa que, além de descrever línguas naturais como português, ou libras, o procedimento, a partir da função semiótica, poderia descrever também peças de teatro, filmes, espetáculos, shows de rock e programas de televisão; poderia lidar com as interfaces de computadores e celulares, ou dos videogames; poderia lidar com livros didáticos, revistas e jornais; panfletos, cartazes e anúncios publicitários; poderia lidar com a linguagem da fotografia, dos mapas e dos infográficos; poderia lidar com as obras arquitetônicas; poderia lidar com a moda, a música ou a canção; e com tantas outras semióticas que nos rodeiam e nos atravessam continuamente em nossas interações cotidianas.

2.3.4 A articulação dos objetos semióticos

Na Subseção 2.3.3, vimos uma amostra mínima do mecanismo das definições no dispositivo textual do *Résumé*. Mas a descrição que o dispositivo possibilita apresenta-se também na forma de um *procedimento* (RTL, D-VII), que “é uma classe de operações com determinação mútua”. Cada *operação* (RTL, D40 Op) contém o que for necessário (definições, notas, regras, etc.) para a análise adequada do objeto ao qual se aplica. Nesta seção, examinaremos a Op *Gga, que articula a classe dos objetos, conforme o seguinte objetivo:

O objetivo da Op *Gga é prover os meios para identificar um objeto dado como semiótica ou não-semiótica; e para identificar as semióticas como semióticas denotativas ou não-denotativas; as semióticas denotativas como línguas (ou textos) ou não-línguas (ou não-textos); as semióticas não-denotativas como metassemióticas ou semióticas conotativas; as metassemióticas como meta(semióticas científicas), ou como semiologias internas ou externas; e as meta(semióticas científicas) como metassemiologias internas ou externas, ou como não-metassemiologias. (HJELMSLEV, 1975, p. 9)

Figura 1 – Op *Gga Articulação dos objetos

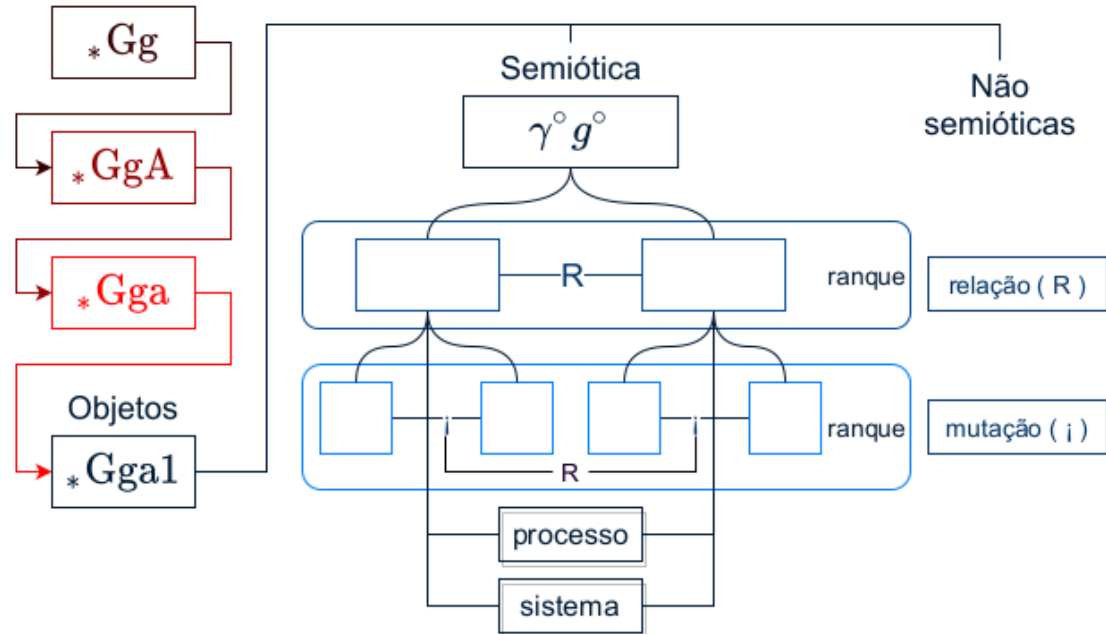


Fonte: Gráfico do autor.

Como se pode acompanhar no fluxograma da Figura 1, a Op *Gga deriva, além da

introdução (Op *Gga0), seis operações mais específicas para articular certos objetos como classes particulares de semiótics. Fazemos, a seguir, um duplo exercício de facilitação da exposição: (i) ensaiar uma representação gráfica para as definições das classes de semiótics; e (ii) aplicar as definições a exemplos não linguísticos (cartazes, fotografias, poemas, etc.), como ensaio da aplicação que se fará à *chamada*. As duas tarefas exigem cuidado para não se ultrapassar os limites da formalização. Em vista disso, os gráficos e exemplos a seguir devem ser considerados como um adicional ilustrativo que não pretendem, de modo algum, substituir as definições do dispositivo²⁹.

Figura 2 – Op *Gga1 Articulação da classe dos *objetos*



Fonte: Gráfico do autor.

A Op *Gga1 (Figura 2) define a forma de objetos semióticos. Para uma semiótica ser identificada, o objeto submetido precisa ser adequado à definição e esta a ele. A Op *Gga1 inclui quatro definições, cuja dedução já foi apresentada na Subseção 2.3.3 (p. 55): *grau* (RTL, D21 1, 2, 3...), *ranque* (RTL, D22), *mutação* (RTL, D23 ι) e *semiótica* (RTL, D24 γ°g°). O critério de não-conformidade entre supostos dois componentes de uma classe é o que permite decidir se são dois ou um só. Então, para uma semiótica ter dois componentes, eles “não devem ser conformes” um ao outro (HJELMSLEV, 1961, p. 112).

²⁹ Badir (2014b, Cap. III) faz a análise detalhada das definições e das representações gráficas propostas para elas no Résumé.

A aplicação do procedimento, portanto, descarta os objetos não semióticos e estabelece a fronteira a partir da qual os objetos são semióticos. Se um objeto, tal como o jogo de xadrez, for submetido às definições da Op_{*Gga1} , ele deve ser descartado. Não seria possível encontrar adequação, porque, embora haja conteúdo e expressão, cada grandeza da expressão (as peças do jogo, por exemplo) mantêm uma exata correspondência com as grandezas do conteúdo. Essa equivalência é típica nos sistemas simbólicos, mas não nas semióticas (HJELMSLEV, 1961, p. 113).

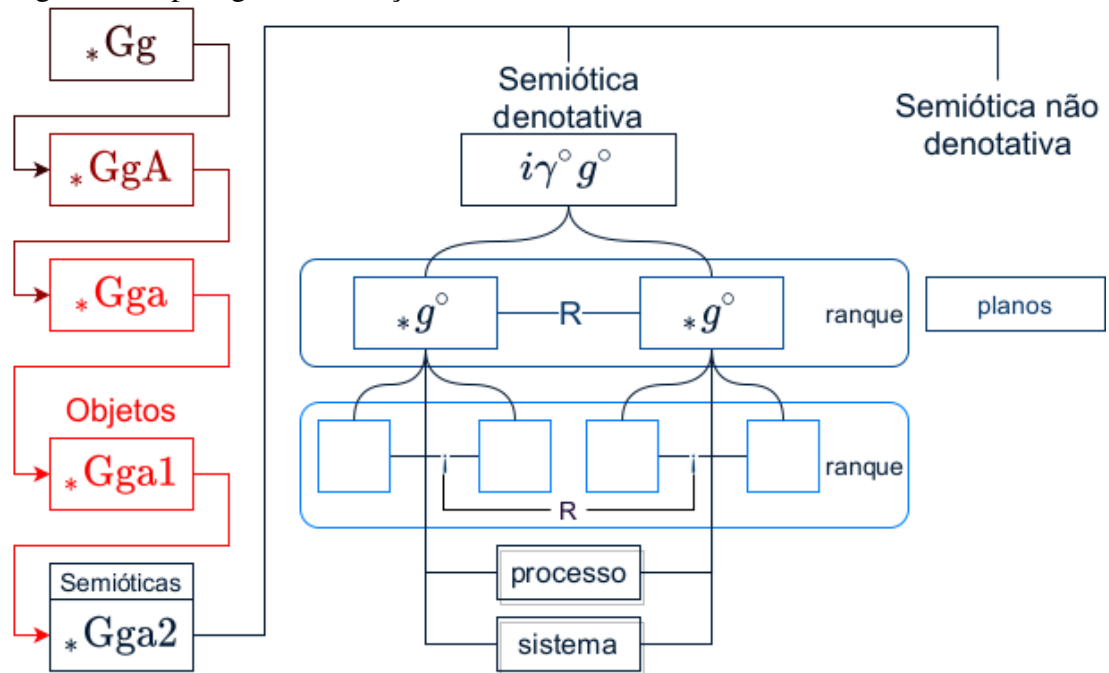
O cartaz, por outro lado, parece apresentar as características de uma linguagem. Nesse caso, seria adequado à teoria e poderia ser descrito por ela. Sua descrição formal seria, então, a de uma semiótica? Sim, na medida em que a definição consiga diferenciá-lo das não semióticas. Porém, a complexidade do cartaz parece ir além das possibilidades descritivas da definição de semiótica. Essa classe formal pode lidar com processos e sistemas, mas não com os textos e línguas, ou com as sintagmáticas e paradigmáticas encontradas no cartaz. A adequação do objeto pode exigir uma classe formal mais complexa e ao mesmo tempo mais específica. Ou seja, o objeto descrito, assim como as definições e as operações do dispositivo, tem um lugar de descrição apropriado.

Apesar disso, parece correto supor que haja bastante a dizer sobre cartazes em termos semióticos, mesmo considerando apenas as classes formais definidas na Op_{*Gga1} . De fato, a projeção dessas definições da forma semiótica sobre o cartaz torna possível distinguir nele:

- a) um objeto analisável;
- b) classes, componentes e hierarquias;
- c) funções contraídas entre classes e componentes;
- d) relações e correlações entre derivados;
- e) hierarquias relacionais (processo);
- f) hierarquias correlacionais (sistema);
- g) determinação entre classes e derivados na mesma dedução;
- h) um grau para cada derivado e um ranque ao qual os derivados pertencem;
- i) mutação entre certos derivados;
- j) classes comuns cujos componentes contraem relação mútua;
- k) e derivados de componentes que contraem mútua mutação.

Uma vez que o objeto mostra-se adequado às classes analíticas da Op_{*Gga1} , é possível seguir aplicando a ele outras classes formais do procedimento.

Figura 3 – Op $*Gga2$ Articulação da classe das *semióticas*



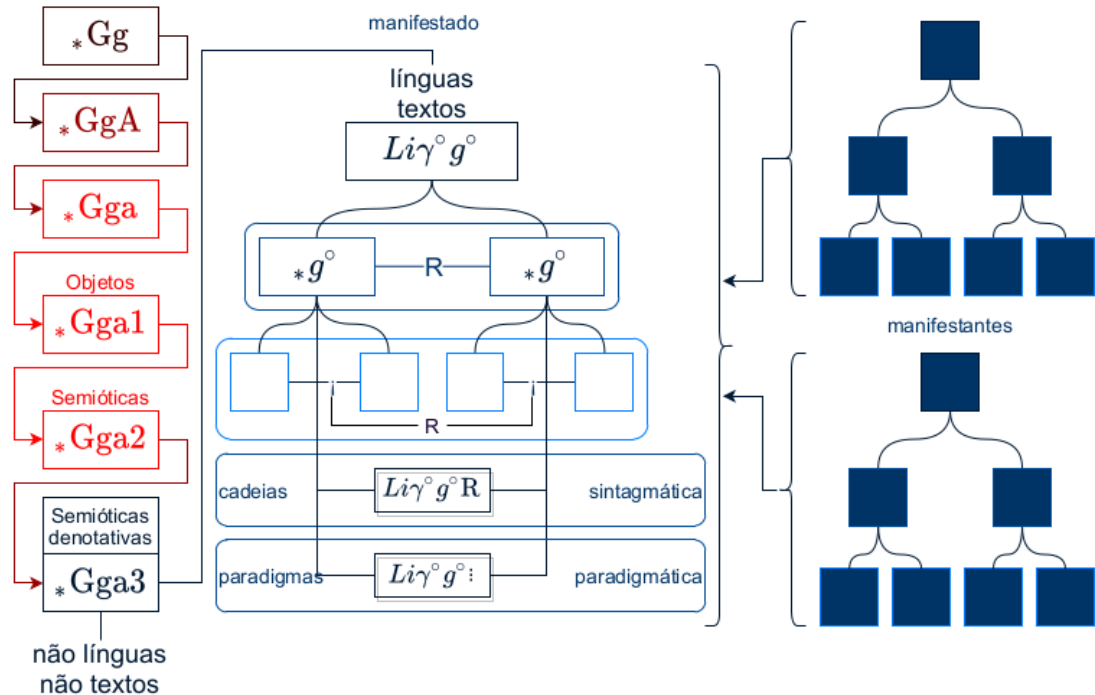
Fonte: Gráfico do autor.

A Op $*Gga2$ (Figura 3) articula *semióticas* em *semióticas denotativas* ou *não denotativas*. Nessa operação, as duas únicas definições acrescentadas são: *plano* (RTL, D25 $*g^{\circ}$), “um componente de uma semiótica”; e *semiótica denotativa* (RTL, D26 $i\gamma^{\circ}g^{\circ}$), “uma semiótica na qual nenhum dos planos é uma semiótica”. Essa definição gera duas implicações: (i) planos podem ser semióticas; e (ii) semióticas podem ter semióticas como componentes. Observa-se, nesse ponto, que os planos ainda são genéricos.

Examinemos fotografias dessa vez. Suponhamos que um engenheiro fotografa as instalações elétricas de uma fábrica para apontar problemas de manutenção. Ao projetar a forma semiótica sobre essas fotografias, provavelmente poderemos encontrar dedução semelhante àquela encontrada para o cartaz, se fotografias forem objetos semióticos. Porém, assim como acontece com o cartaz, talvez as fotografias de instalações sejam mais complexas. Parece óbvio que: (i) elas revelam, pela imagem, os problemas que o engenheiro detecta e as escolhas que ele faz ao fotografar; (ii) elas são objetos interpretáveis para quem as vê; (iii) se incluídas numa página na internet ou num álbum, elas podem causar efeitos de significado agregados pelo uso. Uma semiótica denotativa, por sua vez, é uma classe formal muito simples, apenas se distingue de outras mais complexas, nas quais um ou mais componentes podem ser semióticas, na forma de um plano. Como não distingue a sintagmática, por exemplo, não permite estabelecer detalhes

nas fotografias e/ou nos cartazes.

Figura 4 – Op *Gga3 Articulação da classe das *semióticas denotativas*



Fonte: Gráfico do autor.

Na Op *Gga3 (Figura 4), as *semióticas denotativas* são articuladas na classe das *línguas* e dos *textos* e na classe das *não-línguas* e *não-textos*. A operação agrega novas definições, ampliando os relacionamentos:

- entre relação, constante e variável em *seleção* (RTL, D27);
- entre seleção, hierarquias e derivados em *manifestação* (RTL, D28);
- entre constante e manifestação em *forma* (RTL, D29);
- entre variável e manifestação em *substância* (RTL, D30);
- entre derivado e substância em *manifestante* (RTL, D31 \wedge);
- entre derivado e forma em *manifestado* (RTL, D32 \vee);
- entre processo e semiótica em *sintagmática* (RTL, D33 $\gamma^\circ g^\circ R$);
- entre classe, derivado e sintagmática em *cadeia* (RTL, D34 N);
- entre sistema e semiótica em *paradigmática* (RTL, D35 $\gamma^\circ g^\circ :$);
- e entre classe, derivado e paradigmática em *paradigma* (RTL, D36 $< >$).

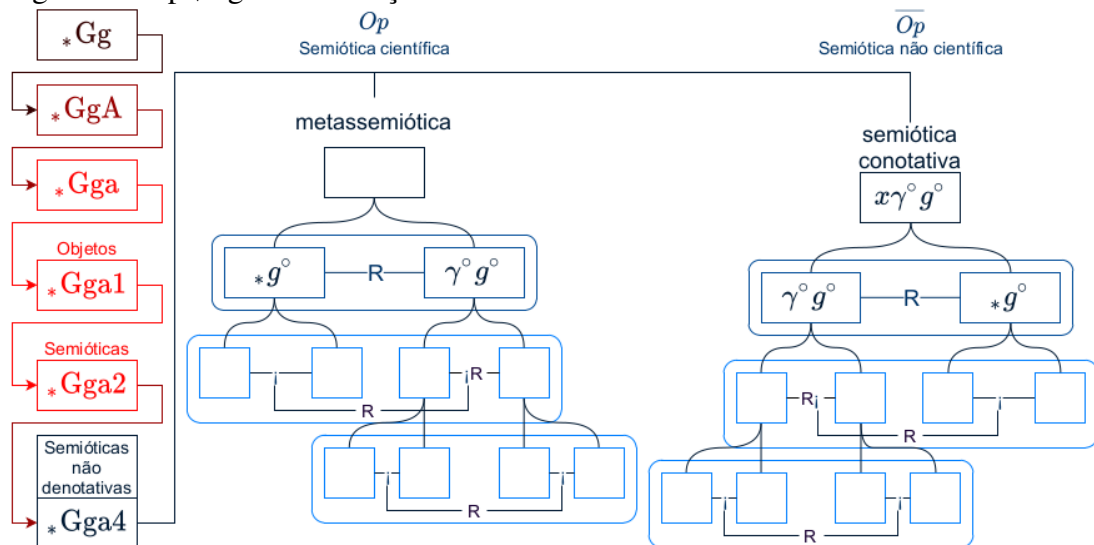
Por fim, a cadeia de definições é integrada nas definições de *matéria* (RTL, D37), *língua* (RTL, D38 $L\gamma^\circ g^\circ :$) e *texto* (RTL, D39 $L\gamma^\circ g^\circ R$).

Pois bem, ao aplicar as novas definições ao cartaz, é possível revelar, além da dedução semiótica, também uma dedução linguística. É possível analisar finalmente o texto do cartaz: suas classes manifestadas, suas cadeias e sua sintagmática. Também se revela a língua do cartaz: os paradigmas e a paradigmática. A extensão dessas possibilidades, no entanto, ainda não parecem esgotar o objeto: os cartazes incluem múltiplos objetos semióticos. Hjelmslev explica-nos isso da seguinte maneira:

Para estabelecer uma situação modelo simples, trabalhamos com a premissa de que o texto dado apresenta homogeneidade estrutural e que estamos justificados ao encatalisar um e apenas um sistema semiótico para o texto. Essa premissa, no entanto, não se sustenta na prática. Ao contrário, qualquer texto que não seja de extensão tão pequena que não forneça uma base suficiente para deduzir um sistema generalizável para outros textos geralmente contém derivados que se baseiam em sistemas diferentes. (HJELMSLEV, 1961, p. 115)

Isso também parece ocorrer no caso da fotografia. Suponhamos que o engenheiro do nosso exemplo é uma pessoa sensível e aproveita o ensaio fotográfico para explorar as ambiguidades que as imagens de tubulações, fios e interruptores podem gerar. Para alcançar seu objetivo, ele alterna os ângulos de captura das imagens, descontextualiza certos objetos para que pareçam outros e assim vai criando efeitos de sentido inesperados e distantes do objetivo documental inicial. As técnicas expressivas do fotógrafo imprimem, por assim dizer, certo *estilo* às fotografias; em consequência, seriam necessárias classes formais mais complexas para descrevê-las.

Figura 5 – Op *Gga4 Articulação da classe das *semióticas não denotativas*



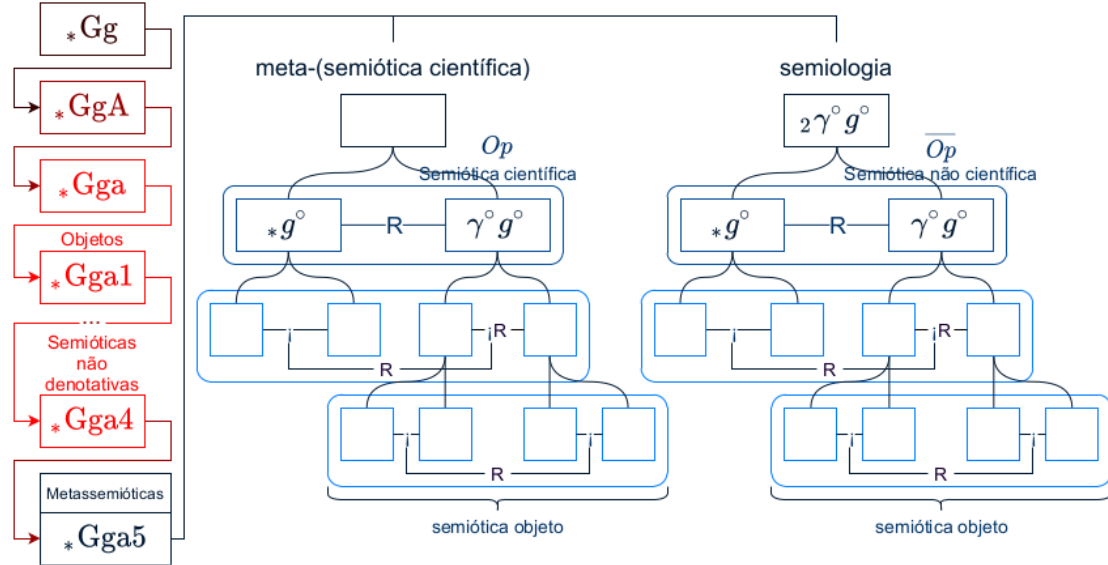
Fonte: Gráfico do autor.

Na Op *Gga4 (Figura 5), articula-se a classe das *semióticas não-denotativas* na classe das *metassemióticas* (RTL, D43) e na classe das *semióticas conotativas* (RTL, D44 $x\gamma^\circ g^\circ$). Ao contrário das semióticas denotativas, estas podem ter outras semióticas como planos, de modo que são mais complexas. Em compensação, são apropriadas para descrever um conjunto mais específico de objetos. Para distingui-las, a Op *Gga4 define duas novas classes de semióticas: (i) uma “que é uma operação”, chamada de *semiótica científica* (RTL, D41); e (ii) outra “que não é operação”, chamada de *semiótica não científica* (RTL, D42). Ambas são dependentes da definição de *operação* (RTL, D40 Op), “uma descrição que está conforme o Pr 1”, que é o princípio empírico. A diferença entre metassemiótica e semiótica conotativa, então, está no fato de a primeira herdar, através da cadeia de definições, a definição de operação, enquanto a outra não. As metassemióticas, portanto, aplicam-se de modo genérico às ciências semióticas, desde que estejam conforme o Pr 1; as semióticas conotativas aplicam-se aos outros objetos complexos, como cartazes e fotografias, que a semiótica denotativa descreve apenas genericamente.

A análise de poemas, por exemplo, através da classe formal da semiótica conotativa, revela pelo menos duas sintagmáticas possíveis. Aquela mais externa, que pertence ao próprio poema, relacionaria objetos como *ritmo*, *acento*, *pé*, *verso*, *estrofe*, *rima*, *aliteração*, etc. A outra, mais interna, pertenceria à língua natural usada na composição do poema. Essas unidades sintagmáticas do poema não pertencem à língua natural. No entanto, a semiótica denotativa da língua natural não desaparece dentro do poema, de modo que será possível ainda reconhecer as unidades de sua sintagmática. O mesmo se pode dizer da paradigmática nas duas semióticas: os paradigmas do poema articulam classes diferentes daquelas articuladas pelos paradigmas da língua natural. “Em outras palavras, depois de concluída a análise da semiótica denotativa, a semiótica conotativa deve ser submetida a uma análise exatamente de acordo com o mesmo procedimento.” (HJELMSLEV, 1961, p. 119). Em consequência, não é a beleza do poema que faz dele uma semiótica conotativa, mas a complexidade de suas hierarquias. Porém, nada impede que a estética do poema seja incluída também numa análise posterior.

Na Op *Gga5 (Figura 6), articula-se a classe das *metassemióticas* na classe das *meta-(semióticas científicas)* (RTL, D46) e na classe das *semiologias* (RTL, D47 $2\gamma^\circ g^\circ$) *internas* (RTL, D48 $i_2\gamma^\circ g^\circ$) e *externas* (RTL, D49 $x_2\gamma^\circ g^\circ$). Todas são dependentes da definição de *semiótica objeto* (RTL, D45), denominação dada a uma semiótica que entra como plano de outra. Desse modo, meta-(semióticas científicas) e semiologias se distinguem apenas pela classe de semiótica objeto que entra nelas: semiótica científica na primeira e semióticas não científicas na segunda.

Figura 6 – Op *Gga5 Articulação da classe das *metasemióticas*



Fonte: Gráfico do autor.

Todas são ciências semióticas (definição herdada das metasemióticas), mas as meta-(semióticas científicas) analisam outras ciências da linguagem, enquanto as semiologias analisam semióticas *comuns*, denotativas ou conotativas.

Antes, já foi dito que a linguagem é um instrumento de formação ou modelação do mundo. Modelar algo, nesse contexto, significa transformá-lo numa linguagem com a qual se pode falar sobre ele: seria esse o primeiro grau de modelação³⁰. De fato, poderíamos estender isso a todas as semióticas não científicas, sejam línguas naturais, fotografias, poemas, cartazes, etc. As semiologias, ciências da linguagem, instaurariam, por sua vez, o segundo grau de modelação, que é o grau em que uma linguagem modela outra. Portanto, uma semiologia modelaria a semiótica objeto que descreve: uma semiótica não científica de primeiro grau. As gramáticas, por exemplo, como descrições de línguas naturais, parecem adequar-se a essa classe das semiologias, se estiverem conformes ao *princípio empírico*.

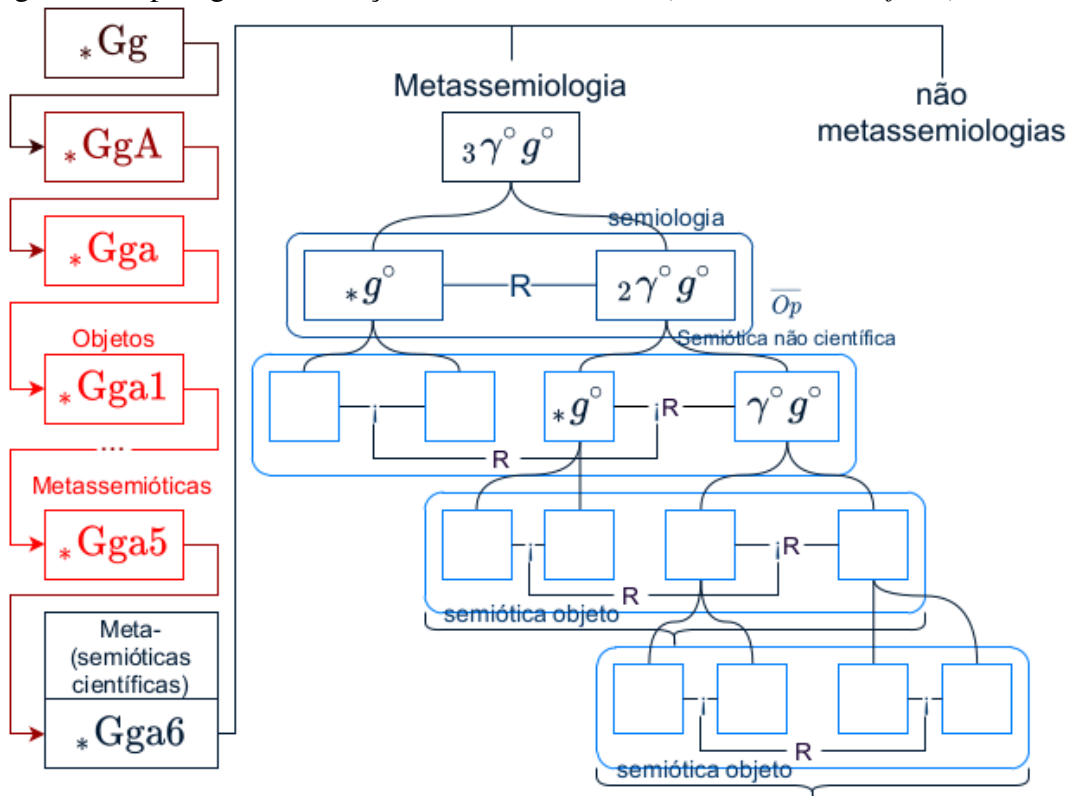
Na descrição semiológica, há um objeto descrito e um descritor. A semiótica descrita seria a semiótica objeto, o descritor seria o plano oposto. Ambos são componentes da semiologia, definem-se como *planos semiológicos* (RTL, D169 2_*g°). Do mesmo modo que dizemos *plano do conteúdo* e *plano da expressão* nas semióticas, nas semiologias podemos dizer *plano semiológico do conteúdo*, também chamado *descrito*, e *plano semiológico da expressão*, também chamado

³⁰ É preciso esclarecer que o termo *modelar* como equivalente de *formar* não tem uso nos *Prolegômenos* e não faz parte do sistema de definições do *Résumé*. Embora não deva ser tomado como um termo técnico da glossemática, ele é útil para simplificar a apresentação das ideias.

descriptor, ambos podem ser chamados *funtivos semiológicos*.

Retomando o exemplo anterior. As fotografias, feitas pelo engenheiro que documenta as instalações elétricas da fábrica, formam um painel sobre elas, criam um modelo que semiotiza as instalações reais. Mesmo as fotografias ampliadas por seus conotadores (uso, estilo, efeitos estéticos, etc.) também constroem um modelo das instalações. Se essas fotografias fossem estudadas por especialistas em linguagem fotográfica para encontrar nelas toda sorte de características típicas das fotografias de instalações, então teríamos uma semiologia da fotografia. Não devemos, porém, limitar essa abordagem ao saber sobre a técnica fotográfica, é bem mais que isso. Outro exemplo de semiologia poderia ser a crítica literária que se faz sobre um poema (ou sobre qualquer peça literária). Quando o poema é submetido à crítica, ela o reconstrói, segundo os padrões de análise aceitos pela comunidade dos críticos. Naturalmente, o requisito glossemático para o reconhecimento de uma semiologia em qualquer desses casos é a conformidade com *princípio empírico*.

Figura 7 – Op *Gga6 Articulação da classe das *meta-(semióticas científicas)*



Fonte: Gráfico do autor.

Na Op *Gga6 (Figura 7), articula-se a classe das *meta-(semióticas científicas)* na

classe das *metasemiologias* (RTL, D50 $3\gamma^{\circ}g^{\circ}$) *internas* (RTL, D51 $i_3\gamma^{\circ}g^{\circ}$) e *externas* (RTL, D52 $x_3\gamma^{\circ}g^{\circ}$) e na classe das *não metasemiologias*. O dispositivo do *Résumé* não define as não metasemiologias. Na prática, elas estabelecem uma fronteira, assim como se estabeleceu uma com as *não semióticas*. As metasemiologias, ao contrário, são claramente definidas. Sua característica distintiva é que elas descrevem semiologias, do mesmo modo que as semiologias descrevem as semióticas *comuns*. São as ciências das ciências da linguagem.

As metasemiologias constituem, por causa disso, o terceiro grau de modelação: a modelação das ciências da linguagem. Não se deve confundir as ciências metasemiológicas com a filosofia da ciência ou mesmo com a filosofia da linguagem. Metasemiologia não é análise filosófica, é a linguagem descritora de uma semiologia que cumpre o papel de semiótica objeto, objeto de análise da metasemiologia. Até onde percebo, atualmente só existe uma metasemiologia no campo das ciências da linguagem, que é o próprio procedimento glossemático.

Na descrição metasemiológica, há um objeto metadescrito e um metadescriptor. A semiótica metadescrita seria a semiótica objeto da metasemiologia, o metadescriptor seria o plano oposto. Ambos são componentes da metasemiologia, definem-se como *planos metasemiológicos* (RTL, D170 3_*g°). Do mesmo modo que dizemos *plano semiológico do conteúdo* e *plano semiológico da expressão* nas semiologias, nas metasemiologias podemos dizer *plano metasemiológico do conteúdo*, também chamado *metadescrito*, e *plano metasemiológico da expressão*, também chamado *metadescriptor*, ambos podem ser chamados *funtivos metasemiológicos*.

Retomando o exemplo do poema, podemos fazer a seguinte aplicação. O poema é uma semiótica conotativa na qual uma semiótica denotativa funciona como plano. A análise literária do poema, por sua vez, inclui um exercício de descrição e compreensão crítica que toma o poema como objeto. Portanto, a análise literária, se atender ao princípio empírico, é uma semiótica científica. Como o poema, que entra nela como plano, é uma semiótica conotativa, podemos dizer que a análise literária é uma semiologia externa. Mas qual o lugar da metasemiologia? É preciso ampliar o exemplo para encontrá-la. Suponhamos que um professor de teoria da literatura discute com seus alunos sobre os diversos tipos, técnicas, métodos e abordagens da crítica literária. Seu objeto, durante essa aula, não é mais o poema, é uma certa análise do poema, entre tantas outras análises possíveis. Essa aula é uma análise sobre como analisar, é uma crítica da crítica, é uma análise científica sobre a semiologia do poema. Essa aula pode ser descrita como uma metasemiologia.

No âmbito das *metasemiologias* e *semiologias* formuladas por Hjelmslev nos *Prolegômenos* e formalizadas no *Résumé*, uma linguagem, que opera a análise de outra linguagem, toma esta última como objeto, integrando-a como *plano*. Ambas são *semióticas*, mas a diferença entre elas consiste na externalidade daquela que descreve e na internalidade da que é descrita. A semiótica mais externa opera uma análise, é uma ciência, uma semiologia. A semiótica mais interna é uma *semiótica objeto*. Uma semiótica linguística — *língua e texto* — é exemplo desse tipo particular de *semiótica denotativa*, submetido ao ponto de vista analítico de uma *semiologia interna*. As classes e funções analisadas, nessa semiótica objeto, constituem seu *processo* ao qual correspondem as classes e funções de seu *sistema*, visadas pela análise formal da semiologia. As classes descritivas e as funções que contraem constituem o *processo – sistema* da semiologia e também podem ser analisadas por uma semiótica externa a elas, uma metasemiologia, que visa as classes e funções mais complexas da descrição.

Como vimos, as classes semióticas descritas pelo procedimento glossemático estão hierarquizadas em graus de análise recursivos: (i) aquele das semióticas denotativas e conotativas, que se aplica às línguas naturais, mas não apenas a elas; (ii) aquele das teorias da linguagem ou semiologias, que se aplica a qualquer ciência que tome uma linguagem como objeto; e (iii) aquele das teorias das teorias ou metasemiologias, que se aplica à própria glossemática, mas não apenas a ela. Esses graus de análise estão inteiramente integrados, não funcionam isolados uns dos outros. As hierarquias que descrevem semióticas, semiologias e metasemiologias são uma elegante solução, encontrada por Hjelmslev, para a continuidade entre *descritores* e *descritos*, entre *metadescritores* e *metadescritos*, uma vez que sua posição no grau determinado pelo procedimento é o que os distingue.

3 METODOLOGIA

A primeira tarefa para a descrição das multissemióticas na *chamada* é isolar o objeto de estudo com o qual a pesquisa vai lidar. Esse objeto só se torna válido na medida em que é adequado ao procedimento que o examina. Logo, essa adequação é uma questão relevante desde o início. A segunda tarefa é desenhar um procedimento dedutivo que possa aplicar-se ao objeto a ser descrito. De um lado, o procedimento é parte das operações da glossemática; de outro, ele deve ajustar-se ao objeto estudado com precisão. No entanto, o que procuramos está além do procedimento e além do objeto. Procuramos o sistema subjacente ao processo e o procedimento é a ferramenta que o revela.

3.1 O recorte do objeto descrito

A primeira hierarquia estabelecida é aquela das classes de variáveis (aqui chamadas simplesmente de objetos), que constituem a matéria da chamada. Essas classes de objetos selecionam, conforme as entende a teoria, as classes formais da semiologia que as descrevem, quer sejam unidades no processo (ou na sintagmática), quer sejam categorias no sistema (ou na paradigmática). Embora essas classes de variáveis sejam as mais acessíveis e constituam o ponto de partida da investigação, elas não são ainda as classes selecionantes descritas pelas hierarquias glossemáticas.

3.1.1 Seleção do corpus

O *corpus* da pesquisa precisa estar em formato digital para favorecer o recorte das *chamadas* e também precisa ser uma cópia *fac-símile* para permitir a análise de ilustrações e gráficos, com o mínimo de perda possível. Mesmo a semiótica linguística presente na *chamada* impressa tem um componente visual, dentro do qual podem estar muitos objetos gráficos (*fundo, mancha, fonte, corpo, estilo, alinhamento, marcações, sublinhados, cor, linhas ou fios, quadros*) que podem mostrar-se importantes para o procedimento descritivo. Os *corpora* textualizados não trazem as ilustrações e dispensam toda a organização gráfica da página de jornal, então, não se prestam ao tipo de abordagem intersemiótica.

Foram selecionadas 10 edições do Jornal O Povo (JOP) e 10 da Folha de São Paulo (FSP), no período de 5 a 14 de abril de 2017 (Anexo A). As edições escolhidas tem um pareamento de datas, de modo a garantir uma certa coincidência da pauta jornalística. Embora

isso não seja relevante para o procedimento, pode ser interessante comparar *chamadas* de veículos diferentes quanto à temática. As edições foram arquivadas digitalmente em formato *pdf*. As imagens *fac-símiles* das capas das edições selecionadas foram obtidas na internet no formato *jpg*, depois as *chamadas* foram recortadas e convertidas na sua versão final para armazenamento em formato *png*. As capas e edições originais foram preservadas sem alteração. Nesta fase, foi utilizado o software Gimp 2.10.18 para o tratamento gráfico das imagens das capas e das *chamadas*. Foram recortadas 272 *chamadas* nas 20 capas selecionadas que passaram a constituir o *corpus* da pesquisa. Chegou-se a esse número depois de várias tentativas de recortes que terminaram por identificar como *chamada* alguns objetos considerados antes apenas como seções.

A primeira e mais importante questão para a seleção das *chamadas* é a distinção evidente da *chamada* em relação a outros tipos de objetos presentes nas capas de jornal, como *anúncio*, *cabeçalho*, *rodapé*, *expediente* e outras informações do veículo e da edição. Nenhum desses objetos, entretanto, inclui remissão direta para outro objeto no interior da edição, apenas a *chamada* faz isso de maneira recorrente. Portanto, o objeto, cuja presença caracteriza a *chamada* neste ponto da investigação, é a remissão, entendida aqui como a indicação de um outro lugar de leitura na própria edição, através de recursos expressivos reconhecíveis, como a indicação de editoria e/ou de numeração de página.

Deixemos explícito: não se tem ainda nenhuma definição para os objetos em questão. Isso só será obtido mais adiante, através do detalhamento da dedução. Mesmo assim, essa caracterização inicial é um critério de seleção das *chamadas*. O objeto *remissão*, assim considerado, constitui-se de dois objetos remissores, marcados pela apresentação gráfica: (i) um *localizador topográfico*, que pode apontar para objetos como *páginas*, *sites* ou outras *edições*; e (ii) um *localizador temático*, que pode apontar para *cadernos*, *seções* ou *colunas*, isto é, aponta para subdivisões da edição. É possível antecipar que, se há objetos remissores, deve haver objetos remetidos, e a descrição deve incluí-los conforme sua contribuição para a compreensão do objeto estudado. O procedimento dedutivo determinará os detalhes das dependências existentes: (i) entre a remissão, a *chamada* e outros objetos da edição; (ii) da remissão com outros objetos internos da *chamada*; e (iii) entre os objetos internos da própria remissão.

As *chamadas*, já recortadas digitalmente em arquivos de imagem separados, foram identificadas. Os arquivos foram nomeados com um código que inclui:

- a) um identificador sequencial por ordem de aparecimento (C001 até C272)³¹;
- b) a sigla do veículo (FSP ou JOP);
- c) o número da edição (32144-32153 ou 29873-29882);
- d) a posição na capa da esquerda para a direita e de cima para baixo, conforme explicado a seguir.

Esse código usado para nomear os arquivos de imagem também será usado para identificar as *chamadas* dentro das figuras incluídas nesta tese.

Os dois veículos (Jornal O Povo e Jornal Folha de S. Paulo) usam, em suas edições, páginas de seis colunas (identificadas no *corpus* com as letras A, B, C, D, E, F), o que permite localizar a *chamada* conforme a coluna de sua ocorrência. Por exemplo, a *chamada* 1, ou C1, foi nomeada com o seguinte código C001FSP32144A1. Em outras palavras, a C1 está na edição 32144 da Folha de S. Paulo na posição 1 da coluna A (*Corpus*, p. 235). A *chamada* 271, ou C271, está identificada com o código C271JOP29882F8, isto é, Jornal O Povo, edição 29882, coluna F, posição 8 (*Corpus*, p. 254). Porém, por razões práticas, as *chamadas* serão indicadas pelo seu número sequencial de C1 a C272 no *corpus* em anexo e nas remissões feitas a elas ao longo desta tese. Todas as *chamadas* podem ser encontradas em seu contexto original no Anexo A. Ali, a numeração aparece no canto superior esquerdo de cada *chamada*; na maioria dos casos, sobreposta à imagem da capa e alinhada com a coluna correspondente.

3.1.2 *Objetos constituintes*

As *chamadas* foram submetidas a verificações prévias para identificar os tipos de objetos presentes na sua constituição. Nessa fase, o critério para a identificação desses objetos repousa exclusivamente na sua caracterização pelo senso mais comum. Às vezes, os objetos são reconhecidos pelo grafismo, outras vezes pelo significado; alguns são objetos simples, outros compostos; alguns podem ser objetos difusos, com marcadores gráficos ambíguos. Esses constituintes das *chamadas* foram selecionados e identificados de maneira apriorística, com base em critérios elaborados a partir da conceituação usual do jargão jornalístico, e o mesmo se aplica aos nomes comuns usados para registrá-los. Não há, pois, nessa classificação, nenhuma pretensão de precisão técnica, embora alguns termos possam ser redefinidos tecnicamente mais adiante, mantidos ou abandonados.

Uma planilha eletrônica foi usada para registrar a presença de cada objeto e associá-lo

³¹ A *chamada* C272 é a única que recebeu numeração fora da ordem de ocorrência.

Tabela 1 – Objetos constituintes encontrados durante a preparação do *corpus* com base em critérios do senso comum

Frequência	Sigla	Objeto	Critério
26	age	Agência	Responsável pela imagem
20	ane	Anexo	Nota anexa sob o mesmo título ou vinheta
5	apr	Apresentação	Apresenta um colunista ou entrevistado
13	aut	Autoria	Referência ao próprio jornal (enunciação)
212	cad	Caderno	Referência a um caderno na edição
11	cit	Citação	Citação de títulos ou trechos na edição
49	col	Coluna	Referência a uma coluna na edição
33	cot	Colunista	Referência a um colunista na edição
3	cor	Correspondente	Fonte no estrangeiro
45	cre	Crédito	Direitos sobre a imagem
30	des	Descritor	Descrição verbal da cena na imagem
3	edi	Edição	Referência à edição atual ou futura
39	elo	Elo	Descrição verbal de algo que está na imagem
256	fat	Fato	Unidade formada por título e/ou nota
67	fio	Fio	Linha (grafismo)
8	fnt	Fonte	Autoria da informação
58	fot	Fotografia	Imagem fotográfica
43	fof	Fotógrafo	Autor da fotografia
9	hip	Hiperlink	Referência a endereço na internet – url
6	ilu	Ilustração	Imagem desenhada
17	ind	Indicador	Medida: temperatura, cotações ou percentuais
2	inf	Infográfico	Representação gráfica de informações
22	int	Interação	Referência ao leitor (enunciação)
36	leg	Legenda	Nota sobre a cena na fotografia
9	loc	Local	Referência a um lugar de fala (enunciação)
22	log	Logomarca	Ícone ou logo de marca
20	man	Manchete	<i>Chamada</i> principal da capa
19	mom	Momento	Referência ao momento de fala (enunciação)
108	not	Nota	Detalhes do fato noticiado (maior extensão)
1	ori	Origem	Localização da informação
244	pag	Página	Referência a uma página na edição
3	pla	Placar	Resultado de partida (esportes)
256	rem	Remissão	Referência para detalhes da notícia na edição
30	sec	Seção	Referência a uma seção na edição
15	sub	Subtítulo	Especificação do título
19	svi	Subvinheta	Especificação da vinheta
214	tit	Título	Fato central da notícia
69	top	Tópico	Especificação da vinheta em destaque
160	vin	Vinheta	Tema da notícia sobreposto ao título

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

à *chamada* para fins de organização prévia. Foram identificados 39 objetos diferentes, totalizando 2202 ocorrências. A frequência absoluta de cada objeto, a sigla para a codificação *xml*, o nome atribuído e o critério de distinção podem ser examinados na Tabela 1.

Esses objetos provisórios serão substituídos, mesclados ou descartados ao longo do processo de investigação. Por essa razão, os dados de frequência na Tabela 1 constituem uma primeira aproximação do *corpus*. De fato, esses números sofreram alterações conforme a pesquisa avançou, mas são apresentados para registro da abordagem preliminar. Outra questão

deve ser mencionada. A localização de objetos dentro da *chamada* é um procedimento arbitrário, uma vez que é possível encontrar uma relação diferente de objetos, bastando, para isso, adotar outro sistema de critérios. A contagem desses objetos, presentes na *chamada*, não tem relevância para o procedimento que se pretende aplicar, e ele poderia ser conduzido sem essa referência quantitativa. No entanto, a frequência pode revelar-se um parâmetro interessante na organização dos objetos a serem submetidos às operações de análise.

3.1.3 Redução dos objetos

Tabela 2 – Redução das classes constituintes para as classes distintivas das chamadas do *corpus*

Frequência	Sigla	Objeto	Objetos agrupados
17	ane	Anexo	Anexo, apresentação, citação
1	ass	Assinatura	Correspondente, fonte, origem
282	cad	Caderno	Caderno, coluna, colunista, edição, remissão, seção
53	cre	Crédito	Agência, crédito, fonte, fotógrafo
8	hip	Hiperlink	Hiperlink
63	ilu	Ilustração	Fotografia, ilustração, infográfico, logomarca, placar
38	leg	Legenda	Descritor, elo, legenda
120	not	Nota	Fato, nota
282	pag	Página	Edição, página, remissão
14	sub	Subtítulo	Subtítulo
272	tit	Título	Fato, manchete, título
36	top	Tópico	Tópico, subvinheta
167	vin	Vinheta	Vinheta, subvinheta

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Depois de ter verificado a pertinência dos objetos escolhidos e de ter feito as contagens iniciais, o passo seguinte da tarefa preparatória consistiu em isolar aqueles objetos que mantêm de modo duradouro a identidade dos diferentes tipos de *chamada*. O objetivo é reduzir ao máximo o número de objetos, agrupando-os tanto quanto possível até restar apenas os objetos distintivos. Os critérios a seguir foram aplicados a cada *chamada* e também aos grupos de *chamadas*, exercitando diferentes parâmetros de comparação entre elas. Os próprios critérios também foram julgados quanto a sua efetiva capacidade de redução do número de objetos.

Os critérios selecionados para agregar os objetos foram os seguintes:

- a) identidade expressiva – objetos cuja semelhança visual não permite distingui-los sem ambiguidade;
- b) concorrência na mesma posição – objetos que alternam na mesma posição da cadeia sem distinção funcional clara;

- c) sobreposição informativa – objetos que alternam a mesma função informativa ou função informativa equivalente;
- d) irrelevância constitutiva – objetos cuja presença não distingue um tipo particular de *chamada*;
- e) frequência – objetos pouco frequentes que não se justificam por outros critérios.

Dessa forma, a lista inicial de 39 classes de objetos encontrados, totalizando 2202, foi reduzida a 13 classes de objetos, capazes de distinguir, pela alternância de sua presença ou ausência, cada um dos tipos de *chamada* incluídos no *corpus*. A Tabela 2 apresenta os 1353 objetos distintivos agrupados em 13 classes de objetos. A diferença nos totais se deve aos elementos descartados e a eliminação de algumas sobreposições na recontagem. Porém, conforme explicado acima, as contagens não são relevantes para o procedimento descritivo, senão apenas para a organização inicial do *corpus*. Foram descartados os objetos provisórios selecionados a partir de critérios ligados à enunciação: *autoria* (13 objetos), *interação* (22 objetos), *local* (9 objetos) e *momento* (19 objetos). Esses objetos não parecem ter funções distintivas (ao menos que se possa perceber por agora). Aparentemente, eles podem ocorrer em qualquer tipo de *chamada*. Esses objetos poderiam ser retomados adiante, quando o quadro da descrição semiológica estivesse mais claro, mas eles não serão retomados³². Foram descartados também os objetos: *fio* (67 objetos), por se tratar de um objeto da divisão da capa da edição e não propriamente da *chamada*; e o *indicador* (17 objetos), por ser um objeto interno do *infográfico* ou da *nota* nos casos onde ocorreu.

3.1.4 Inventário das chamadas

A preparação do *corpus* para a análise exige ainda a implementação de classificação prévia para as chamadas. É oportuno apresentar essa organização do material a ser estudado, as dificuldades envolvidas no ordenamento de certos grupos e subgrupos de chamadas e os critérios usados para resolver ambiguidades na identificação dos objetos. Nas tabelas a seguir, as chamadas foram distribuídas segundo a presença dos objetos em sua composição. A organização apresentada, porém, é tão somente o resultado da preparação do *corpus* e não tem qualquer outro valor para os objetivos do procedimento descritivo. Os termos, as abreviaturas e os critérios do

³² Sendo a análise glossemática anterior à elaboração do *aparelho formal da enunciação* por Benveniste (1989, pp. 81-90), a tese não incluirá essa perspectiva na análise do objeto. Porém, seguindo a proposta de Arrivé (1986), entendemos que a enunciação está embutida em todos os níveis da análise glossemática. A sua abordagem, no entanto, exigiria extensa elaboração, o que ultrapassa os limites deste trabalho.

senso comum, usados para identificar cada objeto, estão listados na Tabela 1 acima.

Tabela 3 – Inventário das chamadas pela presença de *caderno*, *página* e *título*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
15	1.1	C3 (p. 235) — C17 (p. 236) — C35, C45 (p. 237) — C59 (p. 238) — C72, C87 (p. 240) — C90, C92 (p. 241) — C116 (p. 242) — C132, C134 (p. 243) — C137, C139, C140 (p. 244)
1	1.2	C18 (p. 236)
44	1.3	C68, C69 (p. 239) — C108 (p. 242) — C157, C160, C163 (p. 245) — C170, C171, C172, C173 (p. 246) — C179, C180, C181, C183 (p. 247) — C199, C200, C201, C202 (p. 248) — C207, C208, C209, C210 (p. 249) — C216, C218, C219, C222, C223, C224, C225 (p. 250) — C234, C235, C237, C238 (p. 251) — C247, C248, C251, C254, C255 (p. 253) — C258, C259, C261, C268, C269, C271 (p. 254)
17	1.4	C10, C11 (p. 235) — C24, C25, C27 (p. 236) — C41, C42, C43 (p. 237) — C54 (p. 238) — C78, C79 (p. 240) — C91, C99 (p. 241) — C122, C124, C127 (p. 243) — C206 (p. 249)
8	1.5	C49, C50 (p. 238) — C105, C106, C107 (p. 242) — C129, C131 (p. 243) — C272 (p. 239)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Todas as 85 chamadas na Tabela 3 incluem os objetos *título*, *caderno* e *página*. Constituem o tipo mais simples e mais comum de chamada. A ordem e a aparência dos objetos podem variar. No subgrupo 1.1, as chamadas tem título em negrito sobre fundo branco, com um fio separando o caderno e a página. No subgrupo 1.2, há um único caso de inversão, na qual a unidade *caderno-página* é posicionada antes do título. No subgrupo 1.3, ocorre a inversão do caderno que passa para a posição inicial (a página não o acompanha). Nesses casos, o caderno também parece acumular a função de vinheta: essa é uma característica recorrente em muitas outras chamadas do *corpus*. No subgrupo 1.4, a única distinção com o subgrupo anterior é a variação de cor do fundo em oposição à cor branca dos objetos verbais. No subgrupo 1.5, as chamadas estão reunidas pela diagramação da página e compartilham a mesma indicação de caderno.

Todas as 55 chamadas na Tabela 4 incluem os objetos *título*, *nota*, *caderno* e *página*. A presença de uma nota longa é o diferencial em relação ao grupo anterior. No subgrupo 2.1, as chamadas incluem o caderno no início acumulando a função de vinheta. Nesse subgrupo, a aparência das chamadas varia bastante. Nos subgrupos a seguir (exceto 2.5), precisamos desambiguar vinheta, título e nota: usamos a extensão da cadeia e o corpo do tipo como critérios. Como não há chamadas sem título, mas há sem vinheta e sem nota, então, ocorrendo duas cadeias, a mais extensa e de corpo menor será a nota, e a menos extensa e de corpo maior

Tabela 4 – Inventário das chamadas pela presença de *caderno, nota, página e título*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
8	2.1	C73 (p. 240) — C184, C185 (p. 247) — C198 (p. 248) — C229, C236 (p. 251) — C250, C253 (p. 253)
10	2.2	C5 (p. 235) — C19 (p. 236) — C37 (p. 237) — C61 (p. 238) — C70 (p. 239) — C76 (p. 240) — C93 (p. 241) — C109 (p. 242) — C130 (p. 243) — C141 (p. 244)
9	2.3	C6 (p. 235) — C20 (p. 236) — C38 (p. 237) — C53 (p. 238) — C85 (p. 240) — C94 (p. 241) — C110 (p. 242) — C128 (p. 243) — C142 (p. 244)
7	2.4	C7 (p. 235) — C21 (p. 236) — C39 (p. 237) — C84 (p. 240) — C95 (p. 241) — C111 (p. 242) — C125 (p. 243)
21	2.5	C1, C2 (p. 235) — C15, C29, C30 (p. 236) — C44, C46, C47 (p. 237) — C51, C57 (p. 238) — C86 (p. 240) — C89, C102, C103 (p. 241) — C114, C115 (p. 242) — C133, C135 (p. 243) — C136, C138, C149 (p. 244)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

será o título. No subgrupo 2.2, são apresentados títulos de artigos da edição. No subgrupo 2.3, aparecem indicadores da previsão do tempo. No subgrupo 2.4, as chamadas orientam a circulação de veículos na cidade. Nesses subgrupos, o título e a remissão (caderno e página) aparecem no início e são separados da nota por um fio; o título também assume a função de vinheta, tematizando a chamada. No subgrupo 2.5, encontramos chamadas de aparência estável, cujos objetos são evidentes.

Tabela 5 – Inventário das chamadas pela presença de *caderno, nota, página, título e vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
4	3.1	C169 (p. 246) — C217 (p. 250) — C260, C270 (p. 254)
7	3.2	C14 (p. 236) — C33, C34 (p. 237) — C60 (p. 238) — C151, C152, C153 (p. 244)
5	3.3	C58 (p. 238) — C118, C119, C120, C121 (p. 243)
3	3.4	C80 (p. 240) — C101 (p. 241) — C159 (p. 245)
3	3.5	C194 (p. 248) — C243 (p. 253) — C257 (p. 254)
5	3.6	C12 (p. 235) — C52 (p. 238) — C75 (p. 240) — C98, C100 (p. 241)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Todas as 27 chamadas na Tabela 5 incluem os objetos *vinheta, título, caderno e página*; a *nota* pode agregar-se a esse núcleo. A distinção aqui é a presença da *vinheta*, um sobretítulo curtíssimo tematizando a chamada, que pode aparecer em diferentes cores. Nesse grupo, a *vinheta* não acumula a função do caderno, que está sempre presente. No subgrupo 3.1, a *vinheta* apenas antecipa o assunto da chamada. No subgrupo 3.2, as *vinhetas* anunciam os autores dos artigos referidos; nesses casos, acumulam a função da assinatura e não tematizam a chamada. No subgrupo 3.3, as chamadas são agrupadas pela diagramação da página e compartilham a

mesma vinheta. No subgrupo 3.4, encontra-se um fundo colorido. No subgrupo 3.5, ocorre nota longa, e a vinheta é o tema. No subgrupo 3.6, também ocorre nota longa, mas a vinheta é o nome do articulista e não tematiza.

Tabela 6 – Inventário das chamadas pela presença de *caderno, página, título, tópico e vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
8	4.1	C167, C175 (p. 246) — C187, C189 (p. 247) — C193 (p. 248) — C221 (p. 250) — C228, C239 (p. 251)
2	4.2	C196, C197 (p. 248)
1	4.3	C192 (p. 248)
2	4.4	C230, C231 (p. 251)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Todas as 13 chamadas na Tabela 6 incluem os objetos *vinheta, tópico, título, caderno e página*. O tópico só é encontrado nas edições do Jornal O Povo, mas exerce papel relevante na especificação do tema da vinheta, por isso é mantido. No subgrupo 4.1, a aparência é estável: o caderno no início, cumprindo também a função de vinheta, e os outros objetos tópico, título e página em seguida. No subgrupo 4.2, há um agrupamento pela diagramação da capa não corroborado pela temática das chamadas. No subgrupo 4.3, o caderno deslocado para o início não se confunde com a vinheta logo acima do tópico. No subgrupo 4.4, a diagramação da capa reúne chamadas que compartilham o mesmo caderno. Nos subgrupos 4.1 e 4.2, ao contrário do que ocorre nos outros dois, o caderno ocupa a posição da vinheta, exercendo a função de tematização.

Tabela 7 – Inventário das chamadas pela presença de *caderno, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta*

Frequência	subgrupo	Chamadas
3	5.1	C28 (p. 236) — C56 (p. 238) — C144 (p. 244)
1	5.2	C154 (p. 245)
1	5.3	C232 (p. 251)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Todas as 5 chamadas na Tabela 7 incluem os objetos *vinheta, tópico, título, subtítulo, nota, caderno e página*. A presença dos objetos vinheta e tópico varia, sendo um fator de distinção dos subgrupos. O subtítulo é uma cadeia de média extensão entre o título e a nota, que aparentemente só ocorre na presença da nota. No subgrupo 5.1, as notas são cadeias longas, que exploram muitos detalhes dos fatos apresentados. No subgrupo 5.2, a chamada inclui uma

vinheta colorida, o que parece ser parte do estilo do Jornal O Povo. No subgrupo 5.3, ocorrem vinheta e tópico com as posições aparentemente invertidas.

Tabela 8 – Inventário das chamadas pela presença de *anexo*, *assinatura*, *caderno*, *nota*, *página*, *subtítulo*, *título* e *vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
1	6.1	C32 (p. 237)
2	6.2	C81 (p. 240) — C97 (p. 241)
5	6.3	C4 (p. 235) — C16 (p. 236) — C36 (p. 237) — C66 (p. 239) — C177 (p. 247)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As 8 chamadas na Tabela 8 podem incluir os objetos *vinheta*, *título*, *subtítulo*, *nota*, *caderno* e *página*. A distinção aqui é a inclusão dos objetos pouco frequentes *assinatura* e *anexo*. No subgrupo 6.1, a assinatura ocorre entre o título e a nota. No subgrupo 6.2, ocorre o anexo, no final da chamada. Em certos casos, como esses, o anexo poderia ser considerado uma chamada independente, se não fosse a óbvia distinção causada pelo menor corpo dos tipos em oposição a todas as outras chamadas. No subgrupo 6.3, as chamadas mantêm o anexo e ganham vinhetas. Exceto a última chamada (C177), as outras apontam o autor da matéria, e os anexos, ao contrário daqueles no subgrupo 6.2, consistem em avisos sobre a data de publicação das colunas.

Tabela 9 – Inventário das chamadas pela presença de *anexo*, *caderno*, *ilustração*, *nota*, *página*, *subtítulo*, *título*, *tópico* e *vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
1	7.1	C77 (p. 240)
1	7.2	C64 (p. 239)
1	7.3	C226 (p. 251)
1	7.4	C203 (p. 249)
2	7.5	C212, C214 (p. 249)
4	7.6	C182, C188 (p. 247) — C246, C264 (p. 254)
1	7.7	C242 (p. 252)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As 11 chamadas na Tabela 9 podem incluir os objetos *vinheta*, *tópico*, *título*, *subtítulo*, *nota*, *caderno*, *página* e *anexo*. O diferencial está na presença de *ilustração*, que pode aparecer como gráfico, fotografia ou desenho. Nesses subgrupos, há uma grande variação na aparência das chamadas. No subgrupo 7.1, a chamada inclui um gráfico como objeto principal. No subgrupo 7.2, a chamada também inclui um gráfico, mas o objeto principal é a nota. No subgrupo 7.3, a fotografia ilustra o fundo da chamada sobre o qual é impressa a mancha dos objetos verbais na cor branca. No subgrupo 7.4, a ilustração é um recorte no formato do mapa da América do Sul,

o qual é preenchido ora por objetos verbais em branco ora por imagens. No subgrupo 7.5, ocorre chamadas comuns ilustradas com a imagem dos articulistas. No subgrupo 7.6, as chamadas lembram anúncios e incluem imagens que ilustram o assunto da chamada. No subgrupo 7.7, a C242 lembra um anúncio, mas atende aos requisitos mínimos de uma chamada. A distinção ocorre no sincretismo *vinheta-caderno* e na indicação do dia da edição com a expressão “HOJE”, que foi codificada como *página*, conforme as regras estabelecidas para a redução dos objetos.

Tabela 10 – Inventário das chamadas pela presença de *anexo, caderno, crédito, ilustração, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
1	8.1	C23 (p. 236)
1	8.2	C195 (p. 248)
1	8.3	C62 (p. 239)
1	8.4	C176 (p. 247)
4	8.5	C244, C245, C249, C252 (p. 253)
1	8.6	C204 (p. 249)
1	8.7	C241 (p. 252)
5	8.8	C158 (p. 245) — C168 (p. 246) — C178 (p. 247) — C233 (p. 251) — C262 (p. 254)
2	8.9	C190 (p. 248) — C215 (p. 250)
1	8.10	C240 (p. 252)
1	8.11	C186 (p. 247)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As 19 chamadas na Tabela 10 podem incluir os objetos *vinheta, tópico, título, subtítulo, nota, caderno, página e anexos*. A distinção aqui é que todas incluem *ilustração* acompanhada do *crédito*. A enorme variação da aparência das chamadas dificulta a distinção em subgrupos. Em consequência, há cada vez menos chamadas em cada subgrupo, conforme aumenta a complexidade visual. No subgrupo 8.1, uma chamada comum é ilustrada com um desenho. No subgrupo 8.2, a chamada pertence, de fato, ao subgrupo 8.8, mas está truncada: falta-lhe a vinheta e o tópico, que constam nas outras. No subgrupo 8.3, a chamada ocupa uma coluna inteira da capa. No subgrupo 8.4, a chamada inclui uma dupla remissão ao caderno. No subgrupo 8.5, desenha-se um quadro ilustrativo que inclui outras chamadas como anexo. No subgrupo 8.6, o caderno é referido inteiro sem indicação de página. No subgrupo 8.7, também ocorre dupla remissão ao caderno e inclusão de anexos. Nesses subgrupos de 8.4 a 8.7, as chamadas funcionam como se fossem anúncios. No subgrupo 8.8, a ordem dos objetos forma um padrão constante entre as chamadas. No subgrupo 8.9, além dos anexos, a ilustração é usada como fundo. No subgrupo 8.10, a imagem da ilustração é invertida de ponta-cabeça em

consonância com o assunto dos objetos verbais. No subgrupo 8.11, uma chamada comum recebe uma ilustração creditada como “divulgação”.

Tabela 11 – Inventário das chamadas pela presença de *anexo, caderno, crédito, ilustração, legenda, nota, página, subtítulo, título, tópico e vinheta*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
4	9.1	C256, C265, C266, C267 (p. 254)
1	9.2	C63 (p. 239)
4	9.3	C161, C162, C164 (p. 245) — C205 (p. 249)
2	9.4	C211, C213 (p. 249)
2	9.5	C9 (p. 235) — C13 (p. 236)
1	9.6	C155 (p. 245)
1	9.7	C67 (p. 239)
11	9.8	C26 (p. 236) — C48, C55 (p. 238) — C74, C82 (p. 240) — C88, C96 (p. 241) — C112, C113 (p. 242) — C123 (p. 243) — C143 (p. 244)
1	9.9	C71 (p. 240)
2	9.10	C31 (p. 237) — C104 (p. 242)
2	9.11	C8 (p. 235) — C117 (p. 243)
2	9.12	C166 (p. 246) — C191 (p. 248)
5	9.13	C145, C146, C147, C148 (p. 244) — C156 (p. 245)
1	9.14	C165 (p. 246)
1	9.15	C263 (p. 254)
1	9.16	C227 (p. 251)
2	9.17	C174 (p. 246) — C220 (p. 250)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As 43 chamadas na Tabela 11 podem incluir os objetos *vinheta, tópico, título, subtítulo, nota, ilustração, crédito, legenda, caderno, página e anexos*. Como distinção dos outros grupos, aqui todas incluem ilustração acompanhada de *legenda*. Outra vez, a variação na aparência das chamadas dificulta a distinção em subgrupos, que tendem a incluir poucas chamadas. Procuramos distribuí-las nos subgrupos conforme a presença dos objetos. No subgrupo 9.1, a chamada usa outras como anexo, que, no entanto, foram interpretadas como independentes no *corpus*. No subgrupo 9.2, a remissão aponta para o caderno e não inclui páginas (para fins de análise, consideramos todas as páginas do caderno). No subgrupo 9.3, são chamadas típicas nas quais o caderno cumpre também a função de tematização da vinheta. No subgrupo 9.4, as duas chamadas compartilham o mesmo caderno por estarem num único bloco da diagramação da página. No subgrupo 9.5, são incluídas chamadas comuns com nota longa e fotografias legendadas. No subgrupo 9.6, o caderno acumula a função da vinheta. No subgrupo 9.7, a fotografia ocupa o lugar mais relevante, no centro. No subgrupo 9.8, assim como no anterior, a fotografia é o elemento mais relevante. Porém, nesses casos, há algo que merece atenção: os

objetos verbais presentes ajustam-se no papel de legenda da imagem. Trata-se de um padrão típico, conhecido no jargão jornalístico como *foto-legenda*. No subgrupo 9.9, o anexo tem alguns dos componentes de uma chamada. No subgrupo 9.10, foram incluídas chamadas complexas com várias fotografias na ilustração. No subgrupo 9.11, as chamadas incluem subtítulos e anexos. No subgrupo 9.12, o caderno aparece deslocado para o início. No subgrupo 9.13, a diagramação da página organiza várias chamadas sob o tema “Semana Santa”; elas compartilham a mesma fotografia como ilustração. No subgrupo 9.14, a chamada é a *manchete de primeira página* no jargão comum. No subgrupo 9.15, a fotografia constitui o fundo sobre o qual os objetos verbais são impressos e há uma dupla remissão para o caderno. No subgrupo 9.16, a chamada, além de incluir tópico, desloca o caderno para o início. No subgrupo 9.17, a diagramação da página organiza as chamadas de tal modo que elas compartilham a mesma indicação de caderno e a mesma ilustração.

Tabela 12 – Inventário das chamadas pela presença de *hiperlink*, *nota*, *página* e *título*

Frequência	Subgrupo	Chamadas
1	10.1	C65 (p. 239)
5	10.2	C22 (p. 236) — C40 (p. 237) — C83 (p. 240) — C126 (p. 243) — C150 (p. 244)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

As 6 chamadas na Tabela 12 consistem em chamadas incompletas ou inconsistentes com os objetos usados nas demais. No subgrupo 10.1, a chamada não inclui o caderno na remissão como esperado, apenas a página. Uma vez que é o único caso no *corpus*, assume-se a distinção como um erro de editoração da página sem consequências, e o caso não deve ser considerado distintivo na análise. De qualquer modo, o caderno pode ainda ser inferido pela remissão fornecida em outras chamadas na mesma capa. No subgrupo 10.2, as cinco chamadas substituem a remissão com caderno e página por uma remissão externa com um *hiperlink* (mais precisamente uma *url* impressa). As chamadas desse subgrupo são sempre iguais palavra por palavra, então não se encaixam no que se espera de uma chamada. Serão mantidas para análise por permitir a oposição com as outras mais típicas.

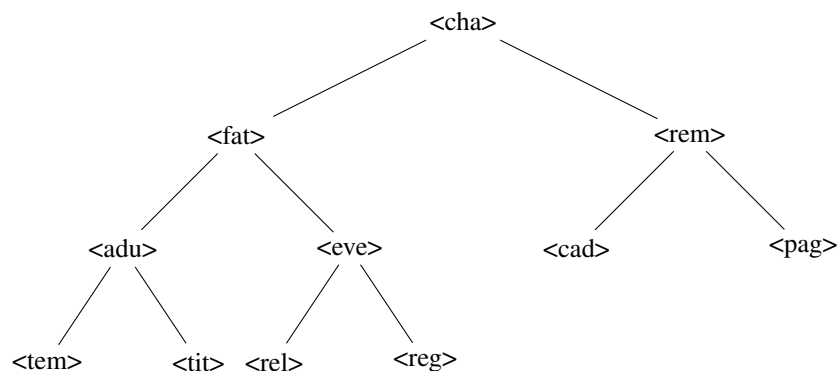
3.1.5 Pré-análises em hierarquias de objetos

É recomendável, ao lidar com um *corpus*, por pequeno que seja, o uso de uma ou mais bases de dados como ferramenta computacional, para fazer frente ao desafio de sistematizar, em escala, os objetos encontrados. Uma ferramenta de busca num editor de texto não é suficiente,

porque a complexidade do procedimento exige que os objetos examinados o sejam em relação uns aos outros em suas dependências e configurações. Para esse fim, foram criadas várias bases de dados *xml* para o gerenciamento dos objetos, configurações e resultados parciais da pesquisa. A possibilidade de criar facilmente bases de dados é relevante, porque, a partir de cada uma delas, se pode comparar caminhos analíticos diferentes. Uma base de dados permite flexibilizar o tratamento dos objetos, possibilita a seleção por filtros e/ou o cruzamento de quaisquer grupos de dados registrados, conforme as necessidades do procedimento, com bastante rapidez. As operações do procedimento precisam ser repetidas exaustivamente até que se possa confiar nos resultados obtidos. Por essa razão, o material do *corpus* foi categorizado em diversas estruturas experimentais de classes *xml*.

Os 13 objetos, obtidos pela aplicação dos critérios de redução, foram, então, usados para a codificação de representações prévias do *corpus*, isto é, os objetos foram convertidos em classes *xml*. Várias representações arbóreas foram atribuídas a cada *chamada*, a partir das hierarquias diferenciais codificadas. Por exemplo: a expressão “Cotidiano B5” foi desmembrada nas classes *xml* <cad> e <pag>. Na classe <cad> de *caderno*, foi registrado o dado “Cotidiano” e na classe <pag> de *página*, foi registrado o dado “B5”. As classes <cad> e <pag> e seus registros foram reunidos na classe mais geral <rem> de *remissão*³³. A codificação *xml* não tinha por objetivo o registro dos conteúdos informativos da *chamada*, mas a exploração das variantes de relacionamento dos objetos no processo de cada *chamada*. Essa etapa, embora fosse um ensaio bastante apriorístico, facilitou em muito a determinação das realizações combinatórias dos objetos. Também foi útil na tarefa, descrita acima, de confirmar os objetos ou reduzir aqueles sobrepostos, equivalentes ou desnecessários para tipificar as *chamadas*.

Figura 8 – Representação de codificação preliminar para bases de dados *xml*



Fonte: Gráfico do autor.

³³ Todas as siglas podem ser encontradas na Tabela 1.

Na Figura 8, pode-se observar um exemplo simplificado de uma estrutura arbórea gerada a partir das codificações experimentadas. No grafo, uma *chamada* (<cha>) constitui-se de *fato* (<fat>) e *remissão* (<rem>). O fato constitui-se de *adução* (<adu>) e *evento* (<eve>)³⁴. A adução constitui-se de *tema* (<tem>) e *título* (<tit>). O evento constitui-se de *relato* (<rel>) e *registro* (<reg>). A remissão constitui-se de *caderno* (<cad>) e *página* (<pag>). Nos terminais do grafo, alguns objetos (*tema*, *relato* e *registro*) ainda permitiriam descrições mais detalhadas se fossem incluídos os objetos que os constituem; outros objetos (*título*, *caderno* e *página*) não permitem descrições mais particularizadas³⁵. Os objetos *adução*, *evento*, *relato* e *registro* aparecem no grafo, mas não constam na Tabela 1. Objetos compostos, como esses, ainda precisam ser caracterizados, mas isso só poderá ser feito posteriormente, conforme as operações de dedução avançarem.

A vantagem de produzir descrições prévias em *xml* é que se pode gerenciar o *corpus* como um banco de dados, utilizando o software apropriado para buscas, seleções, filtragens, contagens, etc. Além do mais, o software pode gerar representações arbóreas da estrutura de objetos codificados para cada *chamada*, como a que foi mostrada acima. Para edição e codificação das *chamadas*, foi utilizado o software Kate (Versão 19.12.3) e, para a visualização e manipulação dos dados do *corpus*, foi empregado o software BaseX 9.0.1. A árvore apresentada acima é apenas um exemplo das várias outras possibilidades de hierarquias experimentadas e registradas na base de dados. No entanto, a representação em *xml* não permite manter a aparência gráfica dos dados coletados, mesmo que se considere codificá-la como parâmetros das classes *xml*. Por isso, os grafos obtidos a partir da codificação são úteis, mas não substituem a verificação direta do objeto gráfico original.

Nesse ponto, vale lembrar que esses objetos não estão ainda confirmados pelas deduções e servem apenas aos experimentos prévios. Por outro lado, objetos compostos, como *fato* e *remissão*, obviamente não aparecem na manifestação das *chamadas* a não ser através da combinação de outros objetos mais específicos, como *vinheta* e *título* no caso do *fato* ou como *caderno* e *página* no caso da *remissão*. Isto certamente gera incerteza sobre a consistência das sínteses representadas nas árvores. Afinal, seria perfeitamente viável recombinar os objetos de vários modos diferentes, como de fato foi feito, durante a pré-análise experimental.

A *chamada* também poderia, por exemplo, ser constituída dos objetos inferidos a

³⁴ Essa definição de *fato* é operacional e não considera o debate conceitual. Para uma visão jornalística do conceito, pode-se consultar Sponholz (2009).

³⁵ Obviamente essas classes poderiam ser analisadas como estruturas linguísticas, mas tal análise ultrapassaria o escopo da *chamada*.

partir do modelo de produção da notícia. A tradição jornalística recomenda uma série de sete perguntas (“O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Onde?”, “Quanto?”, “Como?” e “Por quê?”) para serem respondidas pela investigação jornalística (SHUMAN, 1910, p. 59-60). Segundo esse modelo, as respostas a essas perguntas deveriam ser incluídas na elaboração da notícia numa progressão das informações mais relevantes para os detalhes mais secundários. Convertendo as respostas a essas perguntas dentro da *chamada* em objetos de análise, seria perfeitamente plausível deduzir a estrutura da *chamada* a partir dessas respostas — denominadas a partir daqui como *objetos de informação*.

Seria igualmente plausível uma combinação das duas hierarquias de objetos. Se esse for o caso, uma descrição da *chamada* poderia demonstrar a relação solidária entre a hierarquia selecionada pelos *objetos de informação* e a outra selecionada pelos *objetos gráficos*, tal como aquela apresentada na árvore da Figura 8. No entanto, para não favorecer a interpretação possível de que as representações hierárquicas poderiam ser inventadas do nada, torna-se necessário categorizar as *chamadas*, a partir de métodos de partição das cadeias sintagmáticas justificados pelas oposições paradigmáticas. Ao final do processo dedutivo, poderemos confirmar (ou não) a solidariedade entre as duas hierarquias de componentes, ambas selecionadas pelas duas hierarquias de objetos.

3.2 O desenho metassemiológico

Estabelecido o objeto estudado, precisamos estabelecer o objeto visado (o sistema subjacente ao processo). Esse objeto está a meio caminho entre o que nos é mais acessível (as classes de variáveis) e o que é previsto pela teoria (as classes formais da metassemiologia). O nível de abstração e generalidade da teoria glossemática exige e prevê uma elaboração intermediária que permita a adequação do objeto descrito ao objeto descritor. Isto se faz através de uma semiologia apropriada a ambos os objetos. Uma semiologia que desvela o objeto visado, ao mesmo tempo que descreve o objeto estudado.

3.2.1 Sentidos do objeto

A *chamada*, na sua constituição gráfica, apresenta-se geralmente como uma porção impressa sobre um *fundo* branco (ou na cor do papel) e possui fonte tipográfica na cor preta. Na porção impressa, destaca-se, com tipos de maior tamanho, frase nominal ou verbal, facilmente

reconhecida como o objeto principal em oposição a objeto secundário em tipos menores. Esse objeto de menor destaque é uma palavra recorrente, seguida de algarismos ou de combinação alfanumérica que, às vezes, acompanha-se de uma linha preta, o fio. Na variante mais simples das *chamadas*, há pelo menos sete tipos de *objetos gráficos*: (i) fundo; (ii) mancha (porção impressa); (iii) cor do fundo; (iv) cor da mancha; (v) manchete (porção principal da mancha); (vi) remissão (porção secundária da mancha, conforme o critério do tamanho ou corpo dos tipos); e (vii) um fio. Porém, apenas a mancha principal e a mancha secundária são constantes, isto é, ocorrem em todas as *chamadas* do *corpus*. Os demais elementos são *conotadores* (RTL, D200 xΓ) que podem distinguir o estilo da expressão gráfica do jornal.

A *chamada* parece ser também um complexo de *objetos de informação*, que podem ser particionados de modo independente da partição dos *objetos gráficos*. Dessa vez, dois objetos gerais são facilmente identificados: (i) um *fato/evento* noticiado; e (ii) uma *referência* aos objetos internos da edição. Para além desses, a *chamada* pode modular os fatos ou os eventos noticiados recortando-os em unidades mais específicas. Essas unidades sumarizam temas e assuntos abordados ou acrescentam algum detalhamento. Fornecem, porém, apenas o mínimo necessário para manter o interesse do leitor pela edição, conforme as exigências do fato ou do evento reportado e a prática do veículo jornalístico.

Descrita dessa forma, a *chamada* seria um objeto tipográfico e/ou informativo sem interesse para a análise semiológica ou linguística. Ainda mais se se considerar que a descrição de uma matéria gráfica particular, como a que foi feita acima, não esgota as infinitas possibilidades de manifestação da *chamada*. Por outro lado, em princípio, não há informações ou assuntos que não possam ser detalhados numa *chamada*, ou que não possam ser especificados de algum modo por elas. Em consequência, mesmo a revisitação frequente de determinados temas acontece por razões ideológicas ou comerciais, mas não necessariamente por injunção da estrutura da *chamada*.

3.2.2 *Experimentos de análise*

Examinemos as *chamadas* na Figura 9 (*Corpus*, p. 243 e p. 250) para mapear alguns problemas relativos aos experimentos analíticos. Elas estão entre as *chamadas* mais simples, mas parecem muito diferentes entre si. Obviamente é possível descrevê-las de modo independente, mas isso não queremos. Então, precisamos de um tipo de descrição que resolva a distinção que há entre elas. Qualquer que seja a descrição obtida, o controle consiste na possibilidade de

Figura 9 – Variantes de chamadas com *título, caderno e página*

C132FSP32152E4

C222JOP29878E2

**Veja o que abre
e o que fecha no
feriado e os piores
horários para viajar**
Cotidiano B5

COTIDIANO
**88% dos transportes escolares
do Ceará têm irregularidades**
PÁGINA 4

Fonte: Gráfico do autor.

aplicá-la aos dois casos de maneira igualmente satisfatória. Ao final da dedução, qualquer que seja o resultado, ele deve ser aplicável a qualquer *chamada*, mesmo àquelas que não estão no *corpus* selecionado.

Poderíamos começar seccionando C132 em seções menores, seguindo algum critério que poderia ser igualmente aplicado a C222. Considerando as palavras (no sentido mais comum do termo), percebemos que uma única palavra se repete de uma *chamada* para outra, mesmo assim com apresentações gráficas muito diferentes: “Cotidiano” oposto a “**COTIDIANO**”. A situação apresenta-nos o dilema de considerar a semelhança do termo *cotidiano* ou a diferença dos estilos gráficos. Poderíamos descartar o aspecto gráfico e particionar as sequências de caracteres em *n-grams*, mas isto conduziria a quantidade enorme de partes inúteis, sem uso linguístico ou semiológico. É conveniente lembrar que não queremos descartar o aspecto gráfico. Poderíamos tentar alguns marcadores. Considerar, por exemplo, a repetição da conjunção “e”: “veja o que abre”; “o que fecha no feriado” e “os piores horários para viajar”, mas sobra algo a que o critério não se aplica. Além do mais, a conjunção em questão não aparece em C222. Poderíamos isolar dois blocos considerando o *fio* como divisor: “Veja o (...) para viajar” e “**Cotidiano B5**”. Porém, o *fio* também não está presente em C222. Se considerarmos o corpo do tipo como critério, observamos dois objetos em C132 e três em C222. Considerando a cor, temos um único objeto em C132 e dois em C222.

Examinemos essas mesmas *chamadas* sob outra perspectiva. A tradição da produção jornalística da notícia considera pertinente distribuir a informação noticiosa em sete classes de *objetos de informação*. Duas consistem nas respostas às perguntas “O quê?” e “Quem?”, ligadas ao fato ou ao evento noticiado. Quatro outras estão ligadas aos detalhes, apresentados como resposta às perguntas “Quando?”, “Onde?”, “Quanto?”, “Como?” e “Por quê?”. A proposta

da *pirâmide invertida* preconiza que os detalhes da notícia devem ser fornecidos em porções crescentes ao longo do texto, de modo que as informações mais relevantes sejam apresentadas preferencialmente antes das secundárias (SHUMAN, 1910, p. 59-60). Dentro da *chamada*, assim como acontece com a notícia, as respostas a essas perguntas poderiam ser consideradas como *objetos de informação* que participam da estrutura da *chamada* tanto quanto os *objetos gráficos*, examinados até aqui. Então, façamos um pequeno exercício de verificação das *chamadas* C132 e C222 na Figura 9 (*Corpus*, p. 243 e p. 250) também quanto a ocorrência desse tipo de objeto.

Se lançarmos a pergunta “O quê?” sobre C132, vamos obter não uma resposta, mas várias possibilidades de respostas ou *objetos de informação*:

- a) “haverá um feriado”;
- b) “é possível viajar nesse feriado”;
- c) “há horários ruins para viajar”;
- d) “há horários melhores para a viagem”;
- e) “alguma coisa fecha ou abre no feriado”.

Nos dois últimos casos, a informação não é fornecida diretamente. Se não for antecipada pelo conhecimento de mundo do leitor por inferência, poderá ser obtida na matéria jornalística referida na *remissão* — assim se espera. Não parece haver *objetos de informação* para nenhuma das outras questões. Observamos, porém, que há algo na *chamada* que não corresponde a nenhuma das perguntas, como o convite contido no início do *título*, efetuado pelo verbo no imperativo.

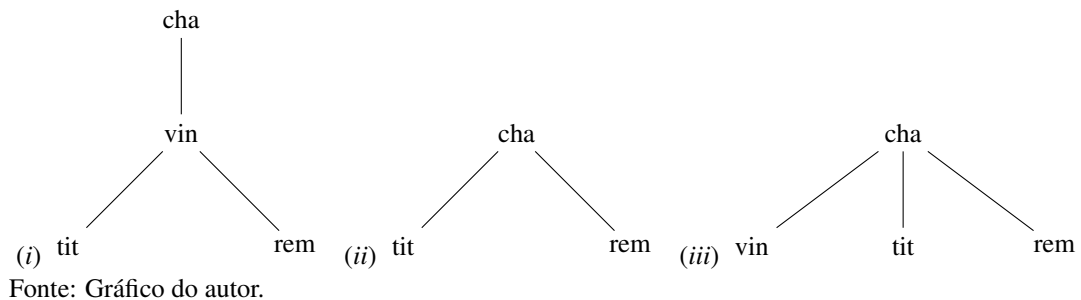
Na *chamada* C222, a pergunta “O quê?” retorna a seguinte possibilidade de resposta: “há irregularidades no transporte escolar” e só, até onde percebo. Outros *objetos de informação* respondem às perguntas dos detalhes: (i) “Onde?”, cuja resposta é “no Ceará”; e (ii) “Quanto?”, cuja resposta é “88%”. Não se atribui a ninguém a situação retratada, o que responderia à pergunta “Quem?”, mas é esperado que o leitor procure outros detalhes como esse no interior da edição, se ele quiser. Por outro lado, há coisas para além das perguntas: (i) a inclusão do percentual no *título* produz uma avaliação do fato exposto; (ii) o termo “irregularidades” rotula negativamente essa avaliação. O fato relatado recebe ainda uma classificação (“cotidiano”) através do objeto *vinheta*, isto é, trata-se de um fato comum ao dia a dia da vida das pessoas³⁶.

A observação mais evidente que se pode fazer nessa verificação de possibilidades analíticas é que muitas respostas às perguntas da notícia estão condensadas no *título* das *chamadas* em C132 e C222. Os *objetos de informação* encontrados aqui como respostas às perguntas não

³⁶ Nessa e em muitas outras *chamadas*, a *vinheta* acumula também a função do *caderno* na *remissão*, casos de sincretismo.

mantêm correspondência um a um com os *objetos gráficos* examinados antes — o *título*, por exemplo, pode abrigar vários desses objetos. De fato, os *objetos gráficos*, como o *título* e os *objetos de informação* parecem funcionar de modo independente um do outro, como se fossem partes de classes diferentes. Por outro lado, podemos também avaliar que os *objetos de informação* agregados ao corpo dos *títulos* não podem ser separados deles, deixando algo que pudesse ainda funcionar de modo isolado. Isso pode significar uma forte conexão entre os dois tipos de objetos, uma relação mútua, quem sabe. Essas e outras questões serão examinadas em detalhes.

Figura 10 – Descrições fragmentárias a partir da posição da *vinheta*



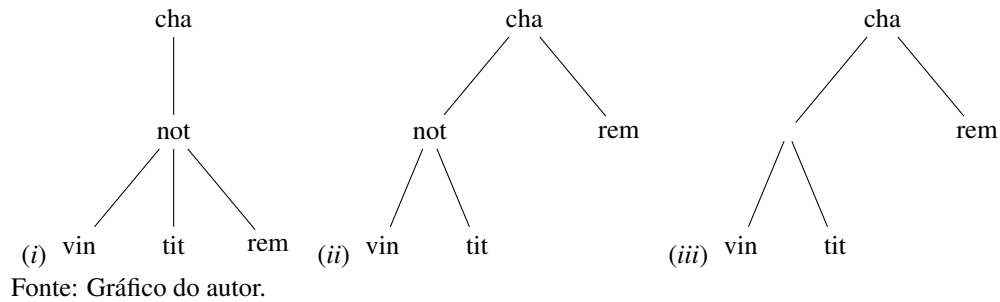
Suponhamos que, na descrição da *chamada*, o objeto conhecido pelo senso comum como *vinheta*, que é uma espécie de sobretítulo curtíssimo, seja tomado como uma classe a partir da qual as demais classes da *chamada* se organizam como componentes. Nesse caso, uma *chamada* seria uma hierarquia dentro da qual haveria a classe *vinheta* e dentro desta haveria os componentes *título* e *remissão* (Figura 10 i).

O problema é que, conforme os dados do *corpus*, o objeto *vinheta* nem sempre está presente na *chamada*. Nas situações em que tal objeto não está presente, teríamos de descrever a *chamada* como a classe que abriga os componentes *título* e *remissão* (Figura 10 ii). Teríamos então uma *fragmentação* (RTL, D-IV) e não uma *análise* (RTL, D3 ::), uma vez que a *chamada* seria descrita ora como uma *vinheta*, ora como composição de *título* e *remissão*. Tal flutuação na descrição fere o requisito da coerência no Pr 1.

Se, por outro lado, a *chamada* fosse descrita como a composição de *título* e *remissão*, então, nos casos onde a *vinheta* ocorre, teríamos de adotar uma composição alternativa com três componentes ao invés de dois. Outra vez estaríamos gerando uma descrição não-uniforme, isto é, produzindo uma terceira descrição concorrente para os mesmos objetos (Figura 10 iii).

Nessa *fragmentação*, a definição de *título*, por exemplo, também seria diferente em cada uma das três descrições: (i) componente da *vinheta* numa relação com a *remissão*; (ii) componente da *chamada* numa relação com a *remissão*; e (iii) componente da *chamada* numa relação dupla com *vinheta* e *remissão*. A própria *vinheta* teria descrições inconsistentes em cada caso.

Figura 11 – Descrições fragmentárias a partir da posição da *nota*



Outros exemplos de *fragmentação* podem estar nos resultados obtidos nas tentativas de situar o resumo da notícia, conhecido comumente pelo nome de *nota* ou *corpo da notícia*. A descrição poderia incluí-la no grau mais baixo como se fez acima com a *vinheta*. Nesse caso, a *nota* seria a classe abrangente, abarcando, além da própria *nota*, a *vinheta*, o *título* e a *remissão* (Figura 11 i). A dificuldade é óbvia demais para se tentar: não teríamos como explicar a distinção entre a cadeia particular da *nota* e a classe abrangente que a determina e que inclui também as outras classes. Seríamos obrigados a propor um novo termo para a *nota* composta ou para a *nota* propriamente dita, o que não simplifica, apenas complica. Esse problema também ocorre no exemplo anterior com a *vinheta* (Figura 10 i). É possível perguntar ainda qual a justificativa para uma descrição unívoca *chamada–nota* nesse exemplo ou *chamada–vinheta* no exemplo anterior.

Se decidirmos, ainda assim, que a *nota* é uma classe abrangente que abarca também *vinheta* e *título*, a *remissão* não deveria fazer parte dela (Figura 11 ii). Se a *remissão* fosse incluída dentro da *nota*, teríamos um problema de coerência, porque, conforme os dados no *corpus*, a *nota* nem sempre está presente. Se a *nota*, que é variável, não ocorre, a *remissão*, dentro dela, também não ocorreria, o que contraria os dados: não há *chamada* sem *remissão*. Mesmo deixar a *remissão* fora da *nota* não resolve o problema de coerência. Na ausência da *nota*, a *remissão* ocorreria sozinha como núcleo da *chamada*, o que parece absurdo. Para corrigir a distorção, seríamos obrigados a considerar a existência de uma classe para quando a *nota* estivesse presente e a de uma classe vazia para quando a *nota* estivesse ausente. Situação não menos absurda que a anterior. Nesse caso, *título* e *vinheta* ficariam sem classe determinada, pendurados numa classe vazia (Figura 11 iii). As descrições acima ferem os requisitos de

coerência e simplicidade do princípio do empirismo (RTL, Pr 1).

Como se percebe até aqui, o procedimento deve seguir experimentando todas as possibilidades de *dissecção* (RTL, D123) até encontrar descrições consistentes com os dados e com a teoria, que possam ser aplicadas a outros processos com igual efetividade. A descrição das *chamadas* exige a verificação exaustiva de possibilidades analíticas que pretende avaliar o melhor percurso possível para a determinação das classes e funções.

Na Subseção 2.3.3, vimos que alguns termos indefiníveis, pertencentes à linguagem comum não científica, ancoram a base terminológica mínima da glossemática. Desse modo, na aplicação do procedimento, a *descrição* formaliza-se como *análise* (RTL, D3 ::), o *objeto* formaliza-se como *classe* (RTL, D4 □) e *componentes* (RTL, D5). As *dependências* são formalizadas como *funções* (RTL, D6 φ) entre componentes ou entre classes e componentes. O *procedimento* (RTL, D-VII), portanto, integra tudo, através das funções que essas classes e componentes contraem entre si. Cada *operação* (RTL, D40), porção mínima do procedimento, discrimina uma única forma, que inclui classe, componentes e funções contraídas:

O fator peculiar que caracteriza a dependência entre o todo e as partes, que a torna diferente de uma dependência entre o todo e outras totalidades, e que torna possível ver os objetos descobertos (partes) como estando dentro e não fora do todo (o texto), parece ser a *uniformidade* da dependência: partes coordenadas, que procedem de uma análise individual de um todo, dependem de um modo uniforme desse todo. Essa característica de uniformidade encontramos novamente na dependência entre as chamadas partes. Se, por exemplo, nossa análise de um texto produz, em algum estágio, cláusulas e se encontramos dois tipos de cláusulas (definidas por uma dependência específica entre elas) — cláusulas primárias e cláusulas secundárias — nós deveremos sempre encontrar (desde que nenhuma análise adicional seja realizada) a mesma dependência entre uma cláusula primária e uma cláusula secundária dependente dela, onde quer que possam aparecer; da mesma forma entre o radical e o elemento derivacional ou entre as partes centrais e marginais de uma sílaba, e correspondentemente em todos os outros casos. (HJELMSLEV, 1961, p. 28-9)

A análise precisa encontrar classes e componentes de tal maneira que as funções contraídas entre a classe e suas partes ou entre as partes sejam uniformes. Isso significa manter sempre a mesma análise para o mesmo objeto onde quer que ele ocorra. O procedimento é continuado e se aplica igualmente, como classes operacionais, aos objetos mais simples e aos mais complexos. A cada operação, o objeto vai sendo analisado de modo particular, isto é, a descrição que se aplica a ele não se aplica a nenhum outro. Procedemos, porém, acrescentando, a cada vez, novos objetos à análise, redefinindo toda a estrutura de dependências conforme

a inclusão dos novos objetos. Este procedimento em espiral crescente estabelece o núcleo descritivo com o qual as descrições mais complexas devem manter coerência.

3.2.3 *Objeto descrito e objeto descritor*

Como explicado anteriormente (Seção 2.2), o dispositivo textual do *Résumé*, na seção B da Op $*Gg_0$, enumera cinco princípios que orientam uma descrição em conformidade com a metassemiologia glossemática (HJELMSLEV, 1975, pp. 1–2). Eles constituem as premissas de um projeto epistemológico que acompanha a obra do autor. A observância desses princípios é baliza para a validação da descrição aplicada às *chamadas*.

Por imposição dos princípios (RTL, Pr 1-5), a descrição deve orientar-se pela árvore de operações do procedimento glossemático, começando pelo nó mais alto (Op $*Gg$) e aprofundando a descrição até que (i) não haja mais objetos a analisar na *chamada*, ou que (ii) o procedimento não tenha mais previsões a fazer. No entanto, não nos parece necessário empregar todas as operações preconizadas no dispositivo do *Résumé*, elaborado para lidar com objetos muito mais complexos que a *chamada*. Por essa razão, apenas algumas operações serão selecionadas conforme sejam mais relevantes para o tratamento da *chamada* como semiótica e para a descrição das relações coesivas entre as unidades e categorias internas que a constituem. Isso não significa uma quebra da exaustividade da investigação desde que o objeto de análise seja descrito de forma completa, muito embora ainda não da forma mais completa possível.

O procedimento glossemático aplica-se exclusivamente a objetos semióticos. Em consequência, para que o trabalho descritivo possa iniciar, é necessário conjecturar que uma *chamada* é um objeto semiótico, de outro modo o procedimento não seria aplicável. Em vista disso, a *chamada* será tratada provisoriamente como uma semiótica até que o procedimento mostre-se inadequado para descrevê-la como tal, ou que a adequação seja demonstrada como esperado. Uma vez demonstrada a efetividade do procedimento sobre o objeto, esse objeto alcança o seu estatuto científico.

Uma *chamada* deve ser então analisada em duas classes definidas por relação mútua. Em qualquer delas, as relações, ou processo, devem ser o ponto de partida da descrição. Em se tratando de uma semiótica, somos levados a conjecturar que a sintagmática da *chamada* deve ser observada em primeiro lugar: a *chamada* apresenta-se ao procedimento primeiro como texto. Sua paradigmática, a língua que corresponde ao texto, será explicitada, no entanto, somente ao longo do procedimento dedutivo. A análise de qualquer dos componentes da *chamada* inicia

no processo, uma vez que, “para qualquer objeto, parece ser o processo, e não o sistema, que é imediatamente acessível à cognição” (HJELMSLEV, 1975, p. 57).

O processo implica dependências nem sempre explícitas, mas sua partição não exaure a descrição do objeto. Isto é, a mera dissecação do processo como combinatória linear não é suficiente para determinar o funcionamento semiótico. Tais dissecações no âmbito das combinações possíveis, como as que empreendeu o descritivismo norte-americano dos primeiros anos do século XX, nos conduz à mera identificação de cadeias de grandezas. Poderiam ser descritas por qualquer princípio combinatório, sem a necessária exigência que fossem análises semiológicas ou linguísticas. Mesmo assim, essas abordagens tiveram o mérito de demonstrar que grande parte dos arranjos possíveis são improváveis. Eles são semiologicamente relevantes apenas se fazem parte de uma rede opositiva que funcione numa perspectiva diferente daquela do processo. Ou seja, um arranjo de grandezas só é relevante para o processo se elas mantiverem dependências com outras grandezas que se alternam entre os processos comparados. A descrição do processo é pois dependente da descrição do sistema e da consolidação favorecida por ela.

A aplicação do procedimento glossemático aos objetos presentes na *chamada de capa* de jornal impresso deverá determinar classes e funções, unidades e categorias com as quais se constituirá uma descrição apropriada. A pesquisa, relatada nesta tese, é descrição de *textos de jornal* e, nesse sentido, pode caracterizar-se como *pesquisa de corpus*. Porém, o tratamento do *corpus* não se dá aqui por experimentos estatísticos, nem pela descrição indutiva de categorias encontradas nas unidades textuais. O procedimento é dedução no sentido de uma análise continuada através das estruturas dos textos, cujo objetivo final é descrever a língua da *chamada*, ou, em termos do senso comum, elaborar uma *gramática* para a *chamada*. Tal *gramática*, embora autônoma, não é isolada, nem independente. Se ela existir, deve ser um derivado do sistema mais abrangente da edição de jornal impresso, que, por sua vez, funciona dentro do sistema da linguagem jornalística e assim por diante.

Quando se descreve um objeto de linguagem aparentemente constituído de outros objetos de linguagem, tal como a *chamada*, é necessário estabelecer os limites do objeto descrito. A análise exaustiva significa identificar todos os componentes e derivados do objeto descrito, mas a descrição não deve confundir os objetos internos dos derivados e aqueles do objeto descrito. É necessário demarcar a fronteira entre as classes derivadas do objeto descrito e as classes derivadas dos objetos internos. Como os objetos selecionam as classes que lhes servem, não convém a aplicação indiscriminada das operações de análise. Não é conveniente, por exemplo,

na descrição da *chamada*, analisar as estruturas silábicas ou os elementos mórficos ou a estrutura das cláusulas.

A classe da *chamada* abriga as classes da linguagem verbal ou fotográfica, não o contrário. Na sequência de operações de análise, o que interessa é a identificação das partes da *chamada*, através das dependências que estas partes contraem entre si. A partição das cadeias da linguagem verbal no *título* ou na *remissão* (ou das cadeias da imagem na *fotografia*) não revelariam a sintagmática da *chamada* porque esta funciona num grau mais baixo e mais abrangente. Ou seja, a *chamada* seria a classe dentro da qual as classes da linguagem verbal ou fotográfica funcionariam como classes derivadas. Algo semelhante ao que acontece num poema cuja análise não poderia confundir os componentes do poema (estrofes, versos, pés, etc.) com qualquer composição mórfica das palavras nas sentenças dentro dos versos ou das estrofes (Subseção 2.3.4, p. 63). As classes da *chamada* nos graus mais altos, se analisadas, não derivam mais classes selecionadas por objetos da *chamada* (ou do poema no caso do exemplo), logo são classes virtuais para o objeto examinado.

No seu contexto original dentro das capas das edições impressas, as *chamadas* contraem *comutação*, ao invés de *substituição*. Por esta razão, cada uma delas é marcada como um *elemento* da categoria das *chamadas* dentro do *corpus*. Mas o *corpus* tem sua própria organização, como vimos na Seção 3.1. É necessário distinguir possíveis interferências que resultem da manipulação dos objetos fora do seu contexto natural. Desse modo, será possível isolar aquelas categorias que efetivamente fazem parte da linguagem da *chamada* e/ou também aquelas que fazem parte da linguagem mais ampla da edição de jornal impresso. Não se deve esquecer que o *corpus* é um texto com sua própria língua, assim como esta tese. Dentro do *corpus*, por exemplo, as *chamadas* contraem substituição e não comutação, porque são apenas *variantes* do mesmo objeto de estudo. O uso do *corpus* não dispensa, portanto, a observação direta dos objetos no seu contexto original.

A descrição obtida deve aplicar-se de modo satisfatório a objetos semelhantes fora do *corpus*. Certamente, não queremos cair no escopo da crítica chomskiana feita contra a *linguística de corpus* do descritivismo norte-americano. Uma descrição que não seja capaz de encontrar algo além do que está no *corpus* tem um alcance científico muito limitado. A característica mais óbvia nos textos de qualquer linguagem é a novidade e o inesperado. É necessário que a descrição semiológica se preste ao cálculo, isto é, à antecipação da ordem do novo.

A previsão de utilização de um *corpus* pode ser inferida a partir do PTL, onde se

argumenta que a fonte da dedução são os textos. Ali também se argumenta em favor de um cálculo capaz de fazer previsões para além dos textos considerados na dedução, uma vez que é impossível ter acesso a todos os textos de uma língua natural, muito menos aos seus textos futuros. Do mesmo modo, entendemos que a língua das *chamadas* transparece através dos seus textos, e a análise de alguns desses processos deveria permitir a sistematização de todos os outros (HJELMSLEV, 1961, p. 12-3).

O método de abordagem da descrição pode ser considerado como *hipotético-dedutivo* nos moldes definidos por Popper (2004) e Lakatos e Marconi (2010), uma vez que implica certas previsões sobre objetos e funções que poderão ser encontrados no *corpus*. No entanto, nos termos já discutidos na Subseção 2.3.2, a descrição deve ser, ao mesmo tempo, *empírica* e *dedutiva*, por tratar-se de descrição orientada pelo objeto, mas operada por dedução, definida como classes de análises. Esse misto de indução e dedução está previsto em Hjelmslev (1975) e é crítico para o funcionamento apropriado do procedimento, como já foi debatido antes.

Convém advertir, no entanto, que as classes da descrição não devem ser tomadas nem no sentido ontológico das essencialidades constituintes, nem no sentido realista das propriedades materiais dos objetos. A descrição não se ocupa das características dos objetos, mas das dependências que eles contraem entre si, do sistema de valores, para usar uma expressão saussuriana. Porém, não se deve extrair disso qualquer resistência em lidar com a substância, as variáveis da linguagem. A experiência humana, ao que parece, é atingida antes pelas variáveis, e, sobre estas, a constância apresenta-se como uma solução de inteligibilidade.

A mesma advertência aplica-se aos termos escolhidos para a nomeação das classes encontradas. Embora os nomes atribuídos a tais classes possam expressar conotações as mais diversas — de fato é impossível evitar tais conotações derivadas da variabilidade —, deve-se evitar a interpretação de uma nomenclatura não-arbitrária no âmbito da descrição semiológica. As classes são o resultado da posição do objeto na rede de dependências e poderiam não receber nomes, ou poderiam receber números ou símbolos arbitrários. Os nomes atribuídos, portanto, o foram em conformidade com o uso corrente ou, na ausência de uso prévio consolidado, foram escolhidos nomes apropriados. Porém, não foi um critério de escolha dos nomes quaisquer propriedades dos objetos nomeados ou das classes selecionadas por eles na manifestação.

Desse modo, uma classe denominada *caderno* poderia ser manifestada por objetos como *cotidiano*, *esportes*, *mundo*, etc. dentro do objeto *edição*, mas ela não se define por isso. A

classe *caderno* seria um componente da classe *remissão* e estaria em oposição a outro componente da remissão: o localizador da *página*. Se os objetos que preenchem a posição relacional oposta a de localização da *página* podem ser interpretados como *seção*, *coluna*, *caderno*, ou qualquer outra das seções em que se divide uma edição, tais distinções estão reduzidas à seleção de uma única classe, que bem pode ser denominada arbitrariamente *caderno*. O controle do procedimento está no jogo de dependências contraídas entre as classes. Tais dependências precisam ser as mesmas e independentes da variabilidade dos objetos.

3.2.4 Regras e testes do procedimento

Conforme estabelecido no *Résumé* (RTL, Rg 45–48), a *chamada* deverá ser submetida a vários experimentos analíticos preliminares, tomando como base qualquer tipo de análise. Cada nó da análise, isto é, cada *operação de partição* deverá resultar no maior número possível de *categorias fúntivas* (RTL, D143) dentro do maior número possível de *categorias funcionais* (RTL, D142). As categorias funcionais são estabelecidas conforme as análises escolhidas e dentro delas são articuladas as categorias fúntivas encontradas. Estas, por sua vez, são articuladas nos *elementos* (RTL, D143 $\ast l \ast ll \lambda l \lambda \lambda ll$). A análise selecionada na operação será aquela que resultar no mais baixo número de elementos nas categorias fúntivas encontradas. Se mais de uma análise leva ao mesmo número de elementos na categoria fúntiva, então é indiferente escolher uma ou outra.

As *operações de partição*, conforme descritas no parágrafo anterior, revelam se as categorias fúntivas encontradas na análise da *chamada* são realizadas ou virtuais. Uma classe é dita *virtual* (RTL, D141) se ela não pode mais ser submetida a análise *particular* (RTL, D65). O oposto é o caso das classes *realizadas* (RTL, D140 X) (HJELMSLEV, 1975, p. 70). Essa distinção permite estabelecer a fronteira do objeto descrito e diferenciá-lo dos objetos internos. Quando todas as classes fúntivas encontradas na *chamada* são virtuais, sua análise está completa. Esgotado o objeto descrito nessa direção, pode-se tentar outras análises ou outras bases de análise. Eventualmente, para adequação da descrição semiológica, pode ser necessário descartar ou reduzir a uma única classe fúntiva alguns elementos que não sustentam sua posição durante a aplicação do procedimento.

O primeiro objetivo, como já explicado anteriormente, é o de analisar a *chamada* a partir da definição de semiótica e caracterizá-la como tal. O *teste semiótico* (RTL, Op $\ast GXx.4$) consiste em verificar se há *relação* mútua entre os componentes da *chamada* e *mutação* mútua

entre os derivados desses componentes (HJELMSLEV, 1975, p. 87). É, pois, esperado que haja possibilidade de particionar qualquer *chamada* em termos de duas classes primárias distintas e relacionadas, já que a definição de semiótica pressupõe relação entre duas classes componentes³⁷. Esse seria o *teste de hierarquia* (Op *GXx.4.1), operado dentro do *teste semiótico*.

Os derivados nos dois componentes da hierarquia devem satisfazer o *teste de relação e mutação* (Op *GXx.4.2), mantendo um vínculo tal que qualquer alteração num desses derivados produza alteração correspondente nos derivados do outro componente. A análise deve ser interrompida se o *teste semiótico* apresentar resultado negativo: o procedimento só pode ser aplicado a um objeto adequado. Para verificar se os componentes da *chamada* podem ser identificados também como semióticas, eles devem ser submetidos aos mesmos testes. A repetição desses testes para todos os objetos componentes da *chamada* satisfaz o *teste de denotação I* (Op *GXx.4.3) e se aplica recursivamente até obter resultado negativo. A semiótica denotativa será então o primeiro objeto da partição e da articulação, depois a dedução será aplicada à semiótica conotativa, se for esse o caso, com o mesmo exato procedimento.

O *teste de derivação* (RTL, Rg 49–52), como explicado acima, distingue os *pré-elementos* sem mútua *comutação*, nesse caso são reduzidos a um único *elemento*. Para satisfazer a definição de *semiótica* (RTL, D24 $\gamma^{\circ} g^{\circ}$), só serão aceitos elementos em *mutação* mútua. A ocorrência de *conformidade* (RTL, D147 ||) entre pré-elementos indica a necessidade de reduzi-los a um único elemento ao invés de abrir uma nova subdivisão. Esse procedimento é necessário para evitar a profusão de categorias sobrepostas e para cumprir os requerimentos de simplicidade dos princípios glossemáticos.

Dois *pré-elementos* podem ser reduzidos a um *elemento* se é possível demonstrar que eles tem mútua substituição. Os três modos de mostrar isso são: (i) a *catálise* (RTL, D149 \geq); (ii) a *análise* (RTL, D3 ::); e (iii) o *mapeamento* (RTL, D151) (HJELMSLEV, 1975, p. 72). A seguir, examinamos cada uma das estratégias descritivas.

Através de *catálise*, se faz o registro das coesões. Aplica-se tanto a grandezas obtidas pela partição do processo como a grandezas resultantes da articulação do sistema. Tais grandezas *encatalisadas* e *catalisadas* contraem substituição. Uma grandeza de maior extensão substitui outras de menor extensão desde que haja *coesão* entre as de menor extensão e *substituição*

³⁷ Para favorecer a referência na tese, esses componentes são ditos *primeiro* e *segundo*, embora seu ordenamento seja irrelevante.

contraída entre pelos menos uma das duas grandezas menores reunidas e aquela maior substituta. Hjelmslev esclarece do seguinte modo:

Como a Def 149 exige que a troca de uma grandeza por outra permita o registro de coesões, segue-se que a grandeza substituta deve conter duas grandezas como componentes (partes ou membros): uma grandeza 1 que tem uma substituição com a grandeza substituída e uma grandeza 2 que tem uma coesão com a grandeza 1 e que é constituída de tal forma que a grandeza que inclui a grandeza 1 e a grandeza 2 tem uma substituição pela grandeza substituída. A grandeza que chamamos aqui de “grandeza 2” pode ser chamada de grandeza *encatalisada* (enquanto a grandeza substituída é chamada de grandeza *catalisada*). (HJELMSLEV, 1975, 73)

A análise de um *corpus* pode levantar questionamentos sobre a representatividade da amostra, embora muitas estratégias estatísticas possam validar amostras mínimas. Acreditamos, porém, que, no caso da descrição de qualquer objeto de linguagem, o problema maior não reside na extensão do *corpus*, mas na generalização da análise. Qualquer que seja o tamanho e a organização do *corpus*, a partição das unidades ou a articulação das categorias para certas classes de objetos cria uma barreira entre as classes de objetos descritos, se essas classes têm graus de complexidade distintos. Tal obstáculo não permite generalizar os resultados obtidos na descrição semiológica de uma classe de objetos mais simples a outra de objetos mais complexos. É uma questão típica da linguagem descritiva e não necessariamente uma característica do objeto descrito. A solução para essa dificuldade pode estar na operação de catálise: a coesão e a substituição são funções que também ocorrem entre unidades e categorias da descrição, como Hjelmslev explica a seguir:

Catálise é uma Op que tem aplicações em muitas áreas dentro da teoria linguística. Apenas apontaremos aqui que toda a cadeia de operações $*Gg$ pode ser vista como uma catálise através da qual a sintagmática (que é a forma imediatamente acessível em que o objeto dado aparece; cf. Op $*GgB0B$) encatalisou nela uma paradigmática com a qual tem uma coesão (a paradigmática é selecionada pela sintagmática). (HJELMSLEV, 1975, p. 74)

Eis porque é necessário organizar o procedimento de tal maneira que se possa progredir de grandezas descritivas mais simples a grandezas descritivas mais complexas. A descrição dos objetos mais complexos incluirá classes não presentes na descrição do objeto mais simples, mas que, no entanto, mantêm coesão com classes presentes no objeto mais simples. A possibilidade de substituir aquela descrição semiológica de menor extensão e mais simples por outra de maior extensão e mais complexa permite ampliar o escopo da descrição semiológica, pela inclusão progressiva de novos objetos descritos à dedução já realizada. A exigência de coesão entre as grandezas de menor extensão e de substituição entre a nova grandeza substituta e

aquela substituída deve garantir que o recurso não será usado indiscriminadamente em qualquer situação. Desse modo, é possível obter descrição semiológica exaustiva e única a partir de amostras esparsas.

Através da redução pela *análise* (RTL, Rg 54), evitamos postular unidades complexas mecanicamente ou reduzir indevidamente o número de elementos numa dada classe fúntívica sem uma boa razão para isso. Essa possibilidade de encontrar unidades complexas por todo lugar decorre da aplicação do Pr 5: se há duas descrições uma unívoca e outra equívoca, preferimos a última. Para controlar esse efeito, só se deve registrar *variedades* (RTL, D63 \sim var.) que são *solidárias* (RTL, D61 \sim) a apenas uma única variedade. O mesmo se aplica às *variações* (RTL, D64 $-$ var.), considerando, nesse caso, a função de *combinação* (RTL, D59 $-$). O mecanismo é explicado na Rg 3 1º do *Résumé*:

Se um fúntivo p entra numa cadeia pq , pr e pqr , duas e somente duas \sim var.(p) são registradas a saber $\text{var.}(p)\sim q$ e $\text{var.}(p)\sim r$; em pqr não existe uma terceira $\text{var.}(p)\sim qr$ presente, mas uma unidade composta de $\text{var.}(p)\sim q$ e $\text{var.}(p)\sim r$: $(\text{var.}(p)\sim q) - (\text{var.}(p)\sim r)$. (HJELMSLEV, 1975, p. 20)

Como exemplo, examinemos provisoriamente o caso da análise dos objetos da *chamada*, conforme registrada pela representação gráfica da Figura 8. A dúvida recairia sobre a possibilidade do registro das classes dos objetos *caderno* e *página* ou do registro apenas da classe do objeto *remissão*, unidade dos dois, o que reduziria dois pré-elementos a um único elemento. A Rg 3, citada acima, deixa claro. Se temos um *fato* associado a *caderno* e a *página*, ele não se associa aos dois ao mesmo tempo (não contrai uma única função com os dois), mas se associa a uma unidade composta dos dois (contraindo função com cada um). Isto é, a variante do *fato* solidária com o *caderno* ($\text{var.}(\text{fato})\sim \text{caderno}$) é também solidária com a *página* ($\text{var.}(\text{fato})\sim \text{página}$). Por conta disso, a *remissão* é a unidade composta pelas duas solidariedades: $(\text{var.}(\text{fato})\sim \text{caderno}) \sim (\text{var.}(\text{fato})\sim \text{página})$. Podemos, então, enunciar que as variantes do *fato* são solidárias com as variantes da *remissão* num grau mais baixo: $\text{var.}(\text{fato})\sim \text{var.}(\text{remissão})$. A *remissão*, vista desse modo, seria a classe realizada pela unidade dos fúntivos solidários *caderno* e *página*, classes virtuais. No gráfico da Figura 8, o *fato* também aparece como uma classe realizada, ainda por analisar.

A redução através do *mapeamento* significa a transferência de uma categoria fúntívica para outra. Numa categoria funcional ($\{\varphi\}$), os fúntivos podem contrair: ou (i) *interdependência*, se são duas constantes ($\varphi:\beta$); ou (ii) *constelação*, se são duas variáveis ($\varphi:B$); ou (iii) *determinação*, se são uma constante e uma variável ($\varphi:\gamma$); ou (iv) função irrelevante para o sistema

analisado se não são nem constantes nem variáveis ($\emptyset:\Gamma$). Na articulação das classes funtílicas em elementos, a atribuição é feita conforme seja clara a função que os funtivos contraem. Porém, algum critério de atribuição é necessário para os casos ambíguos ou de múltiplas possibilidades de atribuição.

Dos casos descritos no Résumé (Rg 56–58), nos interessam os seguintes:

- a) se um pré-elemento entra numa categoria cujos funtivos contraem *reciprocidade* ($\{:\beta\}$ ou $\{:\mathbf{B}\}$) e contrai *substituição* com outro pré-elemento que entra numa categoria cujos funtivos contraem *determinação* ($\{:\gamma\}$), então este pré-elemento deve ser registrado numa *determinação* $\{:\gamma\}$;
- b) se um pré-elemento entra numa *interdependência* ($\{:\beta\}$) e contrai *substituição* com outro que entra numa *constelação* ($\{:\mathbf{B}\}$), então deve ser incluído numa *determinação* ($\{:\gamma\}$);
- c) se pré-elementos entram numa categoria funcional indefinida ($\{:\Gamma\}$), mas contraem *substituição* com pré-elementos recíprocos ($\{:\beta\}$ e $\{:\mathbf{B}\}$), eles serão incluídos respectivamente numa *interdependência* $\{:\beta\}$ e/ou numa *constelação* $\{:\mathbf{B}\}$;

Na análise de processos e sistemas, se certas grandezas relacionadas num processo podem, ao mesmo tempo, manter correlação de um processo para outro, em arranjos com grandezas que se alternam produzindo efeitos mutuamente divergentes, diremos que essas grandezas contraem uma função comutativa e são *invariantes* (RTL, D57) na correlação. O procedimento, aplicado sobre as cadeias dos processos, identifica, simultaneamente, as grandezas que funcionam como correlatos invariantes do sistema. Como grandezas do processo, elas são denominadas de *partes* (RTL, D134) da cadeia; como grandezas do sistema, elas são ditas *membros* (RTL, D138) dos paradigmas.

As *variantes* (RTL, D56 *var.*) são os funtivos correlatos que não atendem ao *teste da comutação*. Sua alternância com outro correlato na linha de um plano não produz alteração correspondente na linha do outro plano. Dizemos que contraem *substituição* (RTL, D55 :). As invariantes, por outro lado, são correlatos que, ao serem comutados na linha de um plano, tal alteração produz uma mudança relacionada na linha do outro plano.

No registro dos objetos na classe das *páginas*, por exemplo, foram encontrados objetos como “12”, “B12”, “pág. 12”, “página 12”, “PÁGINA 12”. Esses fúntivos, uma vez analisados, permitem as seguintes conclusões:

- a) não podem ser encontrados na mesma cadeia do mesmo processo, então são *correlatos*;
- b) a troca de um por outro no mesmo ponto da cadeia não produz nenhum efeito comutativo sobre o outro plano solidário, então contraem *substituição* e são *variantes*;
- c) essas variantes, que contraem substituição entre si na correlação de que participam, contraem, porém, comutação com variantes que participam de outras correlações, como ocorre com “15”, “B15”, “pág. 15”, “página 15”, “PÁGINA 15”. Nessa perspectiva, são *invariantes* da página, no caso.

A continuação da análise além dessas variantes encontraria outras invariantes, como a invariante de número em “página 12” e “páginas 13, 15 e 16”. Ou ainda, num grau mais alto, encontraríamos os elementos mórficos de “página” ou a composição decimal dos algarismos. Isto, porém, seria levar a análise além da *chamada*, porque essas distinções já não participam da sintagmática da própria *chamada*. A partir desse ponto, teríamos apenas *variedades* (RTL, D63 ~*var.*) e *variações* (RTL, D64 –*var.*), cujo valor promove a diversidade estilística dos diferentes veículos de comunicação.

Há dois tipos de correlação: uma cujos correlatos tem variantes comuns e uma cujos correlatos não tem variantes em comum. As duas estão interligadas. Quando não há variantes em comum entre os correlatos, tem-se uma *exclusão* (RTL, D70); quando há variantes em comum entre os correlatos, tem-se uma *participação* (RTL, D71). Então, as variantes “cotidiano”, “COTIDIANO”, “**cotidiano**” e “**cotidiano**” participam de uma mesma correlação. As variantes “12”, “B12”, “pág. 12”, “página 12” e “PÁGINA 12” também participam de uma mesma correlação. Porém, ambas as correlações excluem-se mutuamente, uma vez que as variantes não são compartilhadas entre as duas correlações.

Nas classes de invariantes, cada participante contrai mútua comutação com os participantes de outra classe de invariantes. Desse modo, “ilustrada”, “ILUSTRADA”, “**ilustrada**” e “**ilustrada**” são variantes que participam da classe de invariantes *caderno*, em comutação com “cotidiano”, “COTIDIANO”, “**cotidiano**” e “**cotidiano**” e de outras classes de correlatos comutáveis. As variantes “15”, “B15”, “pág. 15”, “página 15” e “PÁGINA 15”, por sua vez,

participam de outra classe de invariantes, a da *página*, cujos correlatos contraem comutação com “12”, “B12”, “pág. 12”, “página 12” e “PÁGINA 12”.

Qualquer que seja o ponto de partida para o estabelecimento das relações e correlações, o resultado será sempre o mesmo. Isso acontece porque não se trata de uma distribuição das partes do todo em posições sintáticas predefinidas. Essa seria a abordagem típica dos modelos gramaticais elaborados a partir de formalizações gerativistas como a teoria *X-barra*. A hierarquização glossemática, por sua vez, procede de modo muito diferente. Ela é o resultado da dedução das oposições funcionais: todo objeto analisado pelo procedimento contrai alguma função com algum outro objeto. As classes de invariantes, portanto, podem contrair *coesão*, se contraem *interdependência* ($:\beta$) ou *determinação* ($:\gamma$); ou podem contrair *reciprocidade*, se contraem *interdependência* ($:\beta$) ou *constelação* ($:\mathbf{B}$). Desse modo, o procedimento alcança o objetivo de registrar as dependências entre os derivados do objeto estudado, e isso é suficiente para descrevê-lo exhaustivamente.

4 ANÁLISE

A dedução, conforme se faz nesta tese, busca aplicar o *teste semiótico*. O *teste de hierarquia* (RTL, R75) verifica a possibilidade de analisar os componentes em derivados. O *teste de relação e mutação* (RTL, R76) verifica a existência de planos solidários, cujos derivados contraíam mutação mútua. Cada componente é submetido aos mesmos testes recursivamente para identificar a semiótica denotativa, pela qual a dedução deve iniciar. Cada um dos dois componentes encontrados na semiótica denotativa é examinado para que se possa elaborar uma descrição semiológica apropriada de sua sintagmática e paradigmática.

4.1 O primeiro componente ($\ast g^\circ$)

O primeiro componente na semiótica denotativa da *chamada* é um plano solidário a outro — o segundo componente (Seção 4.2). Não deve haver nada neles, além do próprio sistema, que os distinga como primeiro ou segundo componente. Em outras palavras, não são planos reconhecíveis por alguma de suas propriedades naturais. São planos genéricos ($\ast g^\circ$). A determinação desses planos opostos entre si é uma exigência do *teste semiótico*, já a atribuição como plano de conteúdo ou de expressão é arbitrária (RTL, D163-D164).

4.1.1 Determinação das classes

Durante a preparação do *corpus*, as 272 *chamadas* foram agrupadas, conforme a quantidade e distribuição dos objetos presentes (Subseção 3.1.4). No grupo mais simples, entraram aquelas compostas apenas por *título*, *caderno* e *página*, tal como as que aparecem na Figura 9. Nesses agrupamentos, os 13 tipos de objetos da redução inicial mostraram-se suficientes para a distinção das *chamadas* dentro dos grupos. Observou-se, desse modo, que os objetos, apontados aprioristicamente no início, mas selecionados mediante critérios de redução, tinham valor distintivo, uma vez que a presença ou ausência de um deles permitia enquadrar cada uma das *chamadas* em um dos grupos. Desse modo, foram estabelecidos 63 grupos no total. Esses agrupamentos, entretanto, ao final das contas, ainda se baseavam na aparência das *chamadas* e certamente estavam em número maior que o necessário.

Os procedimentos de preparação do *corpus* tinham a intenção de encontrar distinções entre as *chamadas*. Então o que se fez foi aproximar as *chamadas*, reunindo, no mesmo grupo, aquelas que tinham os mesmos objetos, organização equivalente e aparência aproximada. Esse

ordenamento tinha a intenção de explicitar o grau de complexidade relativo entre as *chamadas*. Na realidade, porém, cada *chamada* já é distinta das demais. Dentro do *corpus*, cada uma é variante de uma *chamada* teórica. Então, não é uma questão de diferenciação das variantes, mas de identificação das invariantes.

O princípio do empirismo determina que a descrição das *chamadas* precisa ser coerente do grau mais baixo até o grau mais alto. Portanto, descrever as *chamadas* de modo coerente e exaustivo pressupõe determinar o intrincado relacionamento que se estabelece entre os objetos, desde as relações mais simples até as mais complexas. Para determinar o grau dos relacionamentos existentes entre as classes internas da *chamada*, basta considerar, para começo, os objetos presentes: quanto mais objetos, tanto mais complexos serão os relacionamentos entre eles. Essas dependências geram as hierarquias que descrevem as classes de objetos, que selecionam, por sua vez, as classes descritivas da teoria.

Esse critério é aproximativo. Nesse ponto da investigação, não há informações semióticas seguras que permitam elaborar critérios internos. Se as classes fossem propostas *a priori*, sem que derivassem do efetivo exame dos objetos nas *chamadas*, não seriam derivadas da descrição, e o procedimento não poderia ser considerado um derivado do método empírico. A abordagem do *objeto específico* da pesquisa se dá, como já foi argumentado antes, através do *objeto estudado*, mais amplo e variado:

A hipótese de que partimos implica que, no interior da linguagem, é a língua e não a fala que constitui o objeto específico da linguística estrutural.

Com objeto específico queremos dizer o objeto visado, o objeto que se propõe separar. O objeto estudado, aquele do qual se parte a fim de separar o objeto visado, é necessariamente mais amplo e deve compreender essa manifestação da língua que é a fala. (HJELMSLEV, 1959, p. 24)

Para fins de análise, a determinação do grau de hierarquização das classes foi feita da seguinte maneira. Definidos os 13 objetos capazes de distinguir as *chamadas* entre si, foi atribuída uma letra minúscula do nosso alfabeto em sequência a cada um dos objetos distribuídos por ordem de maior frequência: *página* “a”, *caderno* “b”, *título* “c”, *vinheta* “d”, *nota* “e”, *ilustração* “f”, *crédito* “g”, *tópico* “h”, *legenda* “i”, *anexo* “j”, *subtítulo* “k”, *hiperlink* “l” e *assinatura* “m”. Durante a codificação das *chamadas*, a ausência de um desses objetos em qualquer uma das 13 posições foi sinalizada com um zero “0”. Se o objeto ocorria mais de uma vez, apenas uma marca era atribuída. A atribuição das letras foi arbitrária e não considerou, por exemplo, a posição do objeto dentro das *chamadas*, uma vez que o único critério considerado aqui é o da presença ou ausência do objeto.

Essa técnica produziu um código com sequências de letras que substituem a *chamada* analisada por uma representação em cadeia, cuja ordem dos objetos é constante. O código possibilita o reconhecimento do encadeamento das classes e hierarquias, sem as distrações produzidas pela aparência das *chamadas*. Como exemplo, citemos o código [abc0000000000]: ele representa a *chamada* mais simples, que apresenta os marcadores a de *página*, b de *caderno* e c de *título*. Uma *chamada* mais complexa seria representada pelo código [abc0efg0ijk00], que apresenta os marcadores a de *página*, b de *caderno*, c de *título*, e de *nota*, f de *ilustração*, g de *crédito*, i de *legenda*, j de *anexo*, k de *subtítulo*. A *chamada* hipoteticamente mais complexa receberia o código [abcdefghijklm], que representa a presença de todos os objetos, o que obviamente não ocorre no *corpus*, mas não seria impossível de ocorrer.

Uma vez codificadas, ordenar as *chamadas* consiste em alinhar os códigos da esquerda para a direita de tal modo que o zero (0) sempre preceda a letra correspondente em certa posição. Obtém-se algo assim: [00c0e00000010], [abc0000000000], [abc0efg0ijk00] ... [abcdefghijklm00000]. Quanto mais letras presentes, mais complexa é a *chamada* representada. De fato, as combinações de letras no código já constitui descrição e também representam as classes descritivas formais, isoladas ou em combinação com outras classes. Ao final, foram identificadas 32 classes de chamadas em substituição aos 63 grupos da primeira abordagem classificatória.

Quando alinhados e comparados entre si, os códigos revelam algumas coisas sobre os objetos que eles representam:

- a) alguns objetos formam blocos que aparecem ao lado de outros;
- b) alguns objetos, ou blocos de objetos, aparecem em todas as classes;
- c) alguns objetos aparecem sempre ao lado de certos outros objetos, mas não de qualquer um;
- d) alguns objetos têm ocorrência livre em relação a outros.

Mas não ocorre nada muito inesperado. Era óbvio desde o primeiro levantamento que os *créditos* (g) ou as *legendas* (i) apareceriam associados com as *ilustrações* (f) e com nenhum outro objeto. Por outro lado, não era esperado que o *subtítulo* (k) e o *anexo* (j) tivessem a ocorrência dependente da presença da *nota* (e). Em geral, o senso comum entende que *subtítulo* está associado a *título*, sendo uma especificação deste, mas não parece ser esse o caso. De acordo com os dados, a classe k de objetos poderia receber um nome mais apropriado, como *pré-nota* ou *subnota*. Também é comum a crença de que um *anexo* (j) estaria relacionado à

unidade inteira da *chamada* e não a uma parte desta, no caso a *nota*. Essas questões serão examinadas posteriormente. As 32 classes no primeiro componente foram redistribuídas em 7 classes, conforme as associações preferenciais entre as classes dos objetos: *c*, *abc*, *abce*, *abcef*, *abcd*, *abcde*, *abcdef*.

4.1.2 *Inventário das classes*

Estando as *chamadas* redistribuídas conforme a organização das classes derivadas, é possível identificar as unidades formadas e as categorias que permitem a descrição efetiva das classes. Daí em diante, de maneira não apriorística, é possível proceder a uma análise paradigmática. Os passos dessa análise consistem em tomar as variantes das *chamadas* e compará-las para ir isolando os *correlatos invariantes* a partir da análise das *unidades* das *cadeias*.

Desse modo, as classes de objetos e as funções que elas contraem vão sendo estabelecidas na forma de hierarquias, percebidas de modo intuitivo na primeira abordagem, confirmadas ou não a partir daqui. O percurso do procedimento amplia-se das classes mais abrangentes e simples até as classes mais complexas e específicas. O objetivo é chegar aos mesmos padrões de análise usados para codificar o *corpus* ou corrigir aquela categorização inicial.

A descrição das *chamadas*, nesta tese, considera três hierarquias diferentes: (i) a dos objetos selecionantes (classes de variáveis); (ii) a das classes selecionadas na semiologia da *chamada*; e (iii) a das classes selecionadas da metassemiologia. Neste ponto da dedução, o objeto *chamada*, em quaisquer de suas composições, já aparece como um objeto de análise. Portanto, é uma classe semiológica selecionada por classes de variáveis, no sentido glossemático do termo. Essa condição é necessária para aplicar o *teste de manifestação* (RTL, R84).

O objeto, qualquer que seja sua composição, também está submetido ao mesmo procedimento dedutivo. Seus componentes e derivados, por sua vez, selecionam as classes de *chamada*, seus componentes e derivados. Os encadeamentos de classes, selecionados por encadeamentos de objetos em todas as classes de *chamadas*, são classes derivadas da *chamada* e, se são, elas mesmas, constituídas por outros encadeamentos, são classes de classes ou hierarquias. Daqui por diante, todas serão denominadas com o termo *classe*, a não ser que o comentário refira o objeto fora do procedimento analítico.

As tabelas a seguir apresentam as classes do primeiro componente conforme o grau de relacionamento definido pela presença ou ausência dos objetos distintivos encontrados na

preparação do *corpus* e pelos encadeamentos recorrentes entre as classes de objetos. Para fins operacionais, as classes serão identificadas por sua composição, mas, para fins de aplicação prática e referência, recebem nomes comuns no jargão do cotidiano jornalístico. A classe, qualquer que seja sua combinatória, é selecionada por classes de variáveis, os objetos que de fato a manifestam no *corpus*. Portanto, objetos manifestantes resultantes do encadeamento de outros objetos devem receber, aqui, nomes transparentes, eventualmente os mesmos nomes reservados às classes correspondentes. Na medida do possível, mantemos os nomes comuns alçados a termos técnicos.

4.1.2.1 Desvio

Tabela 13 – Classe *c* dos *desvios de chamada*

Frequência	Classe	Código	Objeto
5	<i>cel</i>	00c0e00000010	Anúncio com hiperlink
1	<i>cdhl</i>	00cd000h00010	Anúncio com hiperlink e tema
2	<i>bcdh</i>	0bcd000h00000	Chamada incompleta

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Na Tabela 13, estão registradas três classes, totalizando 8 casos. O único derivado comum às três classes é o *título* (*c*), o que permite identificá-las como a classe *c* dos *desvios* de chamadas. Foram registrados, como objetos na classe *hiperlink* (*l*), os endereços eletrônicos, como seria esperado. Nos casos onde ocorre *hiperlink* (*l*), não ocorre nem *página* (*a*) nem *caderno* (*b*): a organização prévia do *corpus* já mostrara que essas classes excluem-se mutuamente. Deve ser destacado, ainda, que todos os casos na classe *cel* são iguais entre si, o que nos parece a indicação de uma classe de objetos alheia ao universo das *chamadas*: poderia muito bem ser identificada como *anúncios*. Na pesquisa, os cinco casos são analisados como um só, uma vez que não se distinguem. Além disso, consideramos que certos encadeamentos de objetos caracterizam uma certa classe de *chamadas*. Porém, esses casos parecem não ter uma identidade, o que se percebe pela dispersão dos objetos que selecionam as classes. Por isso, os casos da Tabela 13 são classificados como *desvios*: são, de fato, chamadas incompletas ou ambíguas em relação aos anúncios.

Os cinco casos da classe *cel* (anúncios com hiperlink) são C22 (p. 236), C40 (p. 237), C83 (p. 240), C126 (p. 243) e C150 (p. 244). O caso da classe *cdhl* (anúncio com hiperlink e tema) é C245 (p. 253)³⁸. Os dois casos da classe *bcdh* (chamadas incompletas) são C196 e C197

³⁸ É provável que, na seleção do *corpus*, tenha ocorrido um erro de interpretação no recorte do caso que resultou

(p. 248)³⁹.

4.1.2.2 *Título*

Tabela 14 – Classe *abc* dos *títulos de chamada*

Frequência	Classe	Código	Objeto
22	<i>abc</i>	abc0000000000	Título simples
1	<i>abcfgi</i>	abc00fg0i0000	Título ilustrado

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 14 registra os 22 casos que incluem apenas as classes *página* (a), *caderno* (b) e *título* (c) e o único caso da classe *abcfgi*, totalizando 23 casos. A classe *abc* dos *títulos* está presente em todas as outras classes, exceto na classe *c* dos *desvios*, comentado acima (Tabela 13). Por isso, deve ser considerada o núcleo formativo em todas as outras classes de *chamadas*. Em outras palavras, é a menor *extensão* (RTL, D184) possível para uma *chamada*. Os casos na classe *abc* dos *títulos* são opostos à dispersão de objetos que ocorre nos casos da classe *c* dos *desvios*. Então, todas as classes, inventariadas a seguir, que incluem essa classe nuclear *abc*, constituem-se de classes em oposição às classes incluídas na classe *c* dos *desvios* de chamada.

Observa-se que, na classe *c* dos *desvios* (Tabela 13), a classe da *remissão* é ora selecionada pelo objeto *hiperlink* (1), ora selecionada pelo objeto *caderno* (b), contrariando a situação mais frequente na qual seria selecionada pelos objetos das classes *página* (a) e *caderno* (b). Isto revela a ocorrência de uma classe *ab*, componente da classe *abc*, oposta à classe do objeto *hiperlink* (1), componente que constitui uma classe dos desvios de chamada. A remissão típica das *chamadas*, portanto, é a classe *ab*, que não existe fora da classe *abc*, núcleo de todas as *chamadas*.

A classe *abcfgi*, por sua vez, apesar de ser um único caso, revela algo bastante interessante: poderia haver uma classe *fgi* de objetos autônomos, mas que não constituiria *chamada*. A classe *fgi* é composta pelas classes selecionadas pelos objetos *ilustração* (f), *crédito* (g) e *legenda* (i). Seria o caso de uma charge na capa da edição, por exemplo. Sua autonomia, no entanto, é hipotética, visto que não aparece no nosso *corpus*, mas representa o objeto manifestante denominado *ilustração*. A classe nuclear *abc* é selecionada pelo objeto manifestante *título*, e a junção da classe *abc* (*título*) com uma classe *fgi* (*ilustração*) permite

na classe *cdhl*: a C245 (p. 253) é certamente um anexo da C244. Este fato, porém, não altera a dedução.

³⁹ A C196 e a C197 (p. 248) poderiam ser interpretadas como uma única *chamada* do ponto de vista gráfico, mas tal unidade não é apoiada pela distinção dos temas abordados. Por isso, são tratadas como casos independentes.

classificar o objeto manifestante como *título ilustrado* (*abcfgi*).

Os 22 casos da classe *abc* (*título*) no *corpus* são: C3 (p. 235); C17, C18 (p. 236); C35, C45 (p. 237); C59 (p. 238); C272 (p. 239); C72, C87 (p. 240); C90, C92 (p. 241); C106, C107, C116 (p. 242); C119, C120, C121, C132, C134 (p. 243); C137, C139 e C140 (p. 244). O único caso da classe *abcfgi* (*título ilustrado*) é C63 (p. 239).

4.1.2.3 Nota

Tabela 15 – Classe *abce* das *notas de chamada*

Frequência	Classe	Código	Objeto
48	<i>abce</i>	abc0e00000000	Nota simples
1	<i>abcem</i>	abc0e0000000m	Nota assinada
3	<i>abcek</i>	abc0e00000k00	Nota ampliada com subtítulo
2	<i>abcejk</i>	abc0e0000jk00	Nota completa

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 15 registra os 54 casos da classe *abce* das *notas*, cuja *menor soma* (RTL, D215) é *abce* e a *maior soma* (RTL, D395) possível seria *abcejkm*, embora não encontrada no *corpus*. Vimos anteriormente que a classe *abc* tem dois componentes: a classe *ab* e a classe do *título* (*c*). Observamos ainda que, na classe *cel* (Tabela 13), ocorre a classe *ce*, mas não ocorre *ab*, que foi substituída pela classe do *hiperlink* (*l*). Portanto, parece mais correto supor que a conexão se faz entre *ab* e *ce*, mas não entre *abc* e a classe da *nota* (*e*).

Outras classes também se associam à classe da *nota* (*e*), mas em situações menos frequentes. É o caso do *anexo* (*j*), do *subtítulo* (*k*) e da *assinatura* (*m*). É interessante destacar que essas classes (*j*, *k* e *m*) não aparecem num contexto onde a classe da *nota* (*e*) não esteja, então formam com ela outras classes: *em*, *ek* e *ejk*. Em outras classes do componente, é possível encontrar também a classe *ej* (Tabela 18). Além dessas, podemos supor que outras classes poderiam se formar em torno da *nota* (*e*), mesmo que não apareçam no *corpus*: *ejm*, *ekm* e *ejkm*.

A classe da *nota* (*e*), estando sozinha ou em associação com outras, aparece sempre dentro das classes *ce*, *cem*, *cek*, *cej* e *cejk*. Qualquer dessas, por sua vez, aparece dentro das unidades de classes que incluem a classe *ab*. Portanto, *e* é uma classe selecionada pelo objeto *nota*, desde que esteja encadeada com duas outras classes, o *título* (*c*) e a *remissão* (*ab*). A classe *e*, mesmo em associação com outras classes (*m*, *k* e *j*), não constitui um objeto autônomo, isto é, não aparece na capa a não ser dentro da *chamada*. Por isso, as classes que a *nota* (*e*) forma com as classes do *título* (*c*), do *anexo* (*j*), do *subtítulo* (*k*) e da *assinatura* (*m*) são componentes

dependentes da presença de outras classes nas *chamadas* onde ocorrem.

Os 48 casos da classe *abce* (nota simples) são: C1, C2, C5, C6, C7 (p. 235); C15, C19, C20, C21, C29, C30 (p. 236); C37, C38, C39, C44, C46, C47 (p. 237); C51, C53, C57, C61 (p. 238); C65, C70 (p. 239); C76, C84, C85, C86 (p. 240); C89, C93, C94, C95, C102, C103 (p. 241); C109, C110, C111, C114, C115 (p. 242); C125, C128, C130, C133, C135 (p. 243); C136, C138, C141, C142, C149 (p. 244). O único caso da classe *abcem* (nota assinada) é C32 (p. 237). Os três casos da classe *abcek* (nota ampliada com subtítulo) são C28 (p. 236), C56 (p. 238) e C144 (p. 244). Os dois casos da classe *abcejk* (nota completa) são C81 (p. 240) e C97 (p. 241).

4.1.2.4 Registro

Tabela 16 – Classe *abcef* dos registros de chamada

Frequência	Classe	Código	Objeto
1	<i>abcef</i>	abc0ef0000000	Registro simples
2	<i>abcefg</i>	abc0efg000000	Registro creditado
14	<i>abcefgi</i>	abc0efg0i0000	Registro legendado
2	<i>abcefgik</i>	abc0efg0i0k00	Registro ampliado com subtítulo
1	<i>abcefgij</i>	abc0efg0ij000	Registro ampliado com anexo
3	<i>abcefgijk</i>	abc0efg0ijk00	Registro completo

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 16 registra 23 casos da classe *abcef* dos registros, cujos fúntivos manifestantes combinam os objetos *nota* (e) e *ilustração* (f). A sua *menor soma* é *abcef* e a *maior soma* possível é *abcefgijkm*, não encontrada no *corpus*. Nessa classe, encontramos: (i) o núcleo formativo das *chamadas abc*; (ii) a *menor soma* da *nota* (e); e (iii) o componente mínimo da *ilustração* (f). As classes e e f, como explicado anteriormente, são os núcleos formativos das classes associadas em torno da *nota* (*ek*, *ej* e *ekj*) e das classes associadas em torno da *ilustração* (*fg*, *fi* e *fgi*). As classes da *nota* são independentes das classes da *ilustração*, isto é, sua presença não depende uma da outra, mas ambas dependem da classe *abc*. Isto se sabe observando a coocorrência dessas classes nas outras classes. Então, o que caracteriza a classe dos *registros* é a presença combinada de quaisquer das classes da *nota* e/ou da *ilustração*, mas esta combinação só se mantém na presença de uma classe *abc*. Ora, como explicado antes, a classe *abc* é de fato uma classe *ab* relacionada a uma classe *c*. Desse modo, se percebe que a dedução das classes do *registro* deve ser feita a partir das classes *cef*, *cefg*, *cefgi*, *cefgik*, *cefgij* e *cefgijk*. Estas são as classes que se relacionam à classe *ab* nessa classe.

O único caso da classe *abcef* (registro simples) é C77 (p. 240). Os dois casos da

classe *abcefg* (registro creditado) são C62 (p. 239) e C195 (p. 248). Os 14 casos da classe *abcefgi* (registro legendado) são C9 (p. 235); C13, C26 (p. 236); C48, C55 (p. 238); C67 (p. 239); C74, C82 (p. 240); C88, C96 (p. 241); C112, C113 (p. 242); C123 (p. 243); e C143 (p. 244). Os dois casos da classe *abcefgik* (registro ampliado com subtítulo) são C31 (p. 237) e C104 (p. 242). O único caso da classe *abcefgij* (registro ampliado com anexo) é C71 (p. 240). Por fim, os três casos da classe *abcefgijk* (registro completo) são C8 (p. 235), C64 (p. 239) e C117 (p. 243).

4.1.2.5 Tema

Tabela 17 – Classe *abcd* dos temas de chamada

Frequência	Classe	Código	Objeto
85	<i>abcd</i>	abcd00000000	Tema simples
1	<i>abcdf</i>	abcd0f000000	Tema ilustrado
17	<i>abcdh</i>	abcd000h0000	Tema ampliado com tópico
6	<i>abcdfh</i>	abcd0f0h0000	Tema ilustrado com tópico
4	<i>abcdfg</i>	abcd0fg00000	Tema ilustrado com crédito
10	<i>abcdfgi</i>	abcd0fg0i0000	Tema ilustrado com legenda
1	<i>abcdfgh</i>	abcd0fgh00000	Tema ilustrado com tópico e crédito
3	<i>abcdfghi</i>	abcd0fghi0000	Tema ilustrado completo

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 17 registra os 127 casos da classe *abcd* dos temas, que é a classe no primeiro componente com maior número de casos. Nessa classe, cuja soma menor é *abcd* e a soma maior é *abcdfghi*, as composições de classes são selecionadas pelo objeto manifestante tema. Ao núcleo formativo *abc*, ajunta-se a classe da *vinheta* (*d*), eventualmente acompanhada da classe do *tópico* (*h*). Observando os dados de distribuição das classes nas demais classes de chamadas, percebe-se que o *tópico* (*h*) é uma classe que só aparece na presença da *vinheta* (*d*), formando com esta a classe *dh*. Ao tema mínimo (*abcd*), associam-se, em alguns casos, a classe da *ilustração* (*f*) e suas classes associadas. Porém, diferente do que ocorre na classe *abcef* dos registros, as classes da *ilustração* (*f*) não são obrigatórias aqui. Além disso, a ausência da classe da *nota* (*e*) e suas associações é outra marca dessa classe.

Os 85 casos da classe *abcd* (tema simples) são: C10, C11 (p. 235); C14, C24, C25, C27 (p. 236); C33, C34, C41, C42, C43 (p. 237); C49, C50, C54, C60 (p. 238); C68, C69 (p. 239); C78, C79, C80 (p. 240); C91, C99, C101 (p. 241); C105, C108 (p. 242); C118, C122, C124, C127, C129, C131 (p. 243); C146, C147, C148, C151, C152, C153 (p. 244); C157, C159, C160, C163 (p. 245); C169, C170, C171, C172, C173 (p. 246); C179, C180, C181, C183 (p. 247); C199, C200, C201, C202 (p. 248); C206, C207, C208, C209, C210, C213 (p. 249); C216, C217, C218, C219, C222, C223, C224,

C225 (p. 250); C234, C235, C237, C238 (p. 251); C247, C248, C251, C254, C255 (p. 253); C258, C259, C260, C261, C268, C269, C270 e C271 (p. 254).

O único caso da classe *abcdf* (tema ilustrado) é C242 (p. 252). Os 17 casos da classe *abcdh* (tema ampliado com tópico) são: C58 (p. 238); C167, C175 (p. 246); C187, C189 (p. 247); C192, C193 (p. 248); C221 (p. 250); C228, C230, C231, C239 (p. 251); C249, C252 (p. 253); C265, C266 e C267 (p. 254).

Os seis casos da classe *abcdfh* (tema ilustrado e com tópico) são C182, C188 (p. 247); C212, C214 (p. 249); C246 (p. 253); e C264 (p. 254). Os quatro casos da classe *abcdfg* (tema ilustrado com crédito) são C23 (p. 243); C176 (p. 247); C204 (p. 249); e C244 (p. 253). Os 10 casos da classe *abcdfgi* (tema ilustrado com crédito e legenda) são: C145 (p. 244); C156, C161, C162, C164 (p. 245); C166 (p. 246); C191 (p. 248); C205, C211 (p. 249); e C220 (p. 250). O único caso da classe *abcdfgh* (tema ilustrado com crédito e tópico) é C186 (p. 247). Os três casos da classe *abcdfghi* (tema ilustrado completo) são: C174 (p. 246); C227 (p. 251); e C263 (p. 254).

4.1.2.6 *Relato*

Tabela 18 – Classe *abcde* dos *relatos de chamada*

Frequência	Classe	Código	Objeto
16	<i>abcde</i>	abcde00000000	Relato simples
1	<i>abcdek</i>	abcde00000k00	Relato ampliado com subtítulo
5	<i>abcdej</i>	abcde0000j000	Relato ampliado com anexo
1	<i>abcdehk</i>	abcde00h00k00	Relato ampliado com tópico

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 18 registra 23 casos. De certo modo, pode-se dizer que a classe *abcde* dos *relatos* consiste na mescla da classe das *notas* (*abce*) e da classe dos *temas* (*abcd*). O *relato* de menor soma é constituído pela classe *abcde* e o de maior soma possível pela classe *abcdehjk*, não encontrada no *corpus*. Embora não sejam encontradas no *corpus*, podemos inferir que deve haver *relatos* cujas classes incluam outras classes associadas da *nota* (*e*), como a classe da *assinatura* (*m*). Porém, o *relato* não admite as classes da *ilustração* (*f*).

No que diz respeito às conexões entre as classes, já sabemos (observando a distribuição nas classes do componente) que a classe da *vinheta* (*d*) e a classe da *nota* (*e*) não constituem condição para a presença uma da outra, mas ambas dependem da presença da classe do *título* (*c*). A descrição poderia associá-las ao *título* (*c*) em qualquer ordem, já que há ocorrência tanto de *cd* quanto de *ce*, embora a classe *cd* seja a mais frequente entre as duas no *corpus*. No entanto,

fica claro que a escolha de uma ou outra alternativa é arbitrária, como esperado, já que qualquer delas produzirá o mesmo resultado descritivo.

Os 16 casos da classe *abcde* (relato simples) são C12 (p. 235); C52 (p. 238); C73, C75 (p. 240); C98, C100 (p. 241); C184, C185 (p. 247); C194, C198 (p. 248); C229, C236 (p. 251); C243, C250, C253 (p. 253); C257 (p. 254). O único caso da classe *abcdek* (relato ampliado com subtítulo) é C154 (p. 245). Os cinco casos da classe *abcdej* (relato ampliado com anexo) são C4 (p. 235); C16 (p. 236); C36 (p. 237); C66 (p. 239); C177 (p. 247). O único caso da classe *abcdehk* (relato ampliado com tópico) é C232 (p. 251).

4.1.2.7 Destaque

Tabela 19 – Classe *abcdef* dos *destaques de chamada*

Frequência	Classe	Código	Objeto
1	<i>abcdefk</i>	abcdef0000k00	Destaque com subtítulo
1	<i>abcdefi</i>	abcdef00i0000	Destaque com legenda
4	<i>abcdefgj</i>	abcdefg00j000	Destaque com anexo e crédito
1	<i>abcdefgjk</i>	abcdefg00jk00	Destaque com relato completo
2	<i>abcdefgi</i>	abcdefg0i0000	Destaque com registro completo
5	<i>abcdefgh</i>	abcdefgh00000	Destaque com tema completo

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A Tabela 19 inclui 14 casos da classe *abcdef* dos *destaques*. É a classe com o menor número de casos do *corpus*, excetuando a classe dos *desvios*. É também a que envolve maior extensão e complexidade, em termos do número de objetos selecionantes. Sua menor soma possível é *abcdef* e sua maior soma possível é *abcdefghijklm*. A classe *abcdef* dos *destaques* inclui (i) o núcleo formativo das *chamadas abc*; (ii) as classes associadas da *vinheta (d)*; (iii) as classes associadas da *nota (e)*; e (iv) as classes associadas da *ilustração (f)*. De fato, a classe dos *destaques* é a classe dos *relatos* acrescida das classes da *ilustração*. No *corpus*, os *destaques* são os objetos complexos que, dentro da capa da edição, tem maior relevância pelo lugar que ocupa e pelo espaço que se abre para ele. Poderia ser denominado *manchete*, mas apenas em certas situações coincide com o jargão que define a *manchete*. De fato, outros objetos também podem ocupar o lugar mais relevante da capa da edição e não apenas o *destaque*.

O único caso da classe *abcdefk* (destaque ampliado com subtítulo) é C203 (p. 249). O caso da classe *abcdefi* (destaque com legenda) é C256 (p. 254). Os quatro casos da classe *abcdefgj* (destaque ampliado com anexo) são C190 (p. 248); C215 (p. 250); C226 (p. 251) e C241 (p. 252). O caso da classe *abcdefgjk* (destaque completo) é C240 (p. 252). Os dois casos da

classe *abcdefgi* (destaque com legenda e crédito) são C155 (p. 245) e C165 (p. 246). Os cinco casos da classe *abcdefgh* (destaque ampliado com tópico) são C158 (p. 245); C168 (p. 246); C178 (p. 247); C233 (p. 251) e C262 (p. 254).

Esta aproximação do objeto de análise permitiu:

- a) desvendar as partes do primeiro componente;
- b) distinguir os tipos de *chamada* na perspectiva dessas partes;
- c) estabelecer o grau de cada classe derivada;
- d) explicitar as relações contraídas entre as partes;
- e) identificar a formação de classes realizadas pela unidade de classes virtuais.

A partir dessas informações, será possível analisar as articulações das classes na formação das categorias da *chamada*.

4.2 O segundo componente ($\ast g^\circ$)

O segundo componente na semiótica denotativa da *chamada* é um plano solidário a outro — o primeiro componente (Seção 4.1). Não deve haver nada neles que os torne semelhantes entre si, a não ser a sua própria condição de plano. Dito de outra maneira, os objetos que selecionam as classes de qualquer dos componentes solidários de uma semiótica pertencem a hierarquias de objetos diferentes em oposição às do outro componente. A manifestação desse segundo componente, embora sobreposta à do primeiro, é claramente reconhecível e não se confunde com aquela do primeiro componente.

4.2.1 *Matéria jornalística*

A descrição deve considerar os objetos maiores que o objeto analisado: a *chamada* funciona dentro da *edição*. Além da *capa*, os *cadernos*, os *encartes* e outros objetos também funcionam dentro da edição — tais objetos são classes de *variáveis*. A classe da edição é aquela cujos componentes são determinados pelas variáveis de capa, de cadernos e/ou de outros objetos presentes numa edição de jornal. Do mesmo modo, as classes de variáveis dentro da capa determinam as classes da capa (*chamada*, anúncio, etc.) e, através destas, também as classes da edição (capa, caderno, encarte, etc.). Temos, como já referido na Subseção 4.1.2, três camadas de manifestação desde as classes metassemiológicas das semióticas manifestadas pelas classes semiológicas da *edição*, da *capa* e/ou da *chamada* até as classes de variáveis dos

objetos manifestantes na *matéria* do jornal. Porém, as descrições das hierarquias manifestantes e manifestadas não precisam estar conformes, embora o procedimento descritivo que se aplica a cada uma seja exatamente o mesmo.

Parece evidente, ao menos para mim, que os objetos de interesse numa edição poderiam ser reduzidos, nas deduções desta tese, ao objeto da *matéria jornalística*. Ele incluiria os objetos especificados pelo senso comum como *opinativos*: *editorial*, *artigo*, *crônica* e *entrevista*. Também incluiria aqueles, especificados no jargão corrente como *noticiosos*: *notícia*, *reportagem* e *resenha*. Outros objetos da edição, como *anúncios*, *charges*, *tirinhas*, *horóscopos*, *cruzadas* e *cartas* são raramente relevantes, seu interesse para a pesquisa parece ser mínimo⁴⁰. De fato, os dados do *corpus* indicam que a *chamada* remete frequentemente a algum desses objetos da *matéria jornalística* (opinativa ou noticiosa) e muito raramente aos outros.

A descrição continua tendo como objeto a *chamada* e não a edição. Porém, a *matéria jornalística* nos interessa porque ela é a classe que abriga a *chamada* como componente. A afirmação pode parecer estranha já que a *chamada* ocorre na capa e na estrutura da capa parece estabelecer sua coesão (Seção 4.1), mas a estranheza se desfaz quando entendemos que os componentes ($\ast g^\circ$) da *chamada* são hierarquias independentes. A sua relação só se revela pelo complexo de análises: as hierarquias obtidas numa dedução não se conformam necessariamente aos padrões determinados pelas hierarquias obtidas em outra dedução com a qual possa contrair solidariedade. De modo mais claro, na dedução das hierarquias do primeiro componente, foi possível abstrair as variáveis da edição para focar apenas nas da *chamada*. Na dedução das hierarquias do segundo componente, tal abstração não parece ser possível.

A *matéria jornalística*, portanto, é a classe de variáveis na edição cujo componente *chamada* determina a classe da capa e o outro componente (qualquer das classes de objetos na matéria noticiosa ou opinativa) determina a classe do caderno. A matéria jornalística é a linha de continuidade da edição para objetos aparentemente descontínuos na capa e nos cadernos. Obviamente, aparecer na capa ou dentro do caderno não é um critério de distinção razoável. Porém, não se pode negar que a *chamada* faz parte da mesma classe de matéria jornalística que o objeto interno do caderno ao qual ela corresponde, seja uma notícia, um artigo ou qualquer outro objeto equivalente. Além do mais, os componentes da *matéria jornalística* estão ligados, mas não são idênticos. Eles comportam pesos informacionais diferentes. A chamada incluirá menos informações que o seu correspondente, mas, em contrapartida, apresentará na capa as

⁴⁰ O objeto da *matéria jornalística* justifica comercialmente o veículo informativo e provavelmente é o mais importante, mas esses pormenores desviariam nosso foco.

informações mais relevantes. Seria assim, mesmo que tais componentes da matéria jornalística não ocorressem na capa e no caderno.

Uma *chamada* qualquer, portanto, contrai função com o outro componente da matéria jornalística, ambos são relatos mútuos. Entre tais relatos ocorre uma seleção, uma vez que a classe da *chamada* é uma presença não obrigatória. Tal seleção pode ser denominada *remissão*. Em outras palavras, a remissão é a seleção dos derivados de um componente constante da matéria jornalística contraída pelos derivados da *chamada*. Como a *chamada* é o único objeto encontrado na capa que contrai essa função com um objeto geralmente encontrado no caderno, ela é facilmente registrada se a remissão for reconhecível. Em alguns veículos informativos (que não estão incluídos no *corpus*), o componente constante da matéria jornalística aparece na capa, mas, nesse caso, não parece haver justificativa para incluir também uma *chamada*, então não há seleção, nem remissão.

A edição estabelece uma parte importante de sua *coesão* através dessas *remissões* entre as *chamadas* e os componentes constantes da matéria jornalística. De fato, as marcas de página nos cadernos, a identificação do caderno, outros elementos como títulos e vinhetas, além dos próprios temas abordados na matéria jornalística, todos esses elementos podem ser furtivos da remissão. Porém, a edição não é nosso objeto de interesse. Na perspectiva da *coesão* interna da *chamada*, que é o nosso objetivo, a *remissão* é uma função sempre presente, que não distingue as *chamadas* entre si. Eis a razão porque, na dedução das hierarquias do segundo componente, a *remissão* não participa da descrição formal da *chamada*, embora ela seja uma classe derivada na dedução examinada anteriormente (Seção 4.1).

4.2.2 *Objetos de informação*

Uma análise temática específica para cada *chamada* apontaria apenas as variações que já sabemos existir entre elas. Não revelaria, porém, a constância de suas dependências internas. Logo, a descrição do objeto visado não deve ser a recapitulação de temas e assuntos, nem mesmo a interpretação do que a *chamada* diz ou do que costuma dizer. Tal abordagem poderia resolver um certo processo pela particularização de suas oposições informativas, mas não alcançaria o sistema subjacente ao conjunto dos processos. O levantamento exaustivo de todos os temas e assuntos particularizados em cada *chamada* do *corpus* conduziria tão somente a um emaranhado de tópicos que se confundiriam com a própria história do cotidiano no período retratado. Por esse meio, a descrição não teria capacidades preditivas, não poderia antecipar

quaisquer temas futuros, além daqueles encontrados no *corpus*.

No escopo da semiologia proposta para a *chamada*, a constatação de que algumas delas tratam do “período da semana santa”, por exemplo, não valida nenhum sistema. A particularização do tema não parece acrescentar nada ao que já se sabe pela simples leitura do jornal. As *chamadas* costumam tratar de inúmeros outros assuntos. Sistematizá-los através das editorias (ou por outro meio qualquer) não poderia explicitar a sintagmática da *chamada*. Apenas as classificaria quanto à temática mais frequente, o que as editorias do próprio jornal já fazem. Nosso objetivo não é classificar a temática das *chamadas*, mas descrevê-las. Para isso, o importante são as classes de oposições contraídas entre os elementos da matéria informativa das *chamadas*, se tais oposições estiverem em mútua mutação.

É claro que as classes dos eventos noticiados cotidianamente também podem ser examinadas cientificamente. Nos últimos anos, tem se tornado comum, por meio da análise estatística, a demonstração dos campos de preferência em torno de assuntos populares, ou da influência de celebridades sobre o público ou do posicionamento político de usuários das redes sociais. Há ferramentas computacionais capazes de estabelecer os relacionamentos temáticos em *corpora* desse tipo de modo rigoroso e de mapear os blocos informativos mais ou menos relevantes para certos discursos. Essa abordagem, porém, não é nossa intenção. Deixamos tal ponto de vista, igualmente importante, para outros campos das ciências da linguagem ou outras disciplinas no âmbito das ciências humanas em geral. Nosso objetivo é mais modesto.

O foco de interesse na dedução do segundo componente, portanto, é identificar quais *objetos de informação* estão presentes na constituição da *chamada*. Esses *objetos de informação*, como explicado antes, são respostas a perguntas comumente usadas como guia de investigação da informação jornalística e de produção da notícia. Esses objetos do senso comum, salvo melhor juízo, constituem um esforço de ultrapassar a individualidade do evento noticiado, reconhecendo nele conexões com outros eventos através de classes de perguntas gerais e de *objetos de informação* que se prestam a respondê-las.

Parece promissor verificar:

- a) quais dessas classes de *objetos de informação* podem ser confirmadas na constituição do segundo componente da *chamada*;
- b) a possibilidade de ampliação do rol dessas classes, considerando os dados do *corpus*;
- c) o papel que elas exercem na estrutura informativa da *chamada* em conexão com

as classes do primeiro componente;

d) e como elas se articulam em categorias de sistema.

Em geral, a resposta ao problema de formulação do quadro de categorias descritivas é uma análise heurística prévia. Tal abordagem consistiria em levantar na literatura corrente tudo o que se sabe sobre os tipos de matéria jornalística referidos pela *chamada*. Na sequência da pesquisa prévia, seria elaborado um conjunto detalhado de categorias descritivas, levando em consideração os prós e contras de sua utilização, adequação e confiabilidade. No entanto, a chance de verificação das categorias obtidas desse modo seria proporcional ao número de suas ocorrências no *corpus*, o que tornaria impossível verificar a maioria delas. Além do mais, desse modo, só se encontra o que já se conhece. Nossa pressuposição é que um *corpus*, por pequeno que seja, carrega os elementos de sua própria descrição. A ampliação descritiva será possível *a posteriori* pela incorporação de novos elementos extraídos de outros *corpora*, progressivamente ampliados.

Um conjunto de *objetos de informação* que não tenha sido encontrado na verificação direta do *corpus* não nos interessa. O próprio objeto estudado exige a verificação de classes descritivas precisas e capazes de revelar os detalhes de sua organização. De modo algum, isso significaria render-se aos métodos indutivos, desde que não se perde de vista a totalidade do objeto analisado. Ora, as novas classes descritivas deduzidas da inteireza do objeto prestam-se exatamente a descrevê-lo exaustivamente. Do mesmo modo como foi feito antes com os *objetos gráficos* na primeira dedução, cada *chamada* é analisada quanto à presença ou ausência desses *objetos de informação*. Uma certa combinação deles poderia descrever uma certa *chamada*. De fato, durante esse levantamento, outras conexões foram evidenciadas, além daquelas com a matéria noticiosa.

A solução que propomos consiste em remodelar a base de identificação dos *objetos de informação* a partir da análise das próprias *chamadas* do *corpus*. A cada uma delas é possível aplicar a seguinte pergunta: “O que esta *chamada* faz?”. De certo modo, a sustentação dos *objetos de informação* preenchem esse espaço vazio, ocupam os campos de uma espécie de formulário da *chamada*. Se considerarmos o ponto de vista da matéria jornalística já produzida, entendê-la consistiria em recuperar os preenchimentos desses campos. Uma certa *chamada*, por exemplo, *relata* um evento específico ou *retrata* uma situação particular. Em ambos os casos, responde à pergunta “O quê?”. Se precisarmos descrever esse espaço informativo, podemos entender que ela o ocupa *relatando* um evento e/ou *retratando* uma situação. O modo como

faz uma coisa ou outra depende da articulação dos objetos derivados da *chamada*, sejam eles linguísticos ou ilustrativos, estejam eles no primeiro ou no segundo componente. Entre eles haverá mutação mútua.

Um fato apresenta-se óbvio desde o início: as *chamadas* não remetem apenas a notícias, como foi antecipado na Subseção 4.2.1. Se qualquer das perguntas tradicionais for lançada sobre certas *chamadas*, elas podem simplesmente resultar numa resposta nula, visto que essas perguntas são guias de formulação para notícias. Se a *chamada* sob exame remeter a um editorial, por exemplo, não haverá cobertura apropriada para os *objetos de informação* presentes nela. Logo, não é suficiente examiná-las apenas pelo seu carácter noticioso, é preciso dar cobertura também a diversas outras nuances que a *chamada* manifesta em consonância com os objetos da edição com os quais ela contrai *remissão*. Então, em decorrência da *seleção* que se estabelece entre a *chamada* e o componente constante da matéria jornalística, podem ocorrer na *chamada objetos de informação* típicos da matéria opinativa, bem como aqueles típicos de outros tipos de objetos na edição.

Outro fato a ser considerado é que a *chamada* e o componente constante da *matéria jornalística* têm pesos informacionais diferentes. Isto é, de um lado a chamada atrai a atenção do leitor com as informações mais relevantes, mas, ao mesmo tempo, fornece a ele apenas o suficiente para ainda poder remetê-lo ao objeto principal. Durante a análise das chamadas, foi verificado que alguns *objetos de informação* não se ajustam bem à distinção entre matéria opinativa e noticiosa. Nesses casos, eles estão melhor relacionados a essa função de densidade informacional. São objetos que se prestam ao papel de sumarizar informações relevantes ou de ampliar com detalhes a situação retratada. O próprio objeto estudado, através da análise, vai revelando os contornos de sua organização e devemos considerá-los sob pena de não o entender adequadamente.

Essas duas distinções parecem atender ao maior número de *objetos de informação*. Mesmo assim, alguns deles, menos frequentes, parecem escapar das distinções apresentadas acima. São objetos que cumprem o papel de gerar confiança sobre as informações veiculadas, seja por confirmá-las de alguma maneira, seja por empacotá-las numa aparência atraente. Eventualmente, num certo extremo, podem agregar à chamada onde funcionam as características de um anúncio. As distinções apresentadas até aqui ainda não podem constituir uma elaboração descritiva. Consistem em apontamentos prévios. De certo modo, essas distinções destacam o que esperar na progressão da análise, mas precisam ser confirmadas por ela.

Cada uma das 272 *chamadas* deve ser examinada cuidadosamente para revelar todo e qualquer *objeto de informação* pertinente. O registro dos objetos deve ser feito de tal modo que se possa acumulá-los na passagem de uma chamada a outra. A cada novo objeto encontrado, o percurso precisa ser refeito do início, para que ele seja incluído, se for o caso, na descrição das *chamadas* examinadas até aquele ponto, antes de continuar examinando outras. Ao final do procedimento, restarão apenas o número de objetos necessários à distinção das chamadas entre si. Somente serão considerados objetos que mantêm mutação mútua com outros objetos derivados do primeiro componente. Cada ocorrência só é contada uma vez, porque interessa apenas a presença ou ausência do objeto⁴¹.

4.2.3 *Campos e participantes*

A análise das *chamadas em objetos de informação*, como proposta na Subseção 4.2.2, não encerra a tarefa descritiva. Cada objeto precisa de um lugar para ocupar no sistema ou então qualquer conexão entre eles será possível. De fato, o registro dos objetos exige que haja categorias onde registrá-los. No entanto, não se pode simplesmente incluí-los num espelhamento das categorias do primeiro componente. Não deve haver conformidade entre os componentes de uma semiótica, porque, nesse caso, os supostos componentes seriam reduzidos a um só, e a descrição da *chamada* ficaria inviabilizada através da definição de semiótica. Portanto, o registro dos *objetos de informação* precisa adequar-se a uma rede de dependências diferente.

Sabemos que, em última instância, apenas os *objetos de informação* constituem a superfície observável do objeto de estudo. Partimos da totalidade indiferenciada que soma todos os *objetos de informação* numa única unidade a ser analisada. Qualquer *chamada* do *corpus* constitui unidade integral de *categorias funcionais*, que articuladas, revelam *categorias funtílicas*, que, por sua vez, se articulam nos *elementos* e seus derivados. Os *objetos* que procuramos distinguir são elementos, cujos derivados são as classes selecionadas pelas classes de variáveis na *matéria* das chamadas do *corpus*.

Ao projetar a forma semiológica sobre o objeto de estudo, sua organização se revela. Desse modo, evitamos o esforço infrutífero de encontrar a ordem das categorias em meio ao caos dos *objetos de informação*. Tentar impor a ordem das classes formais a partir das classes

⁴¹ O algoritmo apresentado aqui não confunde a dedução glossemática com os métodos indutivos do realismo ingênuo, porque cada chamada é analisada a partir da totalidade particular que a constitui. As unidades de objetos, encontradas na progressão da dedução, traduzem essa totalidade em cada chamada e também no *corpus* inteiro.

de variáveis dos objetos, antes de entender as categorias funcionais das quais eles participam, seria um recurso indutivo sem amparo no procedimento. A dedução precede a indução — é oportuno lembrar, não por um capricho, mas por razões de método, como explicado no final da Subseção 2.3.1.

Considerando o conjunto das chamadas no *corpus*, podemos partir da pressuposição de um único campo sem distinções, num espaço hipotético vazio. Todos os *objetos de informação* presentes no *corpus* participariam desse vasto campo sem oposições. Obviamente, isso não ocorre, ou não teríamos o que descrever. Entretanto, o exercício teórico permite entender que o campo indistinto pressuposto é recortado pelas oposições efetivas entre os *objetos de informação* e seus derivados. O limite dessa malha distintiva seria o número de objetos encontrados, situação em que as oposições ocorreriam, num único ranque, entre cada objeto e todos os outros. Tal descrição contraria o princípio da simplicidade e não se ajusta ao que já sabemos sobre os objetos. Então, qualquer chamada será constituída de hierarquias de categorias, em ranques cujas classes têm grau sempre inferior ao grau dos *objetos de informação* e seus derivados.

As categorias funcionais, que são articuladas em categorias funtívicas, resultam de uma única análise da chamada com base numa função dada, a *relação* (RTL, D7 R) no nosso caso. Nessas categorias funcionais, os elementos podem somar-se uns aos outros, mas sempre haverá pelo menos um elemento em cada uma das categorias funcionais. Se houver vários elementos numa categoria, eles podem estar distribuídos em até três campos opostos. Como não há *chamadas* com menos de três *objetos de informação* no *corpus*, devemos supor que: (i) ou temos uma única categoria com os três campos ocupados; (ii) ou temos duas categorias, uma delas com dois campos ocupados; (iii) ou temos três categorias funcionais, cada uma com um campo ocupado.

A escolha de uma das três alternativas precisa ser coerente quando aplicada a todas as chamadas e considerar o efetivo funcionamento das oposições entre os elementos. Um fato é claro: não há mais de três categorias funcionais. Se a ocorrência mínima, conforme os dados do *corpus*, é de três objetos, um número de categorias maior deixaria alguma delas vazia, o que não é aceitável. Por outro lado, as regras da metasemiologia determinam selecionar o maior número possível de categorias funcionais (RTL, Rg 45 Tempo 2). Então, em acordo com a análise das relações nas *chamadas* do *corpus*, observamos a existência de três categorias funcionais presentes na composição do segundo componente de qualquer chamada.

Isso significa que todos os *objetos de informação* deduzidos pela análise distribuem-

se numa de três categorias funcionais, conforme apresentaremos a seguir (Tabela 20). Nunca é bastante lembrar que os nomes associados às categorias são arbitrários. Elas existem como possibilidades paradigmáticas eventualmente preenchidas pelos objetos em correlação. Portanto, a denominação atribuída não se refere a qualquer propriedade ontológica do objeto ou da categoria que o inclui. Embora sejam nomes apropriados (extraídos do senso comum, preferencialmente dos jargões jornalísticos), referem-se a um valor, que existe somente no contraste. Obviamente não é conveniente lidar apenas com abstrações de valor, então os termos preenchem essa necessidade da descrição, que não é, entretanto, característica do objeto descrito.

A primeira distinção mais evidente, já discutida (Subseção 4.2.1), é aquela que separa as *chamadas* conforme o tipo de objeto com o qual ela contrai *remissão*. Assim como a *matéria jornalística* inclui matérias noticiosas ou opinativas, os *objetos de informação* seriam distribuídos entre esses dois extremos. Os objetos registrados deveriam oscilar entre a participação no campo da *constatação*, que pode ser determinado pela matéria noticiosa, e a participação no campo da *ponderação*, que pode ser determinado pela matéria opinativa. Essa distinção do senso comum entre notícia e opinião, entretanto, não pode ser um critério absoluto para o registro dos objetos, visto que, segundo os dados do *corpus*, uma notícia pode incluir objetos de ponderação, e um artigo pode incluir objetos de constatação.

Outra maneira de enxergar a distinção entre os objetos seria considerá-los de tal modo a se poder dizer que alguns (*listagens, comparações, etc.*) são mais imparciais e menos engajados. Estes seriam incluídos na *constatação*. Sobre outros (*suposições, avaliações, etc.*), pode-se dizer que são, ao contrário, mais engajados e menos imparciais. Nesse caso, seriam incluídos na *ponderação*. Essa abordagem parece mais adequada aos dados. Objetos que não participam nem de um nem de outro desses campos são registrados necessariamente no terceiro campo, o da *incerteza*, determinado por objetos para os quais constatação e ponderação não são relevantes. Podemos dizer que essas categorias de objetos compõem juntas a categoria funcional da *exposição*.

A segunda distinção, discutida apenas de modo indireto, deriva também da determinação contraída entre a *chamada* e o componente constante da *matéria jornalística*. O senso comum e a prática jornalística, com toda razão, consideraria impróprio a chamada de capa ter o mesmo peso informacional da matéria que ela refere. Nessas condições, a *chamada* deveria ser uma versão resumida da matéria referida. De fato, os dados do *corpus* confirmam que a *chamada* tende a incorporar a porção menor da informação na *matéria jornalística*. No entanto, a distin-

ção que buscamos não se refere à extensão das cadeias dos textos, mas ao tipo de informação acrescentada.

Consideramos que, nessa segunda categoria, os *objetos de informação* são distribuídos entre dois campos opostos: aqueles que respondem às perguntas “O quê?” e “Quem?” e aqueles que acrescentam detalhes como respostas às perguntas “Quando?”, “Quanto?”, “Como?”, “Por quê?” e “Onde?”. Em consequência, os primeiros devem ser registrados no campo da *condensação*, gerando informação primária, e os outros devem ser registrados no campo da *expansão* dos detalhes, gerando informação complementar. Aqueles objetos que não participam nem de um nem de outro dos dois campos são registrados no terceiro campo da *superfluidade*, aquele da informação supérflua, desnecessária ou irrelevante. Essas categorias de objetos no seu conjunto constituem a categoria funcional da *densidade*.

A terceira e última distinção é aquela que considera o contrato de confiança entre o veículo de informação e o leitor, analisado sob a perspectiva dos *objetos de informação* que aparecem nas *chamadas*. Para garantir a confiabilidade das informações presentes na chamada, os *objetos* prestam-se ao papel de justificá-las. Podem fazê-lo incluindo provas, evidências ou silogismos que se dirigem à racionalidade do leitor, deixando-o sem margens para a dúvida. Nesse caso, os objetos participam no campo da comprovação da informação veiculada, isto é, da *demonstração*. Ou podem conquistar a adesão do leitor, gerando confiança por atrativos estéticos (retóricos ou gráficos) diversos da própria informação. Desse modo, apelam para a afetividade que engaja o leitor pela emoção, pelo sentimento, pela paixão. Nesses casos, os objetos participam no campo da *sedução*. Em certos casos, bastante raros, podem simplesmente não justificar a informação. Nessas situações, os objetos participam no campo da *imposição*, repercutindo alguma regulação, cuja autoridade ultrapassa a do jornal e todos os leitores são compelidos a aceitar. A totalidade dessas categorias de objetos constituem a categoria funcional da *validação*.

4.2.4 Categorias e classes de objetos

Ao final da verificação dos dados do *corpus*, foram encontrados 30 classes de *objetos de informação*, cujos derivados respondem à pergunta “O que a *chamada* faz?”. Ao todo somam 1867 casos de objetos encontrados. Na Tabela 20, os objetos estão organizados por categorias conforme discutido na Subseção 4.2.2. Cada arranjo de objetos encontrado constitui a cadeia particular de uma chamada analisada e a descreve individualmente. A menor soma numa

Tabela 20 – Configuração de campos dos *objetos de informação*

Frequência	Categorias	Campos	Objetos
663	Exposição	Constatação Incerteza Ponderação	Comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição, topicalização Mistura, brincadeira, deboche Avaliação, rotulação, qualificação, suposição
832	Densidade	Condensação Superfluidade Expansão	Relato, atribuição, antecipação Especulação Retrato, situação, quantificação, explicação, localização
372	Validação	Demonstração Imposição Sedução	Citação, mostra, garantia Regulação Aviso, valorização, recomendação

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

chamada consiste em 3 objetos e a maior em 16. Os *objetos de informação* e seus derivados são descritos a seguir na ordem de seu aparecimento no *corpus*, mas obedecendo à hierarquia das categorias de que fazem parte.

Como explicado na Subseção 4.2.3, procedemos como se a primeira *chamada* analisada fosse o *corpus* inteiro. Nela, encontramos alguns objetos que foram, em seguida, testados na segunda *chamada*, agregada à amostra inicial. Nessa segunda *chamada*, foi possível encontrar outros objetos que não tinham sido verificados antes. Esses novos objetos foram testados na primeira *chamada* e, nos casos em que foram encontrados, a descrição dela foi ampliada. O procedimento seguiu para a terceira *chamada*, a fim de testar nela todos os objetos encontrados nas *chamadas* anteriores e de verificar a ocorrência de novos objetos. As operações foram repetidas progressivamente até incluir todas as 272 *chamadas* na dedução. Descrevemos a seguir apenas aquelas que permitiram identificar novos *objetos de informação* ou que incluem casos exemplares destes, considerando o resultado obtido ao final do procedimento.

4.2.4.1 Exposição

A análise das *chamadas* do *corpus* nas distinções de campos da categoria funcional da *exposição* permite extrair os seguintes apontamentos:

- a) foram incluídos nessa categoria funcional 663 (35,51%) casos de *objetos de informação*;
- b) destes, 456 (68,78%) casos foram registrados no campo da *constatação*, 16 (2,41%) casos no campo da *incerteza* e 191 (28,81%) casos no campo da *ponderação*;
- c) a *exposição* inclui 14 das 30 classes de objetos distintos, distribuídas 7 no campo

da *constatação*, 3 no campo da *incerteza* e 4 no campo da *ponderação*.

4.2.4.1.1 Constatação

Quando a *chamada*, por qualquer meio, estabelece uma oposição entre duas ou mais informações, colocando-as explicitamente em relação, dizemos que ela *compara*. Geralmente ocorre com os recursos linguísticos tradicionalmente conhecidos pelo termo *comparação*. Na *chamada* C1 (p. 235), a comparação é feita entre os indicativos econômicos de um mês para o outro. Porém, é necessário considerar recursos não linguísticos. Assim, o objeto pode ocorrer entre as categorias de um gráfico com dados estatísticos, como é o caso em C64 (p. 239). Ou pode ocorrer ainda em imagens colocadas em paralelo (uma espécie de *antes e depois*) como é o caso em C113 (p. 242). Foram encontrados 13 casos de *comparação*.

Os *objetos de informação* da *chamada* podem estabelecer uma equivalência, um assemelhamento entre as informações. Quando ocorrem objetos com esse perfil, dizemos que a *chamada equipara*. Na *chamada* C1 (p. 235), o percentual da expectativa de mercado é contrariado pelos resultados obtidos na economia. Pode ocorrer também pela aproximação de termos contrários, como se dá em C3 (p. 235) com os termos “assédio” e “brincadeira”. A equiparação pode ser efetivada ainda pela aproximação entre eventos, estabelecendo entre eles uma relação de causa aparente (não necessária), como é o caso em C90 (p. 241). Foram encontrados 41 casos de *equiparação*.

Quando a *chamada* inclui nomes de pessoas ou instituições não responsáveis pelos eventos relatados ou pelas situações retratadas, mas envolvidos pelos fatos de algum modo, dizemos que ela *implica*. É o que ocorre ao se fazer referência a empresas que prestam “serviços de motoristas particulares” em C2 (p. 235). Quaisquer nomes referidos desse modo são incluídos, como acontece com os nomes de políticos e autoridades citados em C8 e C9 (p. 235). Também é o caso de “Síria” e “Bashar al-Assad” em C13 (p. 236). Foram encontrados 95 casos de *implicação*.

Às vezes, as *chamadas* incluem informações que elucidam uma classe de coisas. Dizemos, nesses casos, que ela *exemplifica*. Em C2 (p. 235), cada item da lista com os nomes das empresas que prestam “serviços de motoristas particulares” é exemplo desses serviços. Eventualmente o exemplo pode ser mais sutil como ocorre em C24 (p. 236) ou pode ser muito evidente, embora difuso ao longo da unidade textual, como ocorre em C32 (p. 237). Uma ilustração pode cumprir o papel de exemplificar algo apresentado no título como ocorre em C63 (p. 239). Foram encontrados 19 casos de *exemplificação*.

Eventualmente, podemos dizer que a *chamada lista*. Pode ser simplesmente uma lista de exemplos de “serviços de motoristas particulares”, como acontece na C2 (p. 235). É o que ocorre também na *chamada* C5 (p. 235), na qual dois títulos de artigos de opinião são apresentados. Foram encontrados 38 casos de *listagem*.

A *chamada* pode dividir a matéria jornalística em partes que especificam aspectos diferentes dos fatos tratados ou da situação descrita ou detalham desdobramentos do evento. Nesses casos, dizemos que a *chamada decompõe*. A última frase na C2 (p. 235) é um exemplo da inclusão de um desdobramento da notícia principal: é esperado que o evento acrescentado dê seguimento àquele relatado. Na C3 (p. 235), a notícia é apresentada como dois *objetos de informação*, que respondem à pergunta tradicional “O quê?": ao evento anterior da (i) “acusação de assédio”, segue-se o evento do (ii) “pedido de desculpas”. Ambos foram incluídos como um único caso de decomposição. Foram encontrados 76 casos de *decomposição*.

Talvez o objeto mais evidente seja a classificação do assunto abordado na *chamada* através da *vinheta* ou do *tópico*. A partir dele, dizemos que a *chamada topicaliza*. Ele aparece em dois tipos de ocorrência: (i) como *vinheta* comum (com ou sem *tópico*); e (ii) como *vinheta-caderno* em sincretismo. Em certos casos bastante frequentes, o *caderno* é deslocado para a posição da *vinheta* (nunca para a posição do *tópico*) e passa a cumprir o duplo papel de tematizar a *chamada* e remeter ao caderno da edição. Os casos em que o *caderno* aparece na sua posição normal ao lado da *página* não foram incluídos, embora também haja alguma tematização ali. Não foram considerados os casos em que a *vinheta* sincretiza com a *assinatura*, porque, nesses casos, a *vinheta* não tematiza a *chamada*. O primeiro caso encontrado ocorre na chamada C5 (p. 235), na qual o título “ EDITORIAIS ” tematiza a chamada. São outros casos típicos de *topicalização* a C10 (p. 235) e a C23 (p. 236). Foram encontrados 172 casos de *topicalização*.

4.2.4.1.2 Incerteza

Algumas poucas *chamadas* exploram a combinação de diferentes termos como acontece em C4 (p. 235) com os pares de termos “texto-ilustração” e “desenhar-escrever”. O objetivo não é só comparar ou equiparar os termos, mas dar a eles uma identidade comum e única. Quando esse tipo de objeto ocorre, dizemos que a *chamada mistura*. Pode-se dizer que a C4 é a primeira do grupo de *chamadas* atípicas para as quais importa mais o efeito lúdico que a *matéria jornalística* propriamente dita. Esse tipo de ocorrência remete aos casos em que a *chamada* explora certos efeitos de humor, sarcasmo, ironia, etc. A *mistura* pode ocorrer também

com campos léxicos mais amplos como se dá em C16 (p. 236), onde são mesclados o campo semântico da política e o da panificação. Foram encontrados apenas 6 desses casos de *mistura*.

Uma *chamada* pode produzir efeitos de sentido divertidos, engraçados ou jocosos sem preocupação com a exposição de fatos constatados ou opiniões ponderadas. Nesses casos, se diz que a *chamada brinca*. Acontece através de jogos de palavras, como em C4 (p. 235), onde se brinca com a *mistura* de termos ou C16 (p. 236), onde a *mistura* de campos léxicos serve ao sarcasmo. Pode ocorrer através de apontamentos espontâneos sobre uma situação ou evento inusitado que causa estranheza, como em C36 (p. 237). Foram encontrados 7 casos de *brincadeira*.

Algumas poucas *chamadas* podem expor situações, pessoas ou instituições ao ridículo, criando ironias sobre elas ou menosprezando suas atitudes e/ou falas. Quando ocorrem *objetos de informação* que cumprem esse papel na *chamada*, dizemos que ela *debocha*. Isso aconteceu apenas em três casos: (i) na *chamada* C16 (p. 236), onde o julgamento da “Suprema Corte” é *misturado* às práticas de “padaria”; (ii) na *chamada* C131 (p. 243), onde os nomes atribuídos às operações da Lava-jato são ridicularizados e (iii) na C153 (p. 244), onde a autora brinca com a “onda de delações”, propondo delatar-se sem prêmio. O objeto *deboche* foi mantido porque sua presença demonstra um tipo de *chamada* possível, embora bastante raro.

4.2.4.1.3 Ponderação

A emissão de uma apreciação ou conjectura sobre algum estado de coisas é o que se pode chamar de avaliação. Quando ocorre, dizemos que a *chamada avalia*. Na C1 (p. 235), na primeira frase do segundo parágrafo, ocorre uma avaliação quando se atribui uma interpretação para a subida de 0,1% na produção industrial. Pode ocorrer através da formulação de uma espécie de lei geral, como ocorre no *título* em C12 (p. 235). Pode ser o caso em que se aponta uma justificativa para determinada situação ou evento, como ocorre no *título* e na *nota* de C44 (p. 237). Foram encontrados 74 casos de *avaliação*.

Quando a *chamada* usa certos termos negativos, ou mesmo pejorativos, para referir algo ou alguém, dizemos que a *chamada rotula*. Na C1 (p. 235), os termos “forte recessão” e “retração acumulada” cumprem esse papel de rotulação. É o que também acontece quando “Bashar al-Assad” é referido pelo termo “ditador” na *nota* em C9 (p. 235). Porém, pode ser simplesmente uma situação em que se chama o acasalamento das raposas de “namoro perigoso” em C11 (p. 235). Foram encontrados 44 casos de *rotulação*.

Se a *chamada* usa certos termos ou expressões de valor positivo atribuído a algo ou a alguém dizemos que ela *qualifica*. Na C1 (p. 235), cumprem o papel de qualificação os termos “subiu 0,1%”, “fase de estabilidade” e “elevação”. Tal objeto pode criar um efeito elogioso como ocorre em C24 (p. 236) com a expressão “praias exclusivas”. Em alguns casos, pode distribuir-se ao longo da *chamada* de modo difuso na construção de um cenário mais amplo, como se dá com a *nota* em C32 (p. 237). Foram encontrados 33 casos de *qualificação*.

No âmbito das *chamadas* que assumem um posicionamento ou emitem opiniões, eventualmente ela pode levantar uma hipótese sobre os fatos apresentados. Quando isso acontece, dizemos que a *chamada supõe*. O *objeto de informação*, nesse caso, são os objetos derivados das variantes da classe das *suposições*. Na *chamada* C12 (p. 235), quando se diz “talvez ninguém queira saber”, temos um exemplo claro desse objeto. Às vezes, a suposição é menos evidente. Na *chamada* C15 (p. 236), os fatos noticiados misturam-se a interpretações para as quais não são apresentadas quaisquer confirmações ou evidências. Foram encontrados 38 casos de *suposição*.

4.2.4.2 Densidade

A análise das *chamadas* do *corpus* nas distinções de campos da categoria funcional da *densidade* permite extrair os seguintes apontamentos:

- a) foram incluídos nessa categoria funcional 832 (44,56%) casos de *objetos de informação*;
- b) destes, 241 (28,97%) casos foram registrados no campo da *condensação*, 4 (0,48%) casos no campo da *superfluidade* e 587 (70,55%) casos no campo da *expansão*;
- c) a *densidade* inclui 9 das 30 classes de objetos distintos, distribuídas 3 no campo da *condensação*, 1 no campo da *superfluidade* e 5 no campo da *expansão*.

4.2.4.2.1 Condensação

Quando a *chamada* apresenta um evento ou uma sequência de eventos, dizemos que ela *relata*. Nessas situações, os objetos respondem à pergunta tradicional “O quê?”. Foram incluídos objetos que expressam o transcurso de um evento, algo sobre o que se pode dizer que ocorreu, como no trecho “a Câmara aprovou projeto” na C2 (p. 235). Em C3 (p. 235), pode-se afirmar que houve um “pedido de desculpas”. Não deve causar estranheza o mesmo objeto na mesma *chamada* gerar *objetos de informação* diferentes: *relato* e *decomposição*. Os objetos

gráficos e/ou linguísticos podem acumular funções como *objetos de informação*, conforme possam assumir valores fúntivos diversos. Porém, na *decomposição*, devem ser encontrados pelos menos dois objetos em oposição; no *relato*, apenas um já basta. Foram encontrados 92 casos de *relato*.

A pessoa ou instituição responsável pelo evento pode ser apresentada por sua imagem na *ilustração* ou pelo registro direto do nome próprio na *legenda*, na *nota* ou no *título*. Esse objeto de informação — a menção do responsável pelo evento — preenche o espaço informativo, *atribuindo* o evento ou a situação a alguém. Responde à pergunta tradicional “Quem?” e pode aplicar-se a qualquer agente. Nessas situações, se perguntarmos o que a *chamada* faz, a resposta será que ela *atribui*. Na *atribuição*, diferentemente do que ocorre na *implicação*, a relação com o evento é direta, como acontece no trecho “a Câmara aprovou projeto” na C2 (p. 235). Em C3 (p. 235), foi “José Mayer” quem se desculpou. Em C8 (p. 235), foi o “TSE” que adiou o julgamento. Foram encontrados 84 casos de *atribuição*.

Em alguns casos, a *chamada* expõe um evento pontual possível e esperado, algo que deve ocorrer num futuro próximo (em relação ao tempo presente da *chamada*). A presença desse tipo de *objeto de informação* permite dizer que ela *antecipa*. A informação de mudança no dia de publicação de uma certa coluna é um exemplo desse tipo de objeto, que ocorre em C4 (p. 235). A previsão do tempo é outro exemplo como ocorre em C6 (p. 235). Pode ser o caso em que se faz a previsão de uma reunião, de um encontro ou de um evento como se vê em C35 (p. 237). Foram encontrados 65 casos de *antecipação*.

4.2.4.2.2 Superfluidade

Às vezes, muito raramente, segundo os dados do *corpus*, a *chamada* pode apresentar impressões sem dar-lhes sustentação em fatos, eventos ou dados concretos que possam ser verificados e confirmados. Nesses casos, dizemos que a chamada *especula*. A *suposição*, explicada antes, não deve ser confundida com esses casos, para os quais não é necessária nenhuma confirmação, nem se espera que o autor a forneça. É o que ocorre na C131 (p. 243), onde o julgamento do autor sobre os nomes atribuídos às operações da Lava Jato não exige nenhum suporte. Algo parecido ocorre também em C146, em C151 e em C153 (p. 244), nas quais as afirmações são pessoais e não necessitam de nenhuma justificativa. Elas não têm o objetivo do argumento, nem pretendem convencer o leitor, apenas criam um efeito irônico, sarcástico ou jocoso. Foram encontrados apenas quatro casos de *especulação*, mas o objeto deve ser mantido

mesmo assim.

4.2.4.2.3 Expansão

Da *chamada* que constrói um cenário ou descreve o quadro típico de uma situação diz-se que ela *retrata*. Esses *objetos de informação*, assim como os *relatos*, também respondem à pergunta tradicional “O quê?”. Porém, a descrição de uma situação, como é o caso aqui, parece ser mais apropriadamente incluída no campo da *expansão* do que no campo da *condensação*. Os cenários econômicos comparados em C1 (p. 235) retratam a situação da indústria brasileira naquele período. Podem ocorrer dentro de unidades textuais mais complexas que relacionam muitos outros objetos, como acontece em C8 (p. 235). A *chamada* C8 pertence ao grupo de *chamadas* que constituem a *manchete* da capa, que, em geral, são muito mais complexas que as demais *chamadas de capa*. Em alguns casos, consistem na ausência de um evento pontual, como ocorre em C43 (p. 237) ou em C49 (p. 238). Trata-se do segundo objeto mais frequente com 170 casos de *retrato*.

Se a *chamada* responde à pergunta tradicional “Quando?”, isto é, se ela inclui objetos que circunstanciam uma data, um período ou um horário, dizemos que ela *situa*. Sua identificação é simples: qualquer indicação de tempo ou data é incluída, como as referências aos meses em C1 (p. 235) ou como a informação fornecida no *anexo* da C4 (p. 235). Foram encontrados 72 casos de *situação*.

Quando a informação fornecida, através dos objetos, refere quantidades de qualquer tipo (temperaturas, preços, tempo transcorrido, percentuais, etc.), dizemos que a *chamada* *quantifica*. É o que ocorre em C1 com os indicadores da economia e em C6 (p. 235) com os indicadores de variação da temperatura. Nesse caso, o *objeto de informação* responde à pergunta tradicional “Quanto?”. Foram encontrados 102 casos de *quantificação*.

Algumas *chamadas* podem incluir esclarecimentos sobre as causas, os motivos e/ou justificativas de alguma situação ou evento. Nesses casos, dizemos que a *chamada* *explica*. Esses *objetos de informação* respondem à pergunta tradicional “Por quê?”, como em C1 (p. 235). Incluímos aqui também objetos que respondem à pergunta “Como?”, isto é, que descrevem procedimentos, como em C2 (p. 235). Pode incluir uma ordem de precedência entre eventos, como ocorre em C3 (p. 235) ou uma extensa cadeia de eventos supostamente interligados, como se dá em C8 (p. 235). Foram encontrados 106 casos de *explicação*.

Quando a *chamada* inclui objetos que fazem referência a lugares, dizemos que ela

localiza. Esse tipo de objeto responde à pergunta tradicional “Onde?”. Eventualmente é possível inferir a localização mesmo que o lugar não seja citado. Na C1 (p. 235), por exemplo, sabemos, por inferência, que o cenário econômico é o da economia brasileira, mas a localização é implícita no contexto da edição. Esses casos não foram considerados. Foram incluídos somente os casos de localização explícita, como os que ocorrem em C6, C8, C9 e em C10 (p. 235). Foram encontrados 137 casos de *localização*.

4.2.4.3 Validação

A análise das *chamadas* do *corpus* nas distinções de campos da categoria funcional da *validação* permite extrair os seguintes apontamentos:

- a) foram incluídos nessa categoria funcional 372 (19,93%) casos de *objetos de informação*;
- b) destes, 257 (69,09%) casos foram registrados no campo da *demonstração*, 7 (0,37%) casos no campo da *imposição* e 108 (29,03%) casos no campo da *sedução*;
- c) a *validação* inclui 7 das 30 classes de objetos distintos, distribuídas 3 no campo da *demonstração*, 1 no campo da *imposição* e 3 no campo da *sedução*.

4.2.4.3.1 Demonstração

As *chamadas* podem incluir objetos que destacam a origem ou autoria de determinada informação, ou objetos que repetem diretamente partes de outros discursos. Se isso acontece, dizemos que a *chamada cita*. Trata-se de um dos recursos para o estabelecimento explícito da confiabilidade da informação. Em C1 (p. 235), a fonte dos dados é o “IBGE”. É bastante frequente os casos em que o nome do autor da matéria opinativa (com a qual a *chamada* contrai *remissão*) é incluído na posição da *vinheta*. É o que se passa em C4 (p. 235). Nesses casos, a citação da fonte se dá mediante um sincretismo entre *vinheta* e *assinatura*. O discurso do outro pode ser referido indiretamente sem aspas como ocorre em C13 (p. 236) ou diretamente com aspas e em destaque como ocorre em C117 (p. 243). Foram encontrados 111 casos de *citação*.

A *chamada* C8 (p. 235) é a primeira *chamada* do *corpus* que inclui uma imagem. Nesses casos, dizemos que a *chamada mostra*. Trata-se de outro dos recursos para o estabelecimento explícito da confiabilidade da informação. Várias *chamadas* incluem fotografias como ocorre em C9 (p. 235) e em C13 (p. 236). No corpo da *nota*, também é possível descrever uma cena

em detalhes, como ocorre em C32 (p. 237). Tais casos poderiam ser interpretados como objetos de *exibição*, mas essa possibilidade não foi incluída para evitar ambiguidades desnecessárias. Foram encontrados 56 casos de *mostra*.

Algumas *chamadas* deixam implícita a sustentação da confiabilidade da informação, quando não *citam* ou não *mostram*. Para algumas notícias, isso não é relevante. Elas estão tipicamente no âmbito daquilo que se espera que o jornal publique, então a autoridade dele sobre elas é naturalmente aceita. É o caso de C5, C6 e C7 (p. 235). Porém, quando o jornal trata de temas pouco usuais ou muito especializados, é esperado que ele busque amparo numa autoridade mais confiável para o que está sendo divulgado. Espera-se que o jornal cite as fontes. Se a *chamada* não indica as fontes desse tipo de informação, o próprio jornal assume a responsabilidade sobre a veracidade delas. Nesses casos, a confiabilidade é presumida como sendo uma atribuição que o leitor faz ao próprio jornal. Ou seja, o jornal confia que o leitor confiará nele. Nesses casos, pode-se dizer que a *chamada garante*. Algo assim ocorre em C10, C11 (p. 235) e em C17 (p. 236). Foram encontrados 90 casos de *garantia*.

4.2.4.3.2 Imposição

Algumas poucas *chamadas* se prestam ao serviço de utilidade pública informando o leitor sobre determinações dos órgãos ou das instituições de estado. Nesses casos, dizemos que a *chamada regula*. São casos raros que ocorrem na Folha de S. Paulo, mas não no Jornal O Povo. Todos os casos encontrados dizem respeito ao rodízio de veículos na cidade de S. Paulo. O objeto foi mantido, porque sua ocorrência, mesmo que escassa e específica, demonstra a possibilidade de as *chamadas* serem usadas para a divulgação de normas e regulamentos da ordem pública. A *chamada* C7 (p. 235) é o primeiro dos sete casos encontrados. Outros tipos de chamada também podem pertencer ao grupo de *chamadas* que se prestam ao serviço de utilidade pública, mesmo que não contenham objetos desse tipo. É o caso das chamadas que fazem a previsão do tempo. Foram encontrados apenas sete casos de *regulação*.

4.2.4.3.3 Sedução

A *chamada* pode alertar para uma mudança que ocorrerá nas edições futuras ou para a necessidade de alguma providência por parte do leitor. Quando encontramos objetos que cumprem esse papel, dizemos que a *chamada avisa*. São *chamadas* muito específicas. Esse objeto só ocorreu nos anexos de algumas *chamadas* do *Corpus* como em C4 (p. 235) ou naquelas

que indicam a previsão do tempo, como em C6 (p. 235). Esses últimos são casos em que a *chamada* presta-se a algum serviço de utilidade pública. Foram encontrados 13 casos de *aviso*.

A *chamada* pode destacar as vantagens de uma situação ou evento buscando influenciar a atenção do público leitor. Os objetos constituem um exercício de manipulação do interesse do leitor apoiada pela estética do grafismo ou da linguagem verbal empregada. Não se deve confundir com o objeto de *qualificação*, na qual um termo se aplica a outro. Desse tipo de *chamada*, dizemos que elas *valorizam*. Trata-se de um objeto difuso que pode ocorrer em toda a extensão da chamada. Brincar de misturar termos como acontece em C4 (p. 235) é o recurso usado nela para atrair a atenção do leitor, valorizando a coluna que será anunciada em seguida. São casos muito próximos dos anúncios. Outros exemplos são as *chamadas* C5 (p. 235) e C256 (p. 254). Foram encontrados 52 casos de *valorização*.

A *chamada* pode fazer uma recomendação através do uso do verbo no imperativo ou de outros recursos. Nesses casos, dizemos que a *chamada recomenda*. O exemplo mais comum desses casos é C5 (p. 235) e C22 (p. 236), onde o verbo introduz o convite. Nem sempre a presença do imperativo significa um convite. Esse é o caso de C7 (p. 235), onde se expressa uma determinação, resultado de uma *regulação*. Noutros casos, o convite é menos evidente, porque não faz uso do imperativo e precisa ser inferido. É o que ocorre em C167 (p. 246), onde o anúncio do número de autores convidados para a bienal funciona como atrativo; e em C182 (p. 247), onde a estética inteira da chamada virtualiza um anúncio da peça. Digamos que, nesses casos, o objeto de *valorização* produz o efeito de manipulação necessário para levar o leitor a considerar a *chamada* um convite. Foram encontrados 43 casos de *recomendação*.

4.2.5 *Inventário das classes*

Examinando o modo como os *objetos de informação* nas chamadas do *corpus* são configurados em campos e participantes, podemos estabelecer as categorias que possibilitam descrevê-las. Qualquer chamada inclui pelo menos 3 e no máximo 16 objetos, entre os 30 *objetos de informação* encontrados no *corpus*. Esses objetos são, de fato, categorias resultantes das correlações de muitos outros objetos derivados. Dentro da mesma categoria, os seus membros contraem participação, mas, de uma categoria para outra, eles podem contrair exclusão. Porém, mesmo que membros de categorias opostas contraíam exclusão entre si, as categorias às quais eles pertencem podem contrair relação, formando unidades de categorias.

Desse modo, todas as classes de variáveis dos *objetos de informação* que se substi-

tuem numa *comparação*, por exemplo, participam da mesma correlação que exclui as classes de variáveis que se substituem numa *equiparação*. Por outro lado, no entanto, do ponto de vista do campo da *constatação*, as classes da *comparação* e da *equiparação*, assim como as da *implicação*, *exemplificação*, *listagem*, *decomposição* e *topicalização*, se ocorrem, contraem relação e constituem uma única unidade desse campo.

O mesmo se dá no campo da *ponderação*, que pode reunir todas as classes de variáveis nos elementos relacionados *avaliação*, *rotulação*, *qualificação* e *suposição*. Então, a hierarquia que constitui a categoria funcional da *exposição* pode incluir numa certa chamada qualquer combinação das categorias opostas da *constatação* e da *ponderação*. Ou, se não for esse o caso, incluirá uma ou mais das categorias no campo da *incerteza* (*mistura*, *brincadeira* e *deboche*). A hierarquia de relações entre campos e participantes também se configura nas outras duas categorias funcionais *densidade* e *validação* da mesma maneira.

A seguir, apresentamos o inventário das classes do segundo componente encontradas no *corpus*. Os quatro participantes multiplicados progressivamente pelas três dimensões resultam em 64 classes distintas (4x4x4). Os tipos estão numerados, conforme essa ordem de 1 a 64, mas, nesse inventário, só foram incluídos os casos que aparecem no *corpus*. Incluímos também uma referência para as figuras que representam a distribuição dos tipos nos compartimentos das dimensões, conforme a formalização adotada na Subseção 5.2.2. A lista completa com todas as 64 possibilidades encontra-se no Apêndice A.

No tipo 1 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 18). As 14 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C17, C27 (p. 236); C35, C45 (p. 237); C272, C69 (p. 239); C99 (p. 241); C161 (p. 245); C175 (p. 246); C180 (p. 247); C208 (p. 249); C223 (p. 250); C237, C238 (p. 251).

No tipo 2 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 19). A única chamada a seguir pode ser descrita desse modo: C106 (p. 242).

No tipo 3 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 20). A única chamada a seguir pode ser descrita desse modo: C50 (p. 238).

No tipo 5 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 18). As 24 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C43 (p. 237); C62, C67, C68 (p. 239); C72, C77, C78 (p. 240); C92 (p. 241); C134, C135 (p. 243); C143, C149 (p. 244); C158, C164 (p. 245); C169, (p. 246); C187 (p. 247); C198, C199, C202 (p. 248); C209, C210, C213 (p. 249); C251 (p. 253); C271 (p. 254).

No tipo 6 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 19). As 10 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C14 (p. 236); C59, C60 (p. 238); C87 (p. 240); C107, C116 (p. 242); C120, C121 (p. 243); C140, C152 (p. 244).

No tipo 7 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 20). As 37 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C1, C11, C12 (p. 235); C15 (p. 236); C32, C33, C34 (p. 237); C58 (p. 238); C64 (p. 239); C73, C74, C81 (p. 240); C100, C101 (p. 241); C108 (p. 242); C118, C122, C123 (p. 243); C139 (p. 244); C154, C159 (p. 245); C170, C171 (p. 246); C184, C189 (p. 247); C190, C194, C197 (p. 248); C203, C205, C211, C212 (p. 249); C216, C222 (p. 250); C231 (p. 251); C255 (p. 253); C269 (p. 254).

No tipo 9 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 18). As 65 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C3 (p. 235); C13, C18, C25, C26, C28, C29 (p. 236); C42, C46, C47 (p. 237); C48, C55, C56 (p. 238); C71, C79 (p. 240); C88, C90, C96, C98 (p. 241); C104, C105, C113, C114 (p. 242); C127, C129 (p. 243); C137 (p. 244); C155, C156, C157, C160, C163 (p. 245); C165, C168, C172, C173, C174 (p. 246); C179, C181, C183 (p. 247); C195, C200, C201 (p. 248); C214 (p. 249); C219, C220, C221, C224, C225 (p. 250); C229, C232, C233, C234, C235, C236 (p. 251); C243, C247, C248, C254 (p. 253); C257, C258, C259, C261, C262, C266, C270 (p. 254).

No tipo 10 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 19). As 3 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C115 (p. 242); C119, C133 (p. 243).

No tipo 11 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 20). As 27 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C2, C8, C9 (p. 235); C30 (p. 236); C31, C44 (p. 237); C51, C57 (p. 238); C65 (p. 239); C75, C82, C86 (p. 240); C89, C97, C102, C103 (p. 241); C112 (p. 242); C117 (p. 243); C136, C138, C144 (p. 244); C177 (p. 247); C217, C218 (p. 250); C230 (p. 251); C240 (p. 252); C268 (p. 254).

No tipo 16 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *incerteza*; (ii) da *densidade* no campo da *superfluidade*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* (Figura 21). As 2 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C131 (p. 243); C146 (p. 244).

No tipo 21 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *sedução* (Figura 18). As 22 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C5 (p. 235); C19, C22 (p. 236); C37, C40, C41 (p. 237); C61 (p. 238); C70 (p. 239); C76, C83 (p. 240); C93 (p. 241); C109 (p. 242); C126, C130 (p. 243); C141, C150 (p. 244); C186 (p. 247); C242 (p. 252); C244, C245 (p. 253); C264, C267 (p. 254).

No tipo 23 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *sedução* (Figura 20). As 4 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C63 (p. 239); C196 (p. 248); C207 (p. 249); C226 (p. 251).

No tipo 25 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *sedução* (Figura 18). As 13 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C6 (p. 235); C20 (p. 236); C38 (p. 237); C53 (p. 238); C85 (p. 240); C94 (p. 241); C110 (p. 242); C128, C132 (p. 243); C142, C147, C148 (p. 244); C253 (p. 253).

No tipo 37 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 18). As 13 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C91 (p. 241); C124 (p. 243); C145 (p. 244); C166, C167 (p. 246); C178, C182, C188 (p. 247); C191 (p. 248); C206 (p. 249); C227, C239 (p. 251); C241 (p. 252).

No tipo 39 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da

exposição no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 20). As 13 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C10 (p. 235); C24 (p. 236); C49, C52 (p. 238); C80 (p. 240); C185 (p. 247); C192, C193 (p. 248); C249, C250 (p. 253); C260, C263, C265 (p. 254).

No tipo 41 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 18). As 5 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C162 (p. 245); C176 (p. 247); C246, C252 (p. 253); C256 (p. 254).

No tipo 43 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação* e no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 20). As 5 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C23 (p. 236); C54 (p. 239); C204 (p. 249); C215 (p. 250); C228 (p. 251).

No tipo 44 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *incerteza*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação* e no campo da *expansão*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 21). As 4 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C4 (p. 235); C16 (p. 236); C36 (p. 237); C66 (p. 239).

No tipo 46 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *ponderação*; (ii) da *densidade* no campo da *superfluidade*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 19). A única chamada a seguir pode ser descrita desse modo: C151 (p. 244).

No tipo 48 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *incerteza*; (ii) da *densidade* no campo da *superfluidade*; e (iii) da *validação* no campo da *demonstração* e no campo da *sedução* (Figura 21). A única chamada a seguir pode ser descrita desse modo: C153 (p. 244).

No tipo 49 de *chamadas*, são incluídos quaisquer elementos que participam: (i) da *exposição* no campo da *constatação*; (ii) da *densidade* no campo da *condensação*; e (iii) da *validação* no campo da *imposição* (Figura 18). As 7 chamadas a seguir podem ser descritas desse modo: C7 (p. 235); C21 (p. 236); C39 (p. 237); C84 (p. 240); C95 (p. 241); C111 (p. 242);

C125 (p. 243).

Neste capítulo, o procedimento opera sobre os dois componentes da mesma maneira. Registra, em cada um, as classes de variáveis que manifestam classes de elementos semiológicos. Conforme a dedução obtida, tomamos conhecimento das classes de elementos que participam das categorias funcionais nos dois componentes. Porém, é preciso encontrar as coesões que dão consistência a unidades e categorias no sistema da chamada, o que será feito a seguir.

5 FORMALIZAÇÃO

As classes no primeiro componente ou no segundo componente, encontradas pela análise (Seções 4.1 e 4.2), constituem hierarquias, e seus derivados contraem mutação mútua. Então, parecem aptas ao procedimento semiológico que pretende descrever suas sintagmáticas e paradigmáticas subjacentes. O objetivo é encontrar uma única descrição para a aparente dispersão de classes: 32 no primeiro componente e 64 no segundo componente. Isso é feito através do registro da estrutura coesiva que interliga todas as classes em cada componente. Ao final do procedimento, a chamada precisa ser submetida novamente ao *teste semiótico definitivo*. Em caso de resultado positivo, aplica-se o *teste de denotação* para que se constate a presença de semiótica objeto e, em caso positivo, o *teste de ciência* revela se a chamada é uma semiótica científica, ou não. Por fim, concluímos se a chamada é ou não uma semiótica conotativa.

5.1 O primeiro plano (g°)

O primeiro componente da chamada é um *plano da expressão* ou *cenemática*, semelhante ao segundo componente (Seção 4.2), o *plano do conteúdo* ou *pleremática* (Seção 5.2), exceto por incluir os funtivos solidários da remissão, que o outro plano não tem. Mas, para além disso, o plano da expressão difere pela hierarquia que se forma na coesão de suas classes, unidades e categorias.

As análises apresentadas nesta seção pressupõem uma dedução anterior sob o ponto de vista paradigmático em que o componente é articulado em categorias funcionais, em classes funtílicas e estas em elementos (RTL, Op $*GgB0Da$). Essa articulação é retomada a cada novo grau dos derivados até que se encontre todas as classes realizadas e todas as classes virtuais. Quando esse procedimento resulta apenas classes virtuais, isso significa que encontramos o limite mais alto para o objeto estudado. Durante o procedimento, os elementos são os membros das classes encontradas, isoladas pela análise (Subseção 4.1.1). Em seguida, esses elementos são tomados como o ponto de partida da operação seguinte.

O procedimento levado a efeito nesta seção sob o ponto de vista das relações segue a conjectura do componente ser uma sintagmática. Então ele é particionado. Ao completar todas as operações, os elementos encontrados serão os mesmos nas duas deduções (RTL, Op $*GgB0Db$). Em vista da complexidade do objeto estudado, as partições mais particulares estão embutidas nas operações que particionam as 32 classes, organizadas em sete grupos conforme a cadeia

constante: *desvio* (*c*), *título* (*abc*), *nota* (*abce*), *registro* (*abcef*), *tema* (*abcd*), *relato* (*abcde*) e *destaque* (*abcdef*). Ao final do procedimento, encontramos por catálise a paradigmática completa do primeiro componente da *chamada*.

O procedimento geral de partição das classes inventariadas se dá por um algoritmo que se aplica classe por classe determinando as partes das classes e as funções que contraem. Isto determina cada classe de processo em conformidade com os dados obtidos na análise. A localização de exemplos no *corpus* para cada classe pode ser encontrada nos inventários incluídos na análise (Subseção 4.1.2). Uma vez particionadas todas as classes, elas são novamente abordadas do ponto de vista da articulação. Todas as classes mais baixas de cada processo são reunidas num único paradigma que então é articulado em categorias. Isso determina as classes de sistema no grupo analisado. O procedimento é repetido para cada um dos grupos de chamada.

Porém, na passagem de um grupo a outro, uma articulação mais ampla é feita incluindo as classes mais baixas nas articulações dos grupos já analisados. Essa catálise descritiva amplia o sistema para incluir todas as classes na descrição, sem as contradições dos sistemas isolados por grupo. A regra geral dessa catálise é $\{Cx\} : \{<p : q> \phi <p_n : q_n>\}$, na qual a categoria das *chamadas* contrai *substituição* com a categoria de paradigmas coesos (RTL, D149 e R53 1º). Infelizmente, a documentação do procedimento produz uma textualização bastante repetitiva, mas as análises não são exatamente iguais.

5.1.1 *Desvio*

5.1.1.1 *Partição*

Op dCxR : *cel* :: l1 , *ce1* :: c2 , e2 . (5.1)

Procedimento: (i) particionar o *desvio cel* na *remissão l1* e no *fato ce1*; (ii) particionar *ce1* nas classes virtuais *c2* e *e2*.

O objeto manifestante *anúncio com hiperlink* é composto pelos objetos *título*, *nota* e *hiperlink*. A classe manifestada *cel* tem dois componentes: a classe virtual *remissão* e a classe realizada *fato*. O objeto *hiperlink* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*. A unidade dos objetos *título* e *nota* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois

componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *título* e *nota*.

$$\text{Op dCxR} : cdh1 :: I1 , cdh1 :: c2 , dh2 :: d3 , h3 . \quad (5.2)$$

Procedimento: (i) particionar o *desvio cdh1* na *remissão I1* e no *fato cdh1*; (ii) particionar *cdh1* na classe virtual *c2* e no *tema dh2*; (iii) particionar *dh2* nas classes virtuais *d3* e *h3*.

O objeto manifestante *anúncio com hiperlink e tema* é composto pelos objetos *título*, *vinheta*, *tópico* e *hiperlink*. A classe manifestada *cdh1* tem dois componentes: a classe virtual *remissão* e a classe realizada *fato*. O objeto *hiperlink* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual *título* e a classe realizada *tema*. A unidade dos objetos *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *tema*, que é particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *vinheta* e *tópico*.

$$\text{Op dCxR} : bcdh :: b1 , cdh1 :: c2 , dh2 :: d3 , h3 . \quad (5.3)$$

Procedimento: (i) particionar o *desvio bcdh* na *remissão b1* e no *fato cdh1*; (ii) particionar *cdh1* na classe virtual *c2* e no *tema dh2*; (iii) particionar *dh2* nas classes virtuais *d3* e *h3*.

O objeto manifestante *chamada incompleta* é composto pelos objetos *caderno*, *título*, *vinheta* e *tópico*. A classe manifestada *bcdh* tem dois componentes: a classe virtual *remissão* e a classe realizada *fato*. O objeto *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual *título* e a classe realizada *tema*. A unidade dos objetos *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *tema*, que é particionada nas classes virtuais de terceiro grau *vinheta* e *tópico*.

5.1.1.2 Articulação

$$\begin{aligned} \text{Op dCx} : & \langle cel : cdh1 : bcdh \rangle :: \langle I : b \rangle 1 , \\ & \langle ce : cdh \rangle 1 :: \langle c : cdh \rangle 2 :: \langle c \rangle 3 , \langle dh \rangle 3 ; \langle e \rangle 2 . \end{aligned} \quad (5.4)$$

A classe dos *desvios de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *adufões* e na classe das *notas*. A classe das *adufões* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *temas*.

5.1.2 Título

5.1.2.1 Partição

Op CxR : $abc :: ab1 :: a2, b2 ; c1$. (5.5)

Procedimento: (i) particionar a chamada *abc* na *remissão ab1* e na classe virtual *c1*; (ii) particionar a *remissão ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*.

O objeto manifestante *título simples* é composto pelos objetos *página*, *caderno* e *título*. A classe manifestada *abc* tem dois componentes: a classe realizada *remissão* e a classe virtual derivada de primeiro grau *título*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*.

Op CxR : $abcfgi :: ab1 :: a2, b2 ; cfgi1 :: c2, fgi2 :: f3, gi3 :: g4, i4$. (5.6)

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcfgi* na *remissão ab1* e no *fato cfgi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cfgi1* na classe virtual *c2* e no *registro fgi2*; (iv) particionar *fgi2* na classe virtual *f3* e na *âncora gi3*; (v) particionar *gi3* nas classes virtuais *g4* e *i4*.

O objeto manifestante *título ilustrado* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *ilustração*, *crédito* e *legenda*. A classe manifestada *abcfgi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *registro*. A unidade dos objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *ilustração* e a classe realizada *âncora*. A unidade dos objetos *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *crédito* e *legenda*.

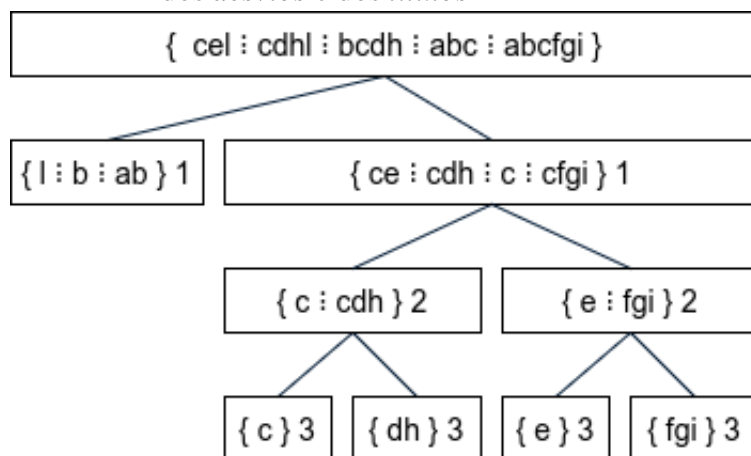
5.1.2.2 Articulação

$$\text{Op Cx} : : \langle abc : abcfgi \rangle : : \langle ab \rangle 1 , \langle c : cfgi \rangle 1 : : \langle c \rangle 2 , \langle fgi \rangle 2 . \quad (5.7)$$

A classe dos *títulos de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *registros*.

5.1.2.3 Catálise

Figura 12 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios* e dos *títulos*



Fonte: Gráfico do autor.

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução (*desvios* e *títulos*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 12, a articulação é, então, aplicada à categoria que inclui os dois paradigmas num só: $\{Cx\} : \{ \langle cel : cdhl : bcdh \rangle \phi \langle abc : abcfgi \rangle \}$ (RTL, D149 e R53 1º). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das cinco classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página* e *caderno*. A classe dos

fatos é articulada na classe das *adulações* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *adulações* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos *eventos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3) (Figura 12).

5.1.3 Nota

5.1.3.1 Partição

Op CxR : $abce :: ab1 :: a2, b2 ; ce1 :: c2, e2 .$ (5.8)

Procedimento: (i) particionar a chamada *abce* na remissão *ab1* e no fato *ce1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *ce1* nas classes virtuais *c2* e *e2*.

O objeto manifestante *nota simples* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título* e *nota*. A classe manifestada *abce* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título* e *nota* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *título* e *nota*.

Op CxR : $abcem :: ab1 :: a2, b2 ; cem1 :: c2, em2 :: e3, m3 .$ (5.9)

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcem* na remissão *ab1* e no fato *cem1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cem1* na classe virtual *c2* e no relato *em2*; (iv) particionar *em2* nas classes virtuais *e3* e *m3*.

O objeto manifestante *nota assinada* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota* e *assinatura*. A classe manifestada *abcem* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota* e *assinatura* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *relato*. A unidade dos objetos *nota* e *assinatura* seleciona a classe

derivada de segundo grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *assinatura*.

$$\text{Op CxR} : abcek :: ab1 :: a2, b2 ; cek1 :: c2, ek2 :: e3, k3 . \quad (5.10)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcek* na *remissão ab1* e no *fato cek1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cek1* na classe virtual *c2* e no *relato ek2*; (iv) particionar *ek2* nas classes virtuais *e3* e *k3*.

O objeto manifestante *nota ampliada com subtítulo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcek* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *relato*. A unidade dos objetos *nota* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *subtítulo*.

$$\text{Op CxR} : abcej k :: ab1 :: a2, b2 ; cejk1 :: c2, ejk2 :: e3, jk3 :: j4, k4 . \quad (5.11)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcej k* na *remissão ab1* e no *fato cejk1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cej k1* na classe virtual *c2* e no *relato ejk2*; (iv) particionar *ejk2* nas classes virtuais *e3* e no *adendo jk3*; (v) particionar *jk2* nas classes virtuais *j4* e *k4*.

O objeto manifestante *nota completa* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota*, *anexo* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcej k* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *relato*. A unidade dos objetos *nota*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *relato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *nota* e a classe realizada derivada de terceiro grau *adendo*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *anexo* e *subtítulo*.

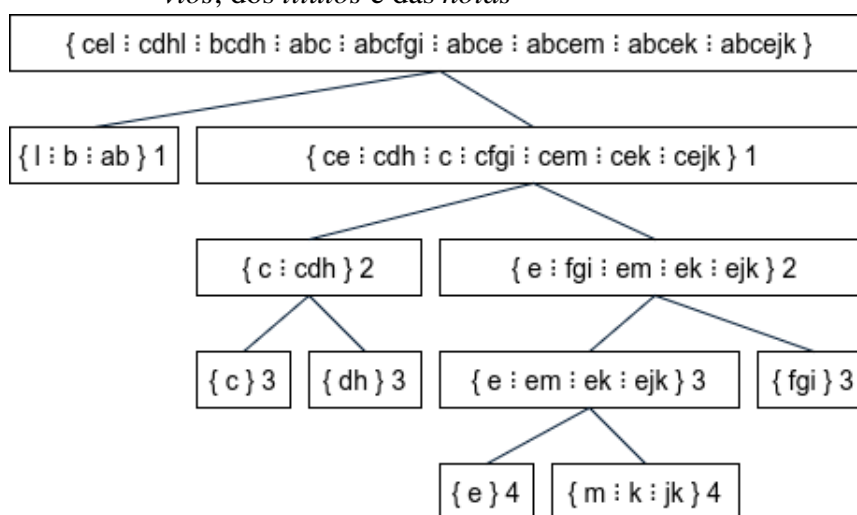
5.1.3.2 Articulação

$$\text{Op Cx} :: \langle abce : abcem : abcek : abcejk \rangle :: \langle ab \rangle 1, \langle ce : cem : cek : cejk \rangle 1 :: \langle c \rangle 2, \langle e : em : ek : ejk \rangle 2 :: \langle e \rangle 3, \langle m : k : jk \rangle 3. \quad (5.12)$$

A classe das *notas de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *relatos*. A classe dos *relatos* é articulada na classe das *notas* e na classe dos *adendos*.

5.1.3.3 Catálise

Figura 13 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios*, dos *títulos* e das *notas*



Fonte: Gráfico do autor.

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução (*desvios*, *títulos* e *notas*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 13, a articulação é, então, aplicada à categoria que inclui os três paradigmas num só: $\{Cx\} : \{ \langle cel : cdhl : bcdh \rangle \phi \langle abc : abcfgi \rangle \phi \langle abce : abcem : abcek : abcejk \rangle \}$ (RTL, D149 e R53 1º). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das nove classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página* e *caderno*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *aduições* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *aduições* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3). A classe dos *relatos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 4) e na classe dos *adendos* (grau 4). A classe dos *adendos* correlaciona as classes virtuais da *assinatura* e do *subtítulo* e a classe realizada na unidade de *anexo* e *subtítulo* (Figura 13).

5.1.4 Registro

5.1.4.1 Partição

$$\text{Op CxR} : abcef :: ab1 :: a2, b2 ; cef1 :: c2, ef2 :: e3, f3 . \quad (5.13)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcef* na *remissão ab1* e no *fato cef1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cef1* na classe virtual *c2* e no *evento ef2*; (iii) particionar *ef2* nas classes virtuais *e3* e *f3*.

O objeto manifestante *registro simples* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota* e *ilustração*. A classe manifestada *abcef* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota* e *ilustração* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota* e *ilustração* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *ilustração*.

$$\text{Op CxR} : abcefg :: ab1 :: a2, b2 ; cefg1 :: c2, efg2 :: e3, fg3 :: f4, g4 . \quad (5.14)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcefg* na *remissão ab1* e no *fato cefg1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cefg1* na classe virtual *c2* e no *evento efg2*; (iv)

particionar *efg2* na classe virtual *e3* e no *registro fgi3*; (v) particionar *fgi3* nas classes virtuais *f4* e *g4*.

O objeto manifestante *registro creditado* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota*, *ilustração* e *crédito*. A classe manifestada *abcefg* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota*, *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota*, *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *nota* e a classe realizada derivada de terceiro grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *ilustração* e *crédito*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcefgi &:: ab1 :: a2 , b2 ; \\ cefgi1 &:: c2 , efgi2 :: e3 , fgi3 :: f4 , gi4 :: g5 , i5 . \end{aligned} \tag{5.15}$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcefgi* na *remissão ab1* e no *fato cefgi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cefgi1* na classe virtual *c2* e no *evento efgi2*; (iv) particionar *efgi2* na classe virtual *e3* e no *registro fgi3*; (v) particionar *fgi3* na classe virtual *f4* e na *âncora gi4*; (vi) particionar *gi4* nas classes virtuais *g5* e *i5*.

O objeto manifestante *registro legendado* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda*. A classe manifestada *abcefgi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *nota* e a classe realizada *registro*. A unidade dos objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de quarto grau *ilustração* e a classe realizada derivada de quarto grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto

grau *crédito* e *legenda*.

$$\text{Op CxR : } abcefgik :: ab1 :: a2 , b2 ; \quad (5.16)$$

$$cefgik1 :: c2 , efgik2 :: ek3 :: e4 , k4 ; fgi3 :: f4 , gi4 :: g5 , i5 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcefgik* na *remissão ab1* e no *fato cefgik1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cefgik1* na classe virtual *c2* e no *evento efgik2*; (iv) particionar *efgik2* no *relato ek3* e no *registro fgi3*; (v) particionar *ek3* nas classes virtuais *e4* e *k4*; (vi) particionar *fgi3* na classe virtual *f4* e na *âncora gi4*; (vii) particionar *gi4* nas classes virtuais *g5* e *i5*.

Observação: Na operação (iv) a classe *efgik2* não poderia dar origem à classe **fgik3*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *subtítulo (k)* forma unidade selecionando a *nota (e)* e não a *ilustração (f)*.

O objeto manifestante *registro ampliado com subtítulo* é composto pelos objetos *página, caderno, título, nota, ilustração, crédito, legenda e subtítulo*. A classe manifestada *abcefgik* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título, nota, ilustração, crédito, legenda e subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota, ilustração, crédito, legenda e subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: as classes realizadas *relato* e *registro*. A unidade dos objetos *nota e subtítulo* seleciona a classe derivada de terceiro grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *nota* e *subtítulo*. A unidade dos objetos *ilustração, crédito e legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de quarto grau *ilustração* e a classe realizada derivada de quarto grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *crédito* e *legenda*.

$$\text{Op CxR : } abcefgij :: ab1 :: a2 , b2 ; \quad (5.17)$$

$$cefgij1 :: c2 , efgij2 :: ej3 :: e4 , j4 ; fgi3 :: f4 , gi4 :: g5 , i5 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcefgij* na *remissão ab1* e no *fato cefgij1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cefgij1* na classe virtual *c2* e no

evento efgij2; (iv) particionar *efgij2* no *relato ej3* e no *registro fgi3*; (v) particionar *ej3* nas classes virtuais *e4* e *j4*; (vi) particionar *fgi3* na classe virtual *f4* e na *âncora gi4*; (vii) particionar *gi4* nas classes virtuais *g5* e *i5*.

Observação: Na operação (iv) a classe *efgij2* não poderia dar origem à classe **fgij3*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *anexo (j)* forma unidade selecionando a *nota (e)* e não a *ilustração (f)*.

O objeto manifestante *registro ampliado com anexo* é composto pelos objetos *página, caderno, título, nota, ilustração, crédito, legenda* e *anexo*. A classe manifestada *abcefgij* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título, nota, ilustração, crédito, legenda* e *anexo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota, ilustração, crédito, legenda* e *anexo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: as classes realizadas *relato* e *registro*. A unidade dos objetos *nota* e *anexo* seleciona a classe derivada de terceiro grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *nota* e *anexo*. A unidade dos objetos *ilustração, crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de quarto grau *ilustração* e a classe realizada derivada de quarto grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *crédito* e *legenda*.

$$\text{Op CxR : } abcefgijk :: ab1 :: a2 , b2 ; cefgijk1 :: c2 , \quad (5.18)$$

$$efgijk2 :: ejk3 :: e4 , jk4 :: j5 , k5 ; fgi3 :: f4 , gi4 :: g5 , i5 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcefgijk* na *remissão ab1* e no *fato cefgijk1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cefgijk1* na classe virtual *c2* e no *evento efgijk2*; (iv) particionar *efgijk2* no *relato ejk3* e no *registro fgi3*; (v) particionar *ejk3* na classe virtual *e4* e no *adendo jk4*; (vi) particionar *jk4* nas classes virtuais *j5* e *k5*; (vii) particionar *fgi3* na classe virtual *f4* e na *âncora gi4*; (viii) particionar *gi4* nas classes virtuais *g5* e *i5*.

O objeto manifestante *registro completo* é composto pelos objetos *página, caderno, título, nota, ilustração, crédito, legenda, anexo* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcefgijk* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e

caderno seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, que tem dois componentes: as classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *nota*, *ilustração*, *crédito*, *legenda*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada *evento*. A unidade dos objetos *nota*, *ilustração*, *crédito*, *legenda*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento*, que tem dois componentes: as classes realizadas *relato* e *registro*. A unidade dos objetos *nota*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de terceiro grau *relato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de quarto grau *nota* e a classe realizada *adendo*. A unidade dos objetos *anexo* e *subtítulo* selecionam a classe derivada de quarto grau *adendo*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *anexo* e *subtítulo*. A unidade dos objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de quarto grau *ilustração* e a classe realizada derivada de quarto grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *crédito* e *legenda*.

5.1.4.2 Articulação

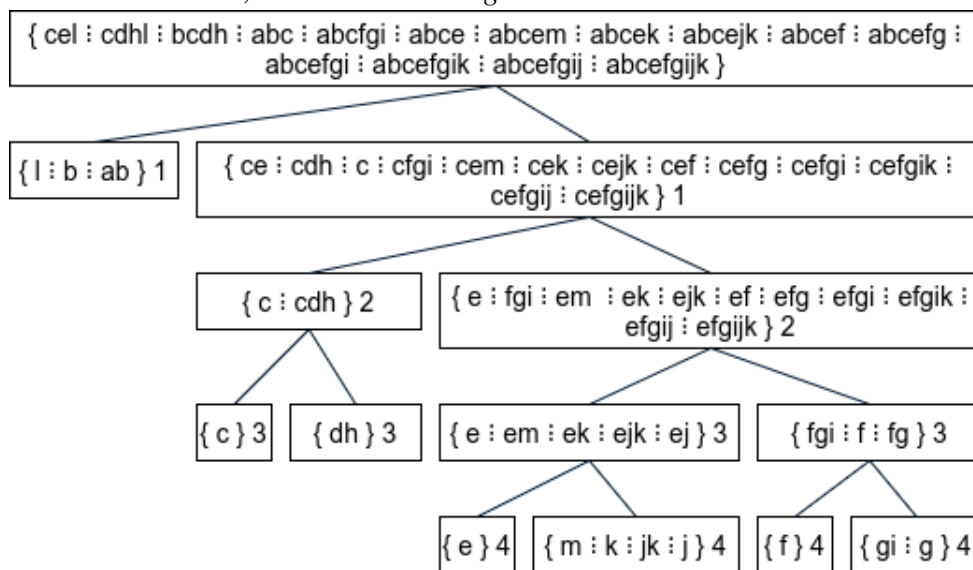
$$\begin{aligned}
 \text{Op Cx:} &:: < abcef : abcefg : abcefgi : abcefgik : abcefgij : abcefgijk > \\
 &:: < ab >1 , < cef : cefg : cefgi : cefgik : cefgij : cefgijk >1 \\
 &:: < c >2 , < ef : efg : efgi : efgik : efgij : efgijk >2 :: < e : ek : ej \\
 &: ejk >3 :: < e >4 , < k : j : jk >4 ; < f : fg : fgi >3 :: < f >4 , < g : gi >4 .
 \end{aligned}
 \tag{5.19}$$

A classe dos *registros de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *eventos*. A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* e na classe dos *registros*. A classe dos *relatos* é articulada na classe das *notas* e na classe dos *adendos*. A classe dos *registros* é articulada na classe das *ilustrações* e na classe das *âncoras*.

5.1.4.3 Catálise

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução (*desvios*, *títulos*, *notas* e *registros*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 14, a articulação é, então, aplicada à categoria

Figura 14 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios*, dos *títulos*, das *notas* e dos *registros*



Fonte: Gráfico do autor.

que inclui os quatro paradigmas num só: $\{Cx\} : \{ \langle cel : cdhl : bcdh \rangle \phi \langle abc : abcfgi \rangle \phi \langle abce : abcem : abcek : abcej \rangle \phi \langle abcef : abcefg : abcefgi : abcefgik : abcefgij : abcefgijk \rangle \}$ (RTL, D149 e R53 1°). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das quinze classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página* e *caderno*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *adunções* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *adunções* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3). A classe dos *relatos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 4) e na classe dos *adendos* (grau 4). A classe dos *adendos* correlaciona as classes virtuais da *assinatura*, do *subtítulo* e do *anexo* e a classe realizada na unidade de *anexo* e *subtítulo*. A classe dos *registros* é articulada na classe virtual das *ilustrações* (grau 4) e na classe das *âncoras* (grau 4). A classe das *âncoras* correlaciona a classe realizada na unidade de *crédito* e *legenda* e a classe virtual do *crédito*. (Figura 14).

5.1.5 Tema

5.1.5.1 Partição

Op CxR : $abcd :: ab1 :: a2, b2 ; cd1 :: c2, d2$. (5.20)

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcd* na *remissão ab1* e no *fato cd1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cd1* nas classes virtuais *c2* e *d2*.

O objeto manifestante *tema simples* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título* e *vinheta*. A classe manifestada *abcd* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *título* e *vinheta*.

Op CxR : $abcdf :: ab1 :: a2, b2 ; cdf1 :: cd2 :: c3, d3 ; f2$. (5.21)

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdf* na *remissão ab1* e no *fato cdf1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdf1* na *adução cd2* e na classe virtual *f2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*.

Observação: Na operação (iii) a classe *cdf1* não poderia dar origem à classe **df2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a *ilustração* (*f*).

O objeto manifestante *tema ilustrado* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta* e *ilustração*. A classe manifestada *abcdf* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *ilustração* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe realizada *adução* e a classe virtual derivada de segundo grau *ilustração*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, que é particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro

grau *título* e *vinheta*.

$$\text{Op CxR : } abcdh :: ab1 :: a2 , b2 ; cdh1 :: c2 , dh2 :: d3 , h3 . \quad (5.22)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada* *abcdh* na *remissão* *ab1* e no *fato* *cdh1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdh1* na classe virtual *c2* e no *tema* *dh2*; (iv) particionar *dh2* nas classes virtuais *d3* e *h3*.

O objeto manifestante *tema ampliado com tópico* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta* e *tópico*. A classe manifestada *abcdh* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de segundo grau *título* e a classe realizada derivada de segundo grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *vinheta* e *tópico*.

$$\text{Op CxR : } abcdfh :: ab1 :: a2 , b2 ; cdfh1 :: cdh2 :: c3 , dh3 :: d4 , h4 ; f2 . \quad (5.23)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada* *abcdfh* na *remissão* *ab1* e no *fato* *cdfh1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdfh1* na *adução* *cdh2* e na classe virtual *f2*; (iv) particionar *cdh2* na classe virtual *c3* e no *tema* *dh3*; (v) particionar *dh3* nas classes virtuais *d4* e *h4*.

Observação: Na operação (iii) a classe *cdfh1* não poderia dar origem a classes como **dfh2* ou **fh2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *tópico* (*h*) forma unidade selecionando a *vinheta* (*d*) e não a *ilustração* (*f*). Por outro lado, as classes *d* ou *dh* formam unidades com o *título* (*c*), mas não com a *ilustração* (*f*). Isto é, a *ilustração* (*f*) forma unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *tema ilustrado com tópico* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *ilustração* e *tópico*. A classe manifestada *abcdfh* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *ilustração* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, que tem dois componentes: a classe realizada *adução* e a

classe virtual derivada de segundo grau *ilustração*. A unidade de objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *título* e a classe realizada derivada de terceiro grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *vinheta* e *tópico*.

$$\text{Op CxR : } abcdfg :: ab1 :: a2 , b2 ; cdfg1 :: cd2 :: c3 , d3 ; fg2 :: f3 , g3 . \quad (5.24)$$

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcdfg* na remissão *ab1* e no fato *cdfg1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdfg1* na *adução* *cd2* e no registro *fg2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *fg2* nas classes virtuais *f3* e *g3*.

Observação: Na operação (iii) a classe *cdfg1* não poderia dar origem a classes como **dfg2* ou **cdg2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a *ilustração* (*f*). De igual modo, o objeto *crédito* (*g*) forma unidade selecionando a *ilustração* (*f*), não o *título* (*c*).

O objeto manifestante *tema ilustrado com crédito* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *ilustração* e *crédito*. A classe manifestada *abcdfg* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *registro*. A unidade de objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de segundo grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *ilustração* e *crédito*.

$$\text{Op CxR : } abcdfgi :: ab1 :: a2 , b2 ; \quad (5.25)$$

$$cdfgi1 :: cd2 :: c3 , d3 ; fgi2 :: f3 , gi3 :: g4 , i4 .$$

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcdfgi* na remissão *ab1* e no fato *cdfgi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdfgi1* na *adução* *cd2* e no registro *fgi2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *fgi2* na classe virtual *f3* e na *âncora* *gi3*; (vi) particionar *gi3* nas classes virtuais *g4* e *i4*.

Observação: Na operação (iii) a classe *cdfgi1* não poderia dar origem à classe **dfgi2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a

ilustração (f). De igual modo, os objetos *crédito* (g) e *legenda* (i) formam unidade selecionando a *ilustração* (f), não o *título* (c).

O objeto manifestante *tema ilustrado com legenda* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito* e *legenda*. A classe manifestada *abcdfgi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *registro*. A unidade de objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *ilustração* e a classe realizada *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *crédito* e *legenda*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcd fgh &:: ab1 :: a2 , b2 ; \\ cdfgh1 &:: cdh2 :: c3 , dh3 :: d4 , h4 ; fg2 :: f3 , g3 . \end{aligned} \tag{5.26}$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada* *abcd fgh* na *remissão* *ab1* e no *fato* *cdfgh1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdfgh1* na *adução* *cdh2* e no *registro* *fg2*; (iv) particionar *cdh2* na classe virtual *c3* e no *tema* *dh3*; (v) particionar *dh3* nas classes virtuais *d4* e *h4*; (vi) particionar *fg2* nas classes virtuais *f3* e *g3*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdfgh1* não poderia dar origem a classes como **dfgh2* ou **fgh2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *tópico* (h) forma unidade selecionando a *vinheta* (d) e não a *ilustração* (f). Por outro lado, as classes *d* ou *dh* formam unidades com o *título* (c), mas não com a *ilustração* (f), que é selecionada pelo objeto *crédito* (g). Isto é, a *ilustração* (f) ou o *registro* (fg) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *tema ilustrado com tópico e crédito* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito* e *tópico*. A classe manifestada *abcd fgh* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas

adução e *registro*. A unidade de objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *título* e a classe realizada *tema*. A unidade dos objetos *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de terceiro grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *vinheta* e *tópico*. A unidade de objetos *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de segundo grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *ilustração* e *crédito*.

$$\text{Op CxR : } abcdfghi :: ab1 :: a2 , b2 ; \quad (5.27)$$

$$cdfghi1 :: cdh2 :: c3 , dh3 :: d4 , h4 ; fgi2 :: f3 , gi3 :: g4 , i4 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada* *abcdfghi* na *remissão* *ab1* e no *fato* *cdfghi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdfghi1* na *adução* *cdh2* e no *registro* *fgi2*; (iv) particionar *cdh2* na classe virtual *c3* e no *tema* *dh3*; (v) particionar *dh3* nas classes virtuais *d4* e *h4*; (vi) particionar *fgi2* na classe virtual *f3* e na *âncora* *gi3*; (vii) particionar *gi3* nas classes virtuais *g4* e *i4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdfghi1* não poderia dar origem a classes como **dfghi2* ou **fgi2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *tópico* (*h*) forma unidade selecionando a *vinheta* (*d*) e não a *ilustração* (*f*). Por outro lado, as classes *d* ou *dh* formam unidades com o *título* (*c*), mas não com a *ilustração* (*f*), que é selecionada pelos objetos *crédito* (*g*) e *legenda* (*i*). Isto é, a *ilustração* (*f*) ou o *registro* (*fgi*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *tema ilustrado completo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito*, *tópico* e *legenda*. A classe manifestada *abcdfghi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *ilustração*, *crédito*, *tópico* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *registro*. A unidade de objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *título* e a classe realizada derivada de terceiro grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *vinheta* e *tópico*. A unidade de objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *registro*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *ilustração* e a classe realizada derivada de terceiro grau *âncora*,

particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *crédito e legenda*.

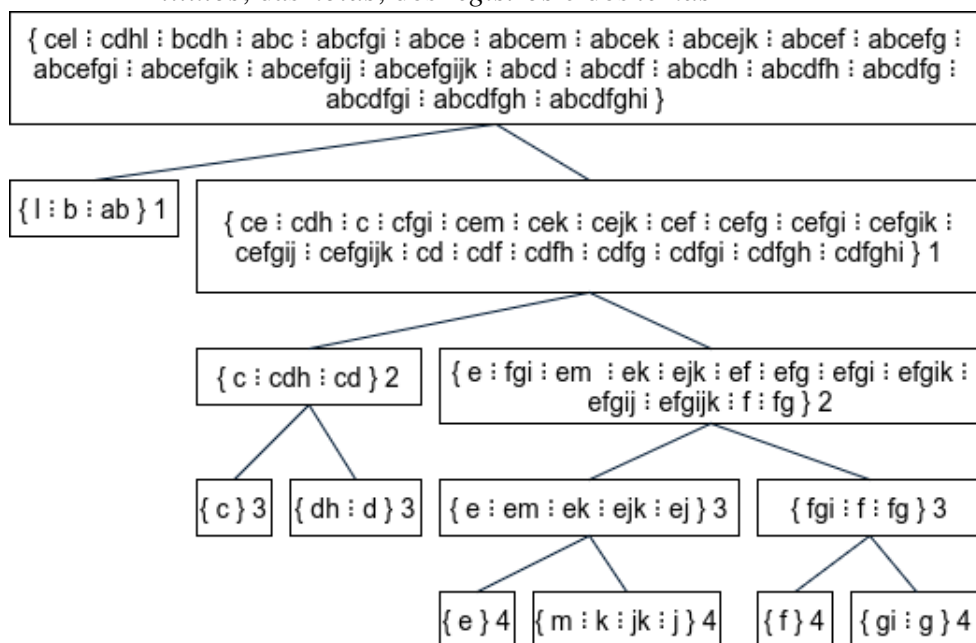
5.1.5.2 Articulação

$$\begin{aligned}
 \text{Op Cx:} &:: < abcd \dot{=} abcdf \dot{=} abcdh \dot{=} abcdfh \\
 &:: abcdfg \dot{=} abcdghi \dot{=} abcdhgh \dot{=} abcdgh > :: < ab > 1 , \\
 &< cd \dot{=} cdf \dot{=} cdh \dot{=} cdhf \dot{=} cdfg \dot{=} cdghi \dot{=} cdgh > 1 :: < cd \\
 &:: cdh > 2 :: < c > 3 , < d \dot{=} dh > 3 ; < f \dot{=} fg \dot{=} fgi > 2 :: < f > 3 , < g \dot{=} gi > 3 .
 \end{aligned}
 \tag{5.28}$$

A classe dos *temas de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *adunções* e na classe dos *registros*. A classe das *adunções* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *temas*. A classe dos *registros* é articulada na classe das *ilustrações* e na classe das *âncoras*.

5.1.5.3 Catálise

Figura 15 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios*, dos *títulos*, das *notas*, dos *registros* e dos *temas*



Fonte: Gráfico do autor.

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução

(*desvios, títulos, notas, registros e temas*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 15, a articulação é, então, aplicada à categoria que inclui os cinco paradigmas num só: $\{Cx\} : \{< cel : cdhl : bcdh > \phi < abc : abcfgi > \phi < abce : abcem : abcek : abcejk > \phi < abcef : abcefg : abcefgi : abcefgik : abcefgij : abcefgijk > \phi < abcd : abcdf : abcdh : abcdfh : abcdfg : abcdfgi : abcdfgh : abcdfghi >\}$ (RTL, D149 e R53 1°). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das vinte e três (23) classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página* e *caderno*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *adunções* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *adunções* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos *temas* correlaciona a classe realizada na unidade de *vinheta* e *tópico* e a classe virtual da *vinheta*. A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3). A classe dos *relatos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 4) e na classe dos *adendos* (grau 4). A classe dos *adendos* correlaciona as classes virtuais da *assinatura*, do *subtítulo* e do *anexo* e a classe realizada na unidade de *anexo* e *subtítulo*. A classe dos *registros* é articulada na classe virtual das *ilustrações* (grau 4) e na classe das *âncoras* (grau 4). A classe das *âncoras* correlaciona a classe realizada na unidade de *crédito* e *legenda* e a classe virtual do *crédito*. (Figura 15).

5.1.6 *Relato*

5.1.6.1 *Partição*

$$\text{Op } CxR : abcde :: ab1 :: a2 , b2 ; cde1 :: cd2 :: c3 , d3 ; e2 . \quad (5.29)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcde* na *remissão ab1* e no *fato cde1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cde1* na *adunção cd2* e na classe virtual *e2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cde1* não poderia dar origem à classe **de2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a *nota* (*e*). Portanto, a *nota* (*e*) forma unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *relato simples* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta* e *nota*. A classe manifestada *abcde* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *nota* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada na classe realizada *adução* e na classe virtual derivada de segundo grau *nota*. A unidade de objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*.

$$\text{Op CxR : } abcdek :: ab1 :: a2, b2 ; cdek1 :: cd2 :: c3, d3 ; ek2 :: e3, k3 . \quad (5.30)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdek* na *remissão ab1* e no *fato cdek1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdek1* na *adução cd2* e no *relato ek2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *ek2* nas classes virtuais *e3* e *k3*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdek1* não poderia dar origem à classe **dek2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a *nota* (*e*). Portanto, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ek*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *relato ampliado com subtítulo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcdek* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *relato*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *subtítulo*.

$$\text{Op CxR : } abcdej :: ab1 :: a2, b2 ; cdej1 :: cd2 :: c3, d3 ; ej2 :: e3, j3 . \quad (5.31)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdej* na *remissão ab1* e no *fato cdej1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdej1* na *adução cd2* e no *relato ej2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *ej2* nas classes virtuais *e3* e *j3*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdej1* não poderia dar origem à classe **dej2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*) e não a *nota* (*e*). Portanto, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ej*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *relato ampliado com anexo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota* e *anexo*. A classe manifestada *abcdej* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota* e *anexo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *relato*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota* e *anexo* seleciona a classe derivada de segundo grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *anexo*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcdehk &:: ab1 :: a2 , b2 ; \\ cdehk1 &:: cdh2 :: c3 , dh3 :: d4 , h4 ; ek2 :: e3 , k3 . \end{aligned} \tag{5.32}$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdehk* na *remissão ab1* e no *fato cdehk1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdehk1* na *adução cdh2* e no *relato ek2*; (iv) particionar *cdh2* na classe virtual *c3* e no tema *dh3*; (v) particionar *dh3* nas classes virtuais *d4* e *h4*; (vi) particionar *ek2* nas classes virtuais *e3* e *k3*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdehk1* não poderia dar origem a classes como **dehk2* ou **ehk2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe do *tópico* (*h*) forma unidade selecionando a *vinheta* (*d*). Por outro lado, as classes *d* ou *dh* formam unidades com o *título* (*c*), mas não com a *nota* (*e*), que é selecionada pelo objeto *subtítulo* (*k*). Isto é, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ek*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *relato ampliado com tópico* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *tópico* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcdehk* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno*

seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *tópico* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *relato*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *título* e a classe realizada derivada de terceiro grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *vinheta* e *tópico*. A unidade de objetos *nota* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *nota* e *subtítulo*.

5.1.6.2 Articulação

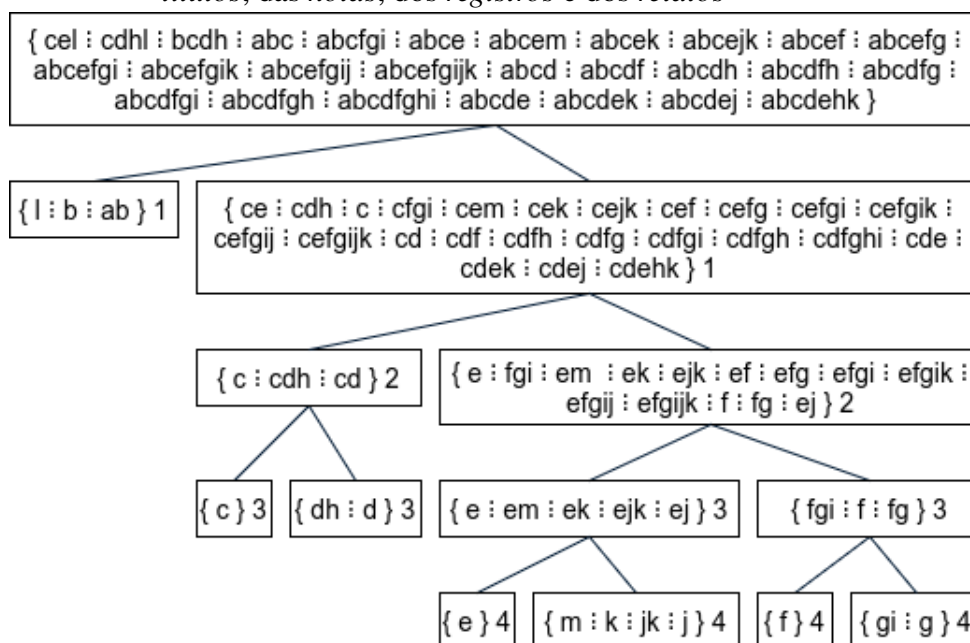
$$\begin{aligned} \text{Op Cx} &:: \langle abcde \dot{\vdash} abcdek \dot{\vdash} abcdej \dot{\vdash} abcdehk \rangle \\ &:: \langle ab \rangle 1, \langle cde \dot{\vdash} cdek \dot{\vdash} cdej \dot{\vdash} cdehk \rangle 1 :: \langle cd \\ &\dot{\vdash} cdh \rangle 2 :: \langle c \rangle 3, \langle d \dot{\vdash} dh \rangle 3 ; \langle e \dot{\vdash} ek \dot{\vdash} ej \rangle 2 :: \langle e \rangle 3, \langle k \dot{\vdash} j \rangle 3 . \end{aligned} \quad (5.33)$$

A classe dos *relatos de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *aduções* e na classe dos *relatos*. A classe das *aduções* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *temas*. A classe dos *relatos* é articulada na classe das *notas* e na classe dos *adendos*.

5.1.6.3 Catálise

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução (*desvios, títulos, notas, registros, temas e relatos*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 16, a articulação é, então, aplicada à categoria que inclui os seis paradigmas num só: $\{Cx\} \dot{\vdash} \{ \langle cel \dot{\vdash} cdhl \dot{\vdash} bcdh \rangle \phi \langle abc \dot{\vdash} abcfgi \rangle \phi \langle abce \dot{\vdash} abcem \dot{\vdash} abcek \dot{\vdash} abcej k \rangle \phi \langle abcef \dot{\vdash} abcefg \dot{\vdash} abcefgi \dot{\vdash} abcefgik \dot{\vdash} abcefgij \dot{\vdash} abcefgijk \rangle \phi \langle abcd \dot{\vdash} abcdf \dot{\vdash} abcdh \dot{\vdash} abcdfh \dot{\vdash} abcdfg \dot{\vdash} abcdfgi \dot{\vdash} abcdfgh \dot{\vdash} abcdfghi \rangle \phi \langle abcde \dot{\vdash} abcdek \dot{\vdash} abcdej \dot{\vdash} abcdehk \rangle \}$ (RTL, D149 e R53 1°). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das vinte e sete (27) classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Figura 16 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios*, dos *títulos*, das *notas*, dos *registros* e dos *relatos*



Fonte: Gráfico do autor.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página* e *caderno*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *adunções* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *adunções* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos *temas* correlaciona a classe realizada na unidade de *vinheta* e *tópico* e a classe virtual da *vinheta*. A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3). A classe dos *relatos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 4) e na classe dos *adendos* (grau 4). A classe dos *adendos* correlaciona as classes virtuais da *assinatura*, do *subtítulo* e do *anexo* e a classe realizada na unidade de *anexo* e *subtítulo*. A classe dos *registros* é articulada na classe virtual das *ilustrações* (grau 4) e na classe das *âncoras* (grau 4). A classe das *âncoras* correlaciona a classe realizada na unidade de *crédito* e *legenda* e a classe virtual do *crédito*. (Figura 16).

5.1.7 Destaque

5.1.7.1 Partição

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcdefk &:: ab1 &:: a2 , b2 ; \\ cdefk1 &:: cd2 &:: c3 , d3 ; efk2 &:: ek3 &:: e4 , k4 ; f3 . \end{aligned} \quad (5.34)$$

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcdefk* na remissão *ab1* e no fato *cdefk1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefk1* na adução *cd2* e no evento *efk2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *efk2* no relato *ek3* e na classe virtual *f3*; (vi) particionar *ek3* nas classes virtuais *e4* e *k4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefk1* não poderia dar origem a classes como **defk2* ou **fk2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*), mas não a *nota* (*e*). Por outro lado, o objeto *subtítulo* (*k*) seleciona a *nota* (*e*) mas não a *ilustração* (*f*). Isto é, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ek*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *destaque com subtítulo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcdefk* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota*, *ilustração* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *ilustração* e a classe realizada derivada de terceiro grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *nota* e *subtítulo*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcdefi &:: ab1 &:: a2 , b2 ; \\ cdefi1 &:: cd2 &:: c3 , d3 ; efi2 &:: e3 , fi3 &:: f4 , i4 . \end{aligned} \quad (5.35)$$

Procedimento: (i) particionar a chamada *abcdefi* na remissão *ab1* e no fato *cdefi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefi1* na adução *cd2* e no evento *efi2*; (iv)

particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *efi2* na classe virtual *e3* e no *registro* *fi3*; (vi) particionar *fi3* nas classes virtuais *f4* e *i4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefi1* não poderia dar origem à classe **defi2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*), mas não a *nota* (*e*).

O objeto manifestante *destaque com legenda* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração* e *legenda*. A classe manifestada *abcdefi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota*, *ilustração* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *nota* e a classe realizada derivada de terceiro grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *ilustração* e *legenda*.

$$\text{Op CxR : } abcdefgj :: ab1 :: a2 , b2 ; cdefgj1 :: \quad (5.36)$$

$$cd2 :: c3 , d3 ; efgj2 :: ej3 :: e4 , j4 ; fg3 :: f4 , g4 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdefgj* na *remissão ab1* e no *fato cdefgj1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefgj1* na *adução cd2* e no *evento efgj2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *efgj2* no relato *ej3* e no registro *fg3*; (vi) particionar *ej3* nas classes virtuais *e4* e *j4*; (vii) particionar *fg3* nas classes virtuais *f4* e *g4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefgj1* não poderia dar origem a classes como **defgj2* ou **fgj2*. Segundo os dados do *corpus*, o objeto *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*), mas não a *nota* (*e*). Por outro lado, o objeto *anexo* (*j*) seleciona a *nota* (*e*) mas não a *ilustração* (*f*). Isto é, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ej*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *destaque com anexo e crédito* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *anexo*. A classe manifestada *abcdefgj* tem

dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *anexo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota*, *ilustração*, *crédito* e *anexo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: as classes realizadas *relato* e *registro*. A unidade dos objetos *nota* e *anexo* seleciona a classe derivada de terceiro grau *relato*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *nota* e *anexo*. A unidade dos objetos *ilustração* e *crédito* selecionam a classe derivada de terceiro grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *ilustração* e *crédito*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR : } abcdefgjk &:: ab1 :: a2 , b2 ; cdefgjk1 &:: cd2 \\ &:: c3 , d3 ; efgjk2 &:: ejk3 :: e4 , jk4 :: j5 , k5 ; fg3 &:: f4 , g4 . \end{aligned} \quad (5.37)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada* *abcdefgjk* na *remissão* *ab1* e no *fato* *cdefgjk1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefgjk1* na *adução* *cd2* e no *evento* *efgjk2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *efgjk2* no relato *ejk3* e no registro *fg3*; (vi) particionar *ejk3* na classe virtual *e4* e no adendo *jk4*; (vii) particionar *jk4* nas classes virtuais *j5* e *k5*; (viii) particionar *fg3* nas classes virtuais *f4* e *g4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefgjk1* não poderia dar origem a classes como **defgjk2* ou **fgjk2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta* (*d*) forma unidade selecionando o *título* (*c*), mas não a *nota* (*e*). Por outro lado, os objetos *anexo* (*j*) e *subtítulo* (*k*) selecionam a *nota* (*e*), mas não a *ilustração* (*f*). Isto é, a *nota* (*e*) ou o *relato* (*ejk*) formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *destaque com relato completo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito*, *anexo* e *subtítulo*. A classe manifestada *abcdefgjk* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta*

seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade de objetos *nota*, *ilustração*, *crédito*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: as classes realizadas *relato* e *registro*. A unidade dos objetos *nota*, *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de terceiro grau *relato*, particionada na classe virtual derivada de quarto grau *nota* e na classe realizada *adendo*. A unidade dos objetos *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *ilustração* e *crédito*. A unidade dos objetos *anexo* e *subtítulo* seleciona a classe derivada de quarto grau *adendo*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *anexo* e *subtítulo*.

$$\begin{aligned} \text{Op CxR: } abcdefgi &:: ab1 :: a2, b2 ; cdefgi1 :: cd2 \\ &:: c3, d3 ; efgi2 :: e3, fgi3 :: f4, gi4 :: g5, i5. \end{aligned} \quad (5.38)$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdefgi* na *remissão ab1* e no *fato cdefgi1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefgi1* na *adução cd2* e no *evento efgi2*; (iv) particionar *cd2* nas classes virtuais *c3* e *d3*; (v) particionar *efgi2* na classe virtual *e3* e no *registro fgi3*; (vi) particionar *fgi3* na classe virtual *f4* e na âncora *gi4*; (vii) particionar *gi4* nas classes virtuais *g5* e *i5*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefgi1* não poderia dar origem à classe **defgi2*. Segundo os dados do *corpus*, a classe da *vinheta (d)* forma unidade selecionando o *título (c)*, mas não a *nota (e)*. Por outro lado, os objetos *crédito (g)* e *legenda (i)* selecionam a *ilustração (f)*, mas não a *nota (e)*. Portanto, a *nota (e)* ou o *registro (fgi)* formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *destaque com registro completo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda*. A classe manifestada *abcdefgi* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título* e *vinheta* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada nas classes virtuais derivadas de terceiro grau *título* e *vinheta*. A unidade dos objetos *nota*, *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro

grau *nota* e a classe realizada *registro*. A unidade dos objetos *ilustração*, *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, particionada na classe virtual derivada de quarto grau *ilustração* e na classe realizada *âncora*. A unidade dos objetos *crédito* e *legenda* seleciona a classe derivada de quarto grau *âncora*, particionada nas classes virtuais derivadas de quinto grau *crédito* e *legenda*.

$$\text{Op CxR : } abcdefgh :: ab1 :: a2 , b2 ; cdefgh1 :: \quad (5.39)$$

$$cdh2 :: c3 , dh3 :: d4 , h4 ; efg2 :: e3 , fg3 :: f4 , g4 .$$

Procedimento: (i) particionar a *chamada abcdefgh* na *remissão ab1* e no *fato cdefgh1*; (ii) particionar *ab1* nas classes virtuais *a2* e *b2*; (iii) particionar *cdefgh1* na *adução cdh2* e no *evento efg2*; (iv) particionar *cdh2* na classe virtual *c3* e no tema *dh3*; (v) particionar *dh3* nas classes virtuais *d4* e *h4*; (vi) particionar *efg2* na classe virtual *e3* e no registro *fg3*; (vii) particionar *fg3* nas classes virtuais *f4* e *g4*.

Observação: Na operação (iii), a classe *cdefgh1* não poderia dar origem a classes como **defgh2* ou **efgh2*. Segundo os dados do *corpus*, as classes da *vinheta (d)* e do *tópico (h)* formam unidade selecionando o *título (c)*, mas não a *nota (e)*. Por outro lado, o objeto *crédito (g)* seleciona a *ilustração (f)*, mas não a *nota (e)*. Isto é, a *nota (e)* ou o *registro (fg)* formam unidade selecionando *c*, *cd* ou *cdh*, mas não *d* ou *dh*.

O objeto manifestante *destaque com tema completo* é composto pelos objetos *página*, *caderno*, *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *tópico*. A classe manifestada *abcdefgh* tem dois componentes: as classes realizadas *remissão* e *fato*. A unidade dos objetos *página* e *caderno* seleciona a classe derivada de primeiro grau *remissão*, particionada nas classes virtuais derivadas de segundo grau *página* e *caderno*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta*, *nota*, *ilustração*, *crédito* e *tópico* seleciona a classe derivada de primeiro grau *fato*, particionada nas classes realizadas *adução* e *evento*. A unidade dos objetos *título*, *vinheta* e *tópico* seleciona a classe derivada de segundo grau *adução*, particionada na classe virtual derivada de terceiro grau *título* e na classe realizada *tema*. A unidade dos objetos *vinheta* e *tópico* seleciona classe derivada de terceiro grau *tema*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *vinheta* e *tópico*. A unidade dos objetos *nota*, *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de segundo grau *evento* que tem dois componentes: a classe virtual derivada de terceiro grau *nota* e a classe realizada *registro*. A unidade dos objetos *ilustração* e *crédito* seleciona a classe derivada de terceiro grau *registro*, particionada nas classes virtuais derivadas de quarto grau *ilustração* e *crédito*.

5.1.7.2 Articulação

$$\begin{aligned}
 \text{Op Cx: } & : < abcdefk \dot{ : } abcdefi \dot{ : } abcdefgj \dot{ : } abcdefgjk \dot{ : } abcdefgi \\
 & \dot{ : } abcdefgh > :: < ab >1 , < cdefk \dot{ : } cdefi \dot{ : } cdefgj \dot{ : } cdefgjk \\
 & \dot{ : } cdefgi \dot{ : } cdefgh >1 :: < cd \dot{ : } cdh >2 :: < c >3 , < d \dot{ : } dh >3 ; \\
 & < efk \dot{ : } efi \dot{ : } efgj \dot{ : } efgjk \dot{ : } efgi \dot{ : } efg >2 :: < ek \dot{ : } e \dot{ : } ej \dot{ : } ejk >3 \\
 & :: < e >4 , < k \dot{ : } j \dot{ : } jk >4 ; < f \dot{ : } fi \dot{ : } fg \dot{ : } fgi >3 :: < f >4 , < i \dot{ : } g \dot{ : } gi >4 .
 \end{aligned} \tag{5.40}$$

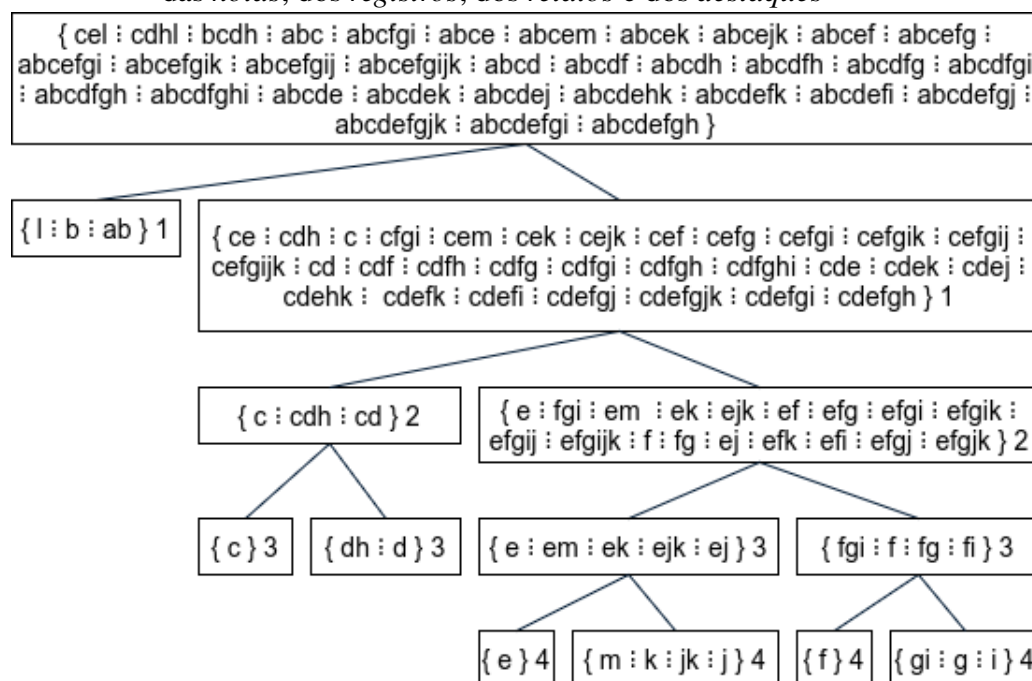
A classe dos *destaques de chamada* é articulada na classe das *remissões* e na classe dos *fatos*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *aduições* e na classe dos *eventos*. A classe das *aduições* é articulada na classe dos *títulos* e na classe dos *temas*. A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* e na classe dos *registros*. A classe dos *relatos* é articulada na classe das *notas* e na classe dos *adendos*. A classe dos *registros* é articulada na classe das *ilustrações* e na classe das *âncoras*.

5.1.7.3 Catálise

Para efetivar a integração dos sistemas da *chamada* até este ponto da dedução (*desvios, títulos, notas, registros, temas, relatos e destaques*), reunimos, numa única categoria, as classes mais baixas de todas as articulações. Como mostrado na Figura 17, a articulação é, então, aplicada à categoria que inclui os sete paradigmas num só: {Cx} : {< cel \dot{ : } cdhl \dot{ : } bcdh > \phi < abc \dot{ : } abcfgi > \phi < abce \dot{ : } abcem \dot{ : } abcek \dot{ : } abcejc > \phi < abcef \dot{ : } abcefg \dot{ : } abcefgi \dot{ : } abcefgik \dot{ : } abcefgij \dot{ : } abcefgijk > \phi < abcd \dot{ : } abcdf \dot{ : } abcdh \dot{ : } abcdfh \dot{ : } abcdfg \dot{ : } abcdfgi \dot{ : } abcdfgh \dot{ : } abcdfghi > \phi < abcde \dot{ : } abcdek \dot{ : } abcdej \dot{ : } abcdehk > \phi < abcdefk \dot{ : } abcdefi \dot{ : } abcdefgj \dot{ : } abcdefgjk \dot{ : } abcdefgi \dot{ : } abcdefgh >} (RTL, D149 e R53 1°). Cada membro do novo paradigma contrai substituição com os outros membros, constitui variante na categoria das chamadas. A descrição obtida a partir da articulação da nova classe paradigmática aplica-se a todas as chamadas incluídas no inventário das trinta e três (33) classes participantes, analisando-as de modo exaustivo.

Neste ponto da dedução, a classe das *chamadas* é articulada na classe das *remissões* (grau 1) e na classe dos *fatos* (grau 1). A classe das *remissões* correlaciona as classes virtuais do *hiperlink* e do *caderno* e a classe realizada na unidade de *página e caderno*. A classe dos *fatos* é articulada na classe das *aduições* (grau 2) e na classe dos *eventos* (grau 2). A classe das *aduições* é articulada na classe virtual dos *títulos* (grau 3) e na classe dos *temas* (grau 3). A classe dos

Figura 17 – Catálise da *chamada* pela articulação das classes dos *desvios*, dos *títulos*, das *notas*, dos *registros*, dos *relatos* e dos *destaques*



Fonte: Gráfico do autor.

temas correlaciona a classe realizada unidade de *vinheta* e *tópico* e na classe virtual da *vinheta*. A classe dos *eventos* é articulada na classe dos *relatos* (grau 3) e na classe dos *registros* (grau 3). A classe dos *relatos* é articulada na classe virtual das *notas* (grau 4) e na classe dos *adendos* (grau 4). A classe dos *adendos* correlaciona as classes virtuais da *assinatura*, do *subtítulo* e do *anexo* e a classe realizada na unidade de *anexo* e *subtítulo*. A classe dos *registros* é articulada na classe virtual das *ilustrações* (grau 4) e na classe das *âncoras* (grau 4). A classe das *âncoras* correlaciona a classe realizada na unidade de *crédito* e *legenda* e as classes virtuais do *crédito* e da *legenda*. (Figura 17).

5.2 O segundo plano (γ°)

O segundo componente da chamada é um *plano do conteúdo* ou *pleremática*, semelhante ao primeiro componente (Seção 4.1), o *plano da expressão* ou *cenemática* (Seção 5.1), exceto por não incluir os funitivos solidários da remissão, que o outro plano tem. Mas, para além disso, o plano do conteúdo ainda difere pela hierarquia resultante das configurações de campos e participantes, apresentadas na Subseção 4.2.4:

- a) na categoria da *exposição*, os elementos oscilam entre os polos da *constatação* e

- da *ponderação*, mas eventualmente podem ocupar o campo da *incerteza*;
- b) na categoria da *densidade*, os elementos oscilam entre os polos da *condensação* e da *expansão*, mas eventualmente podem ocupar o campo da *superfluidade*;
- c) na categoria da *validação*, os elementos oscilam entre os polos da *demonstração* e da *sedução*, mas eventualmente podem ocupar o campo da *imposição*.

Tecnicamente, esse segundo plano da *chamada* é classificado pelas configurações de *campos* (PTL, D72) e *participantes* (PTL, D73). Embora pareça uma abordagem diferente, o procedimento de hierarquização é, ao final das contas, o mesmo levado a efeito no primeiro plano. As categorias funcionais são articuladas nas categorias fúntivas que articulam elementos em configurações de campos e participantes. O procedimento descritivo não descuida da coexistência eventual de campos contrários numa mesma *chamada*. Então, não seria estranho se um participante qualquer ocupasse mais de um dos campos e outro ocupasse todos os campos. Ocupar todos os campos significa que as classes não são totalmente distintas, isto é, os campos são ocupados de modo difuso. Se o participante, ao contrário, ocupa campos específicos, suas classes são distintas. No entanto, como veremos, uma oposição de dois campos nesses termos não atende à descrição que precisamos.

Quando a mera ocupação nos campos não permite a distinção de todos os participantes, podemos verificar se a inclusão do campo ocorre em todas as variações de primeiro grau do participante. Nesse caso, dizemos que o participante *insiste* (RTL, D79) no tal campo. Isso amplia a possibilidade de categorização das classes num contínuo: do vago indiferenciado com participação em todos os campos ao preciso marcado com participação em dois campos sem insistência. Entre esses extremos, outras possibilidades de configurações de campos e participantes tornam-se viáveis em cinco outras articulações possíveis: quatro com polos que insistem em campos diferentes ou na combinação de campos; uma em que o polo ocupa alternativamente um de dois campos, ocupando sempre um terceiro campo, sem insistir em nenhum (RTL, R14).

A seguir, o plano do conteúdo da chamada recebe formalização apropriada. As chamadas são tipificadas conforme a combinatória dos elementos nas categorias fúntivas. Isso permite calcular 64 tipos para as chamadas, incluindo tipos não presentes no *corpus*, distribuídos em compartimentos conforme a combinatória das dimensões.

5.2.1 Participantes nas dimensões

Os *objetos de informação* são correlatos que participam de uma dada categoria de objetos manifestantes. De fato, qualquer uma das 30 classes de *objetos de informação* encontrados na análise da chamada (Subseção 4.2.4) é uma categoria cujos membros são classes de variáveis. No final das contas, os elementos são as mesmas categorias (vistas do ponto de vista da forma) cujos membros são classes de *objetos de informação*.

As categorias fúntivas, que são articuladas nos elementos, funcionam em sistemas de campos de exclusão: $:a$, $:b$ e $:c$. Há sete possibilidades ao todo, considerando a participação extrema num sistema de três campos (RTL, R14). O participante $:\alpha$ ocupa os campos $:ac$, e o participante $:A$ opõe-se a ele pela dispersão com que ocupa todos os campos $:abc$, mas não há insistência em nenhum campo. É possível, ainda, uma alternância $:ac-:bc$ sem insistência em nenhum campo, é o participante $:\Gamma_2$. Porém, em conformidade com os dados do *corpus*, esses três participantes ($:\alpha$, $:A$ e $:\Gamma_2$) não nos são úteis.

Os outros quatro participantes que supomos descrever adequadamente a forma dos *objetos de informação* são os seguintes. Se o participante ocupa todos os campos, pode haver insistência num dos campos “se o campo for incluído em todas as variações de primeiro grau do participante” (RTL, D79). Assim, tem-se $:\beta$ se insiste em $:a$, ou $:B$ se insiste em $:b$, ou $:\gamma$ se insiste nos dois $:ab$, ou $:\Gamma$ se não insiste em nenhum dos campos opostos $:a$ ou $:b$, isto é, se insiste no campo $:c$. Acreditamos que esse sistema de três campos e quatro participantes ($:\beta$, $:B$, $:\gamma$ e $:\Gamma$) é suficiente para explicar as hierarquias do segundo componente da chamada. Isto está em acordo com a primeira configuração da articulação vinculada (RTL, R27).

O segundo componente da *chamada* foi analisado em três categorias funcionais, conforme explicado anteriormente (Subseção 4.2.3). Considerando a relação entre constantes como base de análise ($\{:\beta\}$), esse plano da chamada deve ser descrito como a articulação de categorias funcionais constantes, isto é, cada categoria é condição necessária para a presença das outras. Elas formam uma hierarquia com duas unidades de relatos solidários. A primeira unidade inclui “(densidade ~ validação), a segunda inclui a solidariedade da *exposição* com essa unidade: “(exposição ~ (densidade ~ validação)). Uma vez que as três categorias podem ser analisadas em categorias fúntivas numa configuração com quatro participantes e três campos, cada uma das três categorias funcionais é uma *dimensão* (RTL, D88) que entra no plano como fator multiplicativo das demais classes funcionais. Cada elemento de uma dada categoria fúntiva ocupa uma das possibilidades fúntivas, que, no nosso caso, são quatro: $:\beta$ ($:a$), $:B$ ($:b$),

$:\gamma (:ab)$, $:\Gamma (:c)$. Em cada chamada, uma certa articulação de *objetos de informação* é registrada como elemento em uma das três dimensões (ou categorias funcionais).

Dentro da *exposição*, os elementos são registrados em três campos opostos: na *constatação* ($:a$), na *ponderação* ($:b$) e na *incerteza* ($:c$). Trata-se de uma correlação *contrária* (RTL, D74 $a : b$). Adaptando a definição para a categoria específica, podemos definir os campos da seguinte maneira. A *constatação* ($:a$) é a imparcialidade da *exposição* onde a *ponderação* ($:b$) é o engajamento da *exposição*, exceto pela *incerteza* ($:c$) que não é nem *constatação* nem *ponderação*. Para fins de clareza textual, ampliamos a semantização com os termos opostos *imparcialidade* e *engajamento*, embora não tenhamos como objetivo definir nenhum dos dois. Esses termos são muito conhecidos no ambiente das redações de jornal e também entre analistas, críticos e estudiosos do jornalismo. Logo, podem ser interpretados aqui de modo seguro pelo seu sentido mais comum, sem controvérsias. De qualquer modo, *constatação* e *ponderação* não se definem por eles. Na condição de categorias contrárias, só se definem pela presença ou ausência de seus elementos.

A *constatação* ($:a$) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de *objetos de informação*: *comparação*, *equiparação*, *implicação*, *exemplificação*, *listagem*, *decomposição* e *topicalização*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante $:\beta$. A *ponderação* ($:b$) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *avaliação*, *rotulação*, *qualificação* e *suposição*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante $:\mathbf{B}$. A unidade de quaisquer elementos da *constatação* ($:a$) e quaisquer elementos da *ponderação* ($:b$) é indicada pelo participante $:\gamma$. A *incerteza* ($:c$) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *mistura*, *brincadeira* e *deboche*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante $:\Gamma$. Entre si, cada classe de objeto contrai comutação, mas juntos formam unidades no campo de que participam ou na unidade dos campos $:ab$. Por esta análise, porém, não deve haver *chamadas* cujas variantes insistam ao mesmo tempo na *incerteza* ($:c$) e na *constatação* ($:a$) ou na *incerteza* ($:c$) e na *ponderação* ($:b$).

Dentro da *densidade*, os elementos são registrados em três campos opostos: na *condensação* ($:a$), na *expansão* ($:b$) ou na *superfluidade* ($:c$). Trata-se de uma correlação *contrária* (RTL, D74 $a : b$). Adaptando a definição para a categoria específica, podemos definir os campos da seguinte maneira. A *condensação* ($:a$) é o aumento da *densidade* onde a *expansão*

(:b) é a diminuição da *densidade*, exceto pela *superfluidade* (:c) que não é nem *condensação* nem *expansão*. Para fins de clareza, ampliamos a semantização com os termos opostos *aumento* e *diminuição*. Esses termos podem ser interpretados aqui de modo seguro pelo seu sentido mais comum, porque apenas colaboram na textualização. De qualquer modo, *condensação* e *expansão* não se definem por eles. Como categorias contrárias, só se definem pela presença ou ausência de seus elementos.

A *condensação* (:a) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *relato*, *atribuição* e *antecipação*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante $:\beta$. A *expansão* (:b) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *retrato*, *situação*, *quantificação*, *explicação* e *localização*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante $:\text{B}$. A unidade de quaisquer elementos da *condensação* (:a) e quaisquer elementos da *expansão* (:b) é indicada pelo participante $:\gamma$. A *superfluidade* (:c) é definida pela unidade da seguinte categoria de objeto de informação: *especulação*. A unidade exclusiva dessa classe de elemento é indicada pelo participante $:\Gamma$. Entre si, cada classe de objeto contrai comutação, mas juntas formam unidades no campo de que participam ou na unidade dos campos $:ab$. Por essa análise, porém, não deve haver chamadas cujas variantes insistam ao mesmo tempo na *superfluidade* (:c) e na *condensação* (:a) ou na *superfluidade* (:c) e na *expansão* (:b).

Dentro da *validação*, os elementos são registrados em três campos opostos: na *demonstração* (:a), na *sedução* (:b) e na *imposição* (:c). Trata-se de uma correlação *contrária* (RTL, D74 $a : b$). Adaptando a definição para a categoria específica, podemos definir os campos da seguinte maneira. A *demonstração* (:a) é a racionalidade da *validação* onde a *sedução* (:b) é a afetividade da *validação*, exceto pela *imposição* (:c) que não é nem *demonstração* nem *sedução*. Para fins de clareza textual, ampliamos a semantização com os termos opostos *racionalidade* e *afetividade*, embora estejamos cientes dos riscos envolvidos nas possibilidades de interpretação dos dois. Entretanto, entendemos que eles podem ser tomados aqui de modo seguro pelo seu sentido mais comum, aquele em que se opõe razão e afeto. De qualquer modo, *demonstração* e *sedução* não se definem pela oposição de termos. Constituindo categorias contrárias, só se definem pela presença ou ausência de seus elementos.

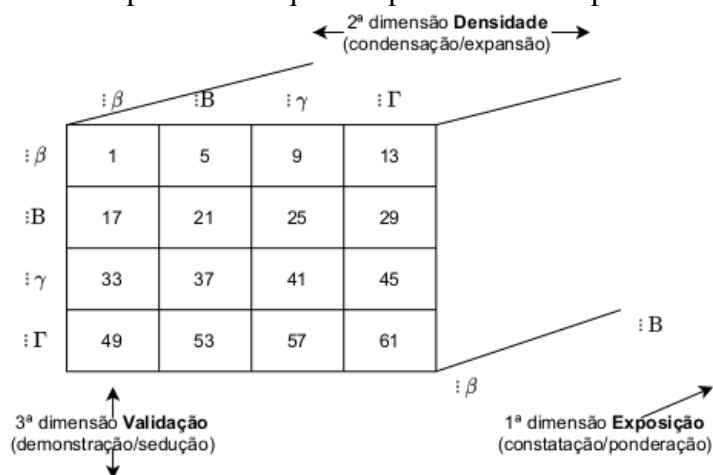
A *demonstração* (:a) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *citação*, *mostra* e *garantia*. Qualquer unidade que combine exclusiva-

mente essas classes de elementos é indicada pelo participante $\dot{\beta}$. A *sedução* (\dot{b}) é definida pela unidade de uma ou mais das seguintes categorias de objetos de informação: *aviso*, *valorização* e *recomendação*. Qualquer unidade que combine exclusivamente essas classes de elementos é indicada pelo participante \dot{B} . A unidade de quaisquer elementos da *demonstração* (\dot{a}) e quaisquer elementos da *sedução* (\dot{b}) é indicada pelo participante $\dot{\gamma}$. A *imposição* (\dot{c}) é definida pela unidade da seguinte categoria de objeto de informação: *regulação*. A unidade exclusiva dessa classe de elemento é indicada pelo participante $\dot{\Gamma}$. Entre si, cada classe de objeto contrai comutação, mas juntas formam unidades no campo de que participam ou na unidade dos campos \dot{ab} . Por essa análise, porém, não deve haver *chamadas* cujas variantes insistam ao mesmo tempo na *imposição* (\dot{c}) e na *demonstração* (\dot{a}) ou na *imposição* (\dot{c}) e na *sedução* (\dot{b}).

5.2.2 *Compartimentos nas dimensões*

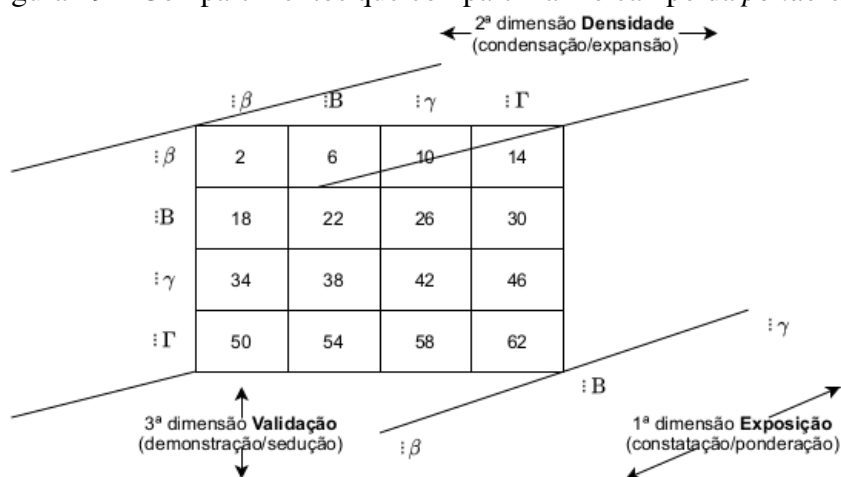
As dimensões estão hierarquizadas de tal modo que cada categoria da primeira dimensão (*exposição*) multiplica suas possibilidades fúntivas ($\dot{\beta}$, \dot{B} , $\dot{\gamma}$ e $\dot{\Gamma}$) com as da segunda dimensão (*densidade*), e esta igualmente multiplica suas possibilidades com as da terceira dimensão (*validação*). A complexa rede de correlações dos elementos está embutida nos compartimentos possíveis resultantes da articulação das dimensões e representada por números de 1 a 64 (Figuras de 18 a 21). Os números representam os tipos no âmbito da pleremática da chamada. Os 16 tipos em cada uma das figuras compartilham o mesmo participante da primeira dimensão. Dentre esses, os 4 tipos em cada coluna compartilham os participantes da segunda dimensão. Os 4 tipos em cada linha compartilham os participantes da terceira dimensão. As figuras não devem ser lidas de modo isolado, mas em comparação umas com as outras. A lista de todos os tipos com seus respectivos participantes em cada dimensão pode ser encontrada no Apêndice A.

A Figura 18 localiza os casos que compartilham $\dot{\beta}$ na primeira dimensão. Para exemplificar o tipo 1, conforme a articulação de suas dimensões nos compartimentos da *constatação* (\dot{a}), podemos examinar a chamada C17 (p. 236). C17 participa da primeira dimensão, a da *exposição*, nos campos da *constatação* (\dot{a}) com os elementos *implicação* e *listagem*. Porém, não participa da *ponderação* (\dot{b}) com nenhum elemento. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{\beta}$ na primeira dimensão. A categoria funcional da *densidade*, a segunda dimensão em C17, constitui-se da única participação no campo da *condensação* (\dot{a}) com o elemento *antecipação*, mas não há elementos participantes da *expansão* (\dot{b}). Esse fato pode ser descrito com o

Figura 18 – Compartimentos que compartilham o campo da *constatação*

Fonte: Gráfico do autor.

participante β na segunda dimensão. Por fim, C17 participa da *validação*, terceira dimensão, no campo da *demonstração* (β) com o elemento *garantia*. Nesse caso, o participante que melhor descreve a situação é β na terceira dimensão. A relação contraída pelas três categorias funcionais constituem a unidade do segundo componente nessa chamada C17, que pode ser definida com a descrição $\beta\beta\beta$ (Figura 18) (Apêndice A, Item 1).

Figura 19 – Compartimentos que compartilham o campo da *ponderação*

Fonte: Gráfico do autor.

A Figura 19 localiza os casos que compartilham β na primeira dimensão. Para exemplificar o tipo 10, conforme a articulação de suas dimensões nos compartimentos da

ponderação ($\dot{:}b$), podemos examinar a chamada C115 (p. 242). C115 participa da primeira dimensão, a da *exposição*, nos campos da *ponderação* ($\dot{:}b$) com os elementos *suposição* e *avaliação*. Porém, não participa da *constatação* ($\dot{:}a$) com nenhum elemento. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{:}B$ na primeira dimensão. A categoria funcional da *densidade*, a segunda dimensão em C115, constitui-se da participação no campo da *condensação* ($\dot{:}a$) com o elemento *antecipação* e da participação no campo da *expansão* ($\dot{:}b$) com os elementos *retratação*, *quantificação* e *explicação*. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{:}\gamma$ na segunda dimensão. Por fim, C115 participa da *validação*, terceira dimensão, no campo da *demonstração* ($\dot{:}a$) com o elemento *citação*. Nesse caso, o participante que melhor descreve a situação é $\dot{:}\beta$ na terceira dimensão. A relação contraída pelas três categorias funcionais constituem a unidade do segundo componente nessa chamada C115, que pode ser definida com a descrição $\dot{:}B\dot{:}\gamma\dot{:}\beta$ (Figura 19) (Apêndice A, Item 10).

Figura 20 – Compartimentos que compartilham os campos da *constatação* e da *ponderação*

	$\dot{:}\beta$	$\dot{:}B$	$\dot{:}\gamma$	$\dot{:}\Gamma$
$\dot{:}\beta$	3	7	11	15
$\dot{:}B$	19	23	27	31
$\dot{:}\gamma$	35	39	43	47
$\dot{:}\Gamma$	51	55	59	63

Fonte: Gráfico do autor.

A Figura 20 localiza os casos que compartilham $\dot{:}\gamma$ na primeira dimensão. Para exemplificar o tipo 7, conforme a articulação de suas dimensões nos compartimentos da *constatação-ponderação* ($\dot{:}ab$), podemos examinar a chamada C1 (p. 235). C1 participa da primeira dimensão, a da *exposição*, nos campos da *constatação* ($\dot{:}a$) com os elementos *comparação* e *equiparação*; e da *ponderação* ($\dot{:}b$) com os elementos *avaliação*, *rotulação* e *qualificação*. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{:}\gamma$ na primeira dimensão. A categoria funcional da *densidade*, a segunda dimensão em C1, constitui-se da unidade que relaciona quatro elementos

no único campo da *expansão* (\dot{b}): *retratação, situação, quantificação e explicação*. Dizemos que C1 participa da *densidade* no campo da *expansão* (\dot{b}) com esses elementos. Esse fato pode ser descrito com o participante \dot{B} na segunda dimensão. Por fim, C1 participa da *validação*, terceira dimensão, no campo da *demonstração* (\dot{a}) com o elemento *citação*. Nesse caso, o participante que melhor descreve a situação é $\dot{\beta}$ na terceira dimensão. A relação contraída pelas três categorias funcionais constituem a unidade do segundo componente nessa chamada C1, que pode ser definida com a descrição $\dot{\gamma}:\dot{B}:\dot{\beta}$ (Figura 20) (Apêndice A, Item 7).

Figura 21 – Compartimentos que compartilham o campo da *incerteza*

	$\dot{\beta}$	\dot{B}	$\dot{\gamma}$	$\dot{\Gamma}$
$\dot{\beta}$	4	8	12	16
\dot{B}	20	24	28	32
$\dot{\gamma}$	36	40	44	48
$\dot{\Gamma}$	52	56	60	64

Fonte: Gráfico do autor.

A Figura 21 localiza os casos que compartilham $\dot{\Gamma}$ na primeira dimensão. Para exemplificar o tipo 44, conforme a articulação de suas dimensões no compartimento da *incerteza* (\dot{c}), podemos examinar a chamada C16 (p. 236). C16 não participa da primeira dimensão, a *exposiço*, nem no campo da *constataço* (\dot{a}) nem no campo da *ponderaço* (\dot{b}); participa no campo da *incerteza* (\dot{c}) com os elementos *mistura, brincadeira e deboche*. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{\Gamma}$ na primeira dimensão. Quanto à categoria funcional da *densidade*, a segunda dimensão, C16 participa no campo da *condensaço* (\dot{a}) com um único elemento, a *antecipação*; e participa igualmente no campo da *expansão* (\dot{b}) com os elementos *retrato, situação e quantificação*. Esse fato pode ser descrito com o participante $\dot{\gamma}$ na segunda dimensão. Por fim, C16 participa da *validaço*, terceira dimensão, no campo da *demonstraço* (\dot{a}) com o elemento *citação*; e no campo da *seduço* (\dot{b}) com o elemento *aviso*. Nesse caso também, o

participante que melhor descreve a situação é γ na terceira dimensão. A relação contraída pelas três categorias funcionais constituem a unidade do segundo componente nessa chamada C16, que pode ser definida com a descrição $\Gamma:\gamma:\gamma$ (Figura 21) (Apêndice A, Item 44).

Ao primeiro olhar, o sistema da *chamada*, conforme descrito até aqui, poderia levantar a questão da sobreposição com o sistema da notícia ou mesmo com o do artigo de opinião. No entanto, a descrição da chamada, a partir da dedução do objeto empírico (as classes de variáveis), produz uma descrição particularizada que não se poderia confundir com a de nenhum outro objeto. O fato de a chamada constituir o componente variável da matéria jornalística enquanto os outros dois objetos constituem os componentes constantes dela já garantem a distinção. Essa relação entre os funtivos da remissão coloca os derivados do plano da expressão na chamada como remissores da matéria noticiosa ou opinativa, cujos derivados são, por sua vez, os funtivos remetidos.

É, portanto, bem improvável que a dedução da chamada ou a da matéria noticiosa ou ainda a da matéria opinativa, em qualquer dos seus planos, viesse a produzir exatamente o mesmo sistema para qualquer um deles. Vamos supor, mesmo assim, que pudesse haver alguma sobreposição entre o sistema da chamada e o da matéria opinativa e aquele da matéria noticiosa. Consideremos, então, o contexto da descrição do plano do conteúdo e a adoção das mesmas categorias funcionais para todos esses objetos. Nesse caso, seria possível antecipar, mesmo em termos meramente especulativos, algumas distinções entre os objetos a serem descritos, conforme a insistência em campos diferentes para cada dimensão:

- a) Na dimensão da *exposição*, a *chamada* mantém uma certa equidistância entre os campos da *constatação* e da *ponderação*; — em contrapartida, seria esperado que a matéria noticiosa insistisse no campo da constatação e que a matéria opinativa insistisse no campo da ponderação;
- b) Na dimensão da *densidade*, as chamadas insistem no campo da *condensação* e evitam o campo da *expansão* pela supressão dos detalhes; — é exatamente o oposto daquilo que se espera nos sistemas da matéria noticiosa ou opinativa, na qual devem constar os detalhes que o leitor procura;
- c) Na dimensão da *validação*, onde se poderia esperar maior semelhança entre as classes da matéria jornalística, os elementos e seus derivados poderiam formar

unidades e categorias diferentes em cada uma delas.

De qualquer modo, fosse esse o caso, a questão da sobreposição do sistema da chamada e dos sistemas das matérias noticiosas e opinativas somente poderia ser verificada pela aplicação do mesmo procedimento. Somente a partir de estratégias descritivas equivalentes, os resultados obtidos pela dedução dos objetos descritos poderiam ser efetivamente comparados, uma vez que as descrições seguiriam os mesmos princípios e regras. Porém, adotando o mesmo procedimento para os três objetos, o mais provável é encontrar outros elementos e outras dimensões não aplicáveis de uma descrição para a outra, já que os textos das matérias noticiosas e/ou opinativas são supostamente mais extensos e mais complexos que os da chamada.

6 SÍNTESE

Nesse ponto do procedimento, qualquer análise posterior das unidades e categorias encontradas (nos limites da base de análise selecionada) não resultará em classes da *chamada*. Na continuação da dedução (ampliando a base de análise), certamente poderíamos distinguir *parágrafos, frases, vocábulos, morfemas, sílabas, letras*, etc. nos derivados de linguagem verbal; ou poderíamos isolar *fundo, figura, motivo, foco, enquadramento*, etc. nas ilustrações. Porém, não se pode dizer que a presença de qualquer desses objetos (ou sua ausência) distingue a chamada de outros objetos de linguagem. Esses derivados de mais alto grau ultrapassam a especificidade da chamada e podem ser encontrados também na formação de muitos outros objetos de linguagem distintos do objeto descrito. Portanto, podemos declarar completo o complexo de análises da chamada, se não vemos necessidade de ampliar a base de análise (RTL, R113). Cumpre, em seguida, restabelecer, por meio da síntese, o objeto analisado e formalizado.

6.1 Determinação do objeto investigado

A primeira tarefa da síntese consiste em examinar as classes da *chamada*, conforme encontradas na análise (Capítulo 4) e na formalização (Capítulo 5), através do sistema de definições do componente universal da glossemática (RTL, Op *GgA). O objetivo é confirmar que as tais classes encontradas são objetos adequados à descrição através do procedimento glossemático, pela conformidade com as definições incluídas na operação Op *GgA.

A *dissecção* (RTL, D123) de qualquer um dos objetos registrados na maior *chamada* possível (*abcdefghijklm*) produz *seções* (RTL, D124) distintas, sejam classes do primeiro componente (*ab, cdefghijklm, cdh, efgijklm, ejkm, fgi*, etc.), sejam classes do segundo componente (Tabela 20). A Op *GgA0A determina a uniformidade das dependências no objeto estudado (RTL, p. 3). Conforme explicado na parte final da Subseção 3.2.2, as dissecções poderiam ser interpretadas como *fragmentação* (RTL, D-IV) ou como *análise* (RTL, D3 ::). Se as mesmas seções, com as mesmas dependências, são encontradas em todos os objetos e grupos de objetos dissecados na *chamada*, podemos descartar uma fragmentação.

A Op *GgA0B determina a análise da análise (RTL, p. 4). Observa-se que as seções encontradas na *chamada* são dependentes do todo de que fazem parte e mantém, entre si, as dependências que podem ser descritas mediante análise. Nas *chamadas*, os objetos submetidos à análise são *classes* (RTL, D4 □): *desvios* (*c*), *títulos* (*abc*), *notas* (*abce*), *registros* (*abcef*), *temas*

(*abcd*), *relatos* (*abcde*) e *destaques* (*abcdef*). Os *componentes* (RTL, D5) dessas classes são uniformemente dependentes da classe dissecada e uns dos outros: (i) *ab* e *cdefghijklm*; (ii) *cdh* e *efghijklm*; (iii) *ejkm* e *fgi*. O mesmo ocorre com as classes do segundo componente, no qual a classe da *exposição*, para citar apenas um exemplo, é analisada como *constatação*, *ponderação* ou *incerteza*, e cada uma destas em classes e seus componentes. As dependências entre as classes e componentes satisfazem as condições para a análise, isto é, as classes e componentes contraem *funções* (RTL, D6 φ) entre si. Cada um dos componentes da *chamada* contrai função *e...e* ou *relação* (RTL, D7 R) mútua com o outro componente.

Conforme o apresentado na Subseção 4.1.2.2 §2º, uma interpretação possível para a dependência entre *página* (*a*), *caderno* (*b*) e *título* (*c*) é que ela não seria uniforme, numa análise tripartite. Em vista disso, considerando o que foi regrado na Subseção 3.2.4, quanto à formação de unidades, ficou arbitrado que o *título* (*c*), na condição de componente da classe *fato* (*c*), contrai função com a *remissão* (*ab*), classe constituída pelos componentes *página* (*a*) e *caderno* (*b*). Estes, por sua vez, contraem relação entre si. Portanto, *a* e *b* são os componentes de uma classe *ab*, que contrai relação com *c* e constitui, com esta, os componentes da classe *abc* do objeto dissecado. A classe *abc*, por conter a classe *ab*, é uma classe de classes ou *hierarquia* (RTL, D8 \boxplus). Cada uma das classes nos grupos de *chamadas* do primeiro componente ou nas classes do segundo componente derivam hierarquias pela análise em classes de classes.

A hierarquia entre as classes e componentes sustentada pela função relacional permite afirmar que as classes analisadas a partir da *chamada* de maior extensão possível (*abcdefghijklm*) são *processos* (RTL, D9), se elas forem hierarquias de uma semiótica. De um processo para outro, as classes encontradas e seus componentes contraem funções com as classes correspondentes em outros processos, o que é chamado de *correlação* (RTL, D10 $\dot{}$). Do mesmo modo que as classes formam hierarquias relacionais em quaisquer dos processos, as classes formadas pelas correlações também constituem hierarquias. Assim se explica a ocorrência da classe correlacional $\langle c : cd : cdh \rangle$, analisada nas classes $\langle c \rangle$ e $\langle d : dh \rangle$, esta última analisada nas classes $\langle d \rangle$ e $\langle h \rangle$. Essas hierarquias correlacionais constituem o *sistema* (RTL, D11) dos objetos em cada uma das classes em qualquer dos dois componentes, se elas forem hierarquias de uma semiótica.

Todas as análises efetuadas até aqui podem ser tomadas como uma classe de análises ou *complexo de análises* (RTL, D12), visto que se aplicam sempre à mesma classe de objetos. É por um complexo de análises que se pode entender que a classe do primeiro componente (*abcdefghijklm*) se distribui nas classes *desvio* (*c*), *título* (*abc*), *nota* (*abce*), *registro* (*abcef*),

tema (*abcd*), *relato* (*abcde*) e *destaque* (*abcdef*), e nas classes derivadas destas.

A classe *abcdefghijklm*, seus componentes (*ab* e *cdefghijklm*), e ainda os componentes da classe *ab* (*a* e *b*), bem como os componentes das demais classes, contraem função e, por isso, são denominados *funtivos* (RTL, D13). Na análise, verificamos que alguns funtivos, nas funções contraídas pelos objetos entre si, são *constantes* (RTL, D14): sua presença é condição necessária para a presença do outro. Nas classes analisadas em *abc* (ou entre as classes da *exposição*, da *densidade* e da *validação* no segundo componente), por exemplo, nenhum funtivo é *variável* (RTL, D15). Como variável, sua presença ou ausência seria irrelevante para a presença ou ausência dos demais funtivos. Por outro lado, na análise que é aplicada aos objetos no *tema* (*abcd*) ou na *nota* (*abce*), a função entre o componente constante (*abc*) e os componentes variáveis *vinheta* (*d*) ou *nota* (*e*) define uma *determinação* (RTL, D16) entre *abc* e cada um destes outros componentes *d* e *e*.

Sob outro ponto de vista, o componente *título* (*c*) pressupõe a classe *abc*, assim como *página* (*a*) e *caderno* (*b*) pressupõem a classe da *remissão* (*ab*), então verifica-se a determinação entre as classes e seus componentes. Também há determinação na ordem de análise dos objetos em classes e destas em componentes. Portanto, a análise continuada é uma *dedução* (RTL, D17), na qual as classes (*abc* e *ab*, por exemplo) são as constantes dos componentes variáveis (*a*, *b* e *c*). É óbvio que a classe é a condição necessária para a presença dos componentes, mas não o contrário. A inversão da dedução reúne os componentes em suas classes e é denominada *síntese* (RTL, D-V). Uma síntese continuada seria uma *indução* (RTL, D-VI). A dedução do primeiro componente da chamada (*abcdefghijklm*) determina seus *derivados* (RTL, D18): *ab*, *a*, *b*, *cdefghijklm*, *cdh*, *ejkm*, *fgi*, etc. A dedução do segundo componente determina as classes derivadas da *exposição*, da *densidade* e da *validação*, de igual modo.

A análise de qualquer classe da *chamada* pode aplicar-se ao seu processo ou ao sistema subjacente a ele. No primeiro caso, quando identifica os derivados relacionados, a análise chama-se *partição* (RTL, D19) e no segundo, quando lida com os derivados correlacionados, a análise é dita *articulação* (RTL, D20). Nesse ponto, estão confirmados todos os instrumentos analíticos necessários à aplicação do procedimento ao objeto investigado, cuja classe descritiva mais extensa é *abcdefghijklm* no primeiro componente e (*exposição* ~ (*densidade* ~ *validação*)), no segundo.

A Op *Gga, particionada em seis Opp (*Gga1 – *Gga6), provê os meios para a

articulação da classe de objetos (RTL, p. 9). O *grau* (RTL, D21) dos derivados da *chamada* é identificado à medida que a análise vai aprofundando a identificação dos derivados das classes encontradas. Assim, um índice é adicionado a cada derivado com referência ao número de classes desde a classe comum mais baixa. Por exemplo, com referência à classe *abcdefghijklm*, dizemos que *ab1* e *cdefghijkm1* são derivados de primeiro grau e que *a2* e *b2* são derivados de segundo grau, assim como *cdh2* e *efgijkm2*. Os derivados, estejam eles nos processos ou no sistema, pertencem ao mesmo *ranque* (RTL, D22) se têm o mesmo grau. Desse modo, dentro da classe *abcdefghijklm*, *ab1* e *cdefghijkm1* pertencem ao mesmo ranque, mas pertencem a ranques diferentes de *a2* e *b2*; ou de *ejkm3* e *fgi3*, componentes da classe de segundo grau *efgijkm2*; e assim por diante. Uma vez que cada componente da chamada constitui a origem de deduções diferentes, consideramos cada um a classe mais baixa de sua própria hierarquia.

A aplicação do *teste semiótico* (RTL, Op *GXx.4 p. 87) às classes de chamada revela que seus dois componentes contraem relação mútua, e que os derivados destes contraem função de *mutação* (RTL, D23 \imath) mútua. Portanto, podemos afirmar que as chamadas são *semióticas* (RTL, D24 $\gamma^\circ g^\circ$), se, exauridas as análises, pudermos manter essa mesma conclusão. Os componentes de uma semiótica — tais como os componentes da *chamada* analisados nas Seções 4.1 e 4.2 e formalizados nas Seções 5.1 e 5.2 — são *planos* (RTL, D25 $\star g^\circ$). A verificação desses planos nas classes de chamada pode revelar que eles fazem parte de outro plano mais amplo que responde positivamente ao teste semiótico. Por outro lado, se nenhum desses planos analisados até agora abriga outra semiótica, a semiótica analisada é uma *semiótica denotativa* (RTL, D26 $i\gamma^\circ g^\circ$)⁴². É pela semiótica denotativa que toda análise começa. Já a chamada pode vir a ser confirmada como *semiótica não denotativa*, visto que abriga uma semiótica denotativa, cujos planos estão analisados e formalizados.

Seleção (RTL, D27 \rightleftharpoons) “é a relação entre uma constante e uma variável”. Do mesmo modo que encontramos determinação entre a classe e seus componentes na hierarquia, encontramos seleção entre as operações que analisam a classe semiótica (constante) e as operações que analisam quaisquer das classes de chamada (variável). Uma seleção contraída entre diferentes hierarquias e seus derivados em deduções paralelas constitui a *manifestação* (RTL, D28) de uma hierarquia pela outra⁴³.

⁴² É necessário levar em conta que a rede de dependências analisada na semiótica denotativa da chamada usa supostos objetos semióticos (títulos, notas, fotografias, etc.) como recurso, mas não se confunde com eles, porque cada um deles já foi desmembrado na partição dos planos e não são mais semióticas nesse ponto da dedução.

⁴³ Uma nota do tradutor do *Résumé* esclarece que os funitivos da manifestação não devem ser uniformes: “p. 12 N 17

Como explicado na Subseção 4.2.1 §2º, consideramos três hierarquias paralelas: (i) a classe das semióticas, derivada da metassemiologia glossemática; (ii) a classe das chamadas, derivada da semiologia nesta tese; e (iii) a classe dos objetos, derivada das análises prévias dos experimentos de pesquisa. Uma *chamada*, como um objeto dentro da edição de jornal, inclui objetos igualmente analisáveis em hierarquia. A hierarquia da *chamada* que contrai, pois, manifestação com essas hierarquias de objetos variáveis constitui *forma* (RTL, D29) para elas. Ao mesmo tempo, a hierarquia da chamada seleciona alguma classe de *semiótica denotativa* e constitui *substância* (RTL, D30) para ela. As hierarquias da *chamada* são *manifestantes* (RTL, D31 \wedge) e a semiótica denotativa selecionada para a sua descrição é a classe *manifestada* (RTL, D32 \vee). Por outro lado, as classes internas (*cdefghijkm1*, *cdh2*, *efgijkm2*, *ejkm3* ou *fgi3*, etc) podem contrair manifestação com classes de variáveis (classes de objetos).

O processo na hierarquia das classes semióticas da *chamada* é sua *sintagmática* (RTL, D33 $\gamma^\circ g^\circ R$) e as classes derivadas desses processos são suas *cadeias* (RTL, D34 N). O sistema na hierarquia das classes semióticas da chamada é sua *paradigmática* (RTL, D35 $\gamma^\circ g^\circ :$) e as classes derivadas desses sistemas são seus *paradigmas* (RTL, D36 $< >$). As classes de variáveis (hierarquias de objetos) que manifestam as classes da *chamada* e seus derivados, as cadeias de sua sintagmática e os paradigmas de sua paradigmática constituem a *matéria* (RTL, D37) da chamada. A paradigmática das semióticas denotativas que entram na *chamada* ($< c : cd : cdh >$, por exemplo) e cujos paradigmas são manifestados por todas as matérias da chamada constitui a sua *língua* (RTL, D38 $L\gamma^\circ g^\circ :$). A sintagmática da semiótica denotativa que entra na *chamada* e cujas cadeias são manifestadas por todas as matérias da chamada constitui o seu *texto* (RTL, D39 $L\gamma^\circ g^\circ R$).

Uma *operação* (RTL, D40 Op) é descrição que está em conformidade com o princípio do empirismo e uma classe de operações é um *procedimento* (RTL, D-VII). As classes de *chamada* são descritas através de múltiplos recursos de análise nas deduções desta tese. Disso, se extrai que nossos procedimentos operam descrições e, salvo melhor juízo, constituem uma *semiótica científica* (RTL, D41). Porém, as *chamadas* não são elas mesmas procedimentos de descrição semiótica, por isso elas são *semióticas não científicas* (RTL, D42). No entanto, a dedução que tem a forma de uma semiótica científica toma a análise das *chamadas* como plano e por isso deve ser reconhecida como uma *metassemiótica* (RTL, D43). A classe das *chamadas*, por outro lado, se abriga outras classes semióticas, mas não opera sobre elas nenhuma análise, é

No manuscrito, numa nota marginal ao lado do diagrama, pode se ler: *As hierarquias no diagrama devem ser sempre não-uniformes.*” (HJELMSLEV, 1975, p. 275).

uma *semiótica conotativa* (RTL, D44 $x\gamma^\circ g^\circ$).

A semiótica denotativa, já analisada e formalizada, é *semióticas objeto* (RTL, D45) em todas as classes de *chamadas*. Por outro lado, a própria dedução, que é uma metassemiótica, tem suas classes e procedimentos validados por uma *meta-(semiótica científica)* (RTL, D46), que é mais específica e, para a qual, a dedução é uma semiótica objeto. Como as classes de *chamada*, porém, não são semióticas científicas, a dedução delas é uma *semiologia* (RTL, D47 $2\gamma^\circ g^\circ$). É *semiologia interna* (RTL, D48 $i_2\gamma^\circ g^\circ$), se analisa a classe de semiótica denotativa da chamada; e é *semiologia externa* (RTL, D49 $x_2\gamma^\circ g^\circ$), se analisa a própria *chamada*, que é semiótica conotativa.

A análise glossemática, que vai muito além da mera dedução das classes de *chamadas*, é uma meta-(semiótica científica) por incluir a semiologia das *chamadas* (e igualmente qualquer outra semiologia) como semiótica objeto. É, pois, uma *metassemiologia* (RTL, D50 $3\gamma^\circ g^\circ$), às vezes *interna* (RTL, D51 $i_3\gamma^\circ g^\circ$), às vezes *externa* (RTL, D52 $x_3\gamma^\circ g^\circ$), conforme o tipo de semiótica objeto, se semiologia interna ou externa, que entra como plano metadescrito. Nesse ponto, o objeto de investigação está completamente circunscrito à articulação dos objetos.

A Op $*Ggb$, particionada em três Opp ($*Ggb1 - *Ggb3$), determina a articulação da classe dos funtivos (RTL, p. 16). Examinaremos aqui apenas as operações $*Ggb1$ e $*Ggb2$, particularmente importantes para a formalização da dedução.

Na classe dos *títulos de chamada* (abc), a partição da classe identifica as classes derivadas de primeiro grau *remissão* ($ab1$) e *título* ($c1$); a classe das *remissões* ($ab1$) é particionada nas classes derivadas de segundo grau *página* ($a2$) e *caderno* ($b2$). A articulação, por sua vez, coloca em evidência os funtivos dependentes entre si de um processo a outro. Para cada classe, registra-se os seguintes inventários de paradigmas:

a) Sob a classe *página* ($a2$):

< “B4” : “B6” : “A12” : “A8” : ... : “Pág. 6” > ;

b) Sob a classe *caderno* ($b2$):

< “Cotidiano” : “Mundo” : “Poder” : “Folhainvest” : ... : “Mercado” > ;

c) Sob a classe *título* ($c1$):

< “**Após acusação de assédio, José Mayer se desculpa por ‘brincadeira’**” : “**Portela e Mocidade dividirão título do Carnaval do Rio**” : ... : “Chacinas deixam nove mortos em dois bairros de São Paulo” > ;

d) Sob a classe *remissão* (ab1):

< “Cotidiano B4” : “**Cotidiano B6**” : ... : “Mercado Pág. 6” > .

Os funtivos em cada classe, destacados acima, contraem correlação dentro da mesma classe. São *correlatos* (RTL, D53), constituem um paradigma, e, nesses exemplos acima, seus componentes contraem *comutação* (RTL, D54 ;).

Porém, em outros paradigmas, observa-se que os correlatos não contraem comutação. Nesse caso, eles contraem *substituição* (RTL, D55 ;), função na qual não há mutação entre os correlatos. Para fins de exemplificação, registra-se os seguintes paradigmas:

a) no caso da classe *caderno* (b2):

(i) < “ilustrada” : “ILUSTRADA” : “**ilustrada**” : ... : “**ilustrada**” > ;

(ii) < “cotidiano” : “COTIDIANO” : “**cotidiano**” : ... : “**cotidiano**” > .

b) no caso da classe *página* (a2):

(i) < “15” : “B15” : “pág. 15” : “página 15” : ... : “PÁGINA 15” > ;

(ii) < “12” : “B12” : “pág. 12” : “página 12” : ... : “PÁGINA 12” > .

Em cada caso (seja com a classe *b2* ou *a2*), há comutação entre os correlatos do paradigma (i) em oposição aos do paradigma (ii); porém, entre os correlatos dentro dos paradigmas de cada caso há apenas substituição. Esses correlatos com substituição mútua são *variantes* (RTL, D56 *var.*). Aqueles com comutação mútua são *invariantes* (RTL, D57).

Uma relação entre variantes pode ser contraída entre constantes ou entre variáveis. Considerando a formação da classe *remissão* (ab1) com as variantes em *página* (a2) e em *caderno* (b2), percebemos que elas são constantes, porque estão sempre presentes, uma em relação à outra. Dizemos que contraem *solidariedade* (RTL, D58 ~). Os funtivos em *página* (a2) ou em *caderno* (b2), sob outra ótica, usam diferentes estilos: **normal**, **CAIXA-ALTA**, **negrito**, **fundo colorido**, etc. Isto é, a análise continuada permitiria particionar as classes em componentes tais como *termos* e *estilos*. Porém, esses estilos seriam variáveis, porque sua presença não é condição necessária. Por isso, dizemos que os termos e os estilos, em *página* (a2) ou em *caderno* (b2), contraem uma *combinação* (RTL, D59 —)⁴⁴. Os funtivos de *página* (a2) que contraem uma relação com os funtivos de *caderno* (b2) são *relatos* (RTL, D60), mais precisamente, *relatos solidários* (RTL, D61), formando cadeias em *remissão* (ab1) (como no item *d* do exemplo anterior). Os seus componentes, termos e estilos, são também relatos, porém *relatos combinados* (RTL, D62): qualquer relato em *página* (a2) ou em *caderno* (b2) contrai relação com um dos

⁴⁴ O mesmo pode aplicar-se a outras classes da *chamada*: os componentes estilísticos da classe da *ilustrações* (*figi*), embora não sejam os mesmos das outras classes, também contraem combinação.

estilos disponíveis. Em conclusão, as variantes que contraem solidariedade em *página* (a2) e em *caderno* (b2) são *variedades* (RTL, D63 $\sim var.$); e as variantes que contraem combinação (com um estilo, por exemplo) são *variações* (RTL, D64 $-var.$).

A análise operada sobre as variações de estilo seria uma *operação particular* (RTL, D65), uma vez que só se aplicaria a estas e a nenhum outro tipo de objeto semiótico. Porém, em vista do número ilimitado de variações possíveis, uma articulação de variantes em variações nem sempre seria o mais indicado (cf. RTL, R1). Portanto, pode-se considerar que as variedades das classes *página* (a2) e *caderno* (b2), representadas nos itens (i) e (ii) acima, são *variedades localizadas* (RTL, D66), uma vez que, se elas são articuladas, resultam em variações e não mais em variedades. Já os relatos dentro das variações de estilo são *indivíduos* (RTL, D67). Nesses casos, o procedimento deve registrar apenas o número mínimo dessas variações (RTL, R3).

Nesse ponto, entendemos que a articulação dos fúntivos da classe *abcdefghijklm* no primeiro componente e da (*exposição* \sim (*densidade* \sim *validação*)) no segundo componente produziu as confirmações necessárias e suficientes para demonstrar a determinação que o objeto contrai com a teoria. Desse modo, o objeto descrito *chamada de capa* está circunscrito ao componente universal.

6.2 Hierarquização do objeto descrito

A *chamada* é uma porção de texto extraída da *capa* que é extraída da *edição* e assim por diante. Em outra direção, também se poderia extrair da chamada porções de texto que fazem parte dela e depois extrair dessas porções outras até não haver mais meios de particioná-las outra vez. Esses limites são artificialmente gerados pelo desenho do procedimento proposto e necessários para viabilizar a sua aplicação. No entanto, esse recorte não descarta nem inviabiliza a continuação da investigação em qualquer das direções. Tudo isso, de fato, significa tão somente que a dedução feita até aqui é parte de outra mais ampla e também constituída de deduções mais particulares.

A dedução inicia pela aplicação do *teste semiótico* (RTL, R75 e R132), sob a presunção de a chamada ser uma semiótica que se apresenta à investigação através de sua sintagmática. Portanto, a verificação consistiu na aplicação do *teste de hierarquia*, através da operação que particiona a pré-sintagmática da chamada numa pré-linha: $?CxR :: ?^{\#}\odot$. A pré-linha, na forma de uma categoria funcional, foi então particionada nas categorias fúntivas pela operação: $\{?^{\#}\odot\} :: \{:\beta\}, \{:\mathbf{B}\}, \{:\gamma\}, \{:\Gamma\}$. As quatro categorias fúntivas representam as quatro possibili-

dades funcionais: *interdependência*, *constelação*, *determinação* e *outras funções não pertinentes*. A base de análise que produz resultados, conforme os dados e a definição de semiótica, é a *interdependência*. Disto se segue que a partição da pré-linha, tomando como base a *interdependência*, resulta nas linhas dos planos da chamada, conforme a operação $\{:\beta\} :: \gamma^\# \odot, g^\# \odot$.

As operações acima resultam finalmente na redução $? \gamma^\circ g^\circ \equiv \gamma^\circ g^\circ$ ou $?Cx \equiv \gamma^\circ g^\circ$, na qual uma pré-semiótica se mostra redutível a uma semiótica (RTL, p. 140), conforme as regras do *teste semiótico definitivo* (RTL, R113-R122). Desse ponto em diante, é possível proceder às articulações dos planos e seus derivados, visto que toda sintagmática seleciona uma paradigmática. De modo semelhante ao que foi feito para a sintagmática, a paradigmática deve ser articulada em *lado* (RTL, D270 $\# \odot$), aplicando a operação $\gamma^\circ g^\circ :: \# \odot$ ou $Cx :: \# \odot$. A articulação do *lado* da paradigmática resulta nos lados dos planos pela operação $\# \odot :: \gamma_\# \odot, g_\# \odot$. Todos os procedimentos dedutivos descritos na análise (Capítulo 4) e na formalização (Capítulo 5) visaram deduzir as classes e funções nas *linhas* e *lados* de cada plano da chamada conforme essas determinações.

O *teste semiótico* (RTL, R75), aplicado ao objeto investigado, revelou resultados positivos para qualquer chamada do *corpus*. Elas respondem ao *teste de hierarquia* (RTL, R75), seus componentes respondem ao *teste de relação* (RTL, R76) e os derivados destes planos respondem ao *teste de mutação* (RTL, R76). Mesmo assim, só poderíamos declará-la como semiótica quando fossem exauridas todas as análises. Então, nesse ponto, seguindo o *teste semiótico definitivo* (RTL, R113-R122), podemos registrar as chamadas como *semiótica* segundo a seguinte regra de redução: *de* $?Cx \parallel \gamma^\circ g^\circ$ *e de* $?Cx : \gamma^\circ g^\circ$ *concluimos* $?Cx \equiv \gamma^\circ g^\circ$. Ou seja, se a pré-semiótica da chamada está conforme a definição de *semiótica* (RTL, D24 $\gamma^\circ g^\circ$), então ela contrai substituição com uma classe semiótica e é redutível à classe das semióticas. Uma vez demonstrado que a chamada é uma semiótica, seus componentes são *planos* (RTL, D25 $\ast g^\circ$), em consequência. Chega-se, assim, ao resultado previsto pelo cálculo, mostrado nos dois parágrafos anteriores.

É preciso, então, ainda distinguir a classe de semiótica que ela é, através da verificação de seus planos. Antes de poder declarar definitivamente a chamada como semiótica, seus supostos planos precisavam ser testados. Para atender ao *teste de denotação I* (RTL, R77), o *teste semiótico* foi reaplicado aos componentes da chamada, os pré-planos. Encontrou-se um plano, cujo teste resultou positivo, segundo a seguinte regra de redução: *de* $? \ast g^\circ \parallel \gamma^\circ g^\circ$ *e de* $? \ast g^\circ : \gamma^\circ g^\circ$ *concluimos* $? \ast g^\circ \equiv \gamma^\circ g^\circ$. Ou seja, se o pré-plano está em conformidade com a

definição de semiótica, então ele contrai substituição com uma classe semiótica e é redutível à classe das semióticas. Para o outro suposto plano, o teste resultou negativo. Esse fato deve ser interpretado como a indicação de um plano simples, que não é ele mesmo uma semiótica nem é constituído por unidades de semióticas.

No entanto, não se pode afirmar ainda, com base nesses resultados, que a chamada seja uma semiótica conotativa, apenas se pode dizer que ela é uma *semiótica não denotativa*. O teste de denotação I precisava ser aplicado recursivamente a todos os planos da semiótica encontrada, até apresentar resultado negativo. Nesse caso, as operações cessariam, e o teste não seguiria sendo aplicado. A questão é que, no caso da dedução da chamada, algum dos planos na semiótica encontrada poderia consistir em outra semiótica. Isso alteraria a condição de todos os outros componentes da chamada. No entanto, o teste resultou negativo para esses outros planos⁴⁵, donde se pode concluir que a semiótica encontrada dentro da chamada é uma *semiótica denotativa* (RTL, D26 $i\gamma^\circ g^\circ$), cujos planos são *planos internos* (RTL, D165 $i_x g^\circ$). Logo, o plano da expressão da chamada é um *plano denotativo* (RTL, D167 xg°), uma semiótica objeto que integra os planos internos já descritos.

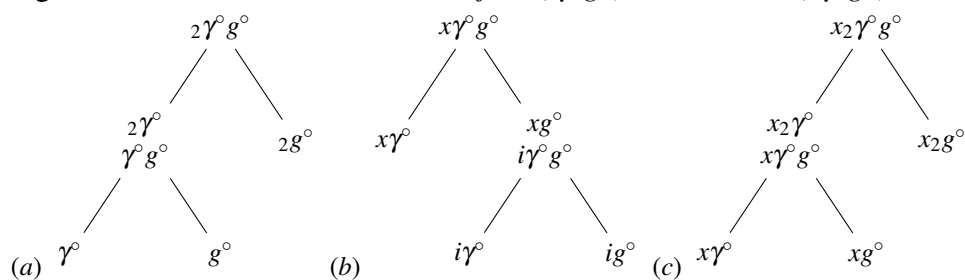
A chamada ainda poderia ser uma *metasemiótica*, se fosse sustentável afirmá-la como *semiótica científica*. Para atender ao teste de ciência (RTL, R78), o objeto investigado, visto como processo, foi verificado quanto a sua conformidade com o Pr 1. Em outras palavras, a chamada foi testada enquanto descrição científica da semiótica objeto encontrada no plano denotativo. Para isso, a chamada deveria estar em conformidade com a definição de *operação* (RTL, D40 Op). Sendo o resultado obviamente negativo e estando exauridas as análises dos derivados, a chamada pode então finalmente ser registrada como *semiótica conotativa* (RTL, D44 $x\gamma^\circ g^\circ$), segundo a seguinte regra de redução: de $Cx \parallel x\gamma^\circ g^\circ$ e de $Cx : x\gamma^\circ g^\circ$ concluímos $Cx \equiv x\gamma^\circ g^\circ$. Em outros termos, se a chamada não está em conformidade com a definição de *operação*, ela o está com a definição de *semiótica não científica* (RTL, D42) e deve ser considerada redutível à *semiótica conotativa*.

Conforme a R86, o registro da chamada como semiótica conotativa leva a uma significativa expansão do objeto sob investigação, com consequências imediatas:

- a) ao ser considerada uma *semiótica*, a chamada torna-se *semiótica objeto* para uma *semiologia* (Figura 22 a), que, no caso presente, é esta tese;
- b) ao ser considerada uma *semiótica conotativa* (Figura 22 b), a chamada incorpora

⁴⁵ Todos os supostos objetos semióticos constituintes da chamada foram desmembrados na operação que deduziu os componentes da chamada durante a análise, eles não são mais semióticas depois disso.

Figura 22 – Inclusão de *semiótica objeto* ($i\gamma^\circ g^\circ$) na *chamada* ($x\gamma^\circ g^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

uma *semiótica objeto* e torna-se semiótica objeto de uma *semiologia externa* (Figura 22 c), que, no caso presente, é esta tese;

- c) a chamada tem coesões com outras semióticas (concebíveis ou atestadas) que são externas a ela ou que entram na sua hierarquia.

Em qualquer dessas condições, a semiologia externa descritora da chamada está contida numa metassemiologia externa que a abriga como semiótica objeto e assim por diante. Convém lembrar que as metassemiologias descritoras são externas no sentido da hierarquia semiótica, mas não no sentido da manifestação. De fato, elas estão imbricadas e constituem partes da tese. Só podem ser extraídas da tese por catálise, com o mesmo procedimento usado para analisar e formalizar a chamada.

Nesse ponto, se estão demonstradas as hierarquias que entram na chamada e nas quais a chamada entra, resta distinguir o seu *texto* (RTL, D39 $L\gamma^\circ g^\circ R$) e a sua *língua* (RTL, D38 $L\gamma^\circ g^\circ$). Uma vez que o teste de denotação I resultou positivo para um dos planos da chamada, então ele responde positivamente ao teste de hierarquia, seus componentes respondem ao teste de relação e seus derivados ao teste de mutação. Porém, é preciso verificar se essa semiótica objeto no plano denotativo responde positivamente ao teste de língua (RTL, R83), o que se faz mediante dois testes: o teste de manifestação (RTL, R84) e o teste de matéria (RTL, R85). Os dois testes consistem em *catálises sintagmáticas*, conforme a seguinte formulação geral $r : {}^n(p \rightarrow q)$, donde se segue a redução $r \equiv p$ (RTL, R53 2º). Isto é, dados os funtivos p , q e r , se r contrai substituição com a unidade de p que seleciona q , disso se segue a redução de r a p .

No teste de manifestação, demonstra-se o encapsulamento possível da hierarquia de *semiótica denotativa* pelo plano denotativo, constituindo uma só unidade: $Cx : {}^n(xg^\circ \rightarrow i\gamma^\circ g^\circ)$. Donde se segue a redução $Cx \equiv xg^\circ$. Ou seja, a chamada contrai substituição com a unidade na qual o plano denotativo seleciona a semiótica denotativa. A redução da chamada ao plano denotativo identifica-a como funtivo selecionante na manifestação atestada.

No teste de matéria, demonstra-se o encapsulamento possível da *paradigmática do plano denotativo* pela *sintagmática do plano denotativo*, constituindo uma só unidade: $Cx : {}^n(xg^\circ R \rightarrow xg^\circ \cdot)$. Donde se segue a redução $Cx \equiv xg^\circ R$. Em outras palavras, a chamada contrai substituição com a unidade na qual a sintagmática do plano denotativo seleciona a paradigmática do plano denotativo. A redução da chamada à sintagmática do plano denotativo identifica-a como a classe de variáveis atestadas que selecionam a constante na manifestação.

Esses resultados permitem concluir, por catálise, que a sintagmática do plano denotativo é o *texto* da chamada, e a paradigmática do plano denotativo é a *língua* da chamada. Podemos resumir isso da seguinte maneira: $Cx : {}^n(CxR \rightarrow Cx \cdot)$, onde a *chamada* contrai substituição com a unidade de seleção contraída entre sua sintagmática selecionante e sua paradigmática selecionada (RTL, R121). As classes de variáveis da chamada são reduzidas, então, à sintagmática de seu texto: $Cx \equiv CxR$. Desse modo, a matéria da chamada pode ser resolvida por meio da dedução de sua sintagmática e de sua paradigmática, nos termos das descrições já produzidas na análise (Capítulo 4) e na formalização (Capítulo 5). Chega-se, assim, ao resultado previsto pelo cálculo no início da dedução. A presunção inicial de a chamada ser uma semiótica que se apresenta à investigação através de sua sintagmática mostra-se agora um fato comprovado.

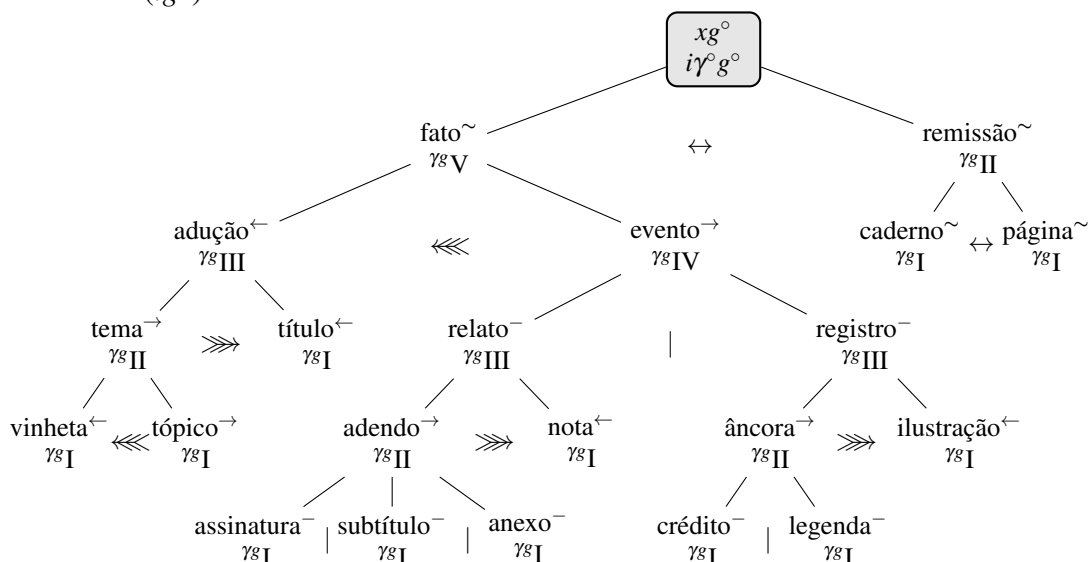
6.3 Encadeamento do objeto formalizado

Nesse ponto, resolvemos a chamada como uma classe de semiótica conotativa. O plano da expressão da chamada, um dos planos externos, consiste num *plano denotativo*, cuja semiótica objeto é uma semiótica denotativa. A síntese que se faz nessa seção reintegra esses planos internos já descritos. O plano do conteúdo da chamada, o outro plano externo, consiste num plano conotativo. Ele é resultado das coesões que se estabelecem entre os elementos em todos os planos da chamada. Trata-se de um plano cujos elementos são unidades encontradas simultaneamente nos dois planos da semiótica objeto, mas que não se confundem com os elementos em cada plano na semiótica denotativa. Essas coesões serão examinadas adiante na Seção 6.4.

A representação dada ao plano denotativo na Figura 23 adota a perspectiva das classes encontradas na análise do plano interno da expressão. Isso permite examinar a sintagmática do plano denotativo sob o viés das unidades de signos, ampliando a descrição obtida na formalização do primeiro plano da semiótica denotativa. Se naquele ponto, lidávamos apenas com elementos do plano da expressão, agora reencontramos a integralidade do objeto formalizado. É que os

elementos do plano interno do conteúdo, na medida em que são partes do plano denotativo, estão necessariamente incluídos nessas classes, embora sua sintagmática reflita outra hierarquia.

Figura 23 – Plano denotativo (xg°) na perspectiva das classes do *plano interno da expressão* (ig°)



Fonte: Gráfico do autor.

Como as unidades no plano denotativo da chamada são derivados com mais de um plano, elas são unidades pluriplanas, cuja definição se resume no termo *signo* (RTL, D369 γ^s). Segundo a regra R195, “as classes de unidades são articuladas com base na potência como *unidades mínimas* (n) e como *unidades de potência ascendente* (nII , nIII , ...)” (RTL, p. 201). A formulação geral de formação das unidades de potência maior que a unidade mínima é $\{^{(p)}\} R^n (\{^{(q)}\} R \{^{(r)}\})$. Em outros termos, a unidade de potência III, $\{^{(pqr)}\}$, resulta da relação contraída pela unidade mínima $\{^{(p)}\}$ com uma unidade de potência II, composta pelas unidades mínimas $\{^{(q)}\}$ em relação com $\{^{(r)}\}$. Essa regra permite definir os encadeamentos na chamada. A seguir, cada classe descrita e formalizada anteriormente é redefinida na perspectiva do plano denotativo.

Sob a etiqueta *vinheta* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <vin>; (ii) a classe virtual *d*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^s\}$). Na manifestação, <vin> seleciona *vinheta* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a *vinheta* \leftarrow , unidade mínima, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao ser selecionada pelo *tópico* \rightarrow , unidade mínima, e constitui, só ou com ele, a categoria do *tema*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *tópico* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de

objetos <top>; (ii) a classe virtual h ; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <top> seleciona *tópico* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $tópico^{\rightarrow}$, unidade mínima, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao selecionar a $vinheta^{\leftarrow}$, unidade mínima, e constitui com ela a categoria do *tema*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *tema* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <tem>; (ii) a classe realizada $\{dh : d\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <tem> seleciona *tema* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $tema^{\rightarrow}$, unidade de potência II, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao selecionar o $título^{\leftarrow}$, unidade mínima, e constitui com ele a categoria da *adução*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *título* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <tit>; (ii) a classe virtual c ; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <tit> seleciona *título* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $título^{\leftarrow}$, unidade mínima, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao ser selecionado pelo $tema^{\rightarrow}$, unidade de potência II, e constitui, só ou com ele, a categoria da *adução*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *adução* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <adu>; (ii) a classe realizada $\{c : cdh : cd\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <adu> seleciona *adução* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a $adução^{\leftarrow}$, unidade de potência III, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao ser selecionada pelo $evento^{\rightarrow}$, unidade de potência IV, e constitui, só ou com ele, a categoria do *fato*, unidade de potência V.

Sob a etiqueta *subtítulo* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <sub>; (ii) a classe virtual k ; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <sub> seleciona *subtítulo* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $subtítulo^{-}$, unidade mínima, contrai reciprocidade por constelação ($\{:\mathbb{B}\}$) na combinação com a $assinatura^{-}$, unidade mínima, e/ou com o $anexo^{-}$, unidade mínima, e constitui, só ou com qualquer um deles, a categoria do *adendo*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *assinatura* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <ass>; (ii) a classe virtual m ; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <ass> seleciona *assinatura* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a $assinatura^{-}$, unidade mínima, contrai reciprocidade por constelação ($\{:\mathbb{B}\}$) na

combinação com o *subtítulo*⁻, unidade mínima, e/ou com o *anexo*⁻, unidade mínima, e constitui, só ou com qualquer um deles, a categoria do *adendo*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *anexo* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <ane>; (ii) a classe virtual *j*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <ane> seleciona *anexo* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *anexo*⁻, unidade mínima, contrai reciprocidade por constelação ($\{B\}$) na combinação com a *assinatura*⁻, unidade mínima, e/ou com o *subtítulo*⁻, unidade mínima, e constitui, só ou com qualquer um deles, a categoria do *adendo*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *adendo* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <ade>; (ii) a classe realizada $\{m : k : jk : j\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <ade> seleciona *adendo* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *adendo*^{->}, unidade de potência II, contrai coesão por determinação ($\{\gamma\}$) ao selecionar a *nota*^{<-}, unidade mínima, e constitui com ela a categoria do *relato*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *nota* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <not>; (ii) a classe virtual *e*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <not> seleciona *nota* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a *nota*^{<-}, unidade mínima, contrai coesão por determinação ($\{\gamma\}$) ao ser selecionada pelo *adendo*^{->}, unidade de potência II, e constitui, só ou com ele, a categoria do *relato*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *relato* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <rel>; (ii) a classe realizada $\{e : em : ek : ejk : ej\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <rel> seleciona *relato* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *relato*⁻, unidade de potência III, contrai reciprocidade por constelação ($\{B\}$) na combinação com o *registro*⁻, unidade de potência III, e constitui, só ou com ele, a categoria do *evento*, unidade de potência IV.

Sob a etiqueta *crédito* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <cre>; (ii) a classe virtual *g*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <cre> seleciona *crédito* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *crédito*⁻, unidade mínima, contrai reciprocidade por constelação ($\{B\}$) na combinação com a *legenda*⁻, unidade mínima, e constitui, só ou com ela, a categoria da *âncora*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *legenda* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <leg>; (ii) a classe virtual *i*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <leg> seleciona *legenda* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a $legenda^-$, unidade mínima, contrai reciprocidade por constelação ($\{:\text{B}\}$) na combinação com o $crédito^-$, unidade mínima, e constitui, só ou com ele, a categoria da *âncora*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *âncora* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <anc>; (ii) a classe realizada $\{gi : g : i\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <anc> seleciona *âncora* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a $âncora^{\rightarrow}$, unidade de potência II, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao selecionar a $ilustração^{\leftarrow}$, unidade mínima, e constitui com ela a categoria do *registro*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *ilustração* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <ilu>; (ii) a classe virtual *f*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <ilu> seleciona *ilustração* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a $ilustração^{\leftarrow}$, unidade mínima, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao ser selecionada pela $âncora^{\rightarrow}$, unidade de potência II, e constitui, só ou com ela, a categoria do *registro*, unidade de potência III.

Sob a etiqueta *registro* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <reg>; (ii) a classe realizada $\{fgi : f : fg : fi\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <reg> seleciona *registro* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $registro^-$, unidade de potência III, contrai reciprocidade por constelação ($\{:\text{B}\}$) na combinação com o $relato^-$, unidade de potência III, e constitui, só ou com ele, a categoria do *evento*, unidade de potência IV.

Sob a etiqueta *evento* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <eve>; (ii) a classe realizada $\{e : fgi : em : ek : ejk : ef : efg : efgi : efgik : efgij : efgijk : f : fg : ej : efk : efi : efgj : efgjk\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^g\}$). Na manifestação, <eve> seleciona *evento* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o $evento^{\rightarrow}$, unidade de potência IV, contrai coesão por determinação ($\{:\gamma\}$) ao selecionar a $adução^{\leftarrow}$, unidade de potência III, e constitui com ela a categoria do *fato*, unidade de potência V.

Sob a etiqueta *fato* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos

<fat>; (ii) a classe realizada $\{ce : cdh : c : cfi : cem : cek : cejk : cef : cefg : cefgi : cefgik : cefgij : cefgijk : cd : cdf : cdh : cdfg : cdfgi : cdfgh : cdfghi : cde : cdek : cdej : cdehk : cdefk : cdefi : cdefgj : cdefgjk : cdefgi : cdefgh\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^8\}$). Na manifestação, <fat> seleciona *fato* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *fato* \sim , unidade de potência V, contrai coesão e reciprocidade por interdependência ($\{:\beta\}$) na solidariedade com a *remissão* \sim , unidade de potência II, e constitui com ela o *plano denotativo* (xg°) da *chamada*.

Sob a etiqueta *caderno* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <cad>; (ii) a classe virtual *b*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^8\}$). Na manifestação, <cad> seleciona *caderno* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *caderno* \sim , unidade mínima, contrai coesão e reciprocidade por interdependência ($\{:\beta\}$) na solidariedade com a *página* \sim , unidade mínima, e constitui com ela a categoria da *remissão*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *página* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <pag>; (ii) a classe virtual *a*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^8\}$). Na manifestação, <pag> seleciona *página* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a *página* \sim , unidade mínima, contrai coesão e reciprocidade por interdependência ($\{:\beta\}$) na solidariedade com o *caderno* \sim , unidade mínima, e constitui com ele a categoria da *remissão*, unidade de potência II.

Sob a etiqueta *hiperlink* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <hip>; (ii) a classe virtual *l*; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^8\}$). Na manifestação, <hip> seleciona *hiperlink* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), o *hiperlink* \sim , unidade mínima, contrai coesão e reciprocidade por interdependência ($\{:\beta\}$)⁴⁶ ao substituir a unidade de *página* e *caderno* (*ab* \sim) na categoria da *remissão*, unidade de potência II.

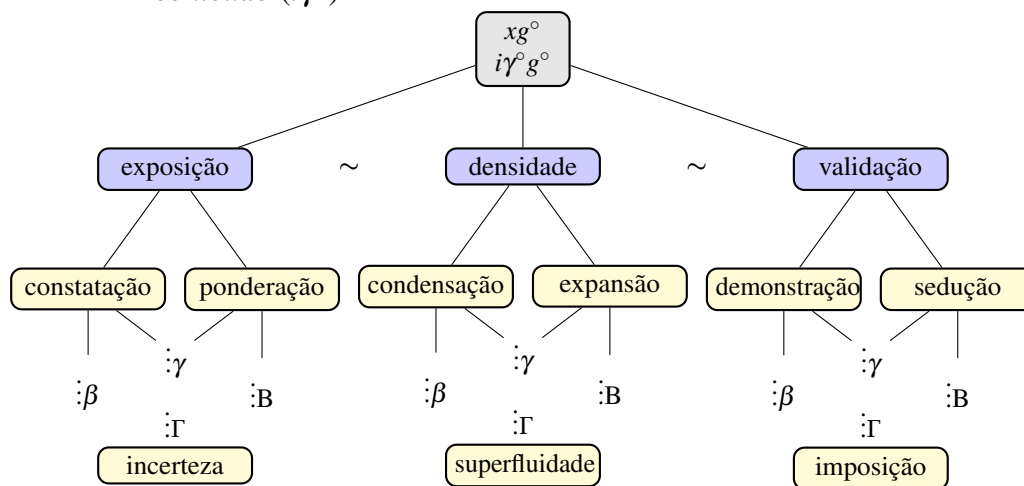
Sob a etiqueta *remissão* (Figura 23), são denominadas: (i) a classe das variáveis de objetos <rem>; (ii) a classe realizada $\{l : b : ab\}$; e (iii) a categoria de unidade pluriplana ou categoria de *signos* ($\{\gamma^8\}$). Na manifestação, <rem> seleciona *remissão* que seleciona *signo*. Na sintagmática (CxR), a *remissão* \sim , unidade de potência II, contrai coesão e reciprocidade por interdependência ($\{:\beta\}$) na solidariedade com o *fato* \sim , unidade de potência V, e constitui com

⁴⁶ Conforme as regras de redução por mapeamento estabelecidas na Subseção 3.2.4, o *hiperlink* \sim é registrado como um caso de interdependência, embora sua função seja indefinida $\{:\Gamma\}$.

ele o *plano denotativo* (xg°) da *chamada*.

A seguir, a representação gráfica dada ao plano denotativo adota a perspectiva das classes encontradas na análise do plano interno do conteúdo. Isso possibilita o exame da sintagmática do plano denotativo sob o ponto de vista das unidades de signos, ampliando a descrição obtida na formalização do segundo plano da semiótica denotativa. Se na formalização destacamos apenas os elementos do plano do conteúdo, agora reencontramos o objeto formalizado numa de suas versões integrais. É que, na condição de partes do plano denotativo, os elementos do plano interno da expressão estão necessariamente imbricados com essas classes de conteúdo, embora sua sintagmática reflita outra hierarquia. As conexões entre os elementos do plano interno do conteúdo já foram suficientemente descritas nas seções dedicadas a eles nos capítulos anteriores. Nesse ponto, fazemos constar somente um sumário dessas relações, conforme o gráfico na Figura 24.

Figura 24 – Plano denotativo (xg°) na perspectiva das classes do *plano interno do conteúdo* ($i\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

Cada um dos 30 elementos do plano interno do conteúdo encontra lugar em um dos campos em amarelo dentro de uma das três categorias funcionais, os campos azuis. Os elementos são livremente combinados, isto é, eles são constelativos. Já as dimensões, como tem sido chamadas as categorias funcionais, formam unidades por *solidariedade*, já que não há chamada em que alguma delas não ocorra. A formação de unidades segue a seguinte formulação: $exposição \sim^n(densidade \sim validação)$. O jogo de campos e participantes das categorias

funtívicas ($:\beta$, $:\mathbf{B}$, $:\gamma$, $:\Gamma$) permite abstrair os detalhes e gerar a combinatória dos elementos a partir dos campos de oposição. Ao todo, a combinatória estabelece 64 tipos de chamada.

Como previsto pelo cálculo do procedimento, os 64 tipos podem representar chamadas que não estão no *corpus*. Todos os elementos e o modo como eles se distribuem nas categorias funtívicas e funcionais estão analisados na Subseção 4.2.4. Os detalhes de cada tipo de chamada encontrada no *corpus* estão na Subseção 4.2.5. Algumas observações sobre agrupamentos ou compartimentos estão ilustrados e exemplificados na Subseção 5.2.2. O quadro completo com todos os tipos possíveis, mesmo sem ocorrência no *corpus*, está no Apêndice A. Desse modo, não se transcreve aqui as definições que já estão desenvolvidas em outros pontos da tese, por razões de espaço e conveniência, e para evitar repetições.

6.4 Coesão do objeto conotado

Conforme o *Résumé*, “um plano conotativo é constituído por todos os conotadores que foram registrados na análise da semiótica objeto, mas que tinham sido retirados provisoriamente do procedimento” (RTL, R99). Como os *conotadores* (RTL, D0p e D200 $x\Gamma$) são *indicadores* (RTL, D0p152 ↗) encontrados em todos os planos, eles não podem ser tratados especificamente em nenhum dos planos, então são registrados à parte, como explica Hjelmslev:

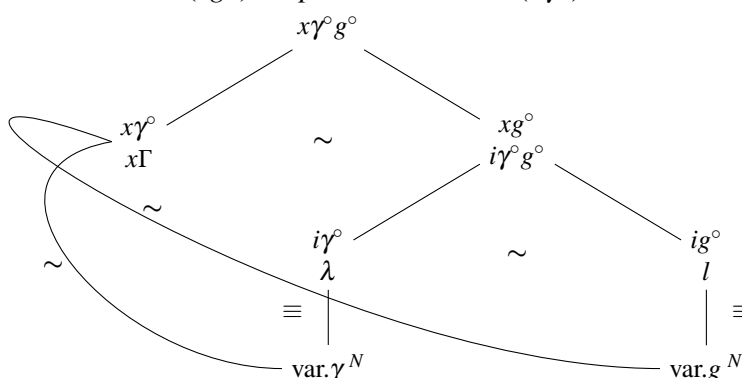
A razão para essas medidas especiais é que um conotador não pode, em consequência de sua definição operacional, ser univocamente referido a qualquer plano e, portanto, não pode ser tratado por meio de um procedimento que deduza de cada plano separadamente (RTL, R63).

No nosso caso, esses conotadores são partes dos elementos e seus derivados encontrados na análise dos componentes (Seções 4.1 e 4.2) e formalizados na hierarquia dos planos (Seções 5.1 e 5.2). Naquele ponto da dedução, os planos e seus derivados eram hipotéticos, mas foram validados nas seções anteriores desta síntese. Os elementos foram registrados a partir das classes virtuais encontradas ao fim da análise e da formalização. Num caso particular, a título de exemplo, um elemento como a *comparação* foi encontrado em fotografias, colocadas lado a lado, numa ilustração (C113 p. 242). Na análise, os objetos foram separados em função do procedimento aplicado a cada plano: as *fotografias* foram registradas no plano da expressão no elemento *ilustração*; e o caso de *comparação* no plano do conteúdo. Nesta síntese, no entanto, conforme as formalizações e demonstrações feitas anteriormente, os conotadores (as

partes reservadas antes) já devem ser posicionados no lugar a que pertencem com precisão, sem, entretanto, invalidar a análise já feita.

No *Résumé*, a regra R100, citando a regra R63, esclarece que “cada uma das grandezas que entram no plano conotativo é solidária com uma variedade particular que entra no plano da expressão da semiótica conotativa (isto é, na semiótica objeto)” (RTL, p. 109). Portanto, qualquer elemento no plano conotativo contrai solidariedade com algum elemento no plano denotativo, isto é, “qualquer conotador é converso com uma plerematia na semiótica objeto” (RTL, R99). Visto que os *elementos* são redutíveis às *cadeias de variantes solidárias*, são as *variedades* que, de fato, contraem *solidariedade* com um certo *conotador* ($x\Gamma$). Na especificidade de cada plano da semiótica objeto, a redução do elemento do conteúdo é enunciada pela regra $\lambda \equiv \text{var.}\gamma^N \sim x\Gamma$ e a do elemento da expressão pela regra $l \equiv \text{var.}g^N \sim x\Gamma$. Na presença do conotador, tem-se comutação. Na ausência, tem-se substituição. Um certo conotador deve ser solidário com pelo menos duas cadeias, uma em cada plano interno (Figura 25).

Figura 25 – Solidariedade entre o plano denotativo (xg°) e o plano conotativo ($x\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

Para encontrar o plano conotativo, é preciso lidar finalmente com os conotadores registrados. No exemplo acima que trata da comparação, o *conotador* ($x\Gamma$) inclui duas situações: uma em que há comparação e outra em que não há. A distinção nas duas situações se dá pela solidariedade que o conotador contrai ou não com o elemento do plano interno do conteúdo a *comparação* (λ). A *comparação* se reduz à cadeia de variedades das *imagens* ($\text{var.}\gamma^N$) solidárias com o conotador *lado a lado*. A *ilustração* (l), elemento do plano interno da expressão, é reduzida à cadeia de variedades das *fotografias*⁴⁷ ($\text{var.}g^N$) solidárias com o conotador *lado*

⁴⁷ Convém destacar que a semiologia inclui aqui uma expressão descritiva em linguagem verbal em substituição ao objeto encontrado como cadeia de linguagem visual. A coesão obviamente se dá com os objetos gráficos e não apenas com o termo descritivo.

a lado. A ilustração, desse modo, conota *imagens comparadas* e o elemento *comparação* é conotado pelas *fotografias lado a lado*. Observa-se que o mesmo conotador entra nos dois elementos da semiótica objeto. A ligação se estabelece pela solidariedade que há entre a cadeia de fotografias e o conotador e deste com a comparação. Nos casos em que as fotografias não estão em paralelo, a ilustração não conota *imagens comparadas*, porque o conotador não é mais solidário.

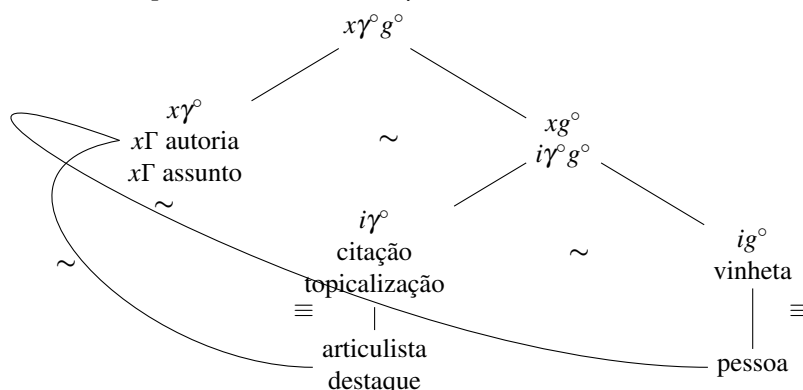
O procedimento glossemático utiliza o sistema de campos e participantes opostos a partir das distinções encontradas entre os conotadores para nomeá-los de modo apropriado no cálculo (RTL, p. 226). Acredito que isto poderia ser aplicado à comparação, assim como a qualquer dos outros elementos encontrados. Nesse caso, as cadeias descritivas (para qualquer plano) poderiam ser algo como $?_*l:\alpha' = /^N$ em comparação pontual/ ou $?_*l:A' = /^N$ em comparação difusa/. Dependendo dos conotadores envolvidos, a combinatória poderia ser mais complexa (envolvendo outros participantes), em vista do que fosse encontrado na análise. Desse modo, poderíamos enunciar regras completas (para qualquer plano), em conformidade com o que aparece no cálculo: $?_*l:\alpha' \equiv \text{var.}?^N \sim x\Gamma$ comparação pontual, $?_*l:A' \equiv \text{var.}?^N \sim x\Gamma$ comparação difusa. Em seguida, as mesmas regras seriam elaboradas para cada plano em separado. No entanto, não vemos necessidade, ao menos no que diz respeito à discussão da coesão semiótica (já suficientemente resolvida), desse nível de detalhamento, que pode ser empreendido em pesquisas futuras.

Os elementos do plano interno da expressão, aqui observados na perspectiva do *plano denotativo* (xg°), cuja sintagmática foi sintetizada na seção anterior (Seção 6.3), podem ser distinguidos em dois grupos quanto à coesão solidária com o *plano conotativo* ($x\gamma^\rho$): (i) aquele em que o elemento contrai solidariedade com um número limitado de elementos do plano conotativo; e (ii) aquele em que o elemento contrai solidariedade com um número indeterminado de elementos do plano conotativo, senão com todos. No primeiro grupo, estão os elementos *vinheta*, *tópico*, *assinatura*, *crédito* e *caderno*. No segundo, estão *título*, *subtítulo*, *anexo*, *nota*, *legenda* e *ilustração*. Os elementos *página* e *hiperlink* não contraem solidariedade com nenhum elemento do plano conotativo.

A seguir, apresentamos um quadro geral do plano conotativo a partir dos elementos do plano denotativo e seus derivados na solidariedade que contraem com os conotadores. Nosso objetivo não é um inventário minucioso de todos os conotadores possíveis. Então, vamos seguir a ocorrência das classes de variáveis do nome próprio e mostrar como essa classe de objeto

desencadeia diferentes conotações conforme os elementos selecionados no plano denotativo. A escolha arbitrária dos elementos do plano interno da expressão serve tão somente a simplificar a apresentação das coesões. Por esta estratégia de textualização, é possível evitar o alongamento da tese além do necessário, sem perder de vista, porém, o esboço das conotações do objeto descrito.

Figura 26 – Vinheta solidária com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

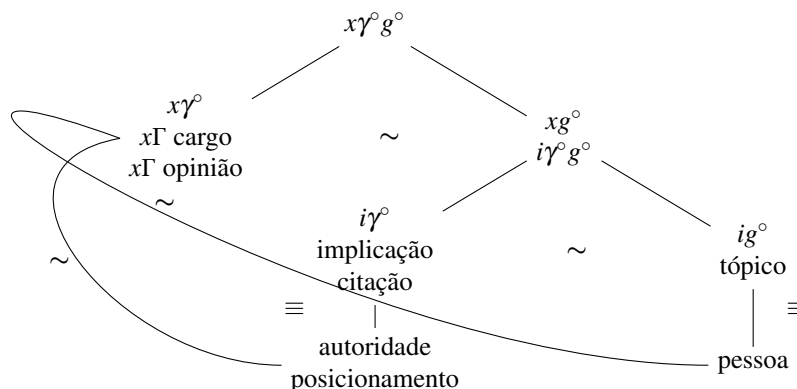


Fonte: Gráfico do autor.

A *vinheta* (l) pode incluir as cadeias derivadas *pessoa*, *editoria* e *seção* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), os elementos *citação* e *topicalização* (λ) podem incluir as cadeias derivadas *articulista* e *destaque*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com algum dos elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$): *autoria* e *assunto* (Figura 26). Um nome próprio de pessoa, que seleciona um desses derivados, entra numa rede de relações estabilizadas pelo sistema da chamada. Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *autoria* (C4 p. 235), a *vinheta* conota *articulista citado*. A coesão dá-se pela redução do elemento *citação* à cadeia *articulista*, solidária com o conotador *autoria*. De outro ponto de vista, a *citação*, reduzida ao *articulista*, é conotada pela *pessoa na vinheta*. Nos casos em que *pessoa* não é solidária com *autoria*, a *vinheta* não conota *citação do articulista*, porque esse elemento está fora de alcance. Porém, se *pessoa* contrai solidariedade com *assunto*, e não com *autoria*, a *vinheta* terá outro efeito conotativo (C246 p. 253). Nesse caso, a *vinheta* conota *destaque topicalizado*, pela solidariedade entre o conotador *assunto* e a cadeia *destaque*. Desse modo, a *topicalização*, reduzida ao *destaque*, é conotada pela *pessoa na vinheta*. Como *citação* também pode ser reduzida a *destaque*, seria possível conotar *destaque citado*; e como *topicalização* também pode ser reduzida a *articulista*, seria possível conotar *articulista topicalizado*.

O *tópico* (l) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão

Figura 27 – Tópico solidário com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

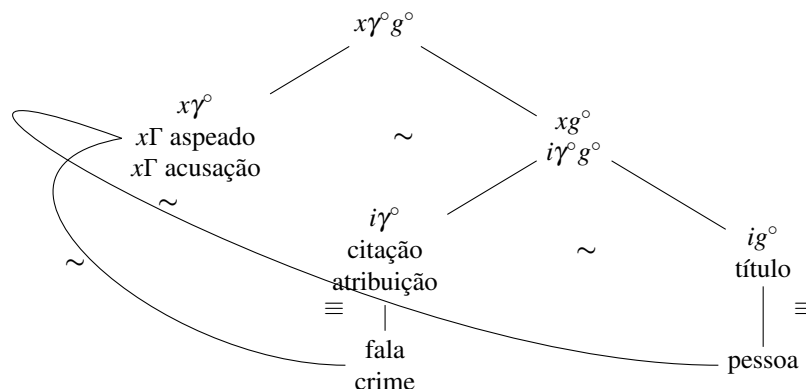


Fonte: Gráfico do autor.

(ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *implicação* (λ) pode incluir a cadeia derivada *autoridade* e o elemento *citação* (λ) pode incluir a cadeia derivada *posicionamento*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com algum dos elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$): *cargo* e *opinião* (Figura 27). Um nome próprio pode selecionar a classe do tópico na semiótica denotativa como variante de pessoa. Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *cargo* (C249 p. 253), o *tópico* conota *autoridade implicada*. A coesão dá-se pela redução do elemento *implicação* à cadeia *autoridade*, solidária com o conotador *cargo*. De outro ponto de vista, a *implicação*, reduzida à *autoridade*, é conotada pela *pessoa no tópico*. Nos casos em que *pessoa* não é solidária com *cargo*, o *tópico* não conota *implicação da autoridade*. Porém, se *pessoa* contrai solidariedade com *opinião*, mas não com *cargo*, o *tópico* também conota *posicionamento citado*, pela solidariedade entre o conotador *opinião* e a cadeia *posicionamento*. Desse modo, a *citação*, reduzida ao *posicionamento*, é conotada pela *pessoa no tópico*. Como *citação* pode ser reduzida a *autoridade*, o conotador *opinião* também pode conotar *citação da autoridade*.

O *título* (l) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *citação* (λ) pode incluir a cadeia derivada *fala* e o elemento *atribuição* (λ) pode incluir a cadeia derivada *crime*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com algum dos elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$): *aspeado* (aspas ao redor de uma expressão) ou *acusação* (Figura 28). Um nome próprio pode selecionar a classe do título na semiótica denotativa como variante de pessoa. Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *aspeado* (C3 p. 235), o *título* conota *fala citada*. A coesão dá-se pela redução do elemento *citação* à cadeia *fala*, solidária com o conotador *aspeado*. De outro ponto de vista, a *citação*, reduzida à *fala*, é conotada pela *pessoa no título*, de quem se

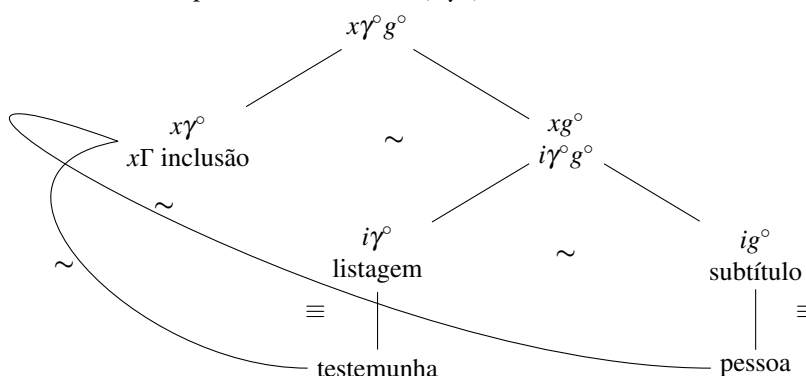
Figura 28 – Título solidário com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

cita a fala. Nos casos em que *pessoa* não é solidária com *aspeado*, o *título* não conota a *citação da fala*, porque esse elemento fica fora de alcance. Porém, se *pessoa* contrai solidariedade com *acusação*, e não com *aspeado*, o título terá como efeito a conotação do *crime atribuído*, pela solidariedade entre o conotador *acusação* e a cadeia *crime*. Desse modo, a atribuição, reduzida ao crime, é conotada pela *pessoa no título*, a quem se atribui um crime.

Figura 29 – Subtítulo solidário com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

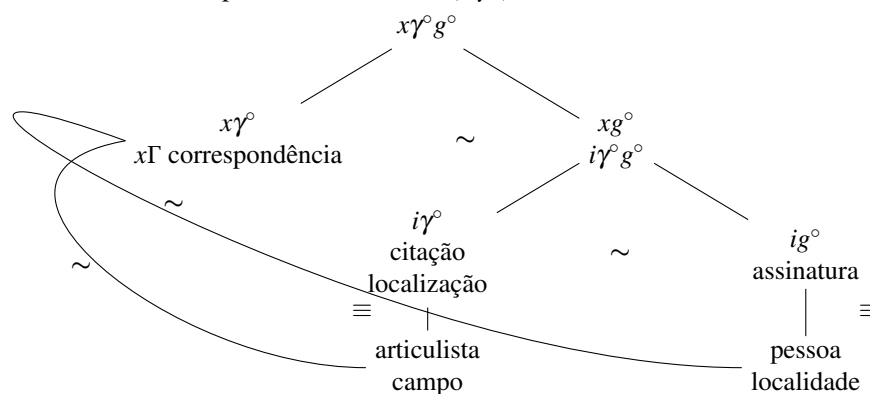


Fonte: Gráfico do autor.

O *subtítulo* (*l*) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *listagem* (λ) pode incluir a cadeia derivada *testemunha*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com o elemento *inclusão* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$) (Figura 29). Um nome próprio pode selecionar a classe do subtítulo na semiótica denotativa como variante de *pessoa*. Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *inclusão* (C8 p. 235), o *subtítulo* conota *testemunha listada*. A coesão dá-se pela redução do elemento *listagem* à cadeia *testemunha* solidária com o conotador *inclusão*. Por outro lado, a *listagem*, reduzida à *testemunha*, é conotada pela *pessoa no subtítulo*.

Nos casos em que *pessoa* não é solidária com *inclusão*, o *subtítulo* não conota *listagem de testemunhas*, porque este elemento fica fora de alcance.

Figura 30 – Assinatura solidária com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

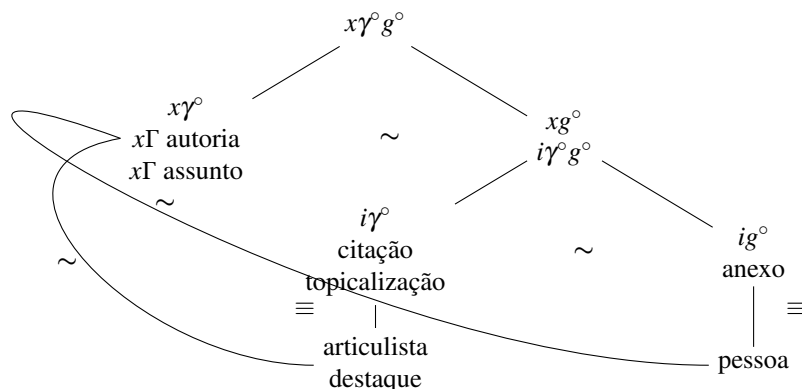


Fonte: Gráfico do autor.

A *assinatura* (l) pode incluir as cadeias derivadas *pessoa* e *localidade* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *citação* (λ) pode incluir as cadeias derivadas *articulista* e *campo*, e o elemento *localização* (λ) pode incluir apenas a cadeia derivada *campo*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com o elemento do plano conotativo ($x\gamma^\circ$) *correspondência* (Figura 30). Dois nomes próprios selecionam a classe da assinatura na semiótica denotativa como variantes de pessoa e de localidade. Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *correspondência* (C32 p. 237), a *assinatura* conota *articulista citado*. A coesão dá-se pela redução do elemento *citação* à cadeia *articulista*, solidária com o conotador *correspondência*. Se *localidade* contrai solidariedade com *correspondência*, a *assinatura* conota *campo localizado*, pela solidariedade entre o conotador e a cadeia *campo*. Pela mesma conexão a localidade na assinatura também conota *campo citado*, já que *citação* também pode ser reduzida a *campo*. Desse modo, a *localização* e a *citação*, reduzidas ao *campo*, são conotadas pela *localidade na assinatura*, mas apenas *citação*, reduzida ao *articulista*, é conotada pela *pessoa na assinatura*.

O *anexo* (l) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), os elementos *citação* e *topicalização* (λ) podem incluir as cadeias derivadas *articulista* e *destaque*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com algum dos elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$): *autoria* e *assunto* (Figura 31). Se a cadeia *pessoa* contrai solidariedade com o conotador *autoria* (C8 p. 235), o *anexo* conota *articulista citado*. A *citação*, reduzida ao *articulista*, é conotada

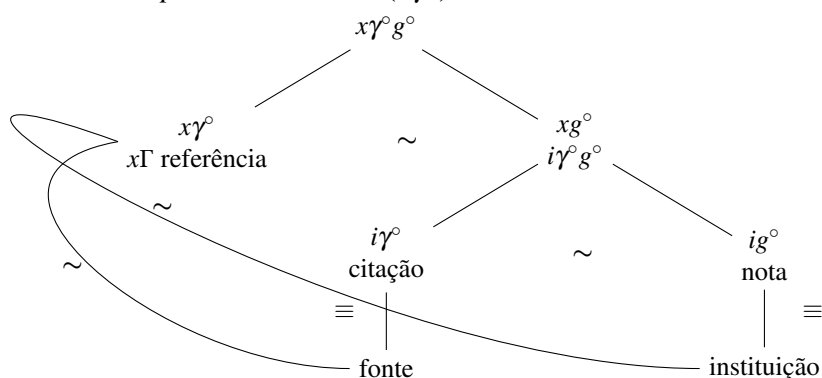
Figura 31 – Anexo solidário com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

pela *pessoa no anexo*. Porém, se *pessoa* contrai solidariedade com *assunto*, e não com *autoria*, o anexo conota *destaque topicalizado*, pela solidariedade entre o conotador *assunto* e a cadeia *destaque*. Desse modo, a topicalização, reduzida ao destaque, é conotada pela *pessoa no anexo*. Como citação também pode ser reduzida a destaque seria possível conotar *destaque citado* e como topicalização também pode ser reduzida a articulista seria possível conotar *articulista topicalizado*. A questão sobre como os nomes próprios no anexo da chamada C8 podem contrair solidariedade com assunto ou com autoria leva à identificação (não generalizável) de classes de variáveis manifestantes da autoria, marcados pela caixa alta, cor e posição inicial, enquanto os manifestantes do assunto estão em estilo comum.

Figura 32 – Nota solidária com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

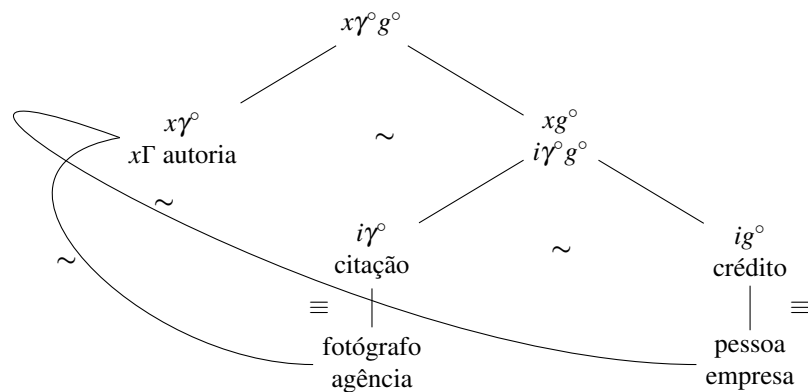


Fonte: Gráfico do autor.

A *nota (l)* pode incluir a cadeia derivada *instituição* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *citação* (λ) pode incluir a cadeia derivada *fonte*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com o elemento *referência* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$) (Figura 32). Um nome próprio pode selecionar a

classe da nota na semiótica denotativa como variante de *instituição*. Se a cadeia *instituição* contrai solidariedade com o conotador *referência* (C1 p. 235), a *nota* conota *fonte citada*. A coesão dá-se pela redução do elemento *citação* à cadeia *fonte*, solidária com o conotador *referência*. De outro ponto de vista, a *citação*, reduzida à *fonte*, é conotada pela *instituição na nota*. Nos casos em que *instituição* não é solidária com *referência*, a *nota* não conota *citação da fonte*, porque este elemento fica fora de alcance. A questão sobre como o nome próprio na nota da chamada C1 pode contrair solidariedade com o conotador leva à identificação (não generalizável) de classes de variáveis manifestantes da *referência* e da *instituição*, como a expressão “informou o IBGE”.

Figura 33 – Crédito solidário com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)

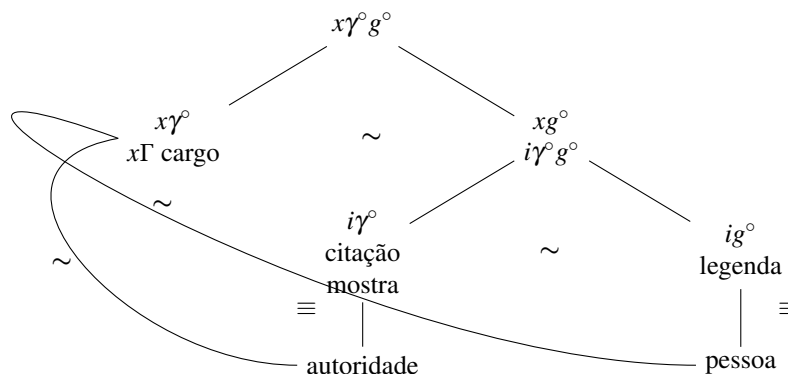


Fonte: Gráfico do autor.

O *crédito* (l) pode incluir as cadeias derivadas *pessoa* e *empresa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), o elemento *citação* (λ) pode incluir as cadeias derivadas *fotógrafo* e *agência*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com o elemento *autoría* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$) (Figura 33). Dois nomes próprios podem selecionar a classe do crédito na semiótica denotativa como variantes de *pessoa* e *empresa*. Se as cadeias contraem solidariedade com o conotador *autoría* (C8 p. 235), o *crédito* conota simultaneamente *fotógrafo citado* e *agência citada*. A coesão dá-se pela redução do elemento *citação* às duas cadeias *fotógrafo* e *agência*, solidárias com o único conotador *autoría*. Por outro lado, a *citação*, reduzida às cadeias, é duplamente conotada pela *pessoa no crédito* e pela *empresa no crédito*, respectivamente. Se nem *pessoa* nem *empresa* fossem solidárias com *autoría*, o *crédito* perderia o sentido conotado.

A *legenda* (l) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), os elementos *citação* e *mostra* (λ) podem incluir a cadeia derivada *autoridade*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N)

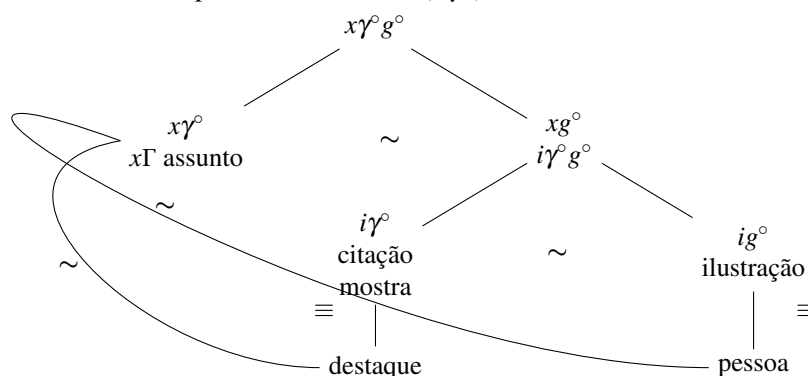
Figura 34 – Legenda solidária com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

solidárias com o elemento *cargo* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$) (Figura 34). Um nome próprio pode seleccionar a classe da legenda na semiótica denotativa como variante de *pessoa*. Se a cadeia contrai solidariedade com o conotador *cargo* (C13 p. 236), a *legenda* conota simultaneamente *autoridade citada* e *autoridade mostrada*. A coesão dá-se pela redução dos elementos *citação* e *mostra* à única cadeia *autoridade*, solidária com o conotador *cargo*. Por outro lado, a *citação* e a *mostra*, reduzidas à cadeia *autoridade*, são conotadas simultaneamente pela *pessoa na legenda*. Se *pessoa* não for solidária com *cargo*, o sentido conotado através de *autoridade* da legenda fica fora de alcance. O conotador *cargo* na legenda da chamada C13 leva à identificação (não generalizável) de classes de variáveis manifestantes, como a expressão “Embaixadora dos EUA na ONU”.

Figura 35 – Ilustração solidária com elementos do plano conotativo ($x\gamma^\circ$)



Fonte: Gráfico do autor.

A *ilustração* (*l*) pode incluir a cadeia derivada *pessoa* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo ($i\gamma^\circ$), os elementos *citação* e *mostra* (λ) podem incluir a cadeia derivada *destaque*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N)

solidárias com o elemento *assunto* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$) (Figura 35). A imagem de uma pessoa pode selecionar, como faria qualquer nome próprio, a classe da ilustração na semiótica denotativa como variante de *pessoa*. Se a cadeia contrai solidariedade com o conotador *assunto* (C13 p. 236), a *ilustração* conota simultaneamente *destaque citado* e *destaque mostrado*. A coesão dá-se pela redução dos elementos *citação* e *mostra* à única cadeia *destaque*, solidária com o conotador *assunto*. Por outro lado, a *citação* e a *mostra*, reduzidas à cadeia *destaque*, são conotadas simultaneamente pela *pessoa na ilustração*. Se *pessoa* não for solidária com *assunto*, o sentido conotado através de *destaque* fica fora de alcance. O conotador *assunto* na ilustração da chamada C13 leva à identificação (não generalizável) de classes de variáveis manifestantes, como a imagem focada nos dois pontos de interesse no lado esquerdo da composição fotográfica.

O *caderno (l)* pode incluir a cadeia derivada *editoria* no plano interno da expressão (ig°). No plano interno do conteúdo (iy°), o elemento *localização* (λ) pode incluir a cadeia derivada *campo*. Esses derivados, nos dois planos, são variedades de cadeias (var.^N) solidárias com o elemento *área geográfica* no plano conotativo ($x\gamma^\circ$). Um nome próprio pode selecionar a classe do caderno na semiótica denotativa como variante de *editoria*. Se a cadeia contrai solidariedade com o conotador *área geográfica* (C187 p. 247), o *caderno* conota *campo localizado*. A coesão dá-se pela redução do elemento *localização* à cadeia *campo*, solidária com o conotador *área geográfica*. Por outro lado, a *localização* é conotada pela *editoria no caderno*. A editoria não preenche apenas a temática, também circunscreve a área geográfica de abrangência das notícias, aqui identificada com o termo *campo*. De tal modo que poderia ocorrer nomes de cidade, estado, região, etc.

Como explicado anteriormente, nossos objetivos não incluem mapear toda a estrutura de conotadores, o que se mostra uma tarefa gigantesca, isso se considerarmos apenas o escopo da descrição da chamada. Nossa intenção é mostrar como o plano conotativo estabelece sua coesão com o plano denotativo, através de elementos que estão, de fato, dentro da semiótica objeto e que constituem o seu plano da expressão e o seu plano do conteúdo, internos portanto. Nesse ponto da dedução, o objeto parece resolvido e sua coesão inteiramente demonstrada. A partir do esquema descritivo proposto para o plano conotativo, qualquer chamada pode ser examinada e seus valores conotativos podem ser elucidados por ele.

7 CONCLUSÃO

A proposta de descrição glossemática da *chamada impressa* evitou o conglomerado de teorias naquilo que se costuma chamar de interdisciplinaridade. Não é algo que a teoria exija. Porém, a escolha pessoal foi a de enfrentar a contra-corrente da produção acadêmica para aplicar da maneira mais límpida possível apenas o procedimento glossemático. Não por qualquer necessidade de isolamento, que a teoria não impõe. Não por qualquer descrença em algum outro movimento teórico entre tantos disponíveis. A escolha consistiu em enfrentar algumas questões espinhosas da descrição semiótica para demonstrar que certas soluções estão mais próximas do que se poderia imaginar num primeiro momento.

A questão da epistemologia empírica e dedutiva. Ao longo da produção da pesquisa e da tese, ficou clara a necessidade de sair da discussão puramente teórica para visitar um certo objeto no mundo. Algumas interpretações nesta semiologia só foram feitas do jeito que foram por imposição da coerência com o objeto descrito. Mesmo assim não se caiu, assim acredito, na indução do objeto empírico sobre a semiologia descritora. As hierarquias manifestantes nas classes de variáveis do objeto empírico também são sistemas de valores, e tais hierarquias não precisam estar em conformidade com as hierarquias manifestadas da semiologia, mas apenas selecioná-las na manifestação.

A questão do método indutivo versus método dedutivo. O procedimento glossemático resolve essa questão através de dois recursos. O primeiro define a *dedução* em termos de *análise* e define a *indução* em termos de *síntese*. Nessa perspectiva, a indução é um procedimento sintético necessário para concluir a descrição do objeto, obtida por complexos de análise. O segundo recurso estabelece a *manifestação* entre as hierarquias analisadas de tal modo que entre elas haja *seleção*. Desse modo, a hierarquia do objeto descrito segue o mesmo fundamento descritivo da hierarquia do objeto descritor, e aquela seleciona esta. A uniformidade das definições de *dedução* e de *indução* é mantida de uma hierarquia para a outra, e o procedimento jamais resvala nem na abordagem indutiva do realismo ingênuo, nem na dedução do racionalismo cartesiano.

A questão das gramáticas além da frase. Os textos não são independentes de outros, porque todo texto está sempre dentro de outro texto. Então, é uma escolha livre do pesquisador decidir onde começar. Se o procedimento tivesse começado a partir do objeto empírico *edição de jornal impresso* (grau mais baixo que o da chamada), ele seria rigorosamente o mesmo, mas os resultados não. Se, abordando um grau mais alto que o da chamada, quiséssemos partir da classe dos *títulos* (na perspectiva obtida no plano denotativo da chamada), o procedimento seria

o mesmo, os resultados não. Nesse caso, seriam encontrados um plano de expressão e um plano de conteúdo do título, a sintagmática e a paradigmática desses planos seriam examinadas, e se concluiria, por fim, que os títulos são semióticas conotativas. Dentro delas, no seu plano denotativo, estariam os planos internos encontrados, a semiótica denotativa dos títulos. Não há objetos de linguagem inacessíveis ao procedimento. Repito: o procedimento glossemático é sempre o mesmo, mas os resultados que se obtém são diferentes para cada objeto descrito.

A questão da semiótica denotativa. Ao definir *língua* como a paradigmática de uma semiótica denotativa, o *Résumé* estabeleceu, por previsão de cálculo, variedades incontáveis de semióticas denotativas. Sempre que for possível, na aplicação do procedimento a um objeto de linguagem, encontrar uma paradigmática selecionada por uma sintagmática dentro de uma semiótica denotativa, estamos diante de uma *língua-texto*, desde que ela esteja devidamente selecionada por uma *matéria* manifestante. Somos obrigados pela definição a aceitar como língua qualquer paradigmática de qualquer semiótica denotativa. Não importa se se trata ou não de uma língua natural. As línguas naturais não são a semiótica denotativa universal.

A questão da delimitação do objeto. É a própria dedução que estabelece os limites para encontrar a fronteira natural do objeto empírico. Na dimensão do procedimento, o primeiro marco do *campo de investigação*, sempre aberto, é a sintagmática que se apresenta para análise. O outro marco é o das classes virtuais, que não se submetem mais a análises particularizadas, são cadeias combinadas. Na dimensão dos objetos semióticos, o primeiro marco do *campo de definição* é a semiótica denotativa, além da qual nenhum novo objeto semiótico pode ser encontrado. O outro marco é o da metassemiologia, além da qual metassemiologias mais amplas abrem-se continuamente para o novo conhecimento humano. Entre os marcos do campo de investigação está o objeto descrito; entre os marcos no campo de definição está o objeto descritor.

A questão do texto que não é texto ainda. A contradição: o objeto empírico que é o texto não é exatamente igual ao objeto descrito como sintagmática que também é o texto. Conta a piada que um sujeito foi avisado que ganhara as chaves de um carro num sorteio, mas ele não foi buscar o prêmio, porque não queria só as chaves. A linguagem é flexível, mas a personagem da historinha, ao contrário da maioria das pessoas, não sabe disso. A definição de catálise e sua larga aplicação no procedimento glossemático busca capturar esse jogo de substituição e coesão muito típico na linguagem: o que substitui não precisa ser igual, e a redução não é uma perda. O problema da definição de texto encontra sua solução na aplicação da redução por catálise que evita a estranha exigência de manter separados e distantes um do outro o objeto empírico e o

objeto descrito.

A questão da exaustividade do procedimento. O objeto empírico seleciona um objeto descrito e somente ele. O objeto descrito seleciona um objeto descritor e somente ele. Se não houver seleção, não pode haver manifestação. A definição que determina o lugar exato de um certo objeto de investigação através do procedimento de análise do objeto de descrição não poderia conduzir a um lugar inapropriado. Desse modo, o procedimento glossemático estabelece a coerência e a exaustividade da análise através de sua própria rede de dependências. O objeto descrito que seleciona uma classe formal apropriada a sua descrição não poderia selecionar nenhuma outra. Uma descrição conduzida pelo procedimento, na condição de ter obtido resultados, é exaustiva mesmo que encontre apenas a classe descritiva mais genérica.

A questão dos relatos e dos registros. A chamada inclui dois objetos variáveis que selecionam a *adução* sempre presente: o *relato* e o *registro*, dentro do *evento*. O *relato* consiste na unidade do objeto constante *nota* e dos objetos variáveis *subtítulo*, *anexo* e *assinatura*, unificados no *adendo*. O *registro* consiste na unidade do objeto constante *ilustração* e dos objetos variáveis *legenda* e *crédito*, unificados na *âncora* (Figura 23). Pois bem, *relato* e *registro* são exatamente iguais em todas os mínimos detalhes das funções que contraem. São portanto uma coisa só. Poderiam ser reduzidos a um só elemento na sintagmática de qualquer dos planos da semiótica denotativa. Por mais contraintuitivo que possa ser, o procedimento não se ocupa com valores externos ao objeto descrito. A redução pode ser efetuada a qualquer momento sem prejuízo para a dedução apresentada. No entanto, preferimos um estágio pré-redução para adequar o objeto descrito ao reconhecimento mais comum que se tem dele.

A questão das hierarquias de multissemióticas. A glossemática inclui a metasemiologia que fornece o suporte teórico e metodológico para esta tese. A tese é uma semiologia externa que inclui a chamada e a descreve como uma semiótica conotativa. A chamada inclui uma semiótica denotativa que se constitui de planos internos. A paradigmática selecionada pela sintagmática desses planos são a *língua-texto* da chamada. Por outro lado, as classes de signos da chamada, tais como os títulos e as ilustrações, provavelmente são semióticas, mas não foram analisadas na tese. A tese nada sabe sobre elas, a não ser que são partes da semiótica denotativa da chamada e só. Não importa a complexidade do objeto semiótico a ser descrito, o procedimento vai tratá-lo pelo único viés concebido para ele. Não se pode analisar a chamada para encontrar a língua dos títulos e não se pode analisar a chamada para encontrar a língua das fotografias.

A questão das unidades de multissemióticas. Uma unidade de multissemióticas seria algo tal como juntar *título, nota e remissão* numa chamada, sem que essas partes entrassem numa semiótica denotativa. Para ir além do que foi feito na tese, seria preciso fazer antes o mesmo que foi feito para a chamada com cada um desses objetos e demonstrar que de fato eles são semióticas. Se dizemos que eles são signos no plano denotativo da chamada, não é porque os consideramos semióticas. A perspectiva desses signos é a da chamada. É por causa dos planos internos da semiótica denotativa da chamada que eles são signos. Então demonstrar que as chamadas poderiam ser cadeias de semióticas (sem a inclusão de uma semiótica denotativa) exigiria demonstrar a chamada como uma semiótica com mais de dois planos. Embora o cálculo no *Résumé* tenha previsão para semióticas com mais de dois planos, o procedimento não foi desenvolvido para essas situações, então essa demonstração seria impossível.

A questão da continuação da chamada impressa. Podemos supor que haja continuação semiótica a partir da chamada impressa na abertura de programas de rádio ou nos telejornais ou ainda nas páginas na *internet*. Porém, para demonstrar isso com evidências e provas, o procedimento depende da análise individual de cada uma dessas supostas semióticas. Se elas estiverem em continuidade por contato, elas deveriam ser semióticas diferentes e contrair relação. A partir dessa confirmação, seria possível determinar a condição de variantes solidárias, a partir de uma semiótica base. Então alguma delas (talvez a chamada impressa) poderia ser demonstrada como antecessora das outras. Obviamente, um tal projeto seria inviável no contexto desta pesquisa. A possibilidade de investigação fica, no entanto, para outros trabalhos futuros.

A questão da engenharia da linguagem. Modelos formais da linguagem de base gerativista (LFG, GF) têm sido usados para produzir automatizações no processamento e síntese das línguas naturais. O ponto de partida, em geral, tem sido o nível da frase, mas há alguns experimentos que procuram unidades maiores que a frase. No entanto, uma análise direta de objetos não linguísticos continua sendo uma barreira, cuja solução a *inteligência artificial* não parece poder encontrar. Executar uma operação não é compreendê-la. Se uma *inteligência artificial* resume um texto ou se elabora um texto, mesmo se supomos que ela saiba o que faz, isso não quer dizer que entendemos o que é feito, apenas porque é feito. Continuamos estacionados no mesmo dilema: o de conhecer como. A análise continua sendo o único meio pelo qual se pode conhecer. Muitos desses experimentos em *engenharia da linguagem* poderiam se beneficiar mais de critérios de investigação abrangentes como os desenvolvidos no procedimento glossemático.

A conclusão desta tese é o resultado de um longo processo de estudo, investigação, amadurecimento e elaboração. A redescoberta de Hjelmslev, leitura dos tempos da graduação, foi resultado das comemorações do centenário da publicação do Curso de Saussure em 2016. As conferências, cursos e debates dessa época, nem sei bem por quê, remeteram aos cinquenta anos da morte de Hjelmslev, aos textos esparsos do mestre estruturalista, aos *Prolegômenos* e ao *Résumé*. Não seria justo esquecer que foi uma conferência do professor Alain Herreman que me apresentou, mesmo muito rapidamente, a visão inteiramente inesperada, ao menos para mim, do *Résumé* como dispositivo textual de formalização para um procedimento de análise da linguagem. Desse ponto em diante, o projeto de aplicação da glossemática a um objeto da linguagem cotidiana tornou-se um objetivo e uma tarefa.

Talvez fosse melhor dizer *tarefas*. Permito-me citar algumas: (i) obter o livro original do *Résumé*; (ii) produzir um banco de dados com as definições, regras, notas, etc; (iii) traduzir o máximo possível para o português através do cotejo da versão em inglês e em francês; (iv) converter alguns blocos de definições em representação gráfica (sistema das funções, por exemplo); (v) transpor algumas definições em gráfico, como as que aparecem na Seção 2.3.4; (vi) orientar a leitura num pequeno grupo de estudantes interessados em aprender o básico; (vii) implementar uma versão didática para as turmas de formalismo na graduação; (viii) elaborar *podcasts* para os alunos de graduação durante a pandemia de Covid 19; (ix) analisar as chamadas do *corpus* incontáveis vezes e desistir do caminho tomado; (xi) reescrever a tese desde o começo a cada nova interpretação das regras e definições do *Résumé*. Não foi simples, mas foi exaustivo. Coerente, o leitor dirá se está.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, T. M. T. de. O contínuo genérico presente na capa de jornal. **Revista Investigações**, Recife, v. 25, n. 2, p. 133–155, julho 2012. ISSN 0104-1320. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/343/288>. Acesso em: 7 set. 2022.
- ALVES, R.; CHIACHIRI FILHO, A. R. Uma leitura do ethos discursivo nas capas das revistas de bordo Vamos/Latam e Gol. **REU - Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 46, n. 1, p. 59–85, jul. 2020. ISSN 0102-6437. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3777>. Acesso em: 23 dez. 2022.
- ARRIVÉ, M. Y a-t-il en glossématique une théorie de l'énonciation? **Histoire Épistémologie Langage**, Paris, v. 8, n. 2, p. 177–189, 1986. ISSN 1638-1580. Histoire des conceptions de l'énonciation, sous la direction de Simone Delesalle. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1986_num_8_2_2231. Acesso em: 2 jan. 2023.
- BADIR, S. Les intersémiotiques. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1–12, jul. 2013. ISSN 1980-4016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/61241/64184>. Acesso em: 22 out. 2020.
- BADIR, S. Inmanencia y empirismo: examen epistemológico de la teoría del lenguaje de Louis Hjelmslev. **Tópicos del Seminario**, Puebla, n. 31, p. 71–93, jun. 2014. ISSN 1665-1200. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59432088004>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BADIR, S. **Épistémologie sémiotique**: la théorie du langage de Louis Hjelmslev. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2014. (Bibliothèque de grammaire et de linguistique). ISBN 978-27-45328-88-5.
- BARRETO, P. J. P. **O discurso da crise**: análise semiótica de estratégias persuasivas em capas de jornais publicadas durante o governo Dilma Rousseff. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35493>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- BARTHES, R. **L'obvie et l'obtus**: essais critiques III. Paris: Seuil, 1982. (Barthes, Roland: Essais critiques). ISBN 978-20-20062-48-0.
- BEIVIDAS, W. **A teoria semiótica como epistemologia imanente**: uma terceira via do conhecimento. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002740718>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988. (Linguagem/critica). ISBN 978-65-56370-79-8.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989. ISBN 978-85-71130-18-0.
- BONDÌ, A. La plasticité au cœur de la sémiologie: la machine sémiolinguistique de L. Hjelmslev. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 203–225. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_12. Acesso em: 30 jun. 2022.

BONFIM, J. H. P. **Elementos para a descrição da semiose científica**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/61968>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BOYSEN, G. Le structuralisme immanent et la linguistique diachronique. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 106–111, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2541. Acesso em: 29 jun. 2022.

CALDEIRA, A. B. **Chamada de capa**: análise do gênero jornalístico com base na abordagem sócio-retórica de Swales. Tese (Mestrado) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp126800.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

CAPPI, C. Z. Non c'è linguistica senza filosofia: il principio di analisi di Hjelmslev. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 227–236. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_13. Acesso em: 30 jun. 2022.

CARMO JR., J. R. **Melodia e prosódia**: um modelo para a interface música-fala com base no estudo comparado do aparelho fonador e dos instrumentos musicais reais e virtuais. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2007.tde-12112007-141109>. Acesso em: 17 jun. 2022.

CARVALHO, C. A.; LEAL, B. S.; JÁCOME, P. P. Contextualização e complexidades temporais: um exercício a partir da narrativa jornalística. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 51–67, maio/ago. 2021. ISSN 1809-5844. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69868719003>. Acesso em: 7 set. 2022.

CHRISTENSEN, N. E. Qu'est-ce que la philosophie linguistique? **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 112–119, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2543. Acesso em: 29 jun. 2022.

CIGANA, L. Dividere o astrarre? La pratica teorica della glossematica. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 149–175. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_10. Acesso em: 30 jun. 2022.

DE ANGELIS, R. Le cercle et la spirale: deux réceptions de l'œuvre de L. Hjelmslev. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 27–50. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_03. Acesso em: 30 jun. 2022.

DEMURU, P. Ficção seriada televisiva, jornalismo político e construção do real: hipóteses a partir de Greimas. **Significação - Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 44, n. 48, p. 98–117, jul./dez. 2017. ISSN 2316-7114. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609765235006>. Acesso em: 7 set. 2022.

DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking Context: Language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. (Studies in the Social and Cultural Foundations of Language). ISBN 978-05-21422-88-8.

ECHEVERRÍA, C. I. Once again on the parallelism between expression and content. **Acta Linguistica Hafniensia**, Copenhagen, v. 54, n. 1, p. 24–39, 2022. ISSN 0374-0463. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03740463.2021.1886578>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Estudos).

FERRARA, L. D. Comunicação e semiótica: das mediações aos meios. **Significação - Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 35, n. 29, p. 81–97, jan./jun. 2008. ISSN 2316-7114. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609766009006>. Acesso em: 7 set. 2022.

FERREIRA JR., J. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico-visual**. São Paulo: Senac SP, 2003. ISBN 85-7359-310-5.

FIORIN, J. L. Semiótica e história. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 42, p. 15–34, 2011. ISSN 2447-4207. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/stis/article/view/2025>. Acesso em: 18 set. 2022.

FONTAINE, J. **O Círculo Linguístico de Praga**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Ed.). **Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 17–76. ISBN 978-85-99679-11-1. Disponível em: https://www.academia.edu/24506608/Semi%C3%B3tica_e_m%C3%ADdia_textos_pr%C3%A1ticas_estrat%C3%A9gias. Acesso em: 28 abr. 2021.

GALASSI, R. Sul principio di riduzione in glossematica e sul riduzionismo. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 103–110. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_07. Acesso em: 30 jun. 2022.

GAMBARARA, D. La semiotica di Saussure e la semiotica di Hjelmslev. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 3–10. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_01. Acesso em: 30 jun. 2022.

GIBBONS, A. **Multimodality, cognition, and experimental literature**. London: Routledge, 2012. (Routledge studies in multimodality). ISBN 978-04-1587-361-1.

GRUSZYNSKI, A.; AMARAL, B. O design das capas do jornal zero hora de 1990 a 2010. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 148–170, 2011. ISSN 1981-9854. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332770334_O_design_das_capas_do_jornal_zero_hora_de_1990_a_2010. Acesso em: 7 set. 2022.

HAIDAR, J. Iuri Lotman: a análise da cultura segundo a perspectiva da complexidade e da transdisciplinaridade. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 103–120, 2019. ISSN 2176-4573. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457338776>. Acesso em: 15 jun. 2022.

HANSEN, E. Accord et divergence de la personne pronominale en danois moderne. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 90–99, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2537. Acesso em: 29 jun. 2022.

HELTBERG, K. Dérivation et commutation. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 80–89, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2535. Acesso em: 29 jun. 2022.

HERREMAN, A. Analyser l'analyse, décrire la description: une introduction au Résumé d'une Théorie du Langage de L. Hjelmslev. **texto!**, Paris, v. 16, n. 2, p. 1–34, 2011. ISSN 1773-0120. Coordonné par Céline Poudat. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=2875>. Acesso em: 10 out. 2016.

HJELMSLEV, L. **La catégorie des cas**: étude de grammaire générale. Aarhus: Universitetsforlaget i Aarhus, 1935. (Acta Jutlandica VII). International Library of General Linguistics, Herausgegeben von Eugenio Coseriu, Band 25.

HJELMSLEV, L. **Essais linguistiques**. Copenhague: Nordisk sprog- og kulturforlag, 1959. (Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague, 12).

HJELMSLEV, L. **Prolegomena to a theory of language**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1961. ISBN 978-07-58114-17-4.

HJELMSLEV, L. **Essais linguistiques II**. Copenhague: Nordisk sprog- og kulturforlag, 1973. (Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague, 14).

HJELMSLEV, L. **Résumé of a theory of language**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1975. (Travaux du Cercle linguistique de Copenhague, 16). Edited and translated with an introduction by Francis J. Whitfield. ISBN 978-02-99070-40-3.

HJELMSLEV, L.; GALASSI, R.; MANO, S.; ZORZELLA, C.; PICCIARELLI, M. **Résumé. Teoria del linguaggio**. Roma: Terra Ferma Edizioni, 2009. ISBN 978-88-89846-83-4.

HJELMSLEV, L.; RASTIER, F. **Nouveaux essais**: recueillis et présentés par François Rastier. Paris: Presses universitaires de France, 1985. (Formes sémiotiques). Collection dirigée par Anne Hénault. ISBN 978-21-30388-27-2.

HJELMSLEV, L.; HERREMAN, A. **Résumé d'une théorie du langage**. Rennes: Université de Rennes 1, 2010. Traduction et édition numérique. Disponível em: <http://resume.univ-rennes1.fr/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

HOLT, J. Contribution à l'analyse fonctionnelle du contenu linguistique. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 59–69, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2531. Acesso em: 29 jun. 2022.

JENSEN, V. B. Il rouolo della “Scuola di Copenaghen” nel “rimodellamento” coseriano degli assiomi saussuriani. In: ORIOLES, V.; BOMBI, R. (Ed.). **Oltre Saussure: L'eredità scientifica di Eugenio Coseriu**. Firenze: Franco Cesati Editore, 2015. p. 121–132. ISBN 978-88-76675-56-0.

JENSEN, V. B. Hylling Georg Wiwel (1851-1910) e Louis Hjelmslev (1899-1965). In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 51–71. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_04. Acesso em: 30 jun. 2022.

JENSEN, V. B.; CIGANA, L. Glossématique “par correspondance”: Hjelmslev et ses interlocuteurs (Martinet et Bazell). In: CHEPIGA, V.; SOFIA, E. (Ed.). **La correspondance entre linguistes: un espace de travail**. Louvain-la-Neuve: Academia l’Harmattan, 2017, (Sciences du langage Carrefour et Points de vue, 20). p. 85–129. ISBN 978-28-06109-06-4.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010. ISBN 978-85-22457-58-8.

LANDOWSKI, E. **Les interactions risquées**. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2006. (Nouveaux Actes Sémiotiques). ISBN 978-28-42873-94-3.

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galáxia**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 10–20, jun. 2014. ISSN 1982-2553. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25542014119609>. Acesso em: 16 jun. 2022.

LEVIN, P. Application de l’algèbre logique divalente en linguistique. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 36–58, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L’héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2529. Acesso em: 29 jun. 2022.

LOTMAN, I. M.; NAVARRO, D. **La semiosfera: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Madrid: Cátedra, 1998. (Colección Frónesis, 2). ISBN 978-84-37615-76-9.

LOTMAN, I. M.; NAVARRO, D.; CÁCERES, M. **La semiosfera: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996. (Colección frónesis, 1). ISBN 978-84-37614-64-9.

LOTMAN, I. M.; NAVARRO, D.; KISELIOVA, L. N. **La semiosfera: semiótica de las artes y de la cultura**. Madrid: Cátedra, 2000. (Colección Frónesis, 3). ISBN 978-84-37618-21-0.

LUCCHESI, J. S. **Jornalismo e espetáculo: uma análise das manchetes de capa e das notícias do dia do jornal popular Super Notícia**. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2020/jennifer-silva-lucchesi.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2022.

MACHADO VELHO, A. P. A Semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249–257, set./dez. 2009. ISSN 1518-9775. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/download/22315/21413>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MIGLIORE, T. L’enunciazione in Louis Hjelmslev. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 123–147. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_09. Acesso em: 30 jun. 2022.

MORTENSEN, A. T. «Sens» et «vérité» à la lumière de la glossématique. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 120–128, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2544. Acesso em: 29 jun. 2022.

NANNI, A. Los géneros como efectos de sentido: para una semiótica de la cultura. **Tópicos del Seminario**, Puebla, n. 32, p. 59–92, jul./dic. 2014. ISSN 1665-1200. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-12002014000200004. Acesso em: 7 set 2022.

PAOLUCCI, C. Forme del linguaggio e forme del pensiero: per una riformulazione del principio empirico. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 237–256. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_14. Acesso em: 30 jun. 2022.

PIOTROWSKI, D. Les rapports de «relation» et de «corrélation»: considérations épistémologiques. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 177–202. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_11. Acesso em: 30 jun. 2022.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2004. ISBN 978-85-31602-36-8.

PRAMPOLINI, M. La procedura glossematica. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 111–122. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_08. Acesso em: 30 jun. 2022.

PREBENSEN, H. La glossématique est-elle une théorie? **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 12–25, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2526. Acesso em: 29 jun. 2022.

SALLORENZO, L. **Gramática e manipulação: análise cognitivo-funcional de manchetes de jornais durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2014**. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34504/1/2018_Let%C3%ADciaSallorenzodeFreitas.pdf. Acesso em: 18 set. 2022.

SARAIVA, J. A. B. **A identidade de um percurso e o percurso de uma identidade: um estudo semiótico das canções do Pessoal do Ceará**. Fortaleza: EdUFC, 2012. ISBN 978-85-7282-546-7.

SAUSSURE, F. de; BALLY, C.; SECHEHAYE, A.; RIEDLINGER, A. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1916.

SCAFUTO, S. A. Análise sociosemiótica crítica de narrativas midiáticas dos 50 anos da capital do Brasil. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 63–90, 2018. ISSN 2237-7247. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/download/8638/7222/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SHUMAN, E. L. **Practical journalism**: a complete manual of the best newspaper methods. New York: D. Appleton, 1910. Disponível em: <https://archive.org/details/practicaljournal00shumrich/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 6 nov. 2022.

SIERTSEMA, B. **A study of glossematics**: critical survey of its fundamental concepts. Amsterdam: Springer Netherlands, 1955. ISBN 978-94-01766-71-5.

SKÂRUP, P. La catégorie des cas, en général et en féroïen. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 70–79, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2533. Acesso em: 29 jun. 2022.

SØRENSEN, H. C. Fondements épistémologiques de la glossématique. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 5–11, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2525. Acesso em: 27 jun. 2022.

SØRENSEN, H. S. Classes et relations. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 26–35, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2528. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOUZA, G.; ANDRES, F. S. A telerealidade e o consumo de mundos. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 82–93, jan./jun. 2021. ISSN 1984-5057. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350270270008>. Acesso em: 7 set. 2022.

SPANG-HANSEN, H. Fini et infini dans le vocabulaire. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 100–105, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2539. Acesso em: 29 jun. 2022.

SPONHOLZ, L. O que é mesmo um fato?: Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 56–69, dez. 2009. ISSN 1982-2553. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/viewFile/2642/1683>. Acesso em: 23 dez. 2022.

TEMER, A. C. R. P. Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 49–70, jan./jun. 2007. ISSN 1809-5844. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69830987004>. Acesso em: 7 set 2022.

TOGEBY, K. Présentation. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 3–4, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2622. Acesso em: 29 jun. 2022.

TORCHI, G. da F. C. A semiosfera do *chá gelado*: um olhar semiótico sobre a cultura mestiça do *tereré*. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 53–66, 2014. ISSN 1516-1536. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/23729/13024/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

TOROP, P. Teoria russa e semiótica da cultura: história e perspectivas. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 18–41, dec. 2019. ISSN 2176-4573. Disponível em: <https://doi.org/10.1590%2F2176-457338851>. Acesso em: 16 jun. 2022.

TOUTAIN, A.-G. **Montrer au linguiste ce qu'il fait**: une analyse épistémologique du structuralisme européen (Hjelmslev, Jakobson, Martinet, Benveniste) dans sa filiation

saussurienne. Tese (Doutorado) – École Doctorale Concepts et Langages, Université Paris 4 Sorbonne, Paris, 2012. Thèse de doctorat dirigée par Georges Molinié et Christian Puech. Disponível em: <https://www.theses.fr/2012PA040253/document>. Acesso em: 18 out. 2016.

TRAINI, S. Eco lettore di Hjelmslev: tra occasioni mancate e mosse vincenti. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 11–25. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_02. Acesso em: 30 jun. 2022.

VYKYPĚL, B. Hjelmslev and the present-day linguistics. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 73–79. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_05. Acesso em: 30 jun. 2022.

ZINKERNAGEL, P. Impératifs de description. **Langages**, Paris, v. 2, n. 6, p. 129–134, 1967. ISSN 1958-9549. La glossématique. L'héritage de Hjelmslev au Danemark. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1967_num_2_6_2545. Acesso em: 29 jun. 2022.

ZINNA, A. La semiotica: da Hjelmslev all'École de Paris. In: ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev (1899-1965). Le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: Éditions CAMS/O, 2017, (Collection Actes). p. 81–100. ISBN 979-10-96436-01-9. Disponível em: http://mediationsemiotiques.com/cu_06. Acesso em: 30 jun. 2022.

ZINNA, A.; CIGANA, L. (Ed.). **Louis Hjelmslev, 1899-1965: le forme del linguaggio e del pensiero**. Toulouse: CAMS/O, 2017. (Collection Albi Médiations Sémiotiques - Actes). ISBN 979-10-96436-01-9.

APÊNDICE A – TIPOLOGIA NO PLANO INTERNO DO CONTEÚDO (γ°)

1 $:\beta:\beta:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo $:a$ da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo $:a$ da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo $:a$ da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

2 $:\mathbf{B}:\beta:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo $:b$ da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo $:a$ da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo $:a$ da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

3 $:\gamma:\beta:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos $:a$ da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e $:b$ da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo $:a$ da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo $:a$ da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

4 $:\Gamma:\beta:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo $:c$ da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo $:a$ da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo $:a$ da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

5 $:\beta:\mathbf{B}:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo $:a$ da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo $:b$ da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo $:a$ da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

6 :B:B:β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

7 :γ:B:β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

8 :Γ:B:β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :c da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

9 :β:γ:β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

10 :B:γ:β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);

- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

11 : γ : γ : β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

12 : Γ : γ : β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :c da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

13 : β : Γ : β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :c da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

14 :B: Γ : β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :c da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*).

15 : γ : Γ : β

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :a da *constatação* (*comparação, equiparação, im-*

plicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização) e *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;

- *densidade* no campo *:c* da *superfluidade (especulação)*;
- *validação* no campo *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)*.

16 $\Gamma:\Gamma:\beta$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:c* da *incerteza (mistura, brincadeira e deboche)*;
- *densidade* no campo *:c* da *superfluidade (especulação)*;
- *validação* no campo *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)*.

17 $\beta:\beta:B$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:a* da *constatação (comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização)*;
- *densidade* no campo *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)*;
- *validação* no campo *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

18 $B:\beta:B$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;
- *densidade* no campo *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)*;
- *validação* no campo *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

19 $\gamma:\beta:B$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos *:a* da *constatação (comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização)* e *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;
- *densidade* no campo *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)*;
- *validação* no campo *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

20 $\Gamma:\beta:B$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:c* da *incerteza (mistura, brincadeira e deboche)*;
- *densidade* no campo *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)*;

- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

21 :β:B:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

22 :B:B:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

23 :γ:B:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

24 :Γ:B:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*c* da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

25 :β:γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação,*

exemplificação, listagem, decomposição e topicalização);

- *densidade* nos campos :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

26 :B:γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* nos campos :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

27 :γ:γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* nos campos :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

28 :Γ:γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*c* da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* nos campos :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

29 :β:Γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :*c* da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

30 :B:Γ:B

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{b} da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{b} da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

31 $\dot{\gamma}:\Gamma:\dot{B}$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos \dot{a} da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e \dot{b} da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{b} da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

32 $\dot{\Gamma}:\dot{\Gamma}:\dot{B}$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{c} da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{b} da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

33 $\dot{\beta}:\dot{\beta}:\dot{\gamma}$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{a} da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo \dot{a} da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* nos campos \dot{a} da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e \dot{b} da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

34 $\dot{B}:\dot{\beta}:\dot{\gamma}$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{b} da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo \dot{a} da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* nos campos \dot{a} da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e \dot{b} da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

35 $\dot{\gamma}:\dot{\beta}:\dot{\gamma}$

- Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:
- *exposição* nos campos :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
 - *densidade* no campo :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
 - *validação* nos campos :*a* da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

36 :Γ:β:γ

- Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:
- *exposição* no campo :*c* da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
 - *densidade* no campo :*a* da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
 - *validação* nos campos :*a* da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

37 :β:B:γ

- Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:
- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
 - *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
 - *validação* nos campos :*a* da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

38 :B:B:γ

- Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:
- *exposição* no campo :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
 - *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
 - *validação* nos campos :*a* da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :*b* da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

39 :γ:B:γ

- Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:
- *exposição* nos campos :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, im-*

plicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização) e *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;

- *densidade* no campo *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

40 $\Gamma:B:\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:c* da *incerteza (mistura, brincadeira e deboche)*;
- *densidade* no campo *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

41 $\beta:\gamma:\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:a* da *constatação (comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização)*;
- *densidade* nos campos *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)* e *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

42 $B:\gamma:\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;
- *densidade* nos campos *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)* e *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

43 $\gamma:\gamma:\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos *:a* da *constatação (comparação, equiparação, im-*

plicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização) e *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;

- *densidade* nos campos *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)* e *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

44 $\Gamma\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:c* da *incerteza (mistura, brincadeira e deboche)*;
- *densidade* nos campos *:a* da *condensação (relato, atribuição e antecipação)* e *:b* da *expansão (retrato, situação, quantificação, explicação e localização)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

45 $\beta\Gamma\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:a* da *constatação (comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização)*;
- *densidade* no campo *:c* da *superfluidade (especulação)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

46 $B\Gamma\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;
- *densidade* no campo *:c* da *superfluidade (especulação)*;
- *validação* nos campos *:a* da *demonstração (citação, mostra e garantia)* e *:b* da *sedução (aviso, valorização e recomendação)*.

47 $\gamma\Gamma\gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos *:a* da *constatação (comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização)* e *:b* da *ponderação (avaliação, rotulação, qualificação e suposição)*;

- *densidade* no campo :c da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* nos campos :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :b da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

48 :Γ:Γ:γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :c da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo :c da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* nos campos :a da *demonstração* (*citação, mostra e garantia*) e :b da *sedução* (*aviso, valorização e recomendação*).

49 :β:β:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

50 :B:β:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

51 :γ:β:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

52 :Γ:β:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :c da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*);

– *validação* no campo :*c* da *imposição* (*regulação*).

53 : β :B: Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*c* da *imposição* (*regulação*).

54 :B:B: Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*c* da *imposição* (*regulação*).

55 : γ :B: Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :*b* da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*c* da *imposição* (*regulação*).

56 : Γ :B: Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*c* da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo :*b* da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :*c* da *imposição* (*regulação*).

57 : β : γ : Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :*a* da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação,*

exemplificação, listagem, decomposição e topicalização);

- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

58 :B:γ:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

59 :γ:γ:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e :b da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

60 :Γ:γ:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :c da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* nos campos :a da *condensação* (*relato, atribuição e antecipação*) e :b da *expansão* (*retrato, situação, quantificação, explicação e localização*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

61 :β:Γ:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo :a da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*);
- *densidade* no campo :c da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo :c da *imposição* (*regulação*).

62 :B:Γ:Γ

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{b} da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{c} da *imposição* (*regulação*).

63 $\dot{\gamma}:\Gamma:\Gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* nos campos \dot{a} da *constatação* (*comparação, equiparação, implicação, exemplificação, listagem, decomposição e topicalização*) e \dot{b} da *ponderação* (*avaliação, rotulação, qualificação e suposição*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{c} da *imposição* (*regulação*).

64 $\dot{\Gamma}:\Gamma:\Gamma$

Nas chamadas desse tipo são incluídos quaisquer elementos que participam da:

- *exposição* no campo \dot{c} da *incerteza* (*mistura, brincadeira e deboche*);
- *densidade* no campo \dot{c} da *superfluidade* (*especulação*);
- *validação* no campo \dot{c} da *imposição* (*regulação*).

ANEXO A – CAPAS E CHAMADAS INCLUÍDAS NO CORPUS

Folha de S. Paulo – Edição 32144 – Chamadas de 1 a 12.

A B C D E F
FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br
 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 97 • QUARTA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.144 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 0H02 • R\$ 4,00

C1
Indústria indica estabilidade após forte recessão

A produção industrial do país subiu 0,1% em fevereiro na comparação com o mês anterior, informou o IBGE. O resultado indica que o setor entrou em fase de estabilidade após forte recessão. Ficou, no entanto, abaixo da expectativa do mercado, de elevação de 0,5%. Nos últimos 12 meses, a retração acumulada na indústria é de 4,8%. Mercado pág. 1

C2
Táxis conseguem vitória contra a Uber na Câmara

Em vitória dos taxistas, a Câmara aprovou projeto federal de regulação que aproxima os aplicativos de serviços de motoristas particulares, como Uber, 99, Easy e Cabify, das regras dos táxis. Uma das emendas exige aval da prefeitura para as empresas atuarem. O texto segue para o Senado. Cotidiano B3

C3
Após acusação de assédio, José Mayer se desculpa por 'brincadeira'

Cotidiano B4

C4
REINALDO FIGUEIREDO
Posso desenhar o texto e escrever a ilustração?

Escrever uma coluna? Tudo bem, mas eu sou uma espécie de desenhista que escreve ou um escritor que desenha... Posso desenhar o texto e escrever a ilustração? Aí não é a "ilustração"? Então, tem tudo a ver... Ilustrada C7

O humorista e cartunista REINALDO FIGUEIREDO passa a assinar coluna às quartas-feiras na 'Ilustrada'.

C5
EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Tensão sul-americana", acerca de crises e conflitos no subcontinente, e "Fluía reprovada", sobre testes com substância usada contra o câncer.

C6
ATMOSFERA Cotidiano B2
 SP tem pancadas de chuva à tarde. Mínima 19°C. Máxima 31°C.

C7
RCM ZIZIO Cotidiano B2
 Não devem circular carros com placas cujo final seja: 5 ou 6

COPIAGEM (Impressão + digital) R\$ 0,60
 SUBSCRIÇÃO (Impressão + digital) R\$ 0,60
 30 dias R\$ 1,80

ISSN 1414-8752 32144
 9 771414 572049



Gilmar Mendes, presidente do TSE, em sessão do tribunal

TSE adia julgamento de chapa e dá fôlego ao governo Temer

Ministros concedem mais prazo à defesa e decidem ouvir novas testemunhas, como Guido Mantega e João Santana

O Tribunal Superior Eleitoral adiou o julgamento que pode cassar a chapa de Dilma Rousseff e Michel Temer, vencedora da eleição de 2014. A ação foi interrompida depois que os ministros deram mais prazo à defesa e decidiram ouvir novas testemunhas, entre elas o ex-ministro Guido Mantega e o marqueteiro João Santana. Com isso, o governo Temer ganha fôlego e a duração do processo torna-se imprevisível.

Segundo a **Folha** apurou, o relator da ação, Herman Benjamin, percebeu que poderia ser voto vencido na questão do tempo para alegações ou que alguém poderia pedir vista dos autos, o que suspenderia a sessão por tempo indeterminado. Além disso, minutos antes de a sessão começar, os sete ministros do TSE souberam que Santana havia fechado acordo de delação premiada com o Ministério Público.

A expectativa é que ele confirme que recebeu pelo menos R\$ 20 milhões em caixa dois da Odebrecht. O julgamento deve ser retomado em maio, quando já terão tomado posse no tribunal dois novos ministros, indicados por Temer. O adiamento da decisão acalmou investidores: a Bolsa subiu e o dólar caiu abaixo dos R\$ 3,10. Poder A4 a A6

MÔNICA BERGAMO Dilma teme decepção com depoimento de Santana. C2

C10
ILUSTRADA
 Na crise, SP-Arte se torna festival e aposta em nomes de peso C1

C11
CIÊNCIA
 Desmatamento leva raposas a iniciar 'namoro' perigoso A7

C12
MARCELO COELHO
 Decisões devem estar a salvo de contestação futura

A ideia de Herman Benjamin é que, sem o adiamento, a defesa provavelmente argumentaria que foi cerceada. Melhor incluir os depoimentos agora do que correr esse risco depois. Depois, quando ninguém sabe, é a julgar pelos diversos interesses políticos em jogo, talvez ninguém queira saber. Poder A5

Ataque com arma química mata ao menos 58 na Síria

Um ataque com gás tóxico deixou ao menos 58 mortos em Khan Sheikhun, cidade síria controlada por opositores de Bashar al-Assad. Entre as vítimas, havia 11 crianças. União Europeia e EUA acusam o ditador pelo ataque, que será debatido em reunião emergencial do Conselho de Segurança da ONU. O regime nega a autoria. Mundo A9

Ammar Abdullah/Reuters



Homem carrega criança morta em ataque com gás que matou ao menos 58 em cidade na Síria controlada por opositores do ditador Bashar al-Assad

LANÇAMENTO
Novo ix35 2018.
 Tecnologia ISG: Intelligent Stop & Go.

ix35 2.0 FLEX
 Últimas unidades 2017

A partir de **R\$ 99.990**
 TAXA 0%

VEJA NA PÁGINA 5. www.csoa.com.br HYUNDAI CSOA

Folha de S. Paulo – Edição 32145 – Chamadas de 13 a 30.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • QUINTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.145

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 05H15 • R\$ 4,00

C13 EUA ameaçam agir na Síria em resposta a ataque químico

A representante dos EUA no Conselho de Segurança da ONU, Nikki Haley, criticou a reação da entidade ao ataque químico que matou ao menos 72 pessoas na Síria. Ela afirmou que o país pode atuar por conta própria caso as Nações Unidas hesitem. Donald Trump elevou o tom em relação ao regime de Bashar al-Assad, sem falar em retaliação direta. **Mundo A12**

C14 MATIAS SPEKTOR Erro do chavismo permite a Mercosul ir além da retórica

Opinião A2

C15 Com reeleição difícil, Renan se volta a Alagoas

Acuado pelas investigações da Lava Jato, o senador Renan Calheiros (PMDB) resolveu reagir de olho nas eleições de 2018 e dedicar tempo ao seu Estado, Alagoas. Sua meta é conquistar a reeleição no Congresso e o segundo mandato para Renan Filho, hoje governador. Para isso, luta contra a própria impopularidade. **Poder A8**

C16 JOSÉ SIMÃO Julgamento padaria agora é só pingado: vão pingar até 2018!

E atenção! ADIADO PARA SEMPRE o julgamento Padaria: Dilma e Temer na chapala. Agora só pingado! Vão pingar até 2018! Essa pedrada vai durar 18 meses! E precisa julgamento? O chargista Sponholz definiu: "Cai-xa dos Dois". **Ilustrada C10**

C17 Portela e Mocidade dividirão título do Carnaval do Rio

Cotidiano B6

C18 cotidiano B6 Chacinas deixam nove mortos em dois bairros de São Paulo

C19
EDITORIAIS Opinião A2
Leia "As calendas", sobre demora de ação no TSE que pode cassar Temer, e "Reforma do crédito", acerca de mudança na taxa de juro do BNDES.

ACQUERA Cotidiano B2
Risco de chuva forte em São Paulo
Mínima 20°C. Máxima 29°C

REDAÇÃO Cotidiano B2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

CIRCULAÇÃO
302.991 (Mia impressões + digitais)
ABRENTA
28.063.507 visitantes únicos/três

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman fale.folha.com.br

ISSN 1414-5723
9 771414 572050 3 2145



Embaixadora dos EUA na ONU, Nikki Haley exhibe fotos do ataque em reunião do órgão



C23 Ilustração Lese Piere
CIÊNCIA
Chimpanzé ganha habeas corpus e é levada a santuário no interior de SP 87



C25
ESPORTE
Grupo francês assina acordo para assumir a gestão do Maracanã 88



C27
ESPORTE
Grupo francês assina acordo para assumir a gestão do Maracanã 88

ILUSTRADA
Show histórico da bossa nova nos EUA será recriado após 55 anos C1

C24
TURISMO
Praias exclusivas e navio da Disney se destacam entre opções no Caribe 91

C26
» INTERDITADO No estádio da Ilha do Governador onde o Flamengo pretende receber seus jogos, o solo cedeu perto de duas arquibancadas temporárias devido a problema de tubulação; será feita vistoria para averiguar a segurança do local **Esporte B8**

C28 Estados em crise querem rigor menor em socorro

Governadores mobilizam a Câmara para reduzir contrapartidas à ajuda federal

Insatisfeitos com a proposta do governo federal para socorrer Estados em dificuldade financeira, governadores mobilizaram deputados em Brasília para diminuir as contrapartidas à ajuda federal. No esforço coletivo, liderado por Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, os políticos conseguiram empalcar, pela terceira vez, alterações no texto que deverá ser votado hoje na Câmara. O socorro permite que Estados em calamidade financeira deixem de pagar a dívida com a União e com os bancos estaduais, como o Banco do Brasil e o BNDES, por três anos. Tem, no entanto, que realizar rigoroso ajuste fiscal.

Entre as contrapartidas estão a privatização de estatais estaduais, congelamento de salários de servidores e elevação da contribuição desses funcionários para a Previdência. Por sugestão dos governadores, o deputado Pedro Paulo (PMDB-RJ), relator do projeto, ampliou a lista de ativos que podem ser privatizados sob supervisão da União. Além de empresas de energia, saneamento e bancos, o texto permitirá a entrega de imóveis ao governo federal. Também está prevista a redução da exigência de congelar salários de servidores em Estados com leis locais de responsabilidade fiscal durante a vigência do socorro. **Mercado A15**

FAZER PARTE DO SELETO GRUPO DAS 100 EMPRESAS MAIS CONFIÁVEIS DO BRASIL É UM ORGULHO ENORME E UMA RESPONSABILIDADE MAIOR AINDA

CAOA MONTADORA
CAOA MONTADORA, 100% BRASILEIRA.

VEJA NAS PÁGINAS 6 E 7.

C29 País adota dose única para vacina da febre amarela

O Ministério da Saúde recomendará, a partir deste mês, só uma dose da vacina contra febre amarela para quem mora ou pretende viajar para áreas do país onde a imunização é indicada. Até então, o padrão eram duas doses, a segunda dez anos após a primeira. **Cotidiano B3**

C30 Latam vê capital estrangeiro como 'aspirina na UTI'

A presidente da Latam no Brasil, Claudia Sender, diz que a medida que eleva o capital estrangeiro nas aéreas, estudada pelo governo, é "aspirina para doente na UTI" se não houver mudanças estruturais. Ela criticou a proibição da cobrança pelo despacho de bagagens. **Mercado A25**

Folha de S. Paulo – Edição 32146 – Chamadas de 31 a 47.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • SEXTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.146

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 1H32 • R\$ 4,00

C31 Trump lança mísseis na Síria

Em ofensiva-surpresa, o presidente dos EUA retaliou o regime do ditador Bashar al-Assad após ataque químico

C32 Sírios pareciam não crer que as ameaças se concretizariam

YAN BOECHAT
EM HOMS (SÍRIA)

Homs amanheceu nesta sexta (7) com brisa leve e o canto de pássaros que despertavam com os raios de sol. No hotel Safir, o bar passou parte da noite cheio. Homens bebiam araque. Mulheres conversavam no lobby, crianças brincavam no pátio. Até a véspera, os sírios pareciam não acreditar que as ameaças de Trump poderiam se concretizar. Mundo A10

C33 ANÁLISE IGOR GIELOW

Ataque sugere uma reversão na situação de Assad
Mundo A10

C34 HÉLIO SCHWARTSMAN

Ofensiva dos EUA pareceu operação de marketing
Opinião A2

C35

Brasil vai sediar negociações de paz da Colômbia com guerrilha
Mundo A12

C36 RICARDO A. PEREIRA

Escreverei sobre a vida, mas não sei grande coisa dela

Escreverei sobre a vida, esse caminho de angústia que culmina com a morte. Só há um problema: não sei grande coisa sobre a vida. Descubri outro dia que passei 40 anos a descascar bananas da maneira errada. É uma constatação aterradora. Ilustrada C6

O humorista português RICARDO ARAÚJO PEREIRA passa a assinar coluna na 'Ilustrada' às sextas-feiras.

C37 EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Mísseis sobre a Síria", acerca da reação de Trump a ataque químico, e "Estatais à míngua", sobre queda de investimentos das empresas federais.

C38 ATMOSFERA Cotidiano B2

Chove a qualquer hora em São Paulo
Mínima 19°C. Máxima 25°C

C39 RODÍZIO Cotidiano B2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 9 ou 0

C40 FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e o ombudsman fale.folha.com.br

CIRCULAÇÃO
316.973 mil (Impressos + digitais)
MÉDIA
28.063.507 visitantes únicos/mês

ISSN 1414-0733
9 771414 572063



O presidente dos EUA, Donald Trump, antes de falar sobre ofensiva na Síria com mísseis, em resposta a ataque químico

C41 guia

Confira seleção de lugares para comer e beber na madrugada Pág. 6

COTIDIANO

Escola do Recife repreende pais de alunos por uso de roupa curta B6

C43 ILUSTRADA

Novo curador da Bienal de SP quer resgatar afeto pela arte C3

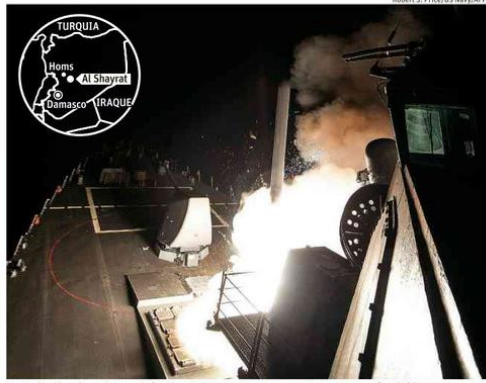


Foto divulgada pela marinha dos EUA mostra o momento em que míssil é lançado

Em retaliação ao ataque químico que matou ao menos 80 pessoas na Síria, o presidente norte-americano, Donald Trump, ordenou o lançamento de 59 mísseis contra base militar do ditador Bashar al-Assad.

O país árabe passa por guerra civil há seis anos. Na terça, uma ofensiva com gás tóxico contra cidade controlada por opositores do regime deixou dezenas de vítimas, entre elas várias crianças.

"Assad sufocou homens, mulheres e crianças inocentes. Até mesmo lindos bebês foram cruelmente assassinados neste ataque bárbaro", disse Trump. "Nenhum filho de Deus deveria jamais sofrer horror tão terrível."

Segundo o presidente, é "interesse vital" dos EUA evitar o uso de armas químicas. Ele fez pronunciamento em seu resort Mar-a-Lago, na Flórida, onde se reunia com o colega chinês, Xi Jinping.

O Pentágono afirma que os mísseis atingiram a base aérea de Al Shayrat, em Homs, e que nenhum avião ou material militar da Rússia — que apoia o regime — foi afetado. Moscou teria sido avisada antes do ataque. Mundo A9

C44

Por apoio à nova Previdência, Temer cede ao Congresso

Para conseguir apoio à reforma da Previdência no Congresso, o presidente Michel Temer decidiu ceder em mais cinco pontos do texto, entre eles a regra de transição para trabalhadores próximos da aposentadoria.

Com o recuo, a economia gerada pelas novas regras seria reduzida em R\$ 115 bilhões em dez anos, 17% dos R\$ 678 bilhões estimados com o texto original. Mercado A15

C45

Pezão afirma a Moro que Cabral nunca falou com ele sobre propina Poder A8

C46

Base curricular prevê alfabetização em até dois anos

Entregue pelo governo para parecer do Conselho Nacional de Educação, a terceira versão da base curricular prevê alfabetização nos dois primeiros anos do ensino fundamental, a partir de 2019. O documento exclui o ensino religioso. Cotidiano B1

C47

PF prende 3 em ação contra desvio de verbas na natação

A Polícia Federal prendeu Coaracy Nunes, ex-presidente da CBDA, e dois dirigentes da entidade que controla os esportes aquáticos no país, sob a acusação de desvio de até R\$ 40 milhões. Eles responderão por peculato, associação criminosa e fraude. A defesa recorrerá. Esporte B8

LANÇAMENTO
Novo ix35 2018.
Tecnologia ISG: Intelligent Stop & Go.

ix35 2.0 FLEX
Últimas unidades 2017

A partir de **R\$ 99.990**
TAXA 0%

www.caob.com.br HYUNDAI CAOA

Folha de S. Paulo – Edição 32147 – Chamadas de 48 a 61.

A B C D E F

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • SÁBADO, 8 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.147

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À OH • R\$ 4,00

DESCUBRA SÃO PAULO DÁ DICAS PARA CURTIR O QUE A CIDADE TEM DE MELHOR

RECEBA AMANHÃ

C48



► **ÁGUA NA PISTA** Temporal que atingiu SP na quinta e na sexta causou transbordamento do rio Tietê; foi o maior volume de chuva em 24 horas no mês de abril desde 1943 Cotidiano B4

C49

ILUSTRADA

Aposta de editoras, filão feminista na literatura ganha as prateleiras C1

C54

PODER

Nos EUA, Luciano Huck é aplaudido de pé em evento sobre o Brasil A11

C56

Cedemos até onde podemos, diz Temer sobre Previdência

Há 11 meses no Planalto, presidente afirma à **Folha** que não cometeu erros

O presidente Michel Temer afirmou que o governo cedeu ao Congresso até onde podia ao concordar em mudar cinco pontos da reforma da Previdência.

Em entrevista à **Folha** em seu gabinete no Palácio do Planalto, admitiu, no entanto, que ainda pode reduzir a idade mínima de aposentadoria para as mulheres para fazer passar as medidas na Câmara e no Senado. A aprovação, espera Temer, deve acontecer até julho.

"Se nós tivéssemos a idade de homem de 65 anos, e a de mulher 64 ou 63, não significa que não tenha sido feita uma grande conquista", disse.

Há 11 meses no cargo, Temer afirmou não ter cometido erros. "Eu cometi acertos. Não consigo vislumbrar um equívoco praticado nesse governo." Comentou ainda as recentes desavenças com o senador Renan Calheiros (PMDB), que "está atrasado, segundo as concepções da realidade". Mercado A23 e A26

C50

JOSÉ SIMÃO

O prefeito vai passar a rasteira no Alekmin! Cria cuervos, que eles te furam os olhos! C7

C51

Acuado, secretário de Educação pede demissão a Doria

O secretário Alexandre Schneider (Educação) pediu demissão ao prefeito de São Paulo, João Doria. A **Folha** apurou que ele se queixou da falta de respaldo da gestão tucana em meio a ataques recebidos de simpatizantes do Movimento Brasil Livre. Por ora, Doria conseguiu removê-lo da ideia de deixar o cargo. Cotidiano B1

C52

ANDRÉ SINGER

Lula candidato fará país recompor seu tecido democrático

No lusco-fusco em que nos encontramos, o destino jurídico de Lula será chave. Caso o petista possa candidatar-se em 2018, a recomposição do tecido democrático ganha densidade. Do contrário, a instabilidade tende a se prolongar, abrindo caminho para saídas autoritárias. Opinião A2

C53

ATMOSFERA Cotidiano B2

SP tem dia nublado e albafoado

Mínima 19°C. Máxima 26°C

CIRCULAÇÃO
335.799 mil (Impressos + digitais)
38.000 mil
28.063.507 visitantes (Impressos + digitais)

ISSN 1413-2722
9 771414 321470

C55



► **ATAQUE** Rua em Estocolmo onde homem atropelou pedestres com caminhão e matou ao menos 4 pessoas; premiê sueco disse que tudo indica tratar-se de terrorismo Mundo A19

C57

Rússia reforça defesa na Síria após ataque dos EUA

A Rússia reforçará a defesa aérea da Síria para tentar evitar novas ofensivas dos EUA contra o regime do ditador Bashar al-Assad, que conta com a proteção do presidente Vladimir Putin.

Nesta quinta (6), Donald Trump ordenou retaliação depois de ataque químico no país árabe. O bombardeio, que deixou nove mortos, aumentou a tensão entre EUA e Rússia. Mundo A14

C58

ÍNDICE TENSÃO NA SÍRIA

ANÁLISE MARCOS A. GONÇALVES
Trump já sente efeito positivo de retaliação contra ditador sírio

C59

Bombardeio desafia cansaço da população, relata Yan Boechat

Mundo A16

C60

DEMÉTRIO MAGNOLI
Insegurança pessoal de republicano é uma ameaça ao mundo

Poder A10

C61

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Base mais sólida", acerca de currículo para o ensino fundamental, e "Direitos não humanos", sobre disputas na Justiça pela liberdade de animais.

NEW **ELANTRA FLEX 2.0** Z+

O SEDAN MAIS BONITO, ELEGANTE E LUXUOSO DA CATEGORIA.

A PARTIR DE R\$ 79.900 CONDIÇÃO ESPECIAL TAXA 0%

Veja na página 5.

www.caqa.com.br

Todos juntos fazem um trânsito melhor.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DOMINGOS ATÉ AS 19 HORAS.

Folha de S. Paulo – Edição 32148 – Chamadas de 62 a 70 e 272.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • DOMINGO, 9 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.148

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 22H31 • R\$ 6,00



C62
ILUSTRADA

Gilberto Gil e Caetano Veloso discutem legado do movimento, conservadorismo e erros cometidos pela esquerda Pág. 4



DESCUBRA SAOPAULO

VEJA SELEÇÃO DOS MELHORES PROGRAMAS GASTRONÔMICOS E CULTURAIS PARA CURTIR A CIDADE EM 48 HORAS

Pinacoteca, museu no centro de SP

C64 Maioria em SP prefere que Doria não dispute outro cargo

Para 55% dos paulistanos, tucano deve terminar mandato; aprovação após três meses é recorde

A maioria dos paulistanos prefere que o prefeito João Doria (PSDB) continue à frente da cidade e não dispute outros cargos, mostra pesquisa Datafolha.

Para 55%, o tucano deve concluir seu mandato. Apenas 13% defendem uma candidatura ao governo do Estado no próximo ano, e 14%, à Presidência da República.

Essas hipóteses têm sido levantadas no meio político em razão da popularidade de Doria, que completa cem dias de prefeitura nesta segunda (10) com aprovação recorde na comparação com seus antecessores.

Segundo o levantamento, 43% dos paulistanos o consideram ótimo ou bom, 33%, regular, e 20%, ruim.

A satisfação, porém, já foi maior. Em pesquisa de fevereiro, apenas 13% dos entrevistados o reprovavam. De zero a dez, o paulistano dá nota 6 ao tucano, contra 6,2 no levantamento anterior.

O índice de ótimo e bom de Doria é bem superior ao de 31% obtido por seu antecessor, Fernando Haddad (PT), em período equivalente.

Mas o atual prefeito também é mais rejeitado que o petista, que foi considerado ruim ou péssimo por 14% após três meses de mandato.

Para 67%, os feitos da administração municipal em seus bairros ficaram abaixo do esperado. **Cotidiano B1**

ANÁLISE Doria terá que suar para esticar lua de mel com eleitores, escreve Rogério Gentile. **B3**



C65
A
A,
50

Economista Marcelo Medeiros critica reforma da Previdência Pág. 6

C65 Justiça dá a Alckmin direito de reajustar tarifas e cria dilema

O governo Geraldo Alckmin (PSDB) conseguiu no STJ o direito de reajustar as tarifas do transporte público em São Paulo. Mas a decisão cria dilema político.

Apesar do aperto nas contas do Metrô e da CPTM, o governador não quer o peso do aumento que afetará um terço dos usuários da rede de transporte sobre trilhos da rede metropolitana. **B4**

C66 MARCIUS MELHEM Nunca fui bom de 1ª vez; imagine meu desespero

Nunca fui bom de primeira vez. Logo na chegada ao mundo, fui tirado a fórceps e provoquei uma briga de 21 anos entre os meus pais.

Meu primeiro beijo foi um vexame, a primeira transa, traumática. Dá pra imaginar meu desespero com esta primeira coluna? **Ilustrada C7**

O humorista MARCIUS MELHEM passa a escrever aos domingos na 'Ilustrada'.

C67 A VIDA NA SÍRIA

O enviado Yan Boechat relata o cotidiano em Damasco, onde jovens se divertem, pessoas fazem compras e a guerra só é lembrada pelo som dos caças sobre a cidade. **Mundo A16**



Damasco, na sexta-feira (7)

ILUSTRAÇÃO
327.844.046 (Impressos + digitais)
ALVENÇA
09063.509 visitantes únicos/total
ISSN 1414-5713
3 214 6
9 7774 614 572018

C68 SOBRE TUDO
Empresas trocam notas e formulários por conversa para avaliar empregado **02**

C69 ILUSTRADA
Anotações do escritor Pedro Nava sobre a homossexualidade vêm a público **01**

C70 EDITORIAIS Opinião **A2**
Leia "Tributar com justiça", em defesa de medidas para que a receita pública dependa menos de impostos sobre o consumo e mais da taxaça da renda.

All-New Tucson
Turbo GDI com transmissão Dual Clutch 7 velocidades.
A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA DO MUNDO.
VEJA NA PÁGINA 5. **TAXA 0%**
CONSULTE VERSÕES

HYUNDAI www.coos.com.br CAOA

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DOMINGOS ATÉ AS 19 HORAS.

Folha de S. Paulo – Edição 32149 – Chamadas de 71 a 87.

A B C D E F
FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

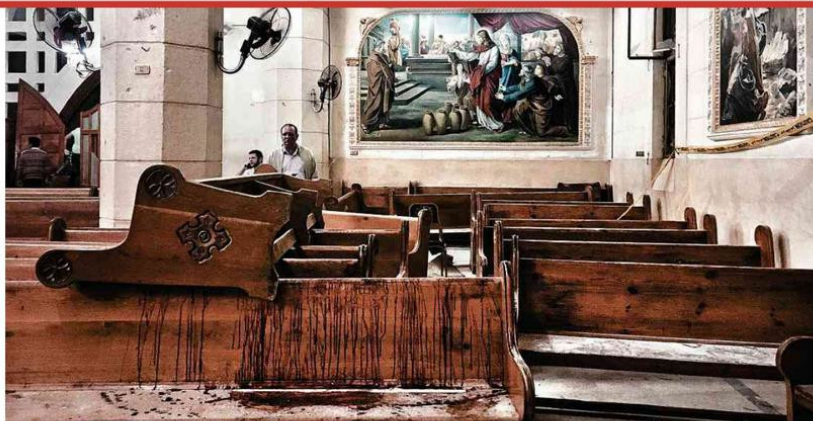
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • SEGUNDA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.149

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 23H58 • R\$ 4,00

C71
Ataques em igrejas cristãs matam mais de 40 no Egito

Duas explosões em igrejas egípcias mataram ao menos 44 e deixaram mais de cem feridos durante as festas do Domingo de Ramos. O grupo terrorista Estado Islâmico reivindicou a autoria do atentado, cujo alvo foram cristãos coptas, principal minoria religiosa do país. O governo decretou estado de emergência. **Mundo A8**
 ANÁLISE El mitra minorias de outros países, escreve Patrícia C. Mello. A8



Manchas de sangue no interior da igreja de Mar Girgis após ataque a bomba em Tanta, no Egito, reivindicado pelo grupo terrorista Estado Islâmico

C72
Nacionalidade brasileira é opção para sírios em fuga

Mundo A10

C73
ENTREVISTA DA 2ª
JOÃO DORIA
Não faz sentido manter cobrador dentro dos ônibus

O prefeito de São Paulo promete retirar cobradores de todos os ônibus — são 19 mil trabalhadores — até o final do mandato, em 2020, e reduzir de 20 para 10 anos a concessão do setor. João Dória, 59, admite falhas na relação, como na variação, e diz que precisa ajustar aplicativos de transporte, como o Uber. **A14**

C77
MAIORIA EM SP REJEITA CONCESSÃO DE PARQUE



C81
Alta do mínimo faz subir projeção de gasto do INSS

Contas da reforma da Previdência consideram ganhos para o piso salarial. Nas projeções oficiais que embasam a proposta de reforma da Previdência Social, o governo Michel Temer (PMDB) adotou como hipótese a permanência da política de reajustes do salário mínimo acima da inflação. Esse critério eleva a estimativa para a despesa do Instituto Nacional do Seguro Social até 2060. No entanto a lei que fixa ganhos reais para o piso salarial confere o crescimento da economia só vigora até 2019. Pelas contas do Executivo, o gasto do INSS atingiria 8,6% do Produto Interno Bruto em dez anos, se a reforma fosse aprovada sem alteração. Com o mínimo apenas corrigido pela inflação, a cifra cai a 7,9% do PIB. O governo defende a metodologia, que tem sido questionada, com o argumento de que seguiu as normas vigentes. **Mercado A15**
MERCADO ABERTO Na reforma, país escolhe entre o bom caminho e o precipício, diz ex-diretor do BC. A16

C74



VIDA NOVA Após quase quatro anos vivendo sob um viaduto em SP, Debora dos Santos, 30, largou o crack, cuida do filho e comemora trabalho fixo em ação da prefeitura cotidiano B3

C75
VINÍCIUS MOTA
O rentismo dos alvarás de táxi faz eficiência cair

Taxistas festejaram a decisão da Câmara que obriga municípios a conceder licenças individuais a quem quer trabalhar nos sistemas privados de transporte urbano. Em Nova York, alvará de táxi custava US\$ 1,3 milhão em 2013. Neste ano, registrou-se transação por menos de 1/5 dessa quantia. Quanto mais desvalorizado estiver o alvará, melhor para a sociedade. **Opinião A2**

C76
EDITORIAIS **Opinião A2**
Leia "Popular, na prefeitura", sobre aprovação de Dória medida pelo Datafolha, e "Uber regulado", acerca de projeto para normatizar uso do aplicativo.

C78
CIÊNCIA
Pesquisadores buscam entender o terrorismo e como preveni-lo B6

C79
ILUSTRADA
Tatá Werneck faz primeiro 'late show' liderado por mulher no país C1

C80
GREGÓRIO DUVIVIER
A cueca de Jorge tinha poder, nunca vira o Botafogo perder Ilustrada C5



VITÓRIA MAGRA Rodriguinho (esq.) festeja o único gol da partida contra o Botafogo, que levou o Corinthians às semifinais do Paulista; o rival será conhecido hoje Esporte B7

C83
FALE COM A FOLHA
 Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a embaixadinha fale.folha.com.br

C84
RODÍZIO Cotidiano B2
 Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1.2

C85
ATMOSFERA Cotidiano B2
 Dia quente e de tempo firme em SP. Mínima 20°C. Máxima 29°C



Folha de S. Paulo – Edição 32150 – Chamadas de 88 a 103.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • TERÇA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.150

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 03h11 • R\$ 4,00

C88



► **DOR** Mulheres choram em funeral em Alexandria um dia após ataques em igrejas cristãs reivindicados pelo Estado Islâmico; depois de explosões matarem ao menos 44, governo do Egito declarou estado de emergência no país. Mundo A9

C89 Justiça pressiona plano para custear saúde em casa

O número de ações judiciais contra planos de saúde para exigir cobertura do serviço de internação domiciliar explodiu em quatro anos, indica levantamento feito no Tribunal de Justiça de SP. Em média, 90% das decisões favorecem o paciente.

Para as empresas, famílias veem o "home care" como alternativa para se livrar dos cuidados que os doentes exigem delas na casa. Cotidiano B1

C90 Após vitória na Justiça, Alckmin reajusta integração do Bilhete Único

Cotidiano B4

C91

EQUILÍBRIO

Por US\$ 15, site exibe vídeos com dicas para mulher chegar ao clímax

► **NO PACAEMBU**

C96



► **NO PACAEMBU** O goleiro Aranha vibra após a Ponte Preta vencer o Santos nos pênaltis; time disputa as semifinais do Paulista com Palmeiras, e Corinthians enfrenta o São Paulo. Esporte B7

C92

Consumo de carne cai após ação da PF, indica Datafolha

Mercado A16

C93

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "A reforma e o mínimo", sobre projeções oficiais para gastos previdenciários, e "Belo atraso", acerca de decisão da Justiça de paralisar hidrelétrica.

C94

ATMOSFERA Cotidiano B2
Dia quente e abafado em São Paulo. Mínima 21°C. Máxima 31°C.

C95

RODÍZIO Cotidiano B2
Não devem circular carros com placas cujo final seja: 3.4

TRIBUNAÇÃO 302.879 (impresso + digital)
ABONAMENTOS 28.063.567 visitantes únicos/mês



C97

Relator de reforma prevê fim de imposto sindical no país

Texto propõe alteração em mais de cem artigos da CLT e garantias a terceirizados

O relator da reforma trabalhista do governo Michel Temer, Rogério Marinho (PSDB-RN), apresenta hoje a versão final de sua proposta à bancada tucana na Câmara, informa o **Painel**. No texto, Marinho altera mais de cem artigos do regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Além disso, cria ao menos duas modalidades de contratação: a de trabalho intermitente, por jornada ou hora de serviço, e o chamado teletrabalho, que regularia o trabalho de casa. O fim do imposto sindical também está previsto na proposta apresentada por ele.

C98

MERCADO ABERTO Turistas de quatro países terão visto eletrônico do Brasil

Americanos, canadenses, australianos e japoneses poderão obter o visto brasileiro eletrônico no segundo semestre deste ano, disse o ministro do Turismo, Marx Beltrão. A concessão de vistos por meio da internet, que é válida apenas para turistas, diminuiu o tempo para obter a permissão de entrada no país para 48 horas. Mercado A14

O governo deve ficar neutro na discussão sobre o tributo, que deve gerar reação das principais centrais sindicais. O projeto inclui ainda salvaguardas à terceirização. Para evitar que trabalhadores sejam demitidos e recontraídos como prestadores de serviço, propõe quarentena de 18 meses.

Prevê também que empregador e trabalhador possam negociar a carga de trabalho e mantêm o princípio de que acordos coletivos prevaleçam sobre normas legais. O texto vai ao plenário da Câmara no dia 19. Poder A4

Nova previsão de lei terá regra de transição para todos, diz deputado. Mercado A15

C100

VALESSA GRAZZIOTTIN Temer ludibria uma nação que vive no Brasil real

Maquiavel dizia que o ideal do príncipe era ser amado e temido a um só tempo. Mas, ao reconhecer que isso era irrealizável, recomendava que ele optasse por ser temido. O apoio viria pelo medo. Já que Temer não pode seguir a máxima, usa manobras para tentar ludibriar uma nação que vive no Brasil real, não no caricato. Opinião A2

C99

ILUSTRADA

Romance sobre fuga de escrava jovem dá Pulitzer a americano c1

C101

JOSÉ SIMÃO

O Temer recua tanto que vai acabar virando vice de novo! Ilustrada C5

C102

Marcelo Odebrecht delata repasse de R\$ 13 mi para Lula

Em depoimento ao juiz Sérgio Moro após acordo de delação, o empresário Marcelo Odebrecht relatou o repasse de R\$ 13 milhões em espécie que teriam sido entregues ao ex-presidente Lula ao longo de 2012 e 2013. O Instituto Lula disse que o petista nunca pediu valor indevido à empresa. Poder A5

C103

TORTURA DIGITAL

A deputada Maria do Rosário levou a filha à delegacia para denunciar vazamento de fotos com legendas falsas, que rotularam a jovem como usuária de droga e doente terminal. A petista disse, ao relatar o caso, que se sentiu "como em uma tortura pública". Cotidiano B3

PagSafra.

No Safra, seus pagamentos geram receita para sua empresa. Remuneração por boleto pago.

É sob medida. É Safra.

Cash Management

www.safra.com.br

- Flexibilidade na definição de alçadas de aprovações;
- Pagamentos em 19 ciclos de processamento ao dia, com horário estendido;
- Saque à ordem e depósito em Banco Safra.
- Mobile Banking - Safra Empresas;
- Comprovantes on-line por até 5 anos;
- Interface com VANS.

FALE COM UM DOS NOSSOS GERENTES E SEJA NOSSO CLIENTE.

SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor) / Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditiva ou de Fala: 0800 772 5755. Atendimento 24h por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria: 0800 770 1236. Atendimento de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.

Folha de S. Paulo – Edição 32151 – Chamadas de 104 a 116.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • QUARTA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.151

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 11H09 • R\$ 4,00



Eliseu Padilha (PMDB) Ministro da Casa Civil; Moreira Franco (PMDB) Secretária-Geral da Presidência; Aloysio Nunes (PSDB) Ministro das Relações Exteriores; Gilberto Kassab (PSD) Ministro da Ciência e Tecnologia; Blairo Maggi (PP) Ministro da Agricultura; Helder Barbalho (PMDB) Ministro da Integração Nacional; Bruno Araújo (PSDB) Ministro das Cidades; Marcos Pereira (PMB) Ministro da Indústria; Eunício Oliveira (PMDB) Presidente do Senado; Rodrigo Maia (DEM) Presidente da Câmara

Oito ministros, comando do Congresso e 24 senadores são investigados no STF

Edson Fachin, relator da Lava Jato, remeteu a instâncias inferiores 201 outros casos, inclusive citações a Lula, Dilma e FHC

O ministro Edson Fachin, relator da Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), determinou a abertura de inquérito contra oito ministros do governo de Michel Temer (PMDB), 24 senadores e 39 deputados federais.

Serão abertas 76 investigações pedidas pela Procuradoria-Geral da República após as delações da Odebrecht. Entre os citados estão os presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), e do Senado, Eunício Oliveira (PMDB).

Dois dos principais aliados de Temer, Eliseu Padilha (Casa Civil) e Moreira Franco (Secretaria-Geral), também estão na lista, que abrange ainda os senadores Romero Jucá e Renan Calheiros, do PMDB, e Aécio Neves (PSDB).

No total a relação tem 98 nomes e inclui três governadores e um ministro do Tribunal de Contas da União. Algumas suspeitas da Procuradoria são corrupção, falsidade ideológica, lavagem de dinheiro, fraude e cartel.

Fachin remeteu 201 outros casos a tribunais de instâncias inferiores envolvendo citados sem foro no Supremo —entre os mencionados estão os ex-presidentes Lula, Dilma Rousseff e Fernando Henrique Cardoso.

Os inquéritos iniciam longo trâmite. Investigação o teor das delações, que precisará de provas adicionais para tornar-se efetivas. Ainda há as fases da denúncia e do processo, com ampla defesa, antes do julgamento. Poder A4

C105 INDEX LAVA JATO

STJ avaliará menções a Alckmin e outros oito governadores

C106

Sob pressão, Temer pode rever critérios para afastar auxiliar

C107

Inquéritos instauram um clima antipolítico no país, diz analista

C108 PAINEL

Para líderes partidários, lista encoraja delação de acusados do PT e PSDB

C109 EDITORIAIS

Opinião A2 Leia "Sem maniqueísmo", sobre doutrinação ideológica nas escolas, e "Sobram dólares", acerca de números favoráveis nas transações com o exterior.

C110 ATMOSFERA

Cotidiano B2 Chuva diminui temperatura em SP. Mínima 18°C. Máxima 24°C

C111 ROTAÇÃO

Cotidiano B2 Não devem circular carros com placas cujo final seja: 5 ou 6

CIRCULAÇÃO 292.046 (Impressos + digitais) ABRENTADA 28.045,30P Visitantes (ônibus/mobilidade)

ISSN 1418-5723 9 771414 572049

C112



» EFETTO FACHIN O plenário da Câmara, vazio no começo da noite de ontem, após o STF ter autorizado inquéritos contra políticos, entre eles 39 deputados; votação do programa de socorro aos Estados em crise financeira foi adiada. Poder A11

C113



Janeiro



Abril

» PICHADO Aposentado que mora no ponto turístico Beco do Batman, na Vila Madalena, pintou de cinza o muro de sua casa, antes grafitado, para chamar a atenção da Prefeitura de SP para problemas como insegurança e sujeira no local. Cotidiano B5

C114

Políticos citados negam estar envolvidos em irregularidades

Políticos que tiveram a abertura de inquérito autorizada pelo ministro Edson Fachin, do STF, negam envolvimento em irregularidades e afirmam aguardar o acesso à investigação para poder elaborar a defesa.

Os ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco afirmaram que só falariam nos autos do processo. O deputado Rodrigo Maia disse que provará sua inocência. O senador Eunício Oliveira declarou não ter medo dos "enfrentamentos que a vida pública oferece". Poder A8 e A9

C115

Proposta pode reduzir impacto da nova Previdência

O relator da reforma da Previdência, Arthur Maia (PPS-BA), quer sugerir regra de transição que valerá para todos os trabalhadores, com idade mínima progressiva para solicitação da aposentadoria. A proposta, que atenuaria o impacto do projeto do governo, deve beneficiar quem tem 30 anos ou mais, diz o deputado. Mercado A21

C116

Trump tem a pior aprovação após 3 meses de governo

Mundo A16

Hyundai. A marca que mais entende de SUVs no Brasil.

CAOA MONTADORA Podeste, use sua taça. VEJA NAS PÁGINAS 10 E 11. HYUNDAI

Folha de S. Paulo – Edição 32152 – Chamadas de 117 a 135.

A B C D E F
FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • QUINTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.152

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 05H15 • R\$ 4,00

C117
 Lembro de ter dito ao então presidente [Lula] que o pessoal dele estava com a goela muito aberta. Estavam passando de jacaré para crocodilo

EMÍLIO ODEBRECHT, patrão da empreiteira, em relato sobre conversa com o petista A17

C118
 INDEX LAVA JATO

Alckmin acertou R\$ 2 mi em caixa dois, diz delator

Poder A10

C119
 Lideranças articulam pacto por sobrevivência

Poder A15

C120
 Prescrição penal pode beneficiar investigados

Poder A10

C121
 Corrupção motiva inquéritos sobre 2/3 dos suspeitos

Poder A12

C122
 semináriosfolha Para reconquistar mercado, empresas investem em plano anticorrupção Pág. 1

Odebrecht complica Temer, Lula, Aécio e Dilma em vídeos

Em depoimentos, ex-executivos da empreiteira detalham acusações sobre presidente e políticos



Marcelo Odebrecht, ex-presidente da empreiteira, em trechos de vídeo de depoimento liberado ontem pelo Supremo

Gravações de depoimentos e relatos por escrito de delatores da Odebrecht complicam o presidente Michel Temer (PMDB), os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff, do PT, e o senador Aécio Neves (PSDB). Em vídeos divulgados pelo Supremo, Marcelo Odebrecht, ex-presidente da empreiteira, afirma que Dilma sabia da existência de propina em contratos da Petrobras. Outro ex-funcionário delata pagamento de R\$ 5,2 milhões a pessoa de confiança de Aécio. Temer é acusado de ter comandado reunião em que se acertou o pagamento de US\$ 40 milhões em recursos ilícitos. Em Curitiba, o juiz Sergio Moro pôs fim ao sigilo de outro depoimento de Marcelo, em que ele afirma ter disponibilizado a Lula um saldo de R\$ 40 milhões de propina, ao final do seu mandato. Temer, Lula e Aécio negam as acusações. Dilma não quis comentar. Poder A4

C123
 FURTOS EM SÉRIE Agência do Banco do Brasil em Perdizes (zona oeste de SP), desativada em fevereiro, é alvo de saqueadores há um mês Cotidiano B6

C124
TURISMO
 Viagem de trem de Curitiba ao litoral do PR tem mimos e mata atlântica 01

C127
ESPORTE
 Palmeiras faz gol aos 54 minutos do 2º tempo e lidera na Libertadores 09

C129
ILUSTRADA
 Criador de 'The Walking Dead' terá gibi 'Invencible' nas telas de cinema 01

C131
 JOSÉ SIMÃO
 É os apelidos na Lava Jato? São mais humilhantes que a delinquência 09



Agência do Banco do Brasil em Perdizes (zona oeste de SP), desativada em fevereiro, é alvo de saqueadores há um mês Cotidiano B6

C125
RODÍZIO
 Não devem circular carros com placas até final de julho 7 ou 8

C128
ATMOSFERA
 Dia nublado e temperatura baixa Mínima 16°C Máxima 22°C

C130
EDITORIAIS
 Opinião A2

C132
 Veja o que abre e o que fecha no feriado e os piores horários para viajar Cotidiano B5

C126
 FALE COM A FOLHA fale.folha.com.br

Veja como entrar em contato com o serviço de atendimento ao assinante, as editorias e o ombudsman

ISSN 1414-5223 32152 9 771414 572050

HB20 ou CRETA.
 A melhor oferta está na CAO.

HB20 completo por R\$ 39.900.
 SUV Creta automático a partir de R\$ 85.260.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DIAS DO FERIADO ATÉ AS 19 HORAS.

Pedestre, use sua faixa. VEJA NA PÁGINA 5. www.caoa.com.br

CAOA HYUNDAI

Folha de S. Paulo – Edição 32153 – Chamadas de 136 a 153.

A B C D E F
FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 97 • SEXTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2017 • Nº 32.153

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01H09 • R\$ 4,00

C136
EUA disparam ‘mãe de todas as bombas’ no Afeganistão

A mais poderosa bomba não nuclear dos EUA foi lançada nesta quinta-feira (13) no Afeganistão. O alvo informou o Pentágono, eram túneis utilizados pela milícia radical Estado Islâmico na província de Nangarhar. Trata-se da primeira vez que o artefato explosivo GBU-43/B, projetado em 2002, é utilizado em combate. A operação ocorre em meio a escalonamento da retórica militar americana e de ações em campo. **Mundo A15**

C137
Para Trump, Coreia do Norte é problema que será resolvido

Mundo A15

C138
Por apoio, Doria acelera nomeação de aliados políticos

A gestão do prefeito João Doria (PSDB) acelerou a nomeação de indicados por eleitores para cargos nas prefeituras regionais, após cobrança da base aliada. Crítico do loteamento de cargos, Doria depende de maioria absoluta na Câmara para aprovar projetos como o de desesbustização. **Cotidiano B1**

C139
Facebook não tira pornografia infantil do ar, afirma jornal

Mercado A20

C140
Trimestre positivo ainda não garante retomada no país

Mercado A16

C141
EDITORIAIS Opinião A2
Leia “Carnificina sem autor”, acerca de julgamento de envolvidos no massacre do Carandiru, e “Documento único”, sobre criação de cadastro nacional.

C142
ATMOSFERA Cotidiano B2
Sol ganha força ao longo do dia em SP
 Mínima 16°C. Máxima 24°C

CIRCULAÇÃO 316.973 (Impressos + digitais)
 ABRENTA 280.657 (assinantes fixos/móveis)

ISSN 1414-5223 32153
 9 777414 572063

C143



Yan Bochat/Folhapress

» ÚLTIMOS A SAIR Comunidade judia na capital síria, uma das mais antigas do mundo, tem hoje apenas 15 membros que preservam tradições **Mundo A14**

C144
Temer lança contraofensiva após aparecer em delações

Em vídeo, presidente fala em ‘repulsa’ e diz não ter tratado de negócios escusos com Odebrecht

C145

SEMANA SANTA

Chefs sugerem peixes mais baratos que o bacalhau

Ilustrado C6

C146

RICARDO A. PEREIRA
Pecar não é para qualquer um, mas eu, pecador, me congratulo

C147

COTIDIANO
Saiba o que abre e o que fecha e quando viajar neste feriado

86

C148

guia
Veja endereços com opções de almoço para a Páscoa Pág. 80



Adriano Vizoni/Folhapress

Peixe pargo, uma das opções para o cardápio da Semana Santa

Acusado por delatores da Odebrecht de ter participado de reunião para negociar propina, Michel Temer iniciou uma contraofensiva pública para se defender. A citação direta do presidente nos depoimentos prejudicou a estratégia do Planalto, que pretendia evitar a exposição de Temer. O peemedebista gravou vídeo para contestar a afirmação de que comandou, em 2010, reunião para acertar o pagamento de US\$ 40 milhões em recursos ilícitos. Ele admite que esteve no encontro, mas nega ter tratado de “negócios escusos”.

“Eu não tenho medo dos fatos. O que me causa repulsa é a mentira”, diz. Avalia ainda preparar campanha publicitária ampla. Temer não é alvo de inquérito. Segundo a Procuradoria, a Constituição veda investigar o presidente durante seu mandato de atos estranhos ao exercício de suas funções. Especialistas divergem sobre o entendimento. Também implicado nas delações, o ex-presidente Lula disse que não vai “rir nem chorar” diante das acusações “irreais”. Para a ex-presidente Dilma, delator “faltou com a verdade”. **Poder A4**

C149
Cabral e Kassab lideram suposto ranking do caixa 2

O ex-governador Sérgio Cabral (PMDB) e o ministro Gilberto Kassab (PSD) lideram ranking de planilha de caixa 2 entregue pela Odebrecht em delação. O documento lista 182 políticos e pagamentos que somam R\$ 247 milhões. Os políticos negam ou não comentam. **Poder A11**

C150
FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, se editoriais e o ombudsman fale.folha.com.br

C151
REINALDO AZEVEDO
No Findomundistão, bom senso ganha ares de arranjo escuso

C152
NELSON DE SA
Em vídeos, Marcelo Odebrecht substitui desafio por submissão

C153
TATI BERNARDI
Inspirada pela onda, decidi me autodelatar de forma não premiada

HB20 ou CRETA.
A melhor oferta está na CAO.

HB20 completo por R\$ 39.900.
 SUV Creta automático a partir de R\$ 85.260.

LOJAS DA CAPITAL ABERTAS TODOS OS DIAS DO FERIADO ATÉ AS 19 HORAS.

Pedestre, use sua faixa. VEJA NA PÁGINA 5. www.caoa.com.br

CAOA **HYUNDAI**

A B C D E F

O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - QUARTA-FEIRA - 5 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.873 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

C154

TRANSPORTE INDIVIDUAL

Uber dependerá de autorização de prefeituras para funcionar

EMENDAS APROVADAS NA CÂMARA AMEAÇAM INVIABILIZAR SERVIÇO

Projeto de lei aprovado pela Câmara Federal determina que serviços como Uber, EasyTaxi e 99 Táxis dependam de regulamentação municipal para atuarem. Texto e emendas ainda serão submetidos ao Senado antes de irem à sanção presidencial
Cotidiano, página 2



Autoridades e executivos da CSP colocaram pedidos e expectativas em uma cápsula que será enterrada sob um cajuíeiro para ser aberta apenas em 2027

ECONOMIA

Companhia Siderúrgica do Pecém projeta “mini-Coreia” no Ceará

CSP realizou cerimônia de inauguração e prevê crescimento no entorno baseado no mercado do aço **PÁGINAS 18 E 19**

C160 MUNDO

Ataque químico na Síria deixa ao menos 58 mortos; ONU fará reunião de emergência

PÁGINA 16

C161

MAURI MELO



Dom Cláudio Hummes

C164

DIVULGAÇÃO



Ator foi afastado pela Globo

COTIDIANO

Bispo que inspirou papa Francisco lança livro sobre Igreja mais misericordiosa

PÁGINA 4

BRASIL

“Eu erre!”, admite ator José Mayer em caso de assédio sexual contra figurinista da Globo

PÁGINA 6

C156

NELSON ALMEIDA/AFP



Zagueiro Luiz Otávio fez o segundo gol

CHA 2 x 1 ATL

REENCONTRO Na ida da Recopa, Chape vence Atlético Nacional na Arena Condá

PÁGINA 9

C158

FAMÍLIAS EM DESTAQUE

ENCONTROS



Perfil de crianças para adoção

84 crianças estão disponíveis para adoção, enquanto 65 famílias estão cadastradas para adotar. Os pais Ana e Marcos adotaram Marlton e Vitória

COTIDIANO, PÁGINA 3

C157

ESTADUAL

Ceará encara o Guarani-J no jogo de ida das semis **PÁGINA 7**

C159

CHAPA DILMA/TEMER ADIAMENTO DE JULGAMENTO DE CASSAÇÃO FAVORECE PEEMEBISTA

POLÍTICA, PÁGINA 13; ÉRICO FIRMO, 14

C162

MATEUS DANTAS



Bienal vai mesclar modelos de feira e festa literária, diz o secretário da Cultura

VIDA&arte

Fabiano Piúba comenta a nova edição da Bienal Internacional do Livro **PÁGINAS 1 E 3**

C163 POLÍTICA

Prefeito de Aracati, Bismarck Maia perde três secretários em três meses **PÁGINA 14**

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO (85) 3254 1010 (85) 98892 1694 callcenteratendimento@opovo.com.br assine.opovo.com.br

OMBUDSMAN (85) 3255 6181 ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO DO POVO NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA ÀS 23H15, COM 54 PÁGINAS

Jornal O Povo – Edição 29874 – Chamadas de 165 a 175.

A B C D E F
O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - QUINTA-FEIRA - 6 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.874 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

C165

**PRAIA DO FUTURO
 JUSTIÇA MANDA DEMOLIR
 BARRACAS IRREGULARES**

Tribunal Regional Federal da 5ª Região determinou retirada de barracas sem autorização da União. Aquelas que têm permissão, mas excedem a área determinada, precisarão se adequar. Empresários irão recorrer da decisão
Economia, página 18



Ação Civil Pública de 2005 pede demolição de todas as barracas da Praia do Futuro. Estimativa é que apenas dez empreendimentos estejam em total conformidade com as determinações

MATEUS DANTAS

C166
VIDA & arte



Formação artística é foco hoje

CULTURA
Os desafios do Dragão do Mar, que chega aos 18 anos

PÁGINAS 1 E 3

C167
LITERATURA
CEARÁ. PROGRAMAÇÃO DA BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO REÚNE MAIS DE 160 AUTORES PÁGINA 4

C168
CHUVAS E ACIDENTE NA CAPITAL

OBRAS NA VIA



Carro cai em buraco na Aguanambi

Veículo caiu em buraco aberto para obras na via. Prefeitura diz que local estava sinalizado. Conduutora foi socorrida e saiu illesa da ocorrência

COTIDIANO, PÁGINA 3

C169
SENADOR POMPEU
Policiais e servidores investigados por cobrança de valores indevidos em fiança

COTIDIANO, PÁGINA 4

C170
MUNDO
Ainda sem autoria conhecida, ataque com gás tóxico aumenta crise na Síria

PÁGINA 17

C171
ECONOMIA
Taxa do Governo Federal reduz atratividade das ZPEs

PÁGINA 19

C172
POLÍTICA

Supremo proíbe greves para todas as carreiras policiais

PÁGINA 13; EDITORIAL, 10

C173
COTIDIANO

Motoristas da Uber fazem protesto em busca da regulamentação do serviço em Fortaleza

PÁGINA 2; ÉRICO FIRMO, 14

C174
Esportes:



Clubes agora se enfrentarão duas vezes em Fortaleza. A primeira, no dia 15

ESTADUAL SEMIFINAIS. EM JUAZEIRO, CEARÁ E GUARANI-J NÃO SAEM DO EMPATE E 3º JOGO SERÁ NECESSÁRIO PÁGINA 7

C175
NBB CARCARÁ. BASQUETE CEARENSE INICIA PLAYOFFS CONTRA O PAULLISTANO PÁGINA 9

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO (85) 3254 1010 (85) 98892 1694 callcenteratendimento@opovo.com.br assine.opovo.com.br

OMBUDESMAN (85) 3255 6181 ombudsm@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO DO POVO NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 96201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, BUCHICHO, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA ÀS 08H, COM 54 PÁGINAS

ISSN 1522-4829 0 771517 601051

Jornal O Povo – Edição 29875 – Chamadas de 176 a 189.

O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - SEXTA-FEIRA - 7 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.875 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

C176



FOR291
ANIVERSÁRIO DE FORTALEZA

FAGNER
Cantor cearense será atração da festa de 291 anos
COTIDIANO, PÁGINA 3

C182

VIDA&arte
guia



TEATRO
AMOR CONFESSO. EM CARTAZ NO DRAGÃO DO MAR, PEÇA DISCUTE SITUAÇÕES VIVIDAS DENTRO DE UM CASAMENTO **PÁGINA 1**

C188

ORIENTAL
K FEST, CULTURAS COREANA E JAPONESA GANHAM FESTIVAL COM PROGRAMAÇÃO GRATUITA **PÁGINA 8**



C177

ESCALADA DE VIOLÊNCIA

Após ataques químicos, EUA bombardeiam a Síria

Em resposta aos ataques com gases tóxicos atribuídos ao regime do presidente sírio Al Assad, os Estados Unidos lançaram dezenas de mísseis no país do Oriente Médio. Presidente americano, Trump defende que ataque é “vital para a segurança nacional”. Rússia advertiu os EUA sobre as “consequências de um ataque unilateral” **Radar, página 12; Mundo, 16**

MAIS. PONTO DE VISTA. COM 6 ANOS DE GUERRA, ATAQUE É O PRIMEIRO DESAFIO À SOBERANIA SÍRIA

C178 NOVA BIBLIOTECA NA COMUNIDADE

INCENTIVO AOS JOVENS



Leituras na Casa José de Alencar

Acervo de aproximadamente 400 livros infantojuvenis está disponível à população. A intenção é estreitar o laço da instituição com a comunidade do entorno da Casa José de Alencar

COTIDIANO, PÁGINA 4

C184 POLÍTICA

Reforma da Previdência

Para vencer resistências, Governo recua em cinco pontos **PÁGINA 14**

C185 ECONOMIA

Ceará teve o melhor resultado fiscal do Brasil no ano passado

Estado lidera ranking de investimentos; disponibilidade de recursos no caixa foi de R\$ 2,5 bilhões em 2016 **PÁGINA 18**

C186

buchicho
comes & bebes

PÁSCOA FERIADO. BACALHAUS, CHOCOLATES E BEBIDAS PARA UMA SEMANA SANTA ESPECIAL **PÁGINAS 4 A 7**

C179 COTIDIANO

Obras na avenida Aguanambi avançam e trecho terá bloqueio a partir de amanhã

PÁGINA 4

C180 POLÍTICA

Parlamentares denunciam Bolsonaro por racismo e entram com ação na PGR

PÁGINA 15

C181 COTIDIANO

Desarticulada quadrilha que clonava cartões e veículos no Estado

PÁGINA 3

C183 ESPORTES

Basquete Cearense vence o Paulistano na primeira partida dos playoffs

PÁGINA 9

C187 BRASIL

MEC. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR PREVÊ CRIANÇAS ALFABETIZADAS AOS 7 ANOS **PÁGINA 6**

C189 COTIDIANO

UBER. SE PROJETO FOR SANCIONADO NO PAÍS, RC INICIARÁ DEBATE EM FORTALEZA **PÁGINA 2**

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO
(85) 3254 1010

(85) 98892 1694
callcenteratendimento@opovo.com.br
assinare.opovo.com.br

OMBUUDSMAN
(85) 3255 6181
ombudsm@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 96201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, BUCHICHO, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA ÀS OHS, COM 64 PÁGINAS

ISSN 0031-0829
9 771017 081060


Jornal O Povo – Edição 29876 – Chamadas de 190 a 202.

A B C D E F

O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - SÁBADO - 8 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.876 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

C190



SÍRIA SOB ATAQUE

Trump se fortalece dentro e fora dos EUA após bombardeio

Presidente americano ganha simpatia de setores da população e democratas tradicionais

MUNDO, PÁGINAS 13, 14 E 15

+

ÉRICO FIRMO. CHEIO DE PODER EM MÃOS, TRUMP MOSTRA OS PERIGOS DE UM LÍDER IMPREVISÍVEL. PÁGINA 17

SAMER AL-DINNY/AFP

C191 DIVULGAÇÃO

VIDA&arte

CENA TRANS
A 'montação' em Fortaleza dos anos 1970 até hoje

PÁGINAS 1 E 3



A drag queen Stella Monstra

C192

IMÓVEIS

Academias

PRATICIDADE. ACADEMIA NO CONDOMÍNIO É OPÇÃO QUE VALORIZA IMÓVEL E MELHORA SAÚDE **PÁGINA 4**

C193

buchicho BELEZA

CABELOS COLORIDOS. CELEBRIDADES PROVAM QUE TENDÊNCIA CONTINUA FORTE NO MUNDO **PÁGINAS 8 E 9**

É AMANHÃ!

1 TORO 100

20 MILHÕES
2º AO 9º PRÊMIO
5 MILHÕES
100 MILHÕES DE
1000 REAIS NA
INDICAÇÃO DA SORTE

C194

EXCLUSIVA O POVO/CBN

Lula libera Camilo para apoiar Ciro em 2018

Em entrevista à Rádio O POVO/CBN, o ex-presidente Lula disse que Camilo Santana "tem liberdade de escolher quem é o candidato dele" à Presidência em 2018. O petista reconhece as ligações do governador do Ceará com o ex-ministro Ciro Gomes (PDT). Discurso de Lula contraria postura majoritária do PT em Fortaleza **Cotidiano, página 16**



C195

Corpo de criança é encontrado

Mãe de Débora Lohany reconhece roupa e sapato da filha. Perícia indicará identidade da vítima. O corpo da criança, de aparentemente 4 anos e do sexo feminino, foi achado junto ao lixão

COTIDIANO, PÁGINA 3

C199

ECONOMIA

Edital permite a Cagece fazer parceria com iniciativa privada para saneamento

PÁGINA 22

C200

COTIDIANO

Prefeitura investirá R\$ 46 milhões em Operação para tapar buracos no asfalto

PÁGINA 2

C201

POLÍTICA

Eunício Oliveira mobiliza oposição a Camilo em encontro no Interior

PÁGINA 17

C196

LEIA DOMINGO

CAATINGA. A CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA DO BIOMA PRESENTE EM QUASE 90% DO CEARÁ

C197

América do Sul

POLÍTICA. UM CONTINENTE EM CRISE EM MEIO A MISÉRIA, CORRUPÇÃO E DISPUTAS IDEOLÓGICAS

C198

COTIDIANO

Homicídios aumentam 52% em Fortaleza

Dados de março foram divulgados no mesmo dia em que a Capital deixou de figurar entre as dez cidades mais violentas do mundo, conforme levantamento de ONG mexicana

PÁGINA 4

C202

ECONOMIA

Gov. propõe salário mínimo de 2018 em R\$ 979

PÁGINA 22

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO (85) 98892 1694 callcenteratendimento@opovo.com.br (85) 3254 1010 assine.opovo.com.br

OMBUDSMAN (85) 3255 6181 ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, BUCHICHO, IMÓVEIS, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA À NOITE, COM 76 PÁGINAS

Jornal O Povo – Edição 29877 – Chamadas de 203 a 214.

A B C D E F

O POVO.dom

DOMINGO. FORTALEZA - CE -
9 DE ABRIL DE 2017 - R\$ 4,00 - ANO XC,
Nº 29.877 - 89 ANOS. WWW.OPOVO.COM.BR

C203

POPULAÇÃO INSATISFEITA

CONTINENTE EM EBULIÇÃO

CRISE POLÍTICA DESAFIA FUTURO DA AMÉRICA DO SUL

Manifestações, mortes, ataques e denúncias de fraude e corrupção. As crises têm deixado a América do Sul em plena ebulição e com futuro incerto. Para especialistas, perfil das novas lideranças pode ser a principal justificativa para a insatisfação generalizada

Política, páginas 18 e 19

C204

AMANHÃ FOR 291

ANIVERSÁRIO DE FORTALEZA

CAMILLA DE ALMEIDA

As paisagens, histórias e sensações de segunda-feira contadas em uma carta para a cidade aniversariante

C205

MATEUS DANTAS

Max já tem mais de 30 títulos

ESPORTES

Aos 19 anos, jovem cearense Max Reis é promessa do golfe brasileiro

PÁGINA 24



C210

EMPREGOS&CARREIRAS

Novas regras da terceirização: o que muda para o trabalhador

PÁGINAS 1, 3 E 4

C211

MATEUS DANTAS

Em Irauçuba, agricultores aprendem a preservar a caatinga

C212

CIÊNCIA&SAÚDE

A força e a resiliência da caatinga, mesmo castigada pela seca e por mudanças no clima

PÁGINAS 1, 2 E 6

C213

TECNOLOGIA

Projetos que unem inovação e sustentabilidade saem dos campi para a Cidade

PÁGINA 20

C206

AGUANAMBI

MANOEL FALCÃO

HISTÓRIAS DA CAPITAL CONTADAS EM NOMES DE RUAS

PÁGINA 7

C207

VIDA&ARTE

O "MACHÃO", A DONZELA, O NEGRO SERVIÇAL E OS ESTEREÓTIPOS EM NOVELAS

PÁGINA 26

C209

RADAR

AGÊNCIAS DA CAIXA LOTADAS NO PRIMEIRO DIA DE SAQUE DO 2º LOTE DO FGTS

PÁGINA 13

C208

ESPORTES

Fortaleza e Ferroviário fazem jogo que pode definir o 1º finalista do Estadual

PÁGINA 25

C212

Olhares

ALAN NETO.
A ÚNICA FORMA DE CAMILO AJUDAR ELEIÇÃO DE CIRO GOMES É INDO PARA O PDT

PÁGINA 2

C214

JOCÉLIO LEAL.
SÃO GONÇALO DO AMARANTE VAI REDUZIR O ISS PARA FORNECEDORAS DA CSP

PÁGINA 23

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO
(85) 3254 1010

(85) 98842 1694
callcenteratendimento@opovo.com.br
assine.opovo.com.br

OMBUDSMAN
(85) 3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



Jornal O Povo – Edição 29878 – Chamadas de 215 a 225.

A B C D E F

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - SEGUNDA-FEIRA - 10 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.878 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

CAMILA DE ALMEIDA

O POVO

C215 FOR291 ANIVERSÁRIO DE FORTALEZA

UMA CIDADE QUE SE INVENTA TODO DIA

As histórias, paisagens e Fortalezas que se constroem a cada dia da semana em um especial transmídia. A Capital aniversaria na quinta, mas a homenagem já começa. Hoje, um percurso para um começo de semana diferente

Caderno Especial; Cotidiano, página 3; Páginas Azuis, 10 e 11; Vida&Arte, 1 e 3



AUDIOVISUAL ▶ Série de webdocs *Fortaleza de Todos os Dias* traz a pluralidade de uma cidade de vivências únicas. Hoje, o garçom Dionizio Albuquerque fala da sua folga semanal

HOTSITE ▶ O [hotsite](http://hotsite.especiais.opovo.com.br/fortaleza291) reúne textos e apresentação de cada um dos dias, além dos webdocs e uma fotogaleria da Capital

C216 **POLÍTICA**
Grupo de Luizianne pode perder PT Fortaleza após 20 anos
PÁGINA 13

C217 **ORLA DA CAPITAL**
Esfakeamento na Praia de Iracema reabre discussão sobre violência
COTIDIANO, PÁGINA 2

C218 **POLÍTICA**
Fim de semana de tensões entre Ciro e Eunício antecipa clima para eleições de 2018
PÁGINA 14

C219 **MUNDO**
Atentado em duas igrejas do Egito deixa mais de 40 mortos
PÁGINA 19

C220 **ESPORTES**
Ferrão empata com Leão e terá vantagem no 3º jogo das semis
PÁGINAS 6 e 8; ALAN NETO, 8

C221 NBB
MELHOR DE CINCO. PALLISTANO DÁ O TROCO E EMPATA SÉRIE CONTRA O BASQUETE CEARENSE: 1 A 1
PÁGINA 7

EVILAZIO BEZERRA
Mimi (ao centro) marcou no fim. Terceiro jogo será no dia 19



C222 **COTIDIANO**
88% dos transportes escolares do Ceará têm irregularidades
PÁGINA 4

C223 **ECONOMIA**
Camilo Santana anuncia 40 medidas em favor do comércio
PÁGINA 24

C224 **COTIDIANO**
Brasil terá sequência de três feriados consecutivos pela 1ª vez em 11 anos
PÁGINA 3

C225 **ECONOMIA**
Prazo para abrir empresa de médio e grande porte será de até 7 dias
PÁGINA 22

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO
(85) 3254 1010

(85) 98892 1694
callcenteratendimento@opovo.com.br
assine.opovo.com.br

OMBUDSMAN
(85) 3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA ÀS 23H00, COM 64 PÁGINAS

ISSN 1517-8820
0 771917 681020

Jornal O Povo – Edição 29879 – Chamadas de 226 a 239.

A B C D E F

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - TERÇA-FEIRA - 11 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.879 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

O POVO

C226

CRÔNICA
JULIANA DINIZ
DIALOGA SOBRE AS
POSSIBILIDADES
DE UMA
TERÇA-FEIRA

HOTSITE
TEXTOS, WEBCDS
E FOTOGALERIA
DOS DIAS DA
SEMANA EM:
BIT.LY/2OZQYPI

FOR 291
FORTALEZA DE
TODOS OS DIAS

CADERNO ESPECIAL

O QUE VOCÊ FAZ COM A SUA TERÇA?

São 24 horas à disposição para aproveitar os percursos possíveis em Fortaleza


CAMILA DE ALMEIDA

C227 divulgação

VIDA&arte

OS 13 PORQUÊS

13 REASONS WHY. SÉRIE
LEVANTA DISCUSSÃO
SOBRE SUICÍDIO NA
ADOLESCÊNCIA.
PÁGINAS 1 E 3



Seriado é original da Netflix

C228

BIENAL DO LIVRO

LITERATURA. VALORIZANDO
A PLURALIDADE, EVENTO
COMEÇA EM TRÊS DIAS
PÁGINA 4

C229

RADAR

BBB

POLÍCIA ABRE
INQUÉRITO SOBRE
AGRESSÃO E MARCOS É
ELIMINADO DO REALITY
SHOW. PÁGINA 12

C230

Esportes:

FORTALEZA

CENTENÁRIO. SE FOR
ELIMINADO PELO FERRÃO,
CLUBE ESTARÁ FORA DA COPA
DO NORDESTE 2018 PÁGINA 8

C231

NBB. BASQUETE CEARENSE
TENTA RETOMAR VANTAGEM
NOS PLAYOFFS CONTRA O
PAULISTANO PÁGINA 9

C232

FORTALEZA. AEDES AEGYPTI

CASOS DE CHIKUNGUNYA TRIPLICAM EM UM ANO

Regionais II e VI são as mais vulneráveis a novos casos

No primeiro trimestre deste ano, Fortaleza confirmou 1.783 casos de febre chikungunya. No mesmo período de 2016, foram 549. Aumento é de 224%. Dados de abril indicam tendência de novos casos serem registrados na zona leste da Capital **Cotidiano, página 2**

C233

SEGURANÇA PÚBLICA

UNIDADES INTEGRADAS



MAURI MELO

Posse de policiais e anúncio de Unisegs

Durante empossamento de 140 policiais civis, Camilo Santana anuncia criação de duas novas Unidades Integradas de Segurança (Unisegs) em Fortaleza, até junho

COTIDIANO, PÁGINA 4

C236

BRASIL

ENEM

Taxa de inscrição
do Exame Nacional
sobe 20%,
passando a R\$ 82
PÁGINA 17

C237

COTIDIANO

Polícia busca imagens
para investigação de
assassinato de designer
PÁGINA 3; OPINIÃO, 10

C238

ECONOMIA

Pessoas física e
jurídica: Estado
lança Refis para
impostos e multas
PÁGINA 21

C234

RADAR

Exame de DNA confirma que corpo encontrado na sexta-feira é da menina Débora Lohany PÁGINA 12

C235

POLÍTICA

Ala de Deodato pede impugnação de zona e eleição do PT local segue indefinida PÁGINAS 13 E 14

C239

VEÍCULOS

AS SEDAN. VERSÃO AMBITION
TRAZ MUDANÇAS LEVES NO
DESIGN E UMA SUPER TELA DE
OPCIONAL PÁGINA 24

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO (85) 98892 1694 callcenteratendimento@opovo.com.br (85) 3254 1010 assine.opovo.com.br

OMBUDSMAN (85) 3255 6181 ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291

ISSN 1517-8103

LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VEÍCULOS, VIDA&ARTE, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA) EDIÇÃO FECHADA ÀS 23H30, COM 70 PÁGINAS

Jornal O Povo – Edição 29880 – Chamadas de 240 a 242.

A B C D E F
RS 3,00 - FORTALEZA - CE - QUARTA-FEIRA - 12 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.880 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

O POVO

C240

LISTA DE FACHIN

República de pernas para o ar

LISTA INCLUI 8 MINISTROS, 24 SENADORES, 39 DEPUTADOS E 3 GOVERNADORES

Relator da Lava Jato enviou petições contra nove governadores e os ex-presidentes Dilma, Lula e FHC

GOVERNO
Impacto da lista no Congresso ameaça reformas de Temer

ESTADO
Investigações podem alterar quadro eleitoral no Ceará

CANDIDATOS
Estragos da lista inviabilizam nomes para 2018

Política, páginas 13 a 16; Radar; 12; Érico Firmo, 14; Análises de Guálter George, 13; Henrique Araújo, 14 e Ítalo Coriolano, 16

BRUNOPIGUEIRAS/SHUTTERSTOCK

C241

FOR291

FORTALEZA DE TODOS OS DIAS

CAMILA DE ALMEIDA

CRÔNICA
ARTISTA VISUAL E ESCRITORA RAISA CHRISTINA VERSA SOBRE ENCONTROS

WEBSÉRIE
EPISÓDIO SEGUIE O DIA DE MARLI L. BEZERRA, 69 ANOS. ACESSE EM BIT.LV/20ZQYPI

C242

POPULARES
ESPECIAL REFORMA & CONSTRUÇÃO

HOJE



CADERNO ESPECIAL

HOJE É DIA DE FEIRA E DE FUTEBOL

Além de bola rolando, hoje tem frutas, verduras, roupas e gente nas feiras que tomam conta da Cidade

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO
(85) 3254 1010

(85) 98892 1694
callcenteratendimento@opovo.com.br
assine.opovo.com.br

OMBUDESMAN
(85) 3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAULITAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA ÀS 08H30, COM 74 PÁGINAS

Jornal O Povo – Edição 29881 – Chamadas de 243 a 255.

O POVO

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - QUINTA-FEIRA - 13 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.881 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

C243

LAVA JATO NO CEARÁ

Justiça manda apurar denúncia de cartel no Castelão

Relator da Lava Jato no STF, ministro Edson Fachin enviou para a Justiça Federal no Ceará petição que exige investigação de supostas irregularidades na licitação para a construção da Arena Castelão. Ação se baseia em delação de Benedito Júnior, ex-executivo da Odebrecht
Política, páginas 13, 15 e 16; Radar, 12; Editorial, 10; Érico Firmo, 14; Fábio Campos, 16

C244

CAMILA DE ALMEIDA



C245
MULTIMÍDIA
 HOTSITE, TEXTOS, FOTOGALERIA E WEBSÉRIE ONLINE
 EM: ESPECIAIS.OPOVO.COM.BR/FORTALEZA291

C249
OPINIÃO
 ROBERTO CLÁUDIO, PREFEITO CELEBRA UMA FORTALEZA EM MEIO A TRANSFORMAÇÕES **PÁGINA 11**

C252
VIDA&ARTE
 DANÇA E SENTIMENTO. BAILARINO VICTOR HUGO PESQUISA COMO O FORTALEZENSE SE MOVE **PÁGINA 1**

C246
buchicho casa
 MICHAELA GÓES
 APRESENTADORA,
 PERSONAL ORGANIZER LANÇA
 LIVRO INSPIRADO EM SEU
 PROGRAMA DE TV **PÁGINA 2**



CENTRAL DE VENDAS
 E ATENDIMENTO
 (85) 3254 1010

(85) 98892 1694
 callcenteratendimento@opovo.com.br
 assine.opovo.com.br

C247
COTIDIANO
 Blitz na Semana Santa terão foco em velocidade e embriaguez **PÁGINA 3**

C248
COTIDIANO
 Dois meses após espancamento, travesti Hérica Izidoro morre no IJF **PÁGINA 5**

C250
ECONOMIA
 Venda de seminovos cresce 11% no Ceará em 2017
 Mais baratos, carros com três anos ou mais de uso ganham atratividade de mercado e novos clientes **PÁGINA 22**

C251
POLÍTICA
 Marcelo Odebrecht afirma que ex-ministro pediu 40 milhões de dólares por indicação de Lula **PÁGINA 14**

C253
VIDA&arte
BIENAL DO LIVRO
 Atriz lança livro sobre ofício de modelo vivo **PÁGINA 3**

C254
COTIDIANO
 Após transbordar e secar em 2 dias, açude Tijuquinha volta a sangrar **PÁGINA 2**

C255
ECONOMIA
 Operadora Oi anuncia estratégias para evitar intervenção do Governo Federal **PÁGINA 20**

OMBUDSMAN
 (85) 3255 6181
 ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
 NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADERNO, VIDA&ARTE, BUCHICHO, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA À NOITE, COM 80 PÁGINAS

Jornal O Povo – Edição 29882 – Chamadas de 256 a 271.

A B C D E F

R\$ 3,00 - FORTALEZA - CE - SEXTA-FEIRA - 14 DE ABRIL DE 2017 - ANO XC, Nº 29.882 - 89 ANOS - WWW.OPOVO.COM.BR

O POVO

C256
VIDA&arte
BIENAL
ESPECIAL
XII Bienal Internacional do Livro do Ceará começa hoje
Programação reúne grandes nomes da literatura contemporânea em debates, palestras, lançamentos, *workshops* e oficinas

C265
VIDA&ARTE GUIA.
MARATONA DE LANÇAMENTOS APROXIMA AUTORES DO PÚBLICO **PÁGINA 1**

C266
OPINIÃO. "CADA UM DE NÓS É UM LIVRO", DIZ SECRETÁRIO DA CULTURA, FABIANO PIUBA **PÁGINA 10**

C267
VIDA&ARTE GUIA.
VEJA COMO TER ACESSO AS ATIVIDADES DA PROGRAMAÇÃO DA BIENAL **PÁGINA 5**



Da esquerda para a direita, o escritor português Valter Hugo Mãe, a moçambicana Paulina Chiziane e a brasileira Marcia Tiburi

C257

A PELEJA DA ÁGUA

Chuvas garantem água até 2018, mas restrições serão mantidas

A **quadra chuvosa** não acabou, mas açudes cearenses já atingiram volumes que apresentavam no fim de maio de 2016. Ainda assim, os principais reservatórios não alcançaram níveis satisfatórios. Por isso, medidas de contingenciamento serão mantidas **Cotidiano, página 2**

C258

MUNDO

No Afeganistão, EUA fazem primeiro ataque com maior bomba não-nuclear

PÁGINA 7

C259

ECONOMIA

Previdência: relator avalia cálculo da aposentadoria partido de 70% do benefício

PÁGINA 17

C260

CONFRONTO

Sim ou não: sequência de feriados afeta economia?

OPINIÃO, PÁGINA 11

C261

ESPORTES

Grupo de torcedores quer eleições diretas para escolha do presidente do Ceará

PÁGINA 8

C262

SEMANA SANTA EM FORTALEZA

MISSA DA CEIA DO SENHOR

JULIO CAESAR



Catedral lotada na missa do Lava-Pés

O arcebispo de Fortaleza, dom José Antonio Tosí, celebrou a tradição católica, que resalta a importância da humildade

RADAR, PÁGINA 12; VIDA&ARTE GUIA, 5

C263

CAMILA DE ALMEIDA



Logo no amanhecer, grupos se reúnem na Praia de Iracema para nadar

C264

buchicho comes & bebe



Páscoa

DO MAR. DICAS DE RESTAURANTE E RECEITAS PARA UMA SEMANA SANTA FARTA. PÁGINAS 4 A 6

C268

ECONOMIA

Taxa de embarque do Aeroporto de Jeri será mais cara que a de Guarulhos

PÁGINA 16

C269

POLÍTICA

Após divulgação da lista de Fachin, sessões do Congresso Nacional ficam esvaziadas

PÁGINA 13; EDITORIAL, 10

C270

CHACINA DO CURIÓ

Justiça analisará pedido do MPCE para arquivar denúncias contra dois réus

COTIDIANO, PÁGINA 5

C271

POLÍTICA

Julgamentos no TCE-CE crescem 70% no primeiro trimestre deste ano

PÁGINA 15

CENTRAL DE VENDAS E ATENDIMENTO
(85) 3254 1010

(85) 98892 1694
callcenteratendimento@opovo.com.br
assinare.opovo.com.br

OMBUDSMAN
(85) 3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP. REDAÇÃO O POVO
NOS ADICIONE E ENVIE SUGESTÕES DE PAUTAS E FLAGRANTES ATRAVÉS DE FOTOS, VÍDEOS E ÁUDIOS: (85) 98201 9291



ISSN 1517-4849

9 1771517 681088

LEIA NA EDIÇÃO DE HOJE: PRIMEIRO CADerno, VIDA&ARTE, BUCHICHO, ESPORTES E POPULARES (REGIÃO METROPOLITANA)

EDIÇÃO FECHADA À OCHO, COM 98 PÁGINAS